Morris West

"Um dos maiores contadores de história do nosso tempo."
O Estado de S. Paulo

Autor de **O advogado do diabo** e **As sandálias do pescador**



fora de série

RECORD

MORRIS WEST

FORA DE SÉRIE

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS

5ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD

Título original inglês *Masterclass*
© 1988 by Compania Financiera Perlina S.A.

Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — 20921

Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

Pedidos pelo reembolso postal

Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922

Sinopse

Max Mather, um jovem americano especialista em História da Arte, tem um caso com uma milionária italiana mais velha, que o contratou para organizar e avaliar sua coleção de arte. À beira da morte, a velha senhora, agradecida pelos favores de Max, permite que ele escolha uma lembrança entre o material pesquisado. Ele seleciona um pacote que, suspeita, tem dois desenhos originais de Rafael. Algo muito mais valioso que sua benfeitora, ou os seus herdeiros legais, poderiam imaginar. Max sabe que as obras não podem ser vendidas com facilidade, pois teria de autenticar a origem delas. Sem esta comprovação, ele jamais obterá os milhões que espera conseguir pelos trabalhos do mestre renascentista. Por isso, planeja um esquema para convencer o mundo de que detém os direitos sobre os dois desenhos. Max começa envolvendo no plano sua ex-namorada, dona de uma galeria. Mas logo percebe que é ele quem está envolvido em uma trama sinistra de assassinato, e que a sua própria vida também está em jogo.

Para minhas novas netas
Siobhan e Natascha Louise

O estudo do belo é um duelo em que o artista grita em terror antes de ser vencido.
BAUDELAIRE. *Confissão de um Artista*

As pessoas sempre confundem o homem e o artista porque o acaso uniu-os no mesmo corpo.
JULES RENARD. *Diário*

Nota do Autor

Tenho comprado e vivido com quadros por mais anos do que me agrada lembrar.

Este livro traduz a experiência desses anos numa ficção cujos personagens existem apenas na página impressa.

M.L.W.

1

Aos 35 anos, Maxwell Mather considerava-se um homem afortunado. Sua saúde era excelente. O corpo era esguio, a aparência ainda incólume. O saldo bancário estava confortavelmente no crédito. Uma convivência prolongada com pessoas mais ricas lhe havia ensinado a frugalidade e proporcionado alguma competência na administração do dinheiro. Possuía uma modesta reputação como erudito, tanto no estudo de manuscritos antigos quanto na história da pintura europeia. Contava com uma benfeitora generosa, que o alojava em luxo discreto numa torre antiga, que era uma dependência de sua *villa*. Tinha uma ocupação que não lhe exigia muito; guardião e curador dos arquivos Palombini: milhares de livros, fólios e maços de documentos amarelados, guardados em prateleiras nas enormes câmaras que outrora haviam sido as estrebarias e o arsenal da guarda.

No começo o lugar fora conhecido como Torre Merlata, por ser construído como uma torre de vigia, com ameias e troneiras para arqueiros e canhoneiros. Ao longo dos séculos, as palavras foram abreviadas e atenuadas para Tor Merla — a Torre do Melro.

O nome era apropriado, porque havia um grande castanheiro no pátio, onde pássaros canoros se aninhavam, a salvo dos ventos frios da montanha, abrigados do calor escaldante do verão toscano. Pela manhã, Pia Palombini subia no teleférico elétrico da casa lá embaixo e se acomodava numa *chaise longue*, ao sol, num ponto em que podia observá-lo enquanto trabalhava e partilhar as histórias registradas nas páginas amareladas e corroídas pelo tempo — os processos judiciais e devassidões, cabalas e conspirações das grandes famílias de Florença, entre as quais se destacava a Palombini.

À noite jantavam na *villa*, no refeitório abobadado, com achas de pinheiro ardendo na imensa lareira, sob o brasão esculpido dos Palombini — “sobre um fundo azul, um goles cruzado, esquartelado com pombas voadoras”. Depois que os criados eram dispensados, eles faziam amor no vasto *letto matrimonio*, com suas cortinas de brocado e borlas douradas, sua longa história de encontros ardentes. Às vezes, sem aviso, Pia cansava do ritmo pastoral de seus dias e o levava para Veneza, Paris, Londres ou Madri, a fim de fazer compras extravagantes e promover festas suntuosas.

Era uma existência agradável, que Mather aceitava sem sentimento de culpa e sem questionamento. Tinha bom gênio e boa aparência, era potente na cama,

um acompanhante de maneiras impecáveis, conversa inteligente, convidado aceitável em qualquer festa. Ajustava-se com perfeição ao papel de *damigello* — o escudeiro, o estudioso residente, que ganhava a sua manutenção e mantinha o seu lugar, mas não representava uma ameaça para os herdeiros, porque a dama podia amá-lo, porém jamais casaria com ele.

E de repente, num belo dia de primavera, Pia, que andava se sentindo mal, foi consultar seu médico em Florença. Ele enviou-a imediatamente para extensos testes clínicos em Milão. O diagnóstico foi unânime: uma doença conhecida como *motor neurone*, o definhamento e atrofia do sistema nervoso. Não havia cura. O diagnóstico foi enfaticamente negativo. A única dúvida era se o fim seria rápido ou lento.

De qualquer forma, o progresso da doença seria inexorável: um definhamento dos músculos e tecidos, a deficiência constante do sistema nervoso, um risco crescente de que a paciente pudesse sufocar até a morte.

Quando comunicou a notícia a Mather, Pia perguntou-lhe abruptamente se queria ficar ou ir embora. Ele disse que ficaria. Quando ela indagou o motivo, Mather ofereceu a mentira mais generosa de sua vida e declarou que a amava. Pia beijou-o, prorrompeu em lágrimas e saiu correndo da sala.

Naquela noite ele teve um sonho macabro, em que estava acorrentado a um cadáver, na velha cama de baldaquino. Quando acordou, suando e apavorado, seu primeiro impulso foi fazer as malas e fugir. Depois, compreendeu que nunca poderia viver com a vergonha de tal deserção. A indolência e interesse pessoal acrescentaram força à convicção. Vivia numa estufa. Por que sair para o frio inverno? Pia foi pródiga em suas demonstrações de gratidão. Não era difícil oferecer-lhe os gestos simples de ternura e compaixão.

Nas refeições ele se sentava ao seu lado, pronto a ajudá-la se ficava sufocada, largava um garfo ou perdia o fôlego. À medida que os espasmos se tornaram mais frequentes e o definhamento mais patente, Mather a banhava e vestia, levava-a a passear na cadeira de rodas, lia até que cochilasse, junto da lareira acesa. As mulheres da casa, que a princípio o chamavam de cachorrinho da madame, agora lhe faziam louvores. Até mesmo Matteo, o mordomo, rude e impertinente, passou a tratá-lo de "*professore*" e a comentar para seus companheiros na taverna que ali estava um homem de coração e honra.

A própria Pia reagiu com a afeição desesperada de uma mulher vendo sua beleza ser devastada, a paixão entorpecida, a vida reduzida a meses emprestados. Deu-lhe presentes dispendiosos: um relógio Tompion que pertencera a seu avô inglês, um anel de sinete do século XVI com o brasão dos Palombini gravado numa esmeralda, um jogo de abotoaduras e botões de peitilho feitos por Buccellati. Cada presente era acompanhado por um bilhete que ela mesma

escrevia, a letra outrora firme se tornando agora trêmula e incerta: "Ao meu querido Max, meu estudioso residente, cujo lar é o meu coração... Pia." "A Max, por cujo intermédio continuarei a viver e amar... Pia." Os bilhetes eram todos datados por festas — *Ferragosto* (15 de agosto), *Páscoa*, o dia da santa pela qual Pia fora chamada, seu aniversário. Mather guardava os bilhetes, junto com outros mementos. E protestava contra os presentes:

— ...São um exagero... e preciosos demais! E me põem numa falsa posição. Pense bem. Você me paga generosamente, mas eu trabalho. Não sou um homem sustentado. Não quero ser. Quando aqui cheguei, os arquivos Palombini estavam numa confusão lamentável. Agora, começam a parecer respeitáveis. Mais algum tempo e conseguirei fazer algo de que a família poderá se orgulhar. ...É a única maneira que tenho de retribuir um pouco do que lhe devo... Não está zangada comigo, não é mesmo?

Zangada? Como ela podia estar zangada? Tudo o que ele conseguia era despertar novas expressões de afeição. Havia dias em que Pia não suportava que ele ficasse longe de suas vistas. Havia noites em que suplicava que a levasse para a cama — não para sexo, mas para simples conforto, como uma criança doente. E depois, quando ele a abraçava, ela se tornava petulante e lacrimosa, porque Mather não se mostrava tão excitado como antes.

Nos fins de semana, misericordiosamente, ele estava livre. A família de Pia a visitava — tios, tias, primos, sobrinhos, sobrinhas, parentes afins em todos os graus. Vinham prestar homenagens, demonstrar solicitude e cuidar para que seus nomes, feitos e parentesco fossem lembrados no testamento. Haviam reprovado as loucuras escandalosas de Pia, mas agora que a associação sexual com Mather estava obviamente encerrada, dispunham-se a aceitá-lo como um servidor da família, como um médico ou confessor. Aprovavam a geografia da situação, pela qual ela se mantinha na *villa* e ele era relegado ao celibato e à solidão da Tor Merla.

Na realidade, seus fins de semana não eram celibatários nem solitários. Arrumara uma namorada em Florença, Anne-Marie Loredon, uma loura de pernas compridas de Nova York, filha de um leiloeiro sênior da Christie, que estudava na Itália com uma bolsa de estudos da Belle Arti. Ela estava instalada, dispendiosamente para uma estudante, num apartamento de cobertura por trás do Teatro Pérgola. Conheceram-se em drinques no Harry's Bar, descobriram que eram compatíveis, passaram uma noite juntos, descobriram que isso também era compatível e — presto! — fizeram um acordo. Mather se tornaria um inquilino de fim de semana, pagando a conta com vinho, comida e dissertações sobre as artes. O sexo, ambos concordaram, era uma bonificação — sem condições, sem preço, sem perguntas.

O acordo funcionava muito bem. Eram uma dupla de egocêntricos reconhecidos, usando um ao outro abertamente. Ao final dos estudos, Anne-Marie se tornaria *marchande* e leiloeira, como o pai. Por enquanto, tinha um acompanhante atraente e o acesso ao mundo folclórico de Florença, suas antigas famílias de escultores, artesãos em bronze, pedra, madeira e couro, pintores, gravadores e ceramistas.

Mather, por sua vez, tinha a garantia de sexo seguro, uma base na cidade, um centro de recados e uma identidade legítima entre seus pares. Com Anne-Marie, podia se livrar dos pesares da casa Palombini; para os florentinos, podia se apresentar como um *scholar*, bibliotecário e arquivista de uma família nobre. Essa identidade passaria a ter em breve uma importância vital para ele. Sua benfeitora estava morrendo. Seria obrigado a procurar um novo lugar no mundo acadêmico.

Por isso, escolhia com extremo cuidado os amigos florentinos. O primeiro entre eles era o guardião de manuscritos da Biblioteca Nacional, um sábio de cabeça branca que parecia com Toscanini. Mather lhe dispensava uma deferência especial. Todos os sábados levava uma peça ou duas da coleção Palombini e discutia seu significado e valor com o velho, que tinha um respeito afetuoso pelo discípulo mais jovem.

Nas artes, seu amigo mais íntimo era Niccolò Tolentino, um homem pequeno, quase um gnomo, com uma corcunda e um sorriso límpido maravilhoso. Era napolitano e na juventude servira como aprendiz de um pintor em voga em Sorrento. Agora era o principal restaurador na Pitti e considerado um dos maiores copistas e restauradores em atividade. Mather levou-lhe um painel bastante desfigurado de um tríptico da Virgem e pediu que o restaurasse, como um presente de aniversário para Pia. O homenzinho transformou-o numa linda imitação de Duccio — com folhas douradas e azul-celestes. Mather ficou na maior satisfação e pagou-lhe no mesmo instante, em dinheiro. Tolentino retribuiu convidando-o para jantar e regalou-o com histórias sensacionais de falsificações e de milionários insidiosos da Grécia, Brasil e Suíça que contratavam o roubo de obras-primas e sua exportação ilegal.

Ao mesmo tempo, junto com Anne-Marie, ele cortejava os estudiosos e conhecedores mais respeitáveis da cidade. Faziam rondas frequentes das galerias. Mather espalhou a notícia de que trabalhava numa pequena monografia, "Economia doméstica em Florença no início do século XVF. Seria baseada numa das peças menos espetaculares dos arquivos Palombini, um conjunto de livros de contas mantidos de 1500 a 1510 pelo intendente da vilia. Registravam vendas e compras de todos os artigos imagináveis: vinho, óleo, tecido, cordame, sebo, carne, móveis, arreios e ornamentos para os cavalos. Eram também os volumes

que mostrava com mais frequência ao guardião dos manuscritos, solicitando sua interpretação de nomes arcaicos e abreviações desconhecidas. A natureza da tarefa escolhida condizia perfeitamente com a imagem do estudioso tranquilo e bem subvencionado, contente em se absorver num fluxo interminável de insignificâncias históricas.

*

Sua liberdade terminava às oito da noite de domingo. Pia estaria à espera, cansada e impaciente, depois do assédio dos parentes. Partilhava a refeição com ela — chá e sanduíches ao estilo inglês. Mather então fazia um pequeno relato de suas aventuras e encontros no fim de semana, que tinha de ser mais ou menos acurado, pois em seus momentos mais desesperados Pia era bem capaz de conferir os detalhes, através de informantes na cidade. Uma família que carregava o gonfalão dos Medici ainda tinha um nome influente em Florença.

Pia estava ciente de que ele ficava no apartamento de Anne-Marie Loredon; não gostava da ideia, mas aceitava a ficção de que o pai de Anne-Marie era um velho amigo e que Mather não tinha qualquer interesse sexual pela garota ou vice-versa. Ela não acreditava que Mather levasse uma vida assexuada, por isso ele lhe disse que procurava seus prazeres numa casa de encontros famosa e exclusiva, onde o sexo era limpo, mas a um mundo inteiro de distância do amor profundo e altruísta que sentia por Pia Palombini. Como não havia rival para envergonhá-la, ela aceitava como uma indulgência necessária. Às vezes o forçava a partilhar a diversão, pedindo que contasse histórias escabrosas sobre a vida e prática de um bordel. Mantinha-o a falar até quase meia-noite e depois ele a levava para a cama, ajeitava-a entre os travesseiros e seguia cansado para a torre, negra e ameaçadora contra o céu noturno.

Lá dentro, não havia mais necessidade de mentir. Ficava a sós com o que era, um *scholar* mediano, um homem preguiçoso e venal, esforçando-se para escapar do vínculo com uma amante agonizante e especulando como poderia organizar o resto de sua vida.

Enquanto isso, dia após dia doloroso, Pia Palombini declinava para a morte. Ainda estava lúcida, mas os espasmos de sufocamento e os bloqueios respiratórios tornavam-se mais frequentes. Emagrecia rapidamente, e quando Mather a pegava no colo era frágil como uma porcelana de Dresden. Ele insistiu agora, junto à família, para que Pia fosse cuidada noite e dia por uma enfermeira e que houvesse a visita diária de um médico. Detestava vê-la sofrer, detestava mais ainda vê-la humilhada pela doença. Tirava conforto para ela dos recessos

mais improváveis de sua natureza. Quando Pia lhe suplicou que acabasse com seu sofrimento, sentiu-se tentado a atendê-la, com mais força do que jamais julgaria possível. Chegou mesmo a levantar o problema com o médico, que lhe lançou um olhar sagaz e compreensivo e advertiu:

— Não estamos na Holanda, Sr. Mather. Temos muito mais cristianismo e muito menos compaixão em nossa lei. Assim, deve tirar da cabeça qualquer pensamento de morte misericordiosa. Iria libertá-la, mas jogaria nós dois na prisão. Empreste-lhe seu amor por mais algum tempo. Um dia, muito em breve, ela vai simplesmente parar de respirar.

⁂

Foi exatamente como aconteceu: numa noite fria de inverno, enquanto a enfermeira de plantão noturno tricotava junto da lareira e Mather sentava no sofá, com Pia aninhada em seus braços, ela levantou a mão em garra para tocar no seu rosto. Depois, como se o esforço fosse demasiado, ela soltou um pequeno suspiro de cansaço, virou o rosto para seu peito e morreu. Mather levou-a para cima, observou a enfermeira ajeitá-la decentemente na cama, chamou o médico, a família e o padre, depois sentou ao lado do fogo agonizante, mais solitário do que jamais se sentira em toda a sua vida. Finalmente escapara de Pia, como há muito desejava. A verdadeira ironia era que Pia escapara dele. Ela fora o foco de sua vida por tanto tempo que agora não havia para onde olhar, exceto para dentro, contemplando a imagem fragmentada de si mesmo.

No funeral, ele procurou poupar a família de qualquer constrangimento, permanecendo entre os empregados da *villa*; mas quando o caixão foi levado para o jazigo e as portas de bronze fechadas e trancadas, Mather descobriu-se a chorar de maneira incontrolável. Sentiu um braço protetor envolver seus ombros e ouviu a voz suave do velho Matteo entoar uma litania de conforto.

— Não fique assim, professor?! Deve estar feliz por ela. Madame não sente mais dor. É bonita outra vez. Quer que a lembre assim...

Era fácil acreditar em tudo isso. O que Mather não podia compreender era a sombria desolação interior. Quando lhe dissera, meses antes, que a amava, fora com a reserva convencional que sempre prevalecera no relacionamento. Estavam apaixonados, eram amantes reconhecidos, eram tudo o mais no dicionário do ato. Mas o amor propriamente dito só foi experimentado na agonia, no terrível dilacerar do coração.

*

De volta à *villa*, ele prestou a deferência ritual a todas as pessoas da família e depois, assim que a decência permitiu, retornou à Tor Merla, serviu-se de uma dose grande de conhaque e sentou no pátio, observando a brisa fria agitar as primeiras folhas do ou tono. Ali, uma hora depois, recebeu a visita de Claudio Palombini, o sobrinho designado para executor testamentário de Pia. Era um florentino bonito, de olhos frios, que distribuía as palavras com todo o cuidado, como se fossem florins de ouro. Entregou a Mather uma cópia do testamento de Pia, um documento hológrafo, ao estilo italiano. E comentou, solenemente:

— Parece, Sr. Mather, que tem mais necessidade de compaixão do que a família de minha tia.

— Eu sinto... — Max Mather falava bem devagar — ...sinto que estou trancado no jazigo e Pia foi embora.

Claudio serviu-se de conhaque e empoleirou-se na beira da mesa rústica. Apresentou um pedido de desculpa formal:

— Confesso, Sr. Mather, que, relutantemente, passei a admirá-lo. Fez minha tia muito feliz. Cuidou dela com uma devoção que poucos maridos teriam demonstrado. Somos todos gratos por isso.

Mather digeriu o elogio em silêncio e depois respondeu friamente:

— Não me deve agradecimentos. Amei sua tia. E sentirei muita saudade.

— Sabe que ela fez uma estipulação para você no testamento?

— Não, não sabia.

— Recebe dois anos de salário, fica com o carro e quaisquer presentes pessoais. Pode escolher um memento do arquivo material em que vem trabalhando. Creio que o legado é razoável.

— Mais do que razoável. — O tom de Mather era brusco. — Fui generosamente remunerado. Não esperava outras recompensas.

— Eu ficaria muito satisfeito... e seria uma grande ajuda... se desejasse permanecer aqui, continuando seu trabalho nos arquivos.

— Obrigado, mas não é possível. Sem Pia, a torre seria insuportavelmente solitária. Mas se estiver disposto a aceitar uma sugestão...

— Claro que estou.

Mather levou o visitante à torre e mostrou-lhe, como um guia de museu, as pilhas de livros, manuscritos e fólios distribuídos pelas câmaras antigas, abobadadas. E disse:

— A menos que veja com seus próprios olhos, não pode entender quanto

trabalho está envolvido num arquivo destas dimensões.

Ele pegou um maço de papéis, presos com uma fita apodrecida, soprou a poeira e entregou a Palombini.

— Isto aqui, por exemplo. O primeiro documento data de 1650. Não me atrevi a abrir todo o pacote, porque a maior parte vai se esfarelar. Pode até haver coisas valiosas aqui, pode não haver. O que se precisa é de uma conservação competente, nas condições apropriadas... O que estou tentando dizer é que o arquivo é historicamente importante, mas precisa de trabalho, um trabalho constante e dispendioso. Mesmo que eu ficasse, não poderia arcar com todo esse trabalho sozinho. A mera classificação já é uma tarefa enorme. A conservação é outra coisa completamente diferente... uma função para peritos. Por que não entregar tudo à Biblioteca Nacional? Seria um gesto esplêndido e, ao mesmo tempo, aliviaria a família de um pesado encargo financeiro e uma grande responsabilidade cultural.

Palombini ponderou sobre a sugestão por algum tempo e depois acenou com a cabeça, numa entusiástica concordância.

— Ótima ideia. Quem sabe? Pode haver algum benefício fiscal para o espólio, além do ganho para a província.

— Posso verificar facilmente as vantagens fiscais — disse Max Mather. — Sou amigo do guardião dos manuscritos.

— Estaria disposto a ficar por tempo suficiente para iniciar a discussão dos acordos? Não haveria problemas se quisesse ter outra pessoa aqui... E vou precisar de outro serviço seu.

— Qual?

— Uma catalogação profissional e avaliação das obras de arte na *villa*. Poderia providenciar isso?

— Posso arrumar alguém, mas não cuidar disso pessoalmente. Eu o aconselharia a contratar Niccolò Tolentino, da Pitti.

— Eu teria o maior prazer em aceitar sua recomendação, é claro, mas acontece que os dois casos são da maior importância no acerto do espólio. Eu me sentiria feliz se pudesse confiá-lo a você.

— Eu lhe darei seis semanas — decidiu Max Mather. — Depois disso, preciso partir. Tenho uma vida inteira para reconstruir.

— Obrigado.

— Há um preço. Dobre o meu atual salário e assuma o custo da minha transferência de volta para os Estados Unidos. O legado permanece intacto e será pago antes de minha partida.

— Negócio fechado! — Palombini mostrou-se subitamente expansivo. — É um bom negociante. Gosto disso. Lamento não termos nos conhecido melhor

antes.

— Uma das ironias da vida — comentou Mather, com um sorriso sem qualquer humor. — As mãos mal se tocam quando chega o momento de deixar a festa... Vai manter o mesmo pessoal na *villa*'?

— Por enquanto, sim. Por que pergunta?

— Se não se importa, vou me mudar para a cidade e virei de carro todos os dias... Se passar a noite aqui, acho que acabarei enlouquecendo.

— Compreendo como se sente. — Claudio Palombini ficou sombrio de repente. — É uma terra antiga e sangrenta. As videiras crescem das bocas dos mortos.

Naquela mesma noite Mather foi para Florença e instalou-se numa pequena pensione. Não procurou Anne-Marie. O pacto entre os dois especificava que seu quarto só estaria disponível nos fins de semana. Poderia haver outros visitantes no meio da semana e ele não estava com ânimo para companhia desconhecida ou situações embaraçosas.

Telefonou para o guardião dos manuscritos, a fim de informá-lo de sua iminente partida e da doação dos arquivos Palombini. O velho lamentou, solícito com o amigo, a morte de Pia, mas ficou obviamente satisfeito com a perspectiva de adquirir os arquivos para sua instituição. Prometeu discutir o assunto com a diretória e examinar os benefícios fiscais para o doador. Advertiu que o processo levaria algum tempo, como acontecia com todos os atos oficiais, mas faria o melhor possível para acelerá-lo.

Mather ligou em seguida para Niccolò Tolentino, que no mesmo instante propôs distraí-lo de seus problemas com um jantar no Gallodoro.

Era o lugar predileto de Tolentino — um enorme porão, cujas paredes caiadas de branco e teto abobadado estavam cobertos por desenhos de artistas florentinos. Por cima da cozinha ficava a grande imagem dourada de um galo empertigado, do qual o restaurante tirava seu nome. Niccolò Tolentino, que o pintara, sempre ocupava o lugar de honra, uma mesa no canto, em que havia uma cadeira alta e uma banqueta para os pés, a fim de que nenhum plebeu pudesse fitar de cima o homenzinho, que era, na avaliação dos seus pares, um dos grandes. Quando Mather chegou, ele já se encontrava instalado ali, com um copo de *punt e mes*, um prato de *pistachios*, o bloco de desenho e um jogo de canetas na frente.

O encontro foi emocionado, como sempre — "Ei, Max!", "Ei, Nicki!" Um abraço prolongado, depois mais exclamações, que só cessaram quando o drinque de Mather foi servido. A refeição já estava definida, o vinho decantado — uma safra excepcional, cujo produtor presenteara o pintor com uma adega particular. O velho levantou o copo num brinde.

— À sua dama, Max! *Requiescat*.

— Que ela possa descansar em paz — murmurou Max Mather.

Eles beberam, um trago comprido. O velho largou seu copo e disse, gentilmente:

— Os velhos costumes ainda são os mais sábios. Depois de uma morte, você come e bebe, tenta rir outra vez. A dor não é proveitosa para ninguém, muito menos para os que partiram, que foram embora para sempre... Está doendo, hem?

— Mais do que eu imaginava que poderia acontecer, Nicki... muito mais?

Tolentino lançou-lhe um olhar rápido e sagaz e depois fez uma estranha pergunta:

— Já esteve alguma vez na prisão, Max?

— Ainda não. — Mather riu, mesmo contra a vontade —Por que pergunta?

— Dizem que a parte mais difícil da sentença é o dia em que o empurram de volta para a rua... Você esteve preso a Pia por muito tempo. Ela foi libertada. Você ainda precisa aceitar sua alforria. Fará uma nova vida, com uma nova mulher; não amanhã ou na próxima semana, mas muito em breve será o momento de começar a procurar. Esteja contente por não ser como eu, quando procurar é tudo o que pode fazer!... Diga-me uma coisa: essa garota que visita em Florença... a que deseja ser *marchande*, uma leiloeira...

— Anne-Marie Loredon? O que tem ela?

— É a pergunta que lhe faço, Max. O que tem ela? Sei que ficam juntos nos fins de semana. Visitam estúdios e galerias. É evidente que não se odeiam.

— Somos bons amigos. Ela gosta da minha comida. E acha que sou um professor competente.

— E o que você pensa sobre ela, Max?

— Acho que ela está pensando numa carreira, e eu não entro em seus planos profissionais... Mas vamos mudar de assunto. Pode aceitar serviços particulares?

— Claro. Como todos os funcionários públicos da Itália, vivo deles. O que está pensando?

— Claudio Palombini quer que os quadros na *villa* sejam catalogados e avaliados. Sugeri que você era o melhor homem para o serviço.

— E o que ele respondeu?

— Que eu podia acertar tudo.

Niccolò Tolentino fitou-o em total incredulidade. E depois desatou numa sonora gargalhada, que levou todos os outros fregueses a se virarem para olhar. Riu tanto que as lágrimas escorreram pelas faces e Mather temeu que pudesse ter um acesso. Quando se recuperou, pediu mais vinho e explicou, entre novas risadas:

— Isso, meu amigo... isso é a piada mais engraçada que já ouvi em muitos anos! Quer dizer que Claudio não sabia quem eu era?

— Não deu a impressão de saber.

— Ah, meu irmãozinho Max! Fiz daquela coleção o que é hoje. Conheço todas as porcarias que lá estão e as poucas boas peças que se escondem nas sombras!

— E não se orgulha por isso, tenho certeza.

— De certa forma, até que me orgulho. A sua Pia contou-lhe a história de Luca Palombini... o que era conhecido como *l'ingannatore*?

— Não. Nunca me disse nada a respeito.

— Nesse caso... vamos reservá-la, como cavalheiros de bom gosto, para as peras e queijos. A comida aqui é muito boa para se estragar com conversa.

A comida correspondeu à promessa; mas a história contada por Niccolò Tolentino foi de longe o melhor item do cardápio.

— Durante o regime fascista e até o final da guerra europeia, o chefe do clã Palombini era um velho e vigoroso pirata a quem os locais chamavam de "*Luca l'ingannatore*... Luca o Enganador" — Niccolò Tolentino acenou com um dedo em advertência. — Não se deixe iludir pelo apelido. Ele era não apenas o reflexo perfeito de seu tempo, mas também o perfeito arquétipo do príncipe mercador florentino. Ponha-o em qualquer século e ele seria o mesmo homem. Os Fuggers lhe emprestariam dinheiro. Cosimo e o próprio Lorenzo o Magnífico o respeitariam. Os franceses, romanos e venezianos fariam negócios com ele... mas sempre contariam os dedos depois de cada aperto de mão! Era implacável na consecução de suas ambições, mas também possuía um charme excepcional e sempre os nervos frios de um jogador.

"Para Luca, o mercado era o habitai natural do animal humano. Cada homem e mulher, cada besta, cada fruta e legume, tinha um preço. Cada preço era negociável e Luca negociava com o passado, presente e futuro. A arte... isto é, a arte vendável... pertencia ao passado. O valor estava na raridade, no fato de ter patina, duração comprovada e figurar nos catálogos, como as obras na Uffizi ou Museu do Vaticano. Segundo Luca, eram os turistas que faziam o mercado de antiguidades... os novos-ricos *globetrotters*, os barões do aço e reis do petróleo, que eram empanturrados com uma educação tardia e suspeita por Duveen, Berenson e outros do gênero.

"Contudo, ao contrário dos produtos naturais, a arte era uma coisa que só crescia uma vez. Não se podia semeá-la. Assim, Luca contratou um certo jovem napolitano talentoso... era eu, naqueles dias distantes. Isso mesmo, eu era jovem, competente e barato! Fui contratado para copiar todas as grandes obras na coleção Palombini. Depois, utilizando os mesmos transportes que levavam seus

vinhos, frutas, sedas e artigos de couro pela Europa, ele começou a despachar algumas das obras originais para depósitos seguros na Suíça. Também enviou na mesma ocasião algumas das minhas cópias, calculando, como um bom negociante, que se o comprador não soubesse a diferença entre uma coisa e outra, receberia exatamente aquilo por que pensava estar pagando.

"Quem sabia o que estava acontecendo? Quem se importava, naqueles prósperos dias fascistas, em que o Mediterrâneo era o *Mare Nostrum*, os trens andavam no horário, os camponeses da Calábria colonizavam a Eritreia e Hitler acabara de anexar a Áustria? Luca sabia. Luca se importava. Dispunha de um sólido patrimônio na neutra Suíça, assim como em Portugal, Brasil e Argentina. Um Perugino ou um Caravaggio era um produto mais negociável no Rio ou Nova York do que em sua terra. Mas a *villa* e os apartamentos que Luca montava para suas amantes não pareciam diferentes, porque Niccolò Tolentino, o pequeno corcunda de Nápoles, era um esplêndido pintor, um gênio na reprodução..."

Tolentino interrompeu o fluxo da história para ressaltar um ponto:

— Mas eu não era, meu caro Max, nunca fui, um falsificador. Jamais impingi uma cópia como a obra de um mestre. Quando Luca vendia minhas cópias aos nazistas por quantias vultosas, em troca de proteção, eu não me importava. Afinal, odiava os desgraçados. Mas era ele o negociante, não eu. Quero que não se esqueça disso, pois é uma questão de honra para mim.

— Não me esquecerei, Nicki — garantiu Mather. — Mas estou ansioso para ouvir o resto da história.

— A noite é muito curta para lhe contar tudo, Max. Mas aqui vai, em linhas gerais. No inicio da guerra, em 1939, Luca enviou a esposa e os dois filhos pequenos para a Suíça, aos cuidados de seus banqueiros e dos diretores de sua filial em Genebra. Depois, instalou-se na *villa*, com uma sucessão de alegres namoradas. Quando começou a degringolar, ele fez acordos com todos: os fascistas, os alemães, a Igreja, *partisans*, o movimento comunista clandestino, agentes Aliados que surgiam por toda a Toscana e Romagna, como toupeiras num gramado. Quando o regime de Mussolini desmoronou e os alemães lutavam em sua longa e sangrenta retirada pela península, Luca Palombini assumiu uma apólice de seguro extra.

"Em três dias, com a ajuda de um grupo de guerrilheiros, despojou a *villa* das restantes obras de arte valiosas e guardou-as nas câmaras da Tor Merla. Paredes foram erguidas para escondê-las e cobertas com estuque. O estuque foi sujado e envelhecido com lama. Os guerrilheiros foram recompensados com um bom dinheiro e o uso da torre como um refúgio e depósito de alimentos. Quando os alemães chegaram, com força total, os guerrilheiros se retiraram. Os soldados da *Wehrmacht* converteram a torre num posto de observação, enquanto os oficiais

faziam as refeições na *villa*, num desconforto espartano, em companhia de Luca Palombini e sua última namorada, Camilla Dandolo, uma coloratura de La Scala, cujo corpo era muito melhor do que a voz.

"Depois do cessar-fogo, Luca reabriu as câmaras e começou a negociar a maioria das obras de arte genuínas remanescentes por moeda forte, a fim de reconstituir a fortuna da família. As paredes da *villa* foram adornadas com minhas cópias das grandes obras e com originais de terceira classe, que não valia a pena vender; mas as empresas Palombini, na Itália e no exterior, receberam um novo fluxo de capital.

"Luca chamou a família de volta da Suíça. Antes que chegasse, no entanto, ele morreu... no meio de um dueto amoroso com a soprano. A esposa de Luca fez o maior estardalhaço, alegando que obras importantes haviam desaparecido, embora se mostrasse vaga quando lhe pediam para especificar quais eram. Jurou categoricamente que a vagabunda de La Scala roubara o marido antes de levá-lo à morte. Mas de repente, obviamente a conselho dos parentes, ela silenciou. Luca o Enganador deixara os herdeiros em boa situação. Se precisara efetuar alguns pagamentos escusos no processo... ora, Florença sempre fora uma cidade de mercadores. Portanto... *sta' zitta Madonna!* Reduza os prejuízos e conte as bênçãos, mantenha a língua dentro da boca!

"E esse é o final da história, Max. Só que não é o fim. Aqui estamos, tantas décadas depois, e você me convida para voltar e avaliar os refugos da coleção de Luca, recebendo para isso. *C'è una pazzia*! É uma loucura!"

— Uma pergunta, Nicki.

— Pode fazê-la, meu caro Max.

— Se a coleção era, como a descreve, uma mistura de bom e medíocre, de original e falsificação, por que Luca se deu a tanto trabalho para escondê-la na Tor Merla?

O homenzinho riu e abriu os braços, numa série de gestos eloquentes.

— Estou vendo que já esqueceu como ele era chamado. Luca o Enganador, o Vigarista. Com ele, nada jamais era o que parecia. O simples fato de esconder as obras na torre já lhes criava um valor. Não podiam deixar de ser preciosas. Se ele fosse traído ou as obras descobertas por acaso, não perderia muita coisa. Mas se sobrevivessem, como aconteceu, e fossem recuperadas de maneira triunfante... então cada peça, até mesmo as minhas cópias, tornava-se *ipso facto* uma obra-prima! Foi assim que ele financiou o império da família no pós-guerra, aqui e no exterior...

— Mas... vai aceitar o trabalho, Nicki?

— Por você e pelo dinheiro de Palombini, claro que vou! E agora, se prometer me levar são e salvo para a cama, tomaremos outro conhaque!...

Na manhã seguinte, bem cedo, Mather voltou à Tor Merla, de ressaca, mas expurgado de seus demônios. Claudio Palombini ainda estava na *villa*. Mostrou-se feliz ao saber que provavelmente os arquivos seriam tirados de seus cuidados e que havia possibilidade de benefícios fiscais. Encarregou Mather de iniciar as negociações com a Biblioteca Nacional e supervisionar a avaliação de Tolentino das obras de arte. Entregou-lhe um cheque por seis semanas de salário, comunicou que o legado seria pago em trinta dias e depois partiu para a Suíça.

Mather vagueou pelos arquivos durante uma hora, anotando o que precisava ser feito para deixar tudo numa ordem razoável, à espera da inspeção da diretória da Biblioteca Nacional. Havia necessidade de mesas de cavalete e prateleiras para tirar do chão as pilhas de documentos, antes que fossem devorados pelas baratas e traças. Ele sabia, embora não o tivesse mencionado a Palombini, que a Biblioteca Nacional, com escassez de pessoal e espaço, podia muito bem recusar a massa incômoda de documentos ainda a serem examinados.

Ligou para a *villa* e pediu a Matteo que providenciasse o carpinteiro para começar a trabalhar na manhã seguinte; depois, como era um dia de sol e o pátio estava quente e agradável, fez um café e foi se acomodar sob o castanheiro, com seus livros de referências e o texto inacabado da monografia.

Estava trabalhando no livro de contas de 1505 quando deparou com um registro insólito, no mês de outubro. No oitavo dia desse mês fora registrado o pagamento de uma quantia de oitenta florins a mestre Raffaello, pintor de Urbino, por conta de dois retratos, um de Donna Delfina Palombini, esposa do Gonfaloniere Andrea Palombini, o outro de sua filha, a donzela Beata. Além disso, havia também o pagamento de sessenta florins por cinco desenhos para uma pala, um retábulo, na capela de San Gabriele, que ficava na propriedade. O registro indicava que essas quantias eram o pagamento integral — significando que os serviços haviam sido entregues.

Mather ficou fascinado. Era o tipo de prova de autenticidade que os *marchands* e historiadores de arte suplicavam aos céus para encontrar. Mas não se lembrava de qualquer referência a retratos ou desenhos Palombini no *catalogue raisonné* das obras de Raffaello. Foi verificar os volumes em sua própria estante e encontrou um Passavanti e um Carli. Nenhum dos dois fazia qualquer referência aos retratos ou ao retábulo. Era outro daqueles mistérios que os estudiosos tanto adoravam. As obras teriam sobrevivido aos séculos? E se assim fosse, onde se encontrariam agora?

Outra linha de investigação era possível: haveria registros de novas aquisições de arte nos velhos livros de contas? O café foi esfriando, enquanto ele estudava com a maior atenção a escrita antiga e as abreviaturas enigmáticas. Já estava na metade de janeiro de 1506 quando Matteo, o mordomo, subiu da *villa* com Luigi, o carpinteiro, a fim de medir as prateleiras e mesas necessárias.

Eram providências práticas que exigiram sua atenção total e respeitosa por meia hora. Foi obrigado a oferecer café e um trago de grappa, escutar o lamento de Luigi, o *falegname* de que era injusto pedir um bom trabalho de carpintaria às pressas. Max Mather compreendia o que se esperava dele. Sabia que não havia a menor possibilidade de resistir ao vento dos Apeninos. Viravam-se as costas, tapavam-se os ouvidos e esperava-se que a fúria passasse. Ele pôs um marcador no livro de contas, guardou suas anotações e dedicou-se de corpo e alma aos problemas das prateleiras e mesas, à opção entre madeira lixada ou não. Se aceitasse madeira não lixada, o trabalho poderia ser realizado no dia seguinte. Se quisesse um acabamento mais refinado, teria de esperar duas semanas. O telefone tocou no instante em que Mather estava prestes a gritar em rendição. Era Anne-Marie Loredon. Ela também tinha uma queixa.

— Fui informada de sua perda, Max. Deve estar desesperado. Por que não me procurou?

— Se quer saber a verdade, eu me senti embaraçado demais.

— Por quê? Não somos amigos? E para que servem os amigos, se não pode partilhar com eles um momento de dor? Nicki Tolentino me contou que você está dormindo na cidade. O que há de errado com meu apartamento?

— Nada., só que meus direitos de visita se limitam aos fins de semana, está lembrada?

— Não diga bobagem. Virá para o apartamento esta noite. E se isso o faz sentir-se melhor, pode comprar a comida e prepará-la. De qualquer forma, Max, precisamos conversar. Tenho uma proposta para discutir com você. Pode ser às sete e meia?

— Estarei aí.

Ao desligar, Mather experimentou um súbito impulso de gratidão e alívio. Um homem pesaroso era quase tão vulnerável quanto um homem apaixonado. Cada um, por uma razão diferente, tinha medo de bancar o tolo.

Ao mesmo tempo, ele compreendeu que Matteo e Luigi, o *falegname*, ainda esperavam por sua resposta... e por uma segunda dose de grappa. Enquanto servia a aguardente, Mather anunciou, com firmeza:

— Use a madeira de que dispuser. Quero apenas espaço para tirar os documentos e livros do chão. Não estamos construindo aposentos para o papa.

— Mas temos o nosso orgulho! — Luigi tornou-se subitamente eloquente. —

Quando chegarem os homens da Biblioteca Nacional não podemos levá-los para uma pocilga!... À sua saúde, *professore!*

Naquela noite, Mather preparou uma refeição magnífica para Anne-Marie Loredon. As cerimônias de preparativo tornaram difícil uma conversa íntima, mas Anne-Marie não se incomodou em esperar até que o jantar fosse concluído, até sentarem juntos, tranquilos, contemplando a lua amarela subir pelos campanários. Só então começou, paciente, procurando atraí-lo para uma conversa descontraída.

— O que acontece com seu trabalho agora, Max?

— Combinei continuar por mais seis semanas, providenciar a doação do arquivo e a avaliação da coleção de arte. Depois disso, quem sabe? Jamais percebi, até agora, o quanto dependia de Pia, como contava com a permanência do nosso relacionamento.

— Nunca me falou muito sobre o tipo de relacionamento que era.

— Eu mesmo nunca especulei a respeito. Aceitava tudo pelo que parecia... até o final, quando Pia se tornou absolutamente dependente de mim. Eu a alimentava, banhava, vestia, carregava de um lugar para outro, como uma criança doente. Literalmente, ela morreu em meus braços.

— Devia amá-la muito.

— Tem razão. — Mather ofereceu-lhe um sorriso embaraçado. — Está surpresa?

— Um pouco. É preciso ser muito firme para proporcionar esse tipo de apoio. Para ser franca, nunca o considerei como um homem assim. O resto fazia um sentido perfeito. Viúva rica, estudioso bonito, uma aliança de interesse e conveniência.

— O que quer que fosse, já acabou... *finita la commedia*! Mas chega de mim... fale-me a respeito de seus planos.

— Volto para casa. Procuro um espaço para uma galeria, começo a reunir um plantei de artistas e clientes. Meu pai está emprestando dinheiro suficiente para deslanchar.

— Ótimo para você.

— Queria saber, Max, se você não estaria interessado em trabalhar para mim.

Mather refletiu sobre a proposta por um longo momento, depois sacudiu a cabeça.

— Trabalhar para você, não! Trabalhar com você, em alguma base que me deixaria como um agente livre... é bem possível. Poderíamos deixar a discussão em aberto até eu chegar a Nova York?

— Claro. Mas quero que me responda com franqueza: por que se recusa a considerar a possibilidade de trabalhar para mim?

— Porque já estou cansado de ser protegido — respondeu Max Mather, incisivo. — Vivi assim por toda a minha vida... bolsas de estudos, dotações, financiamentos de mulheres ricas, como Pia. Não me sinto mal em relação a ela, porque fui capaz de retribuir ao final um pouco do que lhe devia... mas daqui por diante, meu amor, vou voar sozinho. Se cair do céu, que pena!... Isso pode não parecer muito importante para você, mas para mim é uma questão de vida ou morte. Em termos acadêmicos, tenho o meu valor, embora sempre tenha sido indolente demais para tentar o brilho maior. Mas, agora ou nunca, preciso provar do que sou capaz e descobrir de que metal sou feito.

— Farei um brinde a isso, Max. Ficarei muito interessada no resultado dessa prova. Gostaria que me dissesse outra coisa.

— O quê?

— O quanto disse a Pia a meu respeito?

— Não muito. Ela sabia que eu passava os fins de semana aqui, que lhe dava aulas de avaliação e história da arte. Além disso, nada.

— E ela acreditava que isso era tudo?

— Preferia acreditar.

— Não podiam ter muito sexo durante a doença.

— Não tínhamos. Ela aceitava que eu procurasse em outra parte; mas não se incomodava, contanto que eu não lhe apresentasse uma rival visível e identificável.

— Não sei se eu seria tão complacente.

— Seria, sim... se não quisesse perder um bom cozinheiro! Para não mencionar um companheiro de cama que não apresenta riscos.

— Isso parece mais com o Max que eu conhecia.

— Aquele? Ultimamente ele vem e vai. Nunca tenho certeza se está ou não presente.

— Não acha melhor descobrirmos? — sugeriu Anne-Marie Loredon. — É uma pena desperdiçar essa lua...

*

Dormiram até tarde na manhã seguinte e já era meio-dia quando Mather voltou à Tor Merla. Luigi, o *falegname*, cumprira a palavra. As prateleiras estavam prontas. A armação da mesa fora concluída. Havia um bilhete para informar que Luigi saíra à procura do material para o tampo. Voltaria mais tarde. Sua caixa de ferramentas se encontrava no chão, destrancada.

A primeira tarefa de Mather era pôr os arquivos em ordem nas prateleiras. O

trabalho sob calor e poeira provocou-lhe uma reação alérgica. Quando acabou, descobriu que os documentos não estavam diretamente sobre o chão, mas em cima de um estrado de madeira, do tipo usado por carregadores para transportar tijolos e outras coisas. Uma inspeção mais meticulosa revelou que não se tratava de um estrado, mas sim de uma caixa ripada, com cerca de um metro de comprimento, pouco mais de meio de largura e quinze centímetros de profundidade, com proteção de palha.

Foi a pura curiosidade, mais do que a esperança de qualquer descoberta, que o levou a abrir as ripas e desdobrar a esteira de palha. Lá dentro havia um invólucro grande e volumoso, de lona grossa, costurado com ponto de vela, lacrado com cera de abelha marrom para vedar a entrada de água e ar. O coração de Mather pareceu parar por um instante. No momento seguinte ele começou a tremer, ofegando para respirar. Fechou e trancou a porta da frente, ajeitou as esteiras de volta na caixa com todo o cuidado, pegou o invólucro de lona e levou para o seu quarto, no alto da torre.

Fechou as venezianas, a fim de que a claridade no interior do quarto fosse mínima. Depois, usando uma gilete, descascou o lacre de cera ao longo de uma beira do invólucro e começou, com extremo cuidado, a desfazer os pontos, que haviam sido costurados com fio de sapateiro. Era todo profissional agora, trabalhando devagar, ritmado. O que quer que houvesse lá dentro era precioso. O embalador se esforçara ao máximo para protegê-lo do ar e umidade. Seria um horror inconcebível estragar o objeto por um manuseio descuidado. Os dedos exploradores sentiram primeiro dois objetos rígidos, envoltos por veludo. Por baixo do veludo havia mais alguma coisa, enrolada em seda.

Com todo o cuidado, ele removeu os objetos cobertos com veludo — dois painéis de madeira antiga, dois retratos, um de uma mulher, outro de uma criança; cabeça, ombros e busto, contra um fundo de colinas toscanas e um céu de verão. Era evidente que haviam sido limpos antes de embalados, porque não havia indícios de retoques. Ambas usavam o corpete quadrado da época e, pintada nos botões de uma e no bordado da outra, estava a assinatura, *RAFFAELLO URBINAS FEC*.

Mather sentiu-se subitamente tonto. Caiu de joelhos ao lado da cama, encostou os quadros num travesseiro e assim ficou a contemplá-los por um longo momento, como um monge em adoração. Mas não estava rezando. O cérebro funcionava em alta velocidade, como uma serra elétrica. Aquelas coisas tinham de ser certas. Pareciam certas, a sensação era certa... o trabalho artístico, o estilo... a paleta... Os olhos ficaram turvos, ele fechou-os, abaixou a cabeça para a colcha.

A vertigem passou. Mather pegou o resto do tesouro, os desenhos,

esmaecidos pelos séculos, mas ainda claros, ainda vibrantes do toque do mestre. O primeiro era o desenho para todo o retábulo, a entrada de Cristo em Jerusalém, montado num burro, as pessoas acenando com folhas de palmeira, como se fossem estandartes, e gritando hosanas. Os outros eram estudos dos elementos separados, os animais, as figuras, a arquitetura. Todos os personagens, à exceção do Cristo, estavam desenhados com os trajes florentinos da época e combinavam com a paisagem de fundo da Toscana rural. Os homens que acenavam com as folhas de palmeira eram os jovens Palombini, cortesãos dos Médici. As mulheres eram suas consortes.

Mais uma vez, tudo parecia certo. Os objetos correspondiam à descrição no velho livro de contas. O papel parecia certo. O estilo parecia característico do jovem mestre. Haviam sido embalados com extremo cuidado, mas guardados às pressas, numa emergência de guerra. Permaneceram ocultos sob uma pilha de papel por quarenta anos. O único homem que podia saber de sua perda estava morto... O único homem no mundo que tinha conhecimento de sua existência era Max Mather. E, por legado de uma amante morta, podia agora apresentar uma reivindicação válida às obras.

A lei italiana diferia da lei anglo-saxônica num aspecto importante: conferia mais ênfase à forma do documento que às suas intenções. E a forma do legado que Pia lhe fizera era bastante clara. Primeiro, tratava-se de um documento hológrafo. A própria pessoa o escrevera. Assim, pela pressuposição mais forte, era uma expressão total de seus desejos. Segundo, a frase em italiano era inequívoca: "*...la sua propria scelta d'un oggetto ricordo dal archivio...* Sua própria escolha de um objeto de recordação do arquivo..."

Os outros herdeiros — se soubessem, é claro! — obviamente contestariam seu direito. Alegariam, não sem razão, que um pacote com obras de arte de um velho mestre, no valor de dezenas de milhões de dólares, não podia ser considerado um "*oggetto ricordo*". A Belle Arti obviamente haveria de interferir e confiscaria as obras, à espera da decisão do tribunal, que poderia demorar anos. E mesmo depois ainda poderiam proibir a exportação de tesouros nacionais.

Portanto, o simples bom senso determinava que ele começasse imediatamente a proteger seu direito às obras do mestre, tirando-as da Itália o mais depressa possível e levando-as para um depósito seguro na Suíça. Contudo, mesmo ao fazer isso, deveria providenciar para que a proveniência perfeita das obras não fosse danificada nem destruída.

As obras foram encomendadas a Raffaello por e para a família Palombini. Ali, nos livros de contas autênticos do período, estava o registro da transação — outubro de 1505. Era evidente que permaneceram em poder da família até o dia atual; mas enquanto Luca o Enganador dirigia a propriedade, encontraram seu

caminho para o arquivo e ali ficaram escondidas por mais de quarenta anos, sob pilhas de papel empoeirado.

...Max Mather então entra em cena, vasculhando o arquivo à procura de um memento de sua escolha, um legado que lhe fora deixado por Pia Palombini. Descobre um curioso invólucro de lona. Não resta a menor dúvida de que se trata de uma parte do arquivo. Surge a fantasia de que aquele deve ser seu memento — um pacote-surpresa. Não o abre imediatamente e assim permanece na ignorância do conteúdo. Só quando alcança um território neutro é que descobre as obras de arte e as relaciona com o registro nos livros de contas da família.

Mesmo então, não tem certeza se as obras são os originais. Tem conhecimento de que Luca o Vigarista encomendou cópias de muitas obras dos mestres. Por isso, aquelas peças devem ser examinadas por peritos. Enquanto não forem declaradas autênticas, não há base para uma contestação. Em tudo isso, não se pode atribuir qualquer culpa ou suspeita a Max Mather. Ele agiu com absoluta decência. Se em algum estágio posterior seu direito às obras for contestado, só pode ser por motivos civis, não criminais...

Em tudo e por tudo, parecia uma excelente posição legal. Max Mather podia acalentar dúvidas particulares sobre sua moralidade, mas não se devia esperar que as tornasse públicas e se marcasse como um homem ganancioso ou venal. Afinal, os Palombini também jogavam duro. Só tinham uma regra: que o outro tomasse cuidado. Não era impossível que eles se mostrassem dispostos a entrar num acordo para recuperarem os quadros. Seria outra situação a cogitar, se algum dia o jogo se tornasse duro demais.

A consciência assim embalada para um descanso momentâneo, a próxima providência era tirar as obras da Itália. Um momento de reflexão convenceu-o de que deveria fazer isso imediatamente. Poderia chegar a Milão de carro em duas horas e meia, pegar o último voo para Zurique, visitar seu banco pela manhã, deixar os quadros no cofre e voar de volta à tarde. Depois, poderia dormir tranquilo e planejar calmamente um próspero futuro!

Mather ajeitou os quadros e os desenhos em cima da escrivaninha, um a um, tirou uma série de fotografias coloridas, com o flash. Com infinito cuidado, tornou a enrolá-los e meteu no invólucro de lona. Meio sem jeito, reconstituiu a costura, derreteu a cera com um isqueiro e lacrou outra vez o pacote. Descobriu que o invólucro ajustava-se com perfeição na mala-cabideiro que usava para seus ternos e ainda deixava espaço para um paletó e uma calça. Isso e mais uma muda de camisa e roupa de baixo eram tudo o que precisava para a viagem por um dia. Verificou a carteira — dinheiro, passaporte, cartões de crédito, cheques de viagem. Com Pia, nos velhos tempos, adquirira o hábito de estar sempre

preparado para viajar de um momento para outro.

Pegou a mala e desceu. Na saída, encontrou com Luigi e seu assistente, um jovem alto e magro da aldeia. Mather agradeceu pelo trabalho já realizado e deu-lhes meia garrafa de *grappa*, a fim de encorajá-los a terminarem tudo até o dia seguinte. Já se encontrava quase na porta quando o telefone tocou. O guardião dos manuscritos estava na linha, muito excitado.

— Max, meu amigo! Uma grande e importante notícia! Nosso diretor está muito interessado em adquirir o arquivo. Gostaria de inspecioná-lo, junto comigo, na próxima terça-feira, às dez horas da manhã.

— Ótimo. Estarei aqui para recebê-los.

— E pode dizer ao *Signor* Claudio Palombini que há benefícios fiscais para o doador. Estão descritos numa carta que será remetida hoje para você.

— Isso é muito útil. Mais alguma coisa? Estou correndo para pegar um avião.

— Mesmo assim, quero que escute isso. Se o arquivo for aceito pela Biblioteca Nacional, é bem possível que eu seja designado curador e você certamente será inscrito em nosso Livro de Ouro de benfeitores!

— Não pode imaginar como me sinto comovido, meu amigo. Só lamento que tenha de partir tão depressa. Ligarei para você assim que voltar. Mas já está marcado, terça-feira, às dez horas da manhã. Estenderei o tapete vermelho. A presto! Ciao!

Mather desligou e encaminhou-se apressado para a garagem. Três minutos depois estava na estrada, a caminho de Milão.

As últimas semanas de seu acordo com Palombini transcorreram lentamente. A transferência do arquivo para a Biblioteca Nacional envolveu-o em discussões intermináveis com o diretor e exasperantes telefonemas para Palombini. A biblioteca sofria uma escassez de espaço para depósitos e instalações de conservação; por algum tempo, os documentos teriam de permanecer na Tor Merla. Surgiram também os problemas de segurança, seguro, responsabilidade de custódia e quem pagaria a conta. Os benefícios fiscais para Palombini eram menores do que ele esperava. Seus advogados recomendaram o contato com outras instituições... As coisas continuaram assim, até que Mather desejou que fossem todos para o inferno e ele para algum refúgio tropical.

Foi mais fácil lidar com Niccolò Tolentino. Ele circulou pelos cômodos e corredores da *villa* com um bloco de anotações, medindo telas, escrevendo, oferecendo apenas os comentários mais lacônicos sobre o que fazia. Sua atitude era tão brusca que Mather julgou necessário perguntar se ofendera o homenzinho de alguma forma. Tolentino franziu o rosto em perplexidade.

— Se estou ofendido? Mas como você poderia me ofender? Somos amigos...

Se quer saber por que estou irritado, sempre fico assim quando trabalho. Preciso me manter sozinho. Não posso me distrair com perguntas e comentários. Mais tarde discutiremos tudo. Mais tarde...

*

E depois chegou o momento de Anne-Marie deixar Florença. Mather promoveu uma grande festa de despedida no Gallodoro. Todos os amigos de Anne-Marie compareceram — estudiosos, artesãos, pintores, escultores, o pessoal das galerias —, a multidão não começou a se retirar antes das duas horas da madrugada. Mather levou-a para casa, através da cidade adormecida — uma insólita peregrinação nostálgica, que para ambos assinalou o fim de uma vida e o início de outra. Anne-Marie lhe disse:

— Foi um final maravilhoso para um período absolutamente maravilhoso. Obrigada, Max.

— Eu é que devo lhe agradecer, por me permitir partilhar os bons tempos.

— Teremos mais em Nova York.

— Tenho certeza que sim. Como se sente diante da volta?

— Contente... mas também assustada. Só espero ser bastante competente para sobreviver entre as feras.

— Vai conseguir. Jamais duvide disso. Não deixe que o medo prejudique suas convicções em relação a si mesma. Conviveu aqui com o melhor, absorveu tradição com o café da manhã. Não está mais adivinhando. Você sabe! Seja forte no conhecimento.

— Está bem, maestro. Não o decepcionarei. E quais são os seus planos?

— Irei primeiro para a Suíça. Tenho negócios a resolver em Zurique. E depois me presentearei com umas férias na neve. Provavelmente farei um circuito pelos lugares, encontrando velhos amigos, fazendo alguns novos... estou precisando. Espero chegar em Nova York ao final de janeiro.

— E pensará na possibilidade de trabalharmos juntos?

— Já estou remoendo algumas ideias. Tenho certeza de que poderemos acertar alguma coisa. Em que estágio você se encontra agora?

— Coisas interessantes estão acontecendo. Um corretor ofereceu-me o arrendamento de uma galeria no SoHo. Pertence a um homem chamado Ed Bayard, advogado da Associação de Negociantes de Artes da América. A esposa era pintora e morreu em circunstâncias trágicas há algum tempo. Ele próprio é um colecionador bastante conhecido. Talvez possa até conseguir um locador e um cliente ao mesmo tempo.

— Parece promissor.

— E é... mas o que me diz de você? O que realmente quer fazer, Max?

— Em termos profissionais ou pessoais?

— As duas coisas.

— Já lhe disse. Estou cansado de dependência. Devo assumir o controle da minha vida. Para isso, preciso ganhar dinheiro... e muito dinheiro, se possível. Como realizar esse objetivo? Não sou criativo. Não sou como um pintor ou escritor, cujo dinheiro está na cabeça. Tenho de negociar o que tenho, em termos de conhecimento e experiência. É o motivo pelo qual estou seguindo para a Suíça, a fim de obter conselhos legais e financeiros sobre a melhor maneira de começar.

— Pretende permanecer na Europa?

— É uma opção que estou considerando. Sou um poliglota. Sinto-me à vontade nos dois lados da lagoa. Por que pergunta?

— Porque se você ficar aqui e eu em Nova York, poderemos promover algumas boas operações... intercâmbio de artistas, compra e venda nas duas direções, importação e exportação de exposições... Pense a respeito, Max. Prometa que pensará nisso com muito cuidado.

— Prometo.

— Não sei se sabe o quanto sentirei saudade de você.

Ele parou, levantou o rosto de Anne-Marie para a lua e beijou-a de leve nos lábios.

— Claro que sentirá saudade de mim. E eu de você. Mas sejamos honestos, meu bem. O luto não vai durar muito em Manhattan. Você estará afundada até os joelhos em machos aceitáveis e até os olhos em novas ambições. Mas nós dois seremos sempre amigos, porque sabemos como soletrar as palavras e nunca precisamos de um dicionário para saber o que significavam. Talvez seja menos do que precisamos para nos tornarmos os maiores amantes do mundo, mas é muito mais do que uma porção de outras pessoas encontram durante a vida inteira... Portanto, vamos nos apressar para chegar em casa antes que o frio nos envolva e percamos o calor tão agradável da festa!

Sua própria saída de Florença foi muito menos cerimoniosa. Ele concluiu o esboço final da doação e enviou-o à Suíça para a assinatura de Palombini. Recebeu o inventário e avaliação de Tolentino das obras de arte para entregar aos advogados do espólio. Quando comentou a quantidade de obras com as anotações de "atribuída a", "escola de", "cópia por mão desconhecida", "cópia, possivelmente contemporânea", Tolentino ofereceu uma explicação delicada:

— É o melhor que pude fazer, Max, tendo em vista que o velho Luca me pagou primeiro para proteger seus interesses... Minhas anotações provocarão

luzes vermelhas piscando em qualquer casa de leilões respeitável. Depois disso, caberá ao comprador tirar suas próprias conclusões...

— Compreendo perfeitamente, Nicki. Eu nem devia perguntar. Você é o perito. O documento é seu. Mas uma coisa me interessa. Deu pela falta de muitos velhos amigos da coleção?

— E não foram poucos, Max; mas se quer que eu os indique, não o farei. Lembre-se de que existem pelo menos duas versões de cada obra: a original e minha cópia. Seria uma loucura perigosa especular sobre o paradeiro de cada uma agora, como foi adquirida pelo atual proprietário.

Mather riu.

— Não está exagerando um pouco?

— De jeito nenhum! — O homenzinho foi bastante enfático. — Vamos supor, como acontece com frequência, que o dono de uma importante obra de arte a ofereça a seu banco como garantia por um empréstimo. Vamos supor que você ou eu, por uma palavra incauta, façamos a sugestão de que pode ser uma falsificação. O banco cancela o empréstimo. O crédito do tomador é destruído ou bastante prejudicado... Vamos supor um caso mais extremado. O comprador pagou muito dinheiro por uma falsificação. Procura o homem que vendeu o quadro e lhe dá um tiro... Mas quem pode fazer o julgamento final entre o original e a cópia? Um pequeno grupo de peritos, usando modernas técnicas de laboratório. E eu mesmo, é claro. Meu código particular está pintado em cada cópia que produzi.

— Posso saber qual é?

— Não pode, não. É uma marca pessoal, que somente eu posso identificar.

— Perdoe-me, Nicki. Esqueça que perguntei.

— Esquecerei e perdoarei... desde que você dê um jeito para que aqueles malditos advogados me paguem logo.

— Estarei com eles hoje para receber meu legado. Tentarei fazer com que preencham seu cheque na ocasião...

— Você é um bom sujeito, Max. Vamos sentir saudade de você.

Era agradável de ouvir, mas no fundo de seu coração Mather conhecia a verdade que cada estrangeiro na Itália acaba aprendendo, mais cedo ou mais tarde: a família vem em primeiro lugar, os amigos do sangue e coração em seguida, os amigos estrangeiros são um luxo dispensável, porque subsistem fora da intrincada teia de direitos e deveres e débitos e créditos que mantêm a sociedade coesa. Assim... um abraço, uma despedida, uma troca de presentes — um desenho a lápis de Tolentino, uma edição de Petrarca do século XVIII de Mather — e a cerimônia foi encerrada.

No escritório dos advogados foi tudo uma polidez brusca. Claro, sem dúvida, o cheque de Tolentino seria remetido pelo Correio ainda naquela tarde. Tome aqui, Sr. Mather, é uma ordem de pagamento em dólares no valor do legado, pela qual gostaríamos de um recibo. Fomos informados que desocupará a Tor Merla pela manhã e entregará as chaves a Matteo, o mordomo.

— Não precisam de mais nada de mim?

— Nada mais, Sr. Mather, exceto agradecer-lhe em nome da família pelos serviços que prestou e desejar-lhe boa sorte no futuro.

— Obrigado, senhores... e bom dia!

Mather mal podia acreditar em sua sorte. Ninguém se dera ao trabalho de pedir que identificasse ou assinasse um recibo pelo *memento* que tirara dos arquivos. Já estava na metade do caminho para a *villa* antes de perceber a lógica latina da omissão. Para todos os efeitos e propósitos, os arquivos haviam passado da família para o Estado. Cabia ao Estado cuidar de tudo. A família não estava mais interessada. Os Palombini haviam sido instruídos ao longo dos séculos na máxima de que qualquer coisa que não proporcionasse um florim — homem, mulher ou oliveira — não valia um segundo pensamento.

...O que significava que Max Mather estava legalmente de posse de dois retratos putativos e uma coleção completa de desenhos de Raffaello, todos com uma proveniência impecável. A única dúvida que pairava sobre os retratos era a possibilidade de serem cópias feitas por Niccolò Tolentino...

Enquanto guiava pela escuridão crescente, a caminho da Tor Merla, Max Mather desatou a rir. Agora havia tempero no jogo e, com sorte e um planejamento cuidadoso, poderia obter uma fortuna ao final.

2

O primeiro aniversário da morte de sua esposa, Edmund Justin Bayard, advogado, tinha um encontro marcado na Coleção Frick, na Quinta Avenida.

A distância não era grande: dez quarteirões de seu apartamento na Park Avenue, depois mais dois quarteirões transversais pela rua 70. O espaço de tempo era muito maior: doze meses de existência como um recluso, um deserto desolado de dias em que funcionara como uma máquina, preciso, previsível, num ritmo perfeito, desapaixonado.

Contudo, naquele dia claro de inverno a máquina transformou-se num homem, subitamente ansioso pela visão, som e contato de seus semelhantes. A peregrinação à Frick era a sua concessão a qualquer divindade hostil que governava o universo casual.

Um grupo de câmara da Juilliard tocaria o Concerto para Clarinete em Lá Maior, de Mozart. A música ligeira e formal condizia com seu ânimo de elegia. Madeleine adorava aquele lugar e todas as suas certezas elegantes.

— .. .Está tudo acertado — ela dizia, à sua maneira suave e enfática. — É um jantar congelado. Você pode aparecer este ano ou no próximo e escolher qualquer prato no cardápio.

A bem da verdade, todo o lugar era um esplêndido anacronismo: uma vi/la em estilo italiano ainda empoleirada com arrogância num terreno do mais alto valor em Nova York, com interiores projetados por um inglês eduardiano, uma coleção de quadros, esculturas, móveis e ornamentos, que refletia a vida suntuosa de seu fundador, ressalvado o gosto do grande Duveen, um extraordinário negociante de arte. Henry Clay Frick, cujo busto enfeitava o vestíbulo, ganhara sua fortuna com o carvão e aço em Pittsburgh. Fora baleado e apunhalado como um inimigo do povo, mas sobrevivera para se tornar seu benfeitor póstumo, com parques, hospitais, dotações educacionais e aquela coleção de obras-primas.

Com uma saudação silenciosa à imagem de mármore, Bayard encaminhou-se apressado para o Salão Sul e entrou no Salão de Estar, que para Madeleine sempre fora o centro da coleção. Era como se ela estivesse ao seu lado agora. Também pintora, ela era tão obcecada quanto os holandeses por interiores e compunha pequenas improvisações verbais para fixar a qualidade em sua visão.

— ... Posso imaginar como deve ter sido sentar nesta sala numa noite de inverno, o fogo ardendo, café e conhaque servidos, os criados já tendo se

retirado. E lá está o próprio Henry Clay Frick, com São Jerônimo a fitá-lo de cima da lareira e os dois inimigos mortais, Thomas More e Thomas Cromwell, a se fitarem através das chamas. Há dois Ticianos olhando por cima de seu ombro: Aretino, que morreu rindo de um piada obscena, e um jovem com uma touca vermelha, acalentando os sonhos da juventude. Enquanto isso, o São Francisco de Bellini olha para o céu em êxtase. Não há um som do exterior, por causa da neve; e como as pessoas estão muito quietas, devem se sentir contentes. O Sr. Frick transborda de boa vontade e filantropia, pode perdoar até mesmo o anarquista que tentou matá-lo...

Para Madeleine, não houve tempo para a absolvição. Fora mortalmente apunhalada em seu estúdio, num armazém no SoHo. Um crime sangrento e sem sentido, cometido, segundo a polícia, por um viciado, desesperado em conseguir uma dose. Nem o assassino nem a arma do crime jamais haviam sido descobertos.

A lembrança daquele dia levara Bayard muitas vezes à beira da loucura; mas agora ele podia contemplá-lo com uma estranha isenção, como uma ilustração num livro de história, além do contexto de sua vida pessoal. O drama se esgotara — fora encenado e reencenado até a extinção. Ele passara muito tempo ausente do mundo cotidiano. Estava na hora de voltar às atividades dos vivos.

— Sr. Bayard? Sr. Edmund Bayard?

Ele virou-se para fitar a pessoa que o interpelava. À primeira vista, tinha uma estranha semelhança com o retrato de Lady Meux feito por Whistler, no Salão Oval. Sua resposta foi brusca:

— Isso mesmo, sou Bayard.

— Anne-Marie Loredon. Foi muito gentil em sugerir que poderíamos nos encontrar aqui.

— A filha de Hugh Loredon! Mas é claro! Eu não o vejo há muito tempo. — Ele deu de ombros, num gesto depreciativo. — Larguei tudo desde que minha esposa morreu. Hoje é o aniversário de sua morte.

— Foi muita gentileza sua concordar em se encontrar comigo.

Pela primeira vez ele sorriu e o sorriso o fez parecer dez anos mais jovem.

— Absolutamente. Fico contente por sua companhia. Vamos fazer o circuito?

Ao chegarem ao Salão Oval, ele já se encontrava bastante relaxado para postá-la ao lado do retrato de Valerie, Lady Meux, a fim de verificar se havia mesmo uma semelhança. Anne-Marie protestou:

— Ela é muito mais bonita do que eu.

— Eu não pensava em beleza — explicou Bayard, sorrindo. — Ela era desenfreada, como creio que você pode ser. Veio do nada, casou com um barão da cerveja e criava a maior confusão, feliz, onde quer que fosse. Soube que certa

ocasião ela apareceu numa caçada à raposa montada num elefante.

— E acha que eu poderia fazer isso?

— Pode, sim — respondeu Edmund Justin Bayard, em tom ponderado. — Creio que é bem possível.

— E pode perceber tudo isso no retrato?

— Claro que não. Estou apenas exibindo a minha coleção de informações inúteis. — O sorriso desapareceu e ele puxou-a para o seu lado, ficaram estudando o quadro. — Não tenho certeza de quanto resta do que Whistler realmente pôs aí. Alguns de seus materiais eram instáveis e algumas de suas técnicas discutíveis. O tempo não foi muito generoso com todos os seus quadros. É o caso do Montesquieu, por exemplo...

Ele parou de falar, subitamente embaraçado com o próprio pedantismo. Anne-Marie tentou estimulá-lo.

— Continue, por favor. Estou muito interessada.

Ele deu de ombros e declinou.

— Minha esposa era a pintora. Sou apenas um colecionador Ela me emprestava seus olhos e intuições. Criamos juntos a coleção.

— Eu adoraria conhecê-la.

— E vai conhecer. Prometo... Mas vamos deixar Whistler e conversar com alguns dos homens importantes na West Gallery. Pode me dizer o que precisa de mim enquanto andamos.

— É muito simples. Possui um estúdio no SoHo?

— Como sabe?

— O corretor com quem estou negociando me informou. Eu gostaria de arrendá-lo.

— Para quê?

— Para instalar minha própria galeria.

— É um projeto ambicioso.

— Acho que estou preparada. Passei toda a minha vida de pós-graduada no negócio de arte. Fui treinada na Sotheby's. Trabalhei na Agnew's e na Marlborough, fiz cursos de verão patrocinados pela Belle Arti em Roma e Florença. Ainda sou uma neófita, mas tenho a impressão de que estou muito mais qualificada do que inúmeras pessoas com placas de latão na rua 57. Não concorda?

— Não disponho de informações suficientes para emitir uma opinião.

O tom era seco e imparcial. Quando o fitou, com alguma surpresa, Anne-Marie teve um vislumbre do outro Edmund Bayard: o advogado de olhos frios, terceiro na lista de sócios de uma prestigiosa firma de advocacia mercantil, cujas opiniões mereciam altos honorários e um profundo respeito. Ela resolveu

desafiá-lo:

— Está se esquivando a uma resposta. Por que eu não daria uma boa *marchande*!

— Não há motivo nenhum. Eu estava apenas ressaltando que uma educação nas belas-artes é somente o primeiro passo. Assim como o diploma da faculdade de direito é apenas o começo na minha profissão... Há um elemento fiduciário nas duas atividades. Você é a intermediária entre comprador e vendedor. Ambos têm de confiar em você. "Que o comprador tenha cuidado" é um péssimo lema no negócio de arte. Tem havido muitas falsificações, atribuições erradas e vigaristas no mercado. Inflacionaram os preços e aviltaram a moeda.

— É um discurso e tanto, Sr. Bayard. Por que se importa tanto?

— Tenho de me importar. Seu pai deve ter-lhe dito que nossa firma representa a Associação dos Negociantes de Arte da América. Temos de fazer pelo menos alguma coisa para mantê-los honestos.

— Estou impressionada!

— Não precisa ficar... Vamos conversar sobre essa sua galeria... Tenho certeza de que compreende que é preciso muito tempo para formar uma lista de clientes e o tipo de reputação que atrai a atenção da imprensa e dos grandes compradores.

— Meu pai prometeu ajudar. Entrará com algum dinheiro para garantir o arrendamento da galeria.

Bayard lançou-lhe um rápido olhar de esguelha.

— Seu pai já verificou as instalações?

— Não. Isso é atribuição minha. Ele não vai se intrometer... O dinheiro será apertado, mas não importa. Estarei fazendo o que quero e me divertindo.

Bayard acenou com a cabeça em aprovação.

— É o segredo do negócio... sentir satisfação. Enquanto gostar do que faz, as possibilidades são de que será competente. Infelizmente, há muito pouca diversão em minha vida desde que minha esposa foi morta.

— Soube do que aconteceu quando estava na Itália. Lamento...

— Não precisa se afligir. Já é história agora. Só mencionei porque acho difícil estar na companhia de alguém sob falsas aparências.

Anne-Marie mostrou-se surpresa.

— É um estranho comentário.

— Não tenho outra forma de me expressar. Parece que perdi a aptidão para a comunicação polida.

— Viveu sozinho durante todo esse tempo?

— Sozinho? Não. Solitário, sim. Tenho um casal filipino que cuida da casa para mim. Mantenho-me ocupado no escritório durante o dia. Vou ao teatro,

concertos, exposições. Passo os dias com muitas pessoas, mas me esquivo a qualquer contato mais profundo. É algo como a existência de um sonâmbulo.

— Por opção?

— Claro que não! — Ele se tornou subitamente veemente. — Tem de compreender! Um crime como este é uma maldição para o sobrevivente. Permaneci à margem da sociedade porque me sentia como um leproso, com um sino pendurado no pescoço, obrigado a me declarar impuro.

— Como acabou de fazer comigo.

— Isso mesmo.

— Então me fez um elogio. Agradeço.

— O que vai fazer no resto do dia?

— Não sobra muita coisa. Estou aberta a sugestões.

— Então vamos para o meu apartamento. Eu lhe mostrarei minha coleção e também a de Madeleine. Podemos discutir o problema do arrendamento e depois jantaremos em Le Cirque. O que me diz?

— Eu gostaria muito.

Enquanto desciam pela Madison, Bayard fez a pergunta ritual:

— É casada?

— Não.

— Comprometida com alguém?

— Não. Sou uma mulher ocupada e feliz. Enquanto desenvolvo minha carreira, prefiro permanecer livre.

Ele conduziu-a a um prédio de apartamentos antigo, mas ainda elegante, atravessaram o saguão sob o olhar curioso do porteiro e subiram no elevador para a cobertura.

Ela esperava alguma coisa pesada e antiquada: talvez painéis de carvalho, uma decoração de época certamente, um acervo atravancado de objetos caros de uma pessoa de meia-idade, uma preocupação exagerada com os detalhes típica do homem que vive sozinho. Em vez disso, havia muita claridade e espaços abertos, uma quantidade mínima de móveis, projetados para o conforto informal. Todas as paredes que não faziam parte da estrutura haviam sido removidas, de tal forma que um espaço fluía em outro, sem perder seus contornos particulares, sua própria área de privacidade. Livros, quadros e esculturas estavam dispostos de maneira a acompanharem o ritmo do espaço e luz, a fim de poderem ser desfrutados à vontade, contemplados com lazer. Anne-Marie não escondeu sua surpresa.

— Mas isso é extraordinário! Muito diferente do que eu imaginava. Quem projetou?

— Madeleine. Ela tinha ideias maravilhosas sobre espaço habitável.

Costumava dizer: "Paredes e portas não criam privacidade. Depois que se resolve o problema de aquecimento e refrigeração de grandes áreas... e é sempre possível... por que dividi-las em cubículos?" No começo, não acreditei muito em suas teorias, mas deixei-a fazer o que queria. Este é o resultado. A única mudança que fiz foi transformar a sala de jantar numa galeria para seus quadros. É uma sala enorme, como vai verificar... e não ofereço mais jantares. Estou guardando essa vista para o final.

Por um momento, Madeleine, morta há doze meses, era uma presença palpável na sala. Anne-Marie experimentou um súbito arrepio de medo. A morta deveria continuar enterrada e deixar que os vivos cuidassem de suas vidas. Ela perguntou, com uma isenção cuidadosa:

— Onde Madeleine expôs suas obras?

— Ela nunca fez uma exposição. Vendia particularmente, por intermédio de Lebrun. Mas tenho pensado em promover uma exposição póstuma. Há cerca de cinquenta obras, no total. Estarei interessado em sua opinião depois que as vir... De qualquer forma, vamos primeiro à excursão de cinco dólares...

— Vá na frente. Eu o seguirei.

Ela sentiu uma súbita necessidade de restabelecer um contato físico que excluísse o fantasma. Estendeu a mão, obrigando Bayard a pegá-la e iniciar o circuito por seus domínios.

*

— ...Nossa coleção conjunta começa aqui. Esta tela é de Annibale Caracci, um dos três irmãos que pintaram em Emilia, na última metade do século XVI e início do XVII. Como provavelmente sabe, uma coleção inteira das obras Caracci foi vendida em Londres por uma ninharia, em 1947. Encontrei este quadro na loja de um antiquário em Devon... A tela seguinte é um achado de Madeleine, uma das primeiras versões de Algas e Mar Azul, de Milton Avery... Todas as peças americanas foram escolhidas por Madeleine. Sou responsável pelas estrangeiras.

— Como explica isso? Qualquer dos dois se reservava o direito de comentar a escolha do outro? Quem tinha a palavra final sobre o dinheiro?

Bayard lançou-lhe um olhar rápido e avaliador, depois sorriu.

— Sei agora que você será uma *marchande* competente! Primeiro, quer saber quem toma as decisões em matéria de gosto, depois quem assina os cheques!

— Não acha que é questão procedente?

— Claro. E tentarei respondê-la. Toda a visão de artista de Madeleine era da

América urbana. Não importava o quanto ela viajasse, Manhattan ainda era o centro de sua mente. Interessava-se por história, mas apenas na medida em que ornamentava ou explicava o presente. Apesar disso, tinha uma grande preocupação com artistas que procuravam expressar outros aspectos do continente. Correspondia-se com eles. Viajava pelo país para encontrá-los. Comprava suas obras e ajudava-os a encontrar mercado. Acima de tudo, tinha respeito... Era um relacionamento muito especial, em que eu jamais quis me intrometer. Eu era e sou um animal diferente.

— Eu gostaria de saber que tipo de animal você é realmente — disse Anne-Marie, num tom deliberadamente provocante.

— Por que não olha para os quadros, em vez de me estudar?

— A repreensão de Bayard era apenas meio gracejo. — Este é um Klimt, que arrematei num dia de pouco movimento na Sotheby's.

— É uma beleza. Adoro a exuberância arrebatada e sedutora de suas mulheres... Você tem um olho para a qualidade.

— Sei disso, embora meu bolso não seja bastante profundo para permitir mais essa qualidade. Olhe para isto... um esboço para o que se tornou mais tarde o retrato de Madame Rivière, de Ingres. Adquiri há dez anos, por dois mil dólares... Tinha vinte e cinco anos quando comecei a comprar quadros. Estou com cinquenta agora. O preço da arte foi inflacionado muito além até mesmo das moedas mais inflacionadas. Assim, o *cinquecento* está além do meu alcance, os impressionistas são tão inacessíveis quanto Marte...

— Parece-me que tem se saído muito bem... É uma coleção importante e bastante valiosa. O que o levou a iniciá-la?

Ele refletiu sobre a pergunta por um momento.

— Creio que foi porque compreendi desde cedo como era vulnerável.

— Vulnerável? É uma estranha explicação.

— Pense um pouco. Sou advogado, um homem confinado a uma escrivaninha. Poderia facilmente me tornar também um homem de cérebro restrito. Por isso, sempre tive de procurar outras regiões para viver... um tempo distante, um lugar exótico, até mesmo uma família imaginária.

— Parece um tanto perigoso.

— E é mesmo, porque pode levar a um divórcio total da realidade, que é o que quase me aconteceu nestes últimos doze meses. Mas meu pai me ensinou outra maneira de usar a imaginação. Era um devoto dos ancestrais, um crente na continuidade. Ensinou-me a conhecer a história numa galeria de arte, através dos trajes e arquitetura, dos detalhes da vida cotidiana. Era médico e me fez aprender a história das artes curativas, de Esculápio à tribo arunta, da Austrália. Costumava dizer: "Ontem, hoje e amanhã, somos todos um só no rio do tempo.

Aqui e ali, é tudo a mesma terra, porque todos os lugares coexistem na mente única."

— Um homem sensato. Eu teria gostado de conhecê-lo.

— Eu o amava. Meu maior pesar é que Madeleine e eu não lhe demos um neto antes de sua morte.

Era como se uma barragem tivesse rompido e todas as lembranças represadas por tanto tempo transbordassem agora, num fluxo incontrolável e escumante. Os quadros nas paredes assumiram um brilho de vida nova, cada um investido com uma aura de memória pessoal.

— Este é um desenho a lápis de minha avó francesa, feito por Tissot, quando pintava em Londres. Foi uma linda mulher, muito cortejada na juventude. Quando a conheci, no entanto, era uma velha formidável e não se mostrava muito orgulhosa do neto gaúche. Mas creio que a verdade é que ela não gostava de crianças. Lembravam-na de sua idade... Não acha que Tissot sabia de fato pintar mulheres? Repare na cabeça empinada, a curva sutil dos lábios. Ele tinha muito mais sutileza do que os estudiosos admitem. Seus quadros tinham sempre um acabamento primoroso. Pode-se contemplá-los por um longo tempo...

— Admira isso, não é mesmo? A visão de acabamento primoroso?

— Não é pela visão. — Bayard estava ansioso em explicar. — É o talento, a habilidade para executar qualquer coisa que se escolhe... um instante de brilho ou uma contextura esmerada, que se projeta pelos séculos... Dê uma olhada nesta coisa linda. Ao primeiro olhar, pode-se jurar que é um Monet. Na verdade, foi pintado por um japonês, Seiki Kusoda, por volta de 1912. Foi-me dado por um cliente de Kioto, para quem organizei uma filial americana... O próprio cliente era um homem dos mais interessantes. O pai era um fabricante de blocos xilográficos para livros de colorir infantis. Passou o ofício para o filho, que construiu uma das melhores gráficas de *offset* do Japão. Ele se ofereceu para produzir o catálogo ilustrado, se algum dia eu resolvesse produzir uma exposição das obras de Madeleine...

Anne-Marie foi dominada de repente por um ímpeto de apreensão. A coleção lhe causava a mesma impressão que o homem. Era de certa forma difusa, indefinida, um amontoado de peças valiosas, sem qualquer coerência. Abruptamente, ela disse:

— Há muita coisa aqui para eu absorver de uma só vez. Gostaria de suspender o circuito e ver logo as obras de Madeleine.

— Mas claro! Fui muito insensato. Lamento ser um guia um tanto tedioso.

— Não é tedioso. Apenas não percebe o impacto emocional que cria, no meio de uma coleção que reflete tanto de sua vida. Se quero apreciar a obra de sua esposa, preciso concentrar toda a minha atenção nisso.

— Poderíamos deixar para outro dia, se preferir.

— Não. Gostaria que fosse agora.

— Nesse caso, poderia me fazer um favor? Eu gostaria que visse os quadros sozinha.

Anne-Marie sentiu-se inquieta no mesmo instante.

— Por quê?

— Não posso mais ver os quadros de Madeleine... apenas uma única e brutal imagem de violência. Quero que veja a obra com olhos críticos, olhos de *marchande*. Pergunte a si mesma se pode honestamente aceitá-la como uma empresária no mercado. Dê-me o seu melhor julgamento. Bom ou mau, não vou me importar... quero apenas que seja franca.

O instinto dizia a Anne-Marie que aquele era um momento perigoso, do qual podia depender todo o resultado de suas transações. Consciente ou inconscientemente, Bayard a estava testando, avaliando em alguma escala particular, da qual ela nada sabia. Anne-Marie hesitou, procurando pelas palavras certas, depois indagou, incisiva:

— O que depende da minha resposta?

A resposta de Bayard também foi incisiva:

— Cada um de nós revelou um interesse particular. O seu é abrir uma galeria e se instalar como *marchande*. O meu é uma exposição póstuma da obra de Madeleine. Estou tentando determinar se esses interesses podem ser reunidos ou se devem ficar apartados.

— Não! — Ela estava subitamente furiosa. — Não! Não! Não! Já me deixou numa situação inadmissível. Você sabe que quero a galeria. Eu sei que você pode conceder ou negar o arrendamento. Se eu disser que não gosto da obra, vou ofendê-lo profundamente. Se eu disser que gosto, estou comprometida por uma decisão de interesse pessoal... Acho melhor encerrarmos tudo por hoje.

Bayard fitou-a em silêncio por um longo momento e ela não pôde perceber qualquer mensagem nos olhos frios ou na máscara impassível em que assentavam. E, depois, ele disse:

— Agora que conseguiu insultar a nós dois... por que não reparar a situação? Veja os quadros de Madeleine. E guarde a opinião para si mesma.

— Está me manipulando.

— Com que finalidade?

— Não sei. Apenas tenho a sensação de que estou abrindo aquela última porta fatal do castelo de Barba Azul.

Bayard inclinou a cabeça para trás e riu.

— Depois que descobrir o segredo de Barba Azul, ele estará esperando para servir um drinque e levá-la para jantar.

Ele abriu a porta, acendeu as luzes e deu um passo para o lado, a fim de deixá-la entrar na sala de jantar.

Anne-Marie foi dominada pelo pânico no momento em que a porta se fechou às suas costas. Encostou-se nela, os olhos fechados, gritando silenciosamente para dominar os nervos abalados:

"Mas o que você esperava? Deveria estar negociando um arrendamento. Em vez disso, deixou-se atrair para coquetéis com um viúvo de meia-idade que parece Cary Grant, fala como um personagem de Henry Jantes, tem uma história familiar fantástica e ainda por cima uma ressaca emocional. Há pelo menos seis milhões de dólares em obras de arte variadas penduradas em suas paredes e ele a empurra para esta enorme câmara branca porque deseja... é o que diz... uma avaliação independente do talento da falecida esposa... Pois muito bem, vá em frente! Dê tudo a ele! Quanto mais depressa o fizer, mais depressa sairá deste hospício!"

Ela abriu os olhos finalmente e tentou focalizar os quadros que tremulavam ao longo das paredes, como as bandeiras de um exército antigo.

Mais uma vez, a pura massa da obra intimidou-a e confundiu-a. Foi preciso um passeio longo e lento para obter algum foco. Em primeiro lugar e acima de tudo, Madeleine Bayard era uma tradicionalista, no estilo e educação. Seu trabalho artístico era impecável. As pinceladas eram absolutamente controladas. As harmonias da paleta eram clássicas. À primeira vista, tudo na tela era executado com tanto esmero que o espectador não ficava preparado para o choque do tema dominante.

Cada quadro era um interior de Manhattan: um apartamento de cobertura na parte alta da cidade, um cortiço no Harlem, uma loja, uma estação do metrô, uma passagem coberta, um barraco construído com caixotes, a cabine de um rebocador no rio. Ao primeiro olhar, cada interior retratava um episódio de vida urbana, interpretado com grande beleza, mas transmitindo de alguma forma instabilidade e apreensão. Depois, ficava evidente que todos os personagens se encontravam aprisionados em seu próprio meio, esforçando-se desesperados para rompê-lo. Eram atraídos — como também acontecia com o espectador — de maneira irresistível para um fragmento do mundo exterior: um gerânio numa jardineira na janela; uma longa perspectiva dos desfiladeiros da cidade, com apenas uma insinuação de céu e água na extremidade; uma gaivota solitária, sobrevoando um canal. Havia uma peça desconcertante que parecia uma Dormiçâo da Virgem, em que uma mulher, completamente imóvel, na arcada de uma igreja, contemplava, plácida e sem ver, uma garotinha que descia por uma rua coberta de neve.

Apesar dos cenários sombrios, todo o impulso da emoção da pintora era para

fora e para cima, em busca do sonho americano: uma esperança ainda visível, um paraíso ainda sonhado, uma liberdade que ainda não estava fora do alcance.

Madeleine Bayard devia se sentir pessoalmente aprisionada, de outro modo não poderia jamais ter pintado de forma tão pungente a frustração da alma encarcerada. Mas onde ou por que ela fora manietada? Pelo casamento com Bayard? Pelas restrições da vida urbana, o horizonte de concreto, a claridade diluída pela poluição, o movimento humano que atravancava as ruas de Manhattan? O que quer que fosse, um assassino enlouquecido a libertara. Agora era seu marido quem se encontrava escravizado à sua memória e, por alguma lógica estranha e invertida, usava a sua obra para se libertar. O que acarretou outra indagação para Anne-Marie Loredon.

"O que vai dizer quando sair desta sala?... Obrigada por me deixar ver a obra de sua esposa, Sr. Bayard. Muito impressiva. Agora, se não se importa, recusarei o jantar, irei para casa e lavarei os cabelos... Sabe que não pode fazer isso. É um insulto à sua própria inteligência... Está contemplando o tipo de talento que só surge uma vez a cada quarto de século. Não pode e não deve ser deixado a mofar neste mausoléu... E também não exagere o altruísmo, menina!

Está farejando dinheiro, muito dinheiro, e uma reputação a ser adquirida da noite para o dia. Portanto, vá até lá, como a filha de um competente leiloeiro, ofereça o que tem e até mesmo o que não tem. Se Edmund Justin Bayard quer ser persuadido, então trate de fechar o negócio. Se ele não quer, pelo menos saberá onde estão enterrados dois tesouros de arte; e isso vale uma considerável taxa de descoberta a qualquer momento!"

Era uma cena fácil de encenar na solidão e pantomima, mas não tão fácil de representar com um ator muito complexo no papel principal. Por isso ela permaneceu na sala por mais algum tempo, contemplando a imagem obsedante da mulher na arcada normanda de uma igreja elegante. Quanto mais a contemplava, mais parecia uma obra-prima, com a escultura magnífica das feições pálidas, a roupa refugada que sutilmente se transformava numa mortalha, o tratamento habilidoso de pedra cinzenta, luz de inverno e a inocência de uma criança solitária.

E, subitamente, ela experimentou outro pequeno calafrio de medo. A mulher que pintara aquele quadro era, mesmo na morte, formidável demais para se ter como inimiga. Precisava ser apaziguada, louvada, convertida numa amiga e aliada. Que melhor maneira do que se tornar sua patrona póstuma, a alma perceptiva e compadecida que levara seu gênio ao conhecimento do mundo?

Anne-Marie respirou fundo, encaminhou-se para a porta e passou para a sala de estar, a fim de confrontar Edmund Bayard. A saudação dele foi deliberadamente banal:

— O que vai beber?

— O que você está tomando?

— Um martíni de vodca.

— Está ótimo para mim.

— Liguei para o Le Cirque. Não podem nos arrumar uma mesa antes das nove horas.

— Fica um pouco tarde. Por que não nos limitamos a aproveitar os drinques?

— Como quiser. — Se ele estava insatisfeito, não deixou transparecer. — Azeitona ou casca de limão?

— Uma azeitona, por favor. E deixe-me ser objetiva e direta: estou impressionada com os quadros de sua esposa. Ela era e continua a ser um talento excepcional. A questão seguinte é o que pretende fazer. Em suma, tenciona manter a coleção intacta ou vender os quadros separados?

— Mantê-la pessoalmente não faria sentido. Teria de encontrar um lugar para a coleção em alguma instituição. A instituição, por sua vez, teria de projetar uma reputação póstuma e gastar muito dinheiro para organizar uma exposição itinerante. Se eu fosse diretor de uma instituição assim, recusaria cortesmente, em favor de coleções mais conhecidas. Não... — Bayard tornou-se subitamente tenso e enfático. — Eu amava minha esposa. Ela está morta, mas seus quadros a mantêm viva. Tenho de tirá-los de minha casa... e seu fantasma da minha cama!

Era um grito de puro desespero, mas Anne-Marie não respondeu ao apelo. Limitou-se a dizer, calmamente:

— Sendo assim, escolha as telas que quer conservar e ponha o resto à venda. Se fizer isso, eu gostaria de me oferecer primeiro para organizar a exposição de venda. Antes de qualquer outra coisa, porém, há uma decisão que precisa tomar.

— E qual é?

— A partir do momento em que os quadros estiverem em exposição, toda a história do assassinato de sua esposa voltará ao noticiário. Pode enfrentar isso?

— Parece que não há muita opção. Talvez uma confrontação pública final com o passado seja o remédio que poderá me curar.

— Quanto estaria disposto a suportar para que isso acontecesse?

— Não estou entendendo.

— Uma exposição tão divulgada faria com que o assassinato de Madeleine entrasse para a história da arte tanto quanto a orelha de Van Gogh.

— Está sendo implacável demais.

— É a verdade. Pode aceitar ou não, como preferir. É a sua vida que está em jogo.

— E o que está em jogo para você?

— Minha carreira. A exposição poderia me proporcionar um começo

espetacular. Mas antes de chegarmos a isso, no entanto, há mais problemas.

— Pode falar.

— Disse que sua esposa costumava vender por intermédio de Lebrun Há algum contrato ou até mesmo uma questão de cortesia que o ligue a ele?

— Absolutamente nada. Ele possui uma galeria pequena e bastante exclusiva, pela qual quadros de impressionistas e pós-impressionistas passam de espólios para o mercado. Suas transações com Madeleine eram feitas como um favor pessoal e numa base de quadro para quadro. Ele não saberia o que fazer com a coleção de Madeleine. Tem conhecimento de sua existência. Nem mesmo pediu para vê-la.

— Ótimo. Agora, vamos falar sobre o estúdio de sua esposa...

— É um velho armazém na West Broadway. Madeleine usava os dois últimos andares, o primeiro estava vazio. Pretendíamos reformar todo o prédio. Quando ela morreu, entreguei o lugar a um zelador e tentei esquecê-lo.

— Já estive lá. Tenho certeza que pode ser convertido numa galeria. Gostaria que fizesse um contrato de locação, com um aluguel razoável e opção de compra. Arrumarei tudo e montarei a exposição no lugar em que Madeleine criou as obras. Chamarei de "Liberation", pois é disso que os quadros tratam.

Bayard fitou-a em incredulidade total.

— Isso é macabro!

Anne-Marie partiu prontamente para o ataque.

— Macabro? Essa não! O que poderia ser mais macabro do que o mausoléu na porta ao lado, uma sala em que você nem mesmo consegue entrar?... Mas o problema é seu... Eu gostaria de tomar outro drinque.

— É sempre tão brutal assim?

— Só quando sou ameaçada.

— E eu a ameaço?

— Ameaça.

— Pelo amor de Deus, como?

— Acho que manipula as pessoas. Está tentando me manipular.

— É a segunda vez que usa essa palavra. Começo a considerá-la ofensiva.

— Pois então me arrume outra. Foi você quem falou sobre as regras básicas e o interesse mútuo. Foi você quem pediu uma avaliação de *marchande* sobre os quadros de sua esposa. Eu a dei. E fiz uma proposta para lançá-los no mercado. E propus também alugar uma propriedade que no momento não lhe rende coisa alguma. Creio que agora cabe a você responder.

— Pelo que me parece — disse Bayard, incisivo —, está me pedindo para aceitar seu talento em confiança e dotá-la com uma galeria e uma exposição de abertura.

— Nada disso! — Havia alguma raiva na voz de Anne-Marie. — Em relação à galeria, pagarei um preço justo pelo arrendamento. Quanto ao meu talento de *marchande*, aposta nele, como faria com qualquer candidato. No meu caso, o risco é menor, porque sou bem instruída, ansiosa e faminta... Pense um pouco a respeito.

— É o que farei, Srta. Loredon! — As feições tensas relaxaram num sorriso. — E não fique zangada comigo. Os advogados são brutos cautelosos. O que me leva à próxima pergunta. Suponhamos que tenha uma galeria e uma exposição inicial. O que fará depois? Como encontrará artistas para futuras exposições?

— Viagem, correspondência e telefone. Posso lhe dizer neste momento que talentos estão disponíveis em Taos, Toronto ou Cleveland. Tenho excelentes registros e correspondentes em Londres, Paris, Florença e Sydney, Austrália... Não estou preocupada com a continuidade como tal... mas apenas na continuidade do grande talento. Dc qualquer maneira, é um risco meu, não seu.

— Seria meu também se fôssemos sócios.

Anne-Marie demorou um momento digerindo a possibilidade, depois rejeitou-a categoricamente.

— Devo ser franca... eu não admitiria esse arranjo.

— Mesmo que eu a impusesse como uma condição para o nosso negócio?

— A resposta ainda seria não. Pense um pouco a respeito. O mercado sempre foi muito delicado. Com os preços astronômicos que os leilões alcançam hoje em dia, a ligação poderia ser fatal. Se houver o menor rumor de patrocínio ou associação entre nós dois, a exposição já começará fracassada; a reputação de Madeleine como pintora será destruída e minha carreira estará morta desde o primeiro dia... Além do mais, ambos conhecemos as regras do jogo. Você é frágil. Estou projetando uma carreira. Não vamos complicar nossas vidas.

— Eu gostaria muito de contar com sua amizade.

— E eu daria o maior valor à sua. Só não quero complicar um relacionamento profissional, uma situação comercial.

— O que parece ser mais importante para você do que qualquer outra coisa.

— No momento, é mesmo. Trabalhei com afinco e por muito tempo, preparando-me para a grande oportunidade. Do ponto em que me encontro agora, parece a maçã enorme e vermelha bem em cima da fruteira. Preciso apenas estender a mão para pegá-la.

— O que acontece se eu tirá-la de repente... não há arrendamento, não há exposição?

— Saberei então que é um homem cruel e destrutivo, não vou querer mais nada com você. Não vamos entrar em jogos, Sr. Bayard. É pegar ou largar. Negócio fechado?

Um século pareceu transcorrer antes que ele respondesse:
— Negócio fechado.

3

Max Mather seguiu de carro para a Suíça, através da cidadezinha de Chiasso, na fronteira, o final da linha de trem. Soprava um vento frio e caía uma chuva forte. Os italianos acenaram-lhe para que seguisse em frente e os suíços deixaram-no entrar com um mínimo de burocracia. Deveria estar exausto, mas a adrenalina era bombeada com pressão total. Foi direto para Zurique, registrou-se no Baur au Lac e dormiu até meio-dia do dia seguinte.

O primeiro lugar que procurou, depois do almoço, foi um laboratório fotográfico, mandando revelar as fotografias das peças de Raffaello e fazer dois jogos de ampliações.

Em seguida, fez uma visita ao cônsul-geral do Panamá, um cavalheiro polido e elegante, de quarenta e poucos anos. Fluente em espanhol, inglês, francês, alemão e italiano, suas palavras eram eloquentes e admiravelmente precisas. Explicou a Max Mather que por uma entrada e uma taxa anual ele podia adquirir, já pronta, uma companhia legal, registrada no Panamá, com um grupo de diretores panamenhos, um bloco de ações ao portador que constituíam seu título legal à companhia, um livro de atas e um documento de procuração, que lhe permitia ou a qualquer outra pessoa agir em nome da companhia.

Podia escolher o nome da companhia de uma Usta existente ou podia inventar um pessoalmente. No segundo caso, no entanto, haveria um período de espera. Assim, Mather escolheu um nome da lista — Artifax S.P.A. Quanto às funções da companhia, poderia ser qualquer coisa que ele quisesse, de perfuração de petróleo à fabricação de roupas íntimas femininas. Ele pagou ao consulado em dinheiro e foi direto ao Union Bank da Suíça, na Bahnhofstrasse. Ali, apresentando os documentos de registro e o bloco de ações, abriu uma conta para a companhia, com a ordem de pagamento em dólares do legado Palombini. Isso feito, alugou em nome da companhia um cofre grande, em que guardou os quadros, os desenhos e os documentos de fundação da Artifax S.P.A.

Tinha agora duas identidades, uma física e outra jurídica. A jurídica era uma cobertura quase perfeita, já que a verdadeira propriedade da companhia era adquirida, não necessariamente do comprador, mas sim do detentor das ações ao portador. Assim, uma identidade podia ser completamente divorciada da outra. Para completar a separação, Mather procurou um advogado, recomendado pelo banco, com uma cuidadosa relutância.

— Não costumamos fazer isso, Sr. Mather, mas no seu caso, um cliente

novo, um estranho em nossa cidade, vamos passar por cima dos regulamentos. Trata-se de um advogado bem-conceituado. Seu nome é Alois Liepert.

O advogado era elegante, quarenta anos, um sorriso cordial e um excelente domínio do inglês de Oxford. Tinha uma colega que apresentou como Dra. Gisela Mundt, ex-professora de jurisprudência na Universidade de Zurique. Ela parecia ter trinta e poucos anos, tinha uma risada contagiante, usava roupas caras e sob medida, era fluente em francês, italiano, inglês, alto-alemão e sua língua nativa, *Schweizerdeutsch*.

Mather entregou sua carta de apresentação do Union Bank. Alois Liepert concordou — por honorários de cinco mil francos suíços — em se tornar procurador de Max Mather, enquanto a Dra. Gisela Mundt seria representante da Artifax S.P.A., com uma procuração restrita. Assim, em apenas quinze minutos, foi criada uma ficção, pela qual a Artifax S.P.A. desfrutava de uma existência legal independente, com sua propriedade envolta por um sigilo quase impenetrável e seu patrimônio, possivelmente no valor de dezenas de milhões de dólares, guardado no cofre de um banco na Bahnhofstrasse. Concluído o acordo, a Dra. Gisela Mundt soltou uma risada satisfeita e disse:

— Agora nos possui, Sr. Mather. Como deseja aproveitar nossos serviços?

— Em primeiro lugar — disse Mather —, gostaria de saber como funciona o privilégio legal na Suíça.

— Entre advogado e cliente, o sigilo é absoluto.

— E entre advogado suíço e cliente estrangeiro?

— É a mesma coisa — garantiu Alois Liepert. — Somos um país neutro, uma válvula de segurança para o mundo. O sigilo é nosso patrimônio mais valioso. Sem isso, duvido que poderíamos sobreviver.

— Nesse caso — anunciou Max Mather, incisivo —, gostaria de fazer um depoimento, que vocês devem autenticar e guardar num cofre. Gostaria que fosse tão formal quanto possível, a fim de que vocês, como meus advogados, possam responder de boa fé a quaisquer indagações que venham a surgir no futuro, a meu respeito ou de meus negócios. Podem efetuar quaisquer investigações que desejarem para confirmar minhas declarações; mas depois de confirmá-las, exigirei com todo rigor que me aconselhem e ajam na defesa dos meus Interesses. Deverão me manter sempre dentro dos limites legais e não vão propor nem permitir que eu derive para áreas arriscadas ou indefinidas. Estou sendo claro?

— Está, sim — respondeu a Dra. Mundt. — Devemos incorporar a declaração que acaba de fazer numa instrução formal, que assinará mais tarde. Agora, se quiser começar a ditar... a máquina já está em funcionamento.

— Meu nome é Maxwell Mather. Sou cidadão americano. O número de meu

passaporte é 9378567. Sou solteiro. Por profissão, sou acadêmico. Tenho um doutorado em Paleografia em Princeton e um mestrado em História da Arte Europeia. Durante os últimos quatro anos estive contratado como arquivista da família Palombini, em sua *villa* chamada Tor Merla, perto de Florença. Também fui, durante todo esse período, o amante reconhecido da *Signora* Pia Palombini, proprietária da *villa* e chefe da família. Ela morreu há cerca de seis semanas, depois de uma doença prolongada, conhecida como *motor neurone*, durante a qual cuidei dela noite e dia. Seus legados para mim, registrados no testamento hológrafo... do qual entrego uma cópia, junto com este depoimento... foram os seguintes: dois anos de salário pagos em dólares americanos, todos os presentes pessoais que ela me dera, o automóvel que comprara para meu uso e um memento da minha escolha do arquivo em que trabalhava. A família não levantou objeções a esses legados. O executor testamentário, Claudio Palombini, foi pródigo nos louvores aos cuidados que dispensei à sua tia. A conselho meu, ele doou o arquivo à Biblioteca Nacional, em Florença. Pediu-me para ficar por mais algum tempo, a fim de concluir as negociações para a transferência. Nós nos separamos de maneira amigável e com respeito mútuo. É minha intenção estabelecer uma operação na Europa e América, como negociante e consultor de artes. Disponho de recursos suficientes e procurarei os dois, Dr. Liepert e Dra. Mundt, para os conselhos legais que venha a precisar, periodicamente... Fim do depoimento.

— É admiravelmente preciso — comentou Alois Liepert, parecendo perplexo.

— Mas o que não está claro é o motivo que o levou a fazer uma declaração tão vazia — acrescentou Gisela Mundt, em tom mordaz.

— Porque o presente que escolhi no arquivo foi um invólucro de lona, costurado com linha de sapateiro e lacrado com cera de abelha — explicou Max Mather, afavelmente. — Estava escondido sob uma pilha de documentos desde que eu começara a trabalhar no arquivo... Sou a única pessoa no mundo que tem conhecimento da existência do invólucro e seu conteúdo.

— E qual é o conteúdo? — indagou Liepert.

— Pode ser... repito, pode ser... dois retratos de Raffaello em madeira e um conjunto completo de desenhos para um retábulo. A proveniência das peças remonta a 1505.

— Portanto — disse Gisela Mundt, suavemente —, você pode ser um homem muito rico. Ninguém perguntou o que havia escolhido como lembrança no arquivo?

— Ninguém. Nem os advogados do espólio nem Claudio Palombini, com quem eu mantinha um contato regular.

— Isso não lhe pareceu estranho?

— Pareceu. Depois, pensando bem a respeito, compreendi que eles não tinham mais interesse pelo arquivo, que já estava sendo transferido para a Biblioteca Nacional. A família não se preocupava mais com o assunto.

Liepert e Mundt trocaram um olhar. Liepert fitou Mather e perguntou:

— É sua intenção conservar esse legado?

— É, sim.

— Estaria disposto a enfrentar um litígio judicial para mantê-lo?

— Claro.

— Onde estão os quadros agora?

— No cofre de um banco, aqui em Zurique.

— Como os trouxe da Itália?

— Carreguei-os pessoalmente, de forma legal.

— É ilegal exportar obras históricas valiosas sem autorização — ressaltou Gisela Mundt.

— Conheço bem a lei, Dra. Mundt. Declaro e posso provar que existe neste momento uma dúvida profunda sobre a autenticidade das obras, e assim não foi cometida qualquer infração.

— Qual é a dúvida que paira sobre as peças, Sr. Mather?

Mais uma vez, era Gisela Mundt quem o pressionava. Mather relatou longamente, em detalhes, suas conversas com Niccolò Tolentino, as cópias que ele executara para Luca Palombini, o Vigarista. Ao final da narrativa, ele fez um gesto largo de apelo.

— E agora, podem me dizer se estou ou não do lado certo?

— Se tudo o que nos contou é verdade — respondeu Alois Liepert, incisivo —, então não resta a menor dúvida de que está no lado da lei.

— Se está do lado certo... — Gisela Mundt ofereceu um sorriso insinuante — . ..isso é outro problema, que terá de responder pessoalmente. Lidamos apenas com a lei. Assim sendo, Sr. Mather, pode-se dizer que é um homem muito afortunado. Talvez possua uma fortuna incalculável e acaba de contratar dois dos melhores advogados de Zurique para mantê-la.

— Neste caso, passarei por aqui amanhã para assinar o depoimento — disse Max Mather, feliz. — Aqui está uma cópia do testamento, que se encontra arquivado no Anagrafe, em Florença. Também deixarei com vocês, amanhã, os negativos e um jogo de fotografias das obras. Sugiro que completemos o circuito com uma inspeção direta das peças, que se encontram num cofre do Union Bank. Se for conveniente para vocês, poderemos fazer isso logo depois que eu assinar o depoimento.

— E o que deseja que façamos depois disso? — indagou Gisela Mundt.

— Que permaneçam na mais absoluta inatividade — respondeu Max Mather. — Não façam nada até receberem instruções minhas. Quero me proporcionar um mês de férias. Em seguida, veremos... Obrigado pela atenção. Até amanhã.

Depois que ele se retirou, Liepert e Mundt se fitaram. Mundt fez a primeira pergunta:

— O que acha dele, Alois?

— Creio que está dizendo a verdade. Qual é a sua impressão? Gisela Mundt tinha uma expressão pensativa.

— Ele me interessa. Interpretei-o como um acadêmico que nunca assumiu um risco na vida. É como uma andorinha-de-casa, sempre aninhada sob os telhados. Agora está livre e voando com os falcões. E parece gostar. Só espero que não seja despedaçado.

Max Mather chegou em Nova York esguio e bronzeado, depois de um mês esquiando nos Alpes. Foi para um apart-hotel no Upper East Side. Arrumou seus livros e papéis, deu telefonemas suficientes para se reintegrar nos circuitos de Manhattan e começou a tramar o próximo estágio de sua campanha, que era o de preparar, a longo prazo, um mercado comprador para os tesouros que acreditava possuir. Não estaria pessoalmente envolvido na transação. Tudo seria negociado pela Artifax S.P.A. Poderia, no entanto, com absoluta correção e segurança, atiçar o interesse público, com algumas revelações e especulações. Aprendera muito sobre o mercado de arte com Niccolò Tolentino, com os *marchands* e conhecedores de Florença, assim como em suas viagens com Pia.

Outra parte e igualmente importante do exercício era permitir-lhe prosseguir sem qualquer contestação à sua propriedade ou sem litígio judicial, que impediria a venda das peças.

Todo o exercício despertava seu senso de humor. Encenava uma fantasia que não era mais uma fantasia, tornara-se uma *fantasquerie*, um capricho como o de um jogador que joga com o dinheiro da casa, quer ganhe, perca ou empate.

Seu gambito inicial foi um almoço com Harmon Seldes, editor-chefe da revista Belvedere, um dos gurus reconhecidos do mundo da arte. Seldes foi um peixe difícil de fisgar. Cultivava uma reputação de elegância, alheamento e autoridade olímpica. Ao final, no entanto, o charme experiente de Mather — e o fato de que também estudara em Princeton — prevaleceu e o almoço foi marcado.

Seldes compreendia os mecanismos de patrocínio e promoção. Um tanto esnobe, sentiu-se atraído pela noção de um arquivista particular de uma família nobre. Um infatigável levantador de recursos para grandes projetos, ficou impressionado por saber que Mather articulara a doação do arquivo Palombini para uma instituição pública. Estava curioso, querendo saber por que Mather o

procurara. Com uma modéstia cuidadosa, Mather explicou:

— Estou fazendo um estudo sobre economia doméstica em Florença no início do século XVI, trabalhando com livros de contas da época. Peguei-os de empréstimo do arquivo Palombini.

— Parece interessante.

Seldes mantinha-se polido, mas neutro.

— A maior parte é corriqueira e enfadonha, mas creio que ao final terei algo valioso. Contudo, não é esse o motivo pelo qual o procurei. O fato é que deparei com algo bastante curioso e não sei o que fazer... ou mesmo se devo fazer alguma coisa. Pensei que você, com sua longa experiência e todas as ligações no mundo das artes, poderia estar disposto a me aconselhar.

— Essa coisa bastante curiosa... o que é exatamente?

— Dois retratos de Rafael e cinco desenhos para um retábulo, nenhum dos quais aparece no *catalogue raisonné*.

Seldes ficou aturdido.

— Está querendo dizer que viu essas peças? Foram-lhe oferecidas? Autenticou-as? O que aconteceu?

— Posso provar que foram pintadas e pagas. Posso até fornecer a data... outubro de 1505. Ainda é obscuro o que aconteceu com as peças depois. Mas eu gostaria de lhe mostrar o registro que encontrei. Não é algo que se possa carregar facilmente e por isso pensei que depois do almoço talvez quisesse dar um pulo ao meu apartamento. Fica a apenas dois quarteirões daqui.

— Claro! Claro! É uma notícia sensacional. Pode causar o maior alvoroço em nosso pequeno mundo.

— É isso o que me preocupa. — Mather fez um protesto mínimo e dúbio. — Não sei se esse tipo de publicidade é conveniente. Do meu ponto de vista pessoal, sei que não poderia suportá-lo e detestaria embaraçar a família Palombini, que foi muito boa para mim. Acho que esse é o verdadeiro motivo para procurá-lo. Saberia como cuidar da situação de uma maneira discreta e... como posso dizer... acadêmica?

— Claro! Claro! Concordo plenamente. — As palavras eram casuais, mas os olhos de Seldes denunciavam ansiedade e uma insinuação de cobiça. — A primeira questão é o que se pode esperar: um simples projeto de pesquisa ou uma investigação em escala mundial de obras-primas desaparecidas., presumindo, é claro, que tenham sobrevivido às devastações do tempo. A segunda questão é o que você espera ganhar pessoalmente com isso.

— Eu? — A risada de Mather foi feliz e infantil. — Sabe Deus! No máximo, uma anotação de pé de página na história, um crédito pelo trabalho de descoberta. No mínimo, a diversão de uma busca ao tesouro.

— Isso me agrada. — Seldes balançou a cabeça em aprovação. — Nada contamina tanto um projeto quanto a esperança de lucro pessoal. Não é impossível obter um financiamento para alguma pesquisa. Eu poderia encomendar uma matéria para a revista. Poderia também, sem muita dificuldade, arrumar um patrocinador para um ano de trabalho em Florença. A resposta para o enigma está provavelmente no próprio arquivo, que você me diz ser apenas em parte codificado. Teria condições de realizar essa pesquisa?

— Teria, sim. Tenho acesso privilegiado tanto à família quanto à Biblioteca Nacional. Por outro lado, há uma inibição real. — Mather hesitou, apenas por tempo suficiente para transmitir alguma emoção. — Pia Palombini e eu éramos muito apaixonados. Cuidei dela durante sua doença terminal. Não poderia enfrentar a *villa* ou a cidade sem a sua presença. Assim, é melhor não contar comigo.

— Desculpe. — Era difícil determinar se Seldes expressava compaixão ou alívio. — Compreendo, é claro. Mas poderia oferecer orientação e ajuda a outro pesquisador?

— Claro.

— Nesse caso posso até planejar o projeto pessoalmente, escrever a introdução, fixar os rumos da investigação.

— Faria isso? — Mather era o perfeito inocente, de olhos arregalados. — É a última coisa que eu poderia esperar...

— Mas, primeiro, precisarei autenticar seu material, confirmar a fonte...

— Vamos fazer isso agora mesmo. Pedirei a conta.

Duas horas depois Harmon Seldes estava acomodado numa poltrona no apartamento de Max Mather, com um conhaque na mão, lendo a última peça na sequência de evidências, uma carta recente do guardião dos manuscritos para Mather.

Prezado colega, querido amigo:

Sinto saudade. Todos sentimos saudade de você. Agora que a encantadora Srta. Loredon também nos deixou, estamos duplamente desolados. Na cidade das flores, precisamos dos amigos para partilhar nossa primavera.

Tenho certeza de que ficará feliz por saber que a transferência do arquivo Palombini para a nossa custódia já foi concluída e que fui designado para cuidar da coleção. Por essa honra, que também se reflete em minha futura aposentadoria, sou-lhe profundamente grato.

Realizamos uma grande solenidade para celebrar a ocasião.

Palombini estava presente, nosso diretor, o prefeito, membros da Comune, representantes da Belle Arti. Coisas enaltecedoras foram ditas a seu respeito. Seu nome está inscrito no Livro de Ouro dos benfeitores.

Prestou-me ainda outro favor. Naquela festa de despedida para a Srta. Loredon, tão feliz e inebriante, sugeriu que eu pesquisasse a vida e a época de Luca Palombini. Não levei a ideia muito a sério. Como a maioria dos estudiosos, sinto-me mais à vontade no passado distante e seguro. Além do mais, tenho lembranças pessoais infelizes do tempo da guerra e não me sentia ansioso em ressuscitá-las. Foi um período de confusões morais e lealdades divididas, quase todos nós acabamos com algum grau de sentimento de culpa. Contudo, a ideia acabou me envolvendo por completo e me tornei fascinado.

Sei que nosso amigo Nicki lhe contou algumas coisas a respeito de Luca. Você manifestou um interesse especial pelas mulheres em sua vida. De todas — e minha lista é longa, mas incompleta —, talvez a esposa tenha sido a menos interessante. Foi bem-nascida, educada num convento e passou toda a sua vida num casulo de certezas incontestáveis. Luca dispensava o devido respeito à matrona da família. Tratava a ela e aos filhos com carinho, mas arrumou o resto de sua vida para fazer o que bem entendesse. Nesse ponto, é claro, ele era tão convencional quanto a esposa.

Com as amantes, ele era generoso, mas nunca pródigo. Comprava joias para elas, vestia-as na última moda, alojava-as com todo conforto. Pelo que se sabe, era um amante vigoroso. Era também um tirano, que não tolerava cenas nem mexericos. A menor insinuação de que a mulher andava revelando segredos de quarto acarretava o fim imediato da ligação.

A cantora de ópera, Camilla Dandolo, parece ter sido um caso especial. Sua voz era medíocre, ela nunca foi uma diva. Mas era bonita e inteligente, Luca Palombini tirou o maior proveito de seus talentos. Fiquei com a impressão de que ela foi, em ocasiões diversas, agente, mensageira e personagem de confiança na vida política de Luca. Isso explicaria o respeito que ainda lhe é concedido pelos homens mais velhos da família Palombini. Também explica por que eles não queriam envolvê-la em brigas ou litígios judiciais com a esposa de Luca. É evidente que ele a deixou em boa situação. Comprou-lhe um terreno na Romagna, deu-lhe blocos de ações em vários enti. *Não é claro, no entanto, se lhe entregou qualquer bem da*

família de valor substancial. Como pode observar, meu caro colega, tenho sido um voyeur *bem ocupado e feliz!*

Depois da morte de Luca, Camilla Dandolo voltou para Milão. Não era mais solicitada como cantora, mas a direção do Scala não hesitou em manter seu contrato até o fim. Ela cantava em espetáculos beneficentes, dava aulas a estudantes, comportava-se de maneira exemplar.

E de repente, de maneira surpreendente, ela casou — foi em novembro de 1947. O noivo era um certo Franz Christian Eberhardt, brasileiro, residente no Rio de Janeiro. Anexo, para sua informação, uma cópia do registro do Ufficio Anagrafe, em Milão. Segundo uma notícia de jornal, o casal foi primeiro para Lisboa, em lua de mel, depois embarcou num navio para o Rio.

Há, porém, um rumor não confirmado, que minha mente velha e distorcida diz que pode ser verdadeiro. Franz Eberhardt seria um daqueles oficiais nazistas que fugiram para a Itália e depois, com a ajuda de velhos amigos na Igreja e no Estado, escaparam finalmente para a América do Sul...

E nesse ponto, meu caro e jovem colega, a história termina, como acontece com todas as nossas histórias italianas, com uma insinuação de melodrama. E agora, o que você tem para me contar? O trabalho está indo bem? Fiquei fascinado pelo esboço de sua tese que me enviou. Pergunta-me por uma capela antiga nos limites da villa Palombini. Fiz algumas investigações a respeito e descobri que de fato existia uma capela, até meados do século XVII, uma capela votiva, consagrada a São Gabriel. Foi o cenário de um estupro e assassinato extremamente brutal de uma camponesa da propriedade. A capela foi desconsagrada e demolida. As vigas e pedras foram aproveitadas em estábulos e outras construções. Os camponeses dizem que o local ainda é assombrado por uma donzela velada, que fica esperando por rapazes incautos, atraindo-os para a destruição.

...Considero que esse é um dos fascínios de nossa profissão: vira-se uma página poeirenta e toda uma história surge diante de nossos olhos. Mas estou me tornando lírico... e quando isso acontece, minha esposa diz que me torno um chato.

Volte a me escrever o mais depressa possível. Estou fascinado por suas histórias de façanhas na neve. E ainda mais fascinado por sua dedicação a esportes vigorosos, como esquiar a toda velocidade por uma encosta nevada abaixo. São talentos improváveis num erudito. Ou

será que esse próprio sentimento revela minha ignorância? Afinal, os britânicos sempre conferiram a maior importância às proezas esportivas e os russos as converteram em instrumentos políticos. Nossas proezas são na cama ou no campo de batalha. Eheu fugaces*! Seja como for, estou ficando muito velho para tais diversões.*

Saudações afetuosas,

Guido Valente (Guardião dos manuscritos e agora curador do Arquivo Palombini!)

Seldes dobrou a carta com todo cuidado e devolveu-a a Mather. Havia um novo respeito em sua voz quando comentou:

— Você parece possuir um grande talento para a amizade.

— Guido Valente é alguém muito especial: um homem da Renascença, da cabeça aos pés.

— Posso perguntar, Max... não se importa que eu o chame de Max, não é mesmo? E deve me tratar por Harmon.

— Obrigado.

— Posso perguntar, Max, se partilhou a informação sobre as obras de Rafael com a família Palombini ou com seu amigo Valente? Essa carta parece indicar que sim.

— Ao contrário. Por bons motivos, abstive-me de fazê-lo.

Seldes lançou-lhe um olhar rápido e avaliador, antes de dizer, cauteloso:

— Talvez eu tenha me enganado pela referência à capela de São Gabriel, tanto na carta quanto nos livros de contas.

— E se enganou mesmo. — O tom de Mather era brusco. — A capela e as referências a Luca Palombini pertencem ao contexto de minhas conversas com Pia, durante os últimos meses de sua vida. Ela sofria de uma doença terminal, conhecida como motor neurone. Tinha um sono irrequieto e vivia receosa de que um espasmo de sufocação pudesse matá-la durante a noite. Eu sentava ao seu lado e a estimulava a falar, contar histórias dos parentes, memórias tribais. Pelas próprias circunstâncias, os relatos eram desconexos e fragmentados. Ultimamente, venho tentando recordá-los e anotá-los. Isso... não faz a dor desaparecer, mas parece torná-la mais suportável.

— Posso compreender — murmurou Seldes. — Não tenciono ofendê-lo, mas posso saber por que preferiu não discutir as obras de Rafael com a família Palombini? Afinal, eles eram os proprietários originais.

— Por dois motivos. — A resposta de Mather foi imediata, mas um tanto impaciente. — Primeiro, só encontrei a referência depois da morte de Pia.

Segundo, Pia me contara sobre algumas divergências na família pela maneira como Luca administrara o patrimônio durante o período fascista e a ocupação alemã. Era evidente que ele estava comprando a sobrevivência e apostando em todos os números. Nunca perguntei por detalhes e Pia também não os contou. Éramos amantes, mas eu continuava a ser o forasteiro. Depois que ela morreu, no entanto, a família tornou-se muito respeitosa e gentil. É um relacionamento muito importante para mim. Quero mantê-lo intacto. Por isso, achei melhor não falar de problemas da família. Confesso, na privacidade desta sala, que muitas vezes especulei se Luca não teria usado essas e outras obras de arte perdidas num negócio com os alemães, talvez com os agentes de arte de Goering, que eram muito ativos na Itália naquele tempo. Mas, como deve saber, os italianos não gostam que um estrangeiro indague essas coisas.

— Quer dizer que eles nada sabem sobre esse registro nos livros de contas?

— Isso mesmo. Mas antes que qualquer coisa seja publicada aqui, eu me sentiria na obrigação de informá-los da situação e pelo menos solicitar sua cooperação em qualquer investigação.

— Exatamente meus sentimentos. — Era evidente que Seldes estava satisfeito com a resposta. — Se quiser me oferecer outra dose de conhaque... e depois tenho de ir embora.

Ele estendeu o copo e não protestou quando Mather serviu uma dose generosa.

— Vamos ser objetivos, Max. Eu gostaria de publicar alguns trechos de sua tese na Belvedere. Pagamos bem. Provavelmente o ajudará quando começar a procurar por um editor. Do meu ponto de vista, daria um tom acadêmico apropriado para um projeto de pesquisa. O que me diz?

— Será um prazer. Mas é claro que eu precisaria de sua orientação na seleção dos trechos mais convenientes.

— Para isso, eu o entregaria aos cuidados de um dos nossos principais editores. Tem alguma objeção em trabalhar com uma mulher?

Max Mather percebeu no mesmo instante o anzol por trás da isca. Sorriu.

— Ao contrário. Gosto muito das mulheres.

— Ótimo! — Seldes parecia aliviado. — O que me leva ao ponto seguinte. Para fazer a coisa da maneira certa, com a remuneração apropriada, é preciso ter um patrocinador de primeira categoria. Depois de ver todo o seu material, sabendo que há mais para se examinar, muito mais, tenho certeza de que poderia persuadir os diretores da *Belvedere* a apoiarem o projeto. Qual seria sua resposta?

— Eu me sentiria muito lisonjeado.

— Aceitaria se juntar a nós, numa base remunerada, com o título de,

digamos, editor-consultor?

— Bom... se você acha que eu estaria à altura...

— Ora essa, meu caro Max! — Seldes tornou-se subitamente expansivo. — É um *scholar* da maior distinção. Sua experiência, embora limitada, é muito especial. Possui uma categoria de valores específica. Eu ficaria grato se a partilhasse comigo. Posso até tentar organizar minha agenda de maneira a incluir uma viagem a Florença ao final de maio ou início de junho. Se não for capaz de me acompanhar, talvez possa me fornecer as apresentações...

Max Mather tinha dificuldade para disfarçar sua alegria. A ganância de Seldes era visível. Ele queria o crédito da descoberta. Farejava grandes lucros pessoais depois. Pois que assim fosse! Seldes era uma grande força no mercado. Onde quer que ele fosse, o dinheiro ia atrás... dinheiro de galerias, dinheiro de particulares, dinheiro de fundações. E não importava para onde se virasse, ele nunca poderia encontrar os quadros, mas cada movimento seu aumentaria o valor das obras. Só que Seldes também sabia disso e provavelmente se mostraria um investigador persistente, com muitas surpresas perigosas. E ele indagou então:

— Essa Srta. Loredon, mencionada na carta... ela tem algum parentesco com Hugh Loredon, o homem da Christie?

— É filha dele. Estava trabalhando em Florença, sob os auspícios da Belle Arti. É uma moça muito inteligente.

— E bonita também, posso presumir?

— Muito bonita.

— Hugh também foi bastante bonito na juventude.

— Não o conheço pessoalmente.

— Pois deveria. Ele sabe tudo sobre arte... especialmente tudo no mundo sobre a venda de arte! Por falar nisso... — Seldes saía para outra tangente — ...ainda não falamos sobre a coleção Palombini. Deve conhecê-la muito bem.

— Relativamente bem. Supervisionei a catalogação feita para o espólio por Niccolò Tolentino. E devo ressaltar: à exceção de umas poucas peças boas, a maior parte não presta... cópias e originais de qualidade inferior. Uma coisa posso lhe garantir: não há nenhum Rafael... Sabemos que eles possuíram as obras em determinada ocasião. A questão é só uma: quando os passaram adiante e para quem?... Seja como for, se e quando você for a Florença, providenciarei para que visite a *villa* e conheça a coleção. Também o apresentarei a Guido Valente, Niccolò Tolentino e mais algumas pessoas interessantes.

— É muito generoso, Max. Mais do que generoso. Claro que também tenho amigos antigos em Florença, mas adoraria conhecer seu pessoal. — Os louros olímpicos de Seldes começavam a escorregar. — Sobre a sua contratação, ligue-

me na segunda-feira. Acertaremos uma hora para conversar e para você conhecer meus gênios. Se me permitir, levarei uma cópia do seu original para ter uma leitura editorial antes da reunião. Quanto às obras de Rafael, ficará só entre nós dois, até termos um foco completo da história. Capisce?

Mather acompanhou-o até a porta e depois observou-o descer pela calçada, na direção da Lexington. Seldes podia ser um idiota pomposo, mas como era esperto! Em poucos e rápidos movimentos, assumira o controle da investigação, toda publicidade inerente e, com isso, qualquer lucro que pudesse advir. O que era exatamente como Max Mather planejara. Harmon Seldes e sua revista lhe proporcionariam mais uma base de legitimidade. E o distanciavam a passos largos dos quadros. Ele se tornaria um humilde *scholar*, ofuscado por outro maior. Amém! Que assim seja! Harmon Seldes seria sempre um amigo instável, capaz de se transformar num inimigo perigoso de um momento para outro; mas quisesse Deus que ele não fosse assaltado, morto ou atropelado por um táxi. Pelo menos por enquanto, ele valia muito dinheiro para Max Mather.

Com esse pensamento feliz borbulhando no cérebro, Maxwell Mather pegou o telefone, discou para Anne-Marie Loredon e convidou-a para drinques e jantar no Gino's. O protesto de Anne-Marie fez o fone tremer.

— Max, você é um monstro! Não me ofereceu uma refeição desde que chegou e agora o melhor que pode sugerir é o Gino's!

— O que poderia ser melhor? Adoro a velha espelunca... com zebras e tudo. Sou abraçado quando chego. E ganho um Sambucca de graça ao sair. O vinho é honesto. A comida é boa. E podemos recordar nosso italiano. Por falar nisso, recebi uma carta de Guido Valente. Ele sente saudade de você. Todos sentem sua falta em Florença.

— Também sinto saudade de todos.

— E sentiu saudade de mim?

— Não muita. Tenho andado bastante ocupada. E tive a maior sorte. Contarei tudo enquanto tomamos os drinques.

— Também tenho novidades para você. Guardarei as minhas para a massa. Amo você.

— Não ama coisa nenhuma, mas é maravilhoso ouvi-lo dizer isso. Às sete e meia está bom?

— Está ótimo. *Ciao, bambina*!

Ao desligar, começar a arrumar a mesa e a lavar os copos, Mather foi invadido por uma onda de lembranças espontâneas — da Torre Merla; Pia Palombini, frágil e assustada, apegando-se a ele por conforto; Niccolò Tolentino, o corcunda de olhos luminosos e mãos mágicas. Havia lembranças também de Anne-Marie, de despertar ao amanhecer em seu apartamento, ao som dos sinos

do Ângelus, especulando, ao menos por um momento, para onde e quando se fora a inocência das coisas.

O súbito ímpeto de recordações proporcionou um toque especial de emoção ao encontro com Anne-Marie. Abraçaram-se com ternura. Sentaram-se no bar para dois coquetéis cada um, depois foram para a mesa, junto de uma parede cheia de zebras empinadas. Pediram massa, *vitello alla Toscana*, uma garrafa de Barolo. Enquanto esperavam, Anne-Marie continuou no relato esbaforido de suas notícias.

— ...A conclusão é que fiquei com a galeria. Vou inaugurá-la com uma exposição dos quadros de Madeleine Bayard. O próprio Bayard designou-me para representá-lo... em compra e venda. Sua coleção é bastante valiosa, mas misturada demais, precisa de depuração e definição. Além disso, não fui capaz de planejar mais nada. Bayard foi exigente na negociação. Aceitou um contrato de cinco anos, com uma opção de renovação por mais três, mas exige que eu fique com todo o prédio. Terei agora de alugar os dois últimos andares para pagá-los. E comprometeu os meus recursos além do ponto que eu desejava...

— Não gostaria de me sublocar os dois andares?

— O que faria com eles?

— Converteria um deles num apartamento para morar e arrumaria o outro como um estúdio e sala de conferências. Estou pensando em convidar Nicki Tolentino para vir a Nova York e dar uma série de conferências. Se funcionar, convidarei outros peritos.

Anne-Marie pensou a respeito por um longo momento e depois perguntou:

— Partilharia Nicki comigo?

— Como assim?

— Dividimos os custos e receitas... mas eu o apresento sob os auspícios da galeria. Seria um cartão de visita maravilhoso... e nos estabeleceria de um só golpe entre os profissionais sérios...

Mather sorriu para ela por cima do copo.

— E quem está agora sendo exigente numa negociação? Não tem nenhum adoçante para oferecer à transação? Pense com muito cuidado, porque tenho notícias que você ainda não ouviu.

— Em que tipo de adoçante está pensando?

— Sugeriu em Florença que poderíamos trabalhar juntos. Ainda está interessada?

— O que você faria?

— Exatamente o que sugeriu. Eu me fixaria na Europa. Você me usaria como comprador, vendedor e intermediário. Dividimos as comissões. Estarei sempre viajando pelo Atlântico e assim permaneceremos em contato.

— Negócio fechado!

— Nesse caso, a fim de que saiba como é afortunada, devo informá-la de que acaba de contratar o novo editor-consultor da *Belvedere*'.

— Max, sua velha raposa! Não posso acreditar!

— É melhor acreditar, bambina. Almocei hoje com Harmon Seldes. Fizemos um acordo para a publicação de trechos da minha monografia florentina. E ele também me contratou para sua equipe. Assim, Srta. Loredon, tem um amigo na mais prestigiosa publicação de arte do mundo. Acaba de pular do lado certo do trampolim e já está um metro no ar.

— O quanto de tudo isso planejou antes de chegar a Nova York?

— Não muita coisa, querida. Sou um improvisador inspirado. Isso a incomoda?

— Claro que não... Estou contente por ter você aqui. Eu vinha me sentindo muito exposta.

— Exposta a quê? Ou melhor, a quem?

— A tudo, mas a Bayard em particular. Tornei-me absolutamente dependente de sua boa vontade. E ainda estou.

— Parece-me que ele conseguiu fazer um excelente negócio. Um arrendamento de seu prédio, o lançamento dos quadros da esposa no mercado, uma agente ansiosa e bela para sua própria coleção... Mais alguma coisa para acrescentar à lista?

— Não é da sua conta, Max!

— Nas circunstâncias, é, sim. Não estou à procura de um *ménage à trois*.

— Por que não, Max? Pelo que sei, você se sente muito à vontade nesse tipo de arranjo.

Anne-Marie arrependeu-se das palavras no instante em que as pronunciou. A reação de Mather foi estranha. Ele se manteve em silêncio por um longo momento, olhando para suas mãos. Depois, jovialmente, disse:

— Tem toda razão, é claro. Sou muito bom em situações de triângulo, bastando conhecer as regras desde o primeiro dia. Sou flexível, relativamente bem-humorado, do tipo que se baseia no viva e deixe viver. E consegui manter a amizade da maioria das mulheres que conheci.

Ela se inclinou e aprisionou as mãos de Mather entre as suas.

— Por favor, Max! Fui horrível. Peço desculpas. Não há nada entre Bayard e eu, exceto uma relação de negócios. Ele me passou uma cantada, mas foi no primeiro dia. Desde então, tem sido muito correto, intransigente nos negócios. Apesar disso, sei que ele se sente atraído por mim e me mantenho sempre em guarda. Por favor, pode esquecer o que eu disse? Deveríamos ambos estar celebrando, não brigando.

Max Mather ofereceu-lhe um sorriso torto.

— Deveríamos... e assim faremos. Mas antes vamos conversar mais um pouco sobre os negócios. A exposição de Madeleine Bayard. Sabe que a história do assassinato será ressuscitada; como vai enfrentar essa situação?

— Pretendo explorá-la ao máximo!

— E Bayard concordará com isso?

— Já concordou.

— Ele é louco... e você também!

— Primeira regra básica, Max: nunca me diga como devo dirigir meu negócio.

Mather respondeu bruscamente:

— Não viverá muito tempo para dirigir seu negócio se enveredar por jogos psicóticos nesta cidade. Nunca ouviu falar de crime de imitação? Não exagere, pelo amor de Deus! O elegíaco: "A vida é curta. A arte é longa. Madeleine Bayard está imortalizada em sua obra." Escreverei o texto para você, se for preciso.

— Está bem, Max, está bem! Pensarei a respeito.

— Quando pretende abrir a galeria?

— Estamos no final de janeiro. Quero abri-la até meados de abril, o mais tardar. Fixei uma multa para os empreiteiros, se não terminarem a obra até 1? de abril.

— O que significa que poderá promover duas exposições antes do Quatro de Julho. Vai inaugurar com Madeleine Bayard. O que tem para depois?

— Oliver Swann, do Novo México. Ele pinta paisagens com uma força bruta tão intensa que não se pode acreditar que existem...

E ainda por cima é um tipo pitoresco. Dará boas reportagens... Depois disso, para o verão, ainda não sei o que fazer.

— Pode ser a melhor época para trazer Niccolò Tolentino e promover um ciclo de conferências. Cobre um ingresso alto. Se divulgar bem, terá filas diante da galeria... Pense a respeito. Se achar a ideia boa, entrarei em contato com Nicki imediatamente.

Sem qualquer motivo aparente, Anne-Marie comentou:

— Você mudou, Max. Estou vendo um homem diferente do que conheci em Florença.

— Mudei como? Melhor? Pior? Mais, menos?

— Mais determinado, mais calculista. Subitamente, se tornou um homem com pressa. Não era assim. Vinha para a cidade e nos divertíamos. Depois, tornava a partir. Eu gostava disso. Agora, não tenho muita certeza...

O garçom pôs na mesa os dois pratos de fettucine, salpicou a pimenta-do-

reino e o parmesão, serviu o vinho, desejou-lhes bom apetite e foi embora. Já estavam no meio do prato quando Mather disse, casualmente:

— Eu ia lhe pedir um favor.

— O que é?

— Poderia me apresentar a seu pai? Tenho algumas peças de valor que estou pensando em vender. E preciso de um conselho... de preferência de um perito amigo.

— Que tipo de peças, Max?

— Coisas de herança... um relógio Tompion, que me disseram ser muito valioso, um anel antigo, com uma esmeralda esculpida... e mais duas ou três peças. Preciso de dinheiro para financiar a sublocação e a reforma dos dois andares.

— Meu pai não vai avaliar as peças pessoalmente, mas providenciará a opinião de um perito da companhia. Direi a ele para esperar um telefonema seu.

— Obrigado. — Mather levantou o copo num brinde. — Aos velhos tempos... e a outros ainda melhores!

Eles beberam, comeram, conversaram. Uma hora depois, Mather acompanhou-a a pé pelos seis quarteirões até seu apartamento. Anne-Marie não o convidou a entrar. Ele não se demorou. Beijou-a nas faces, ao estilo italiano, virou-se para ir embora. Ela o deteve.

— Max...

— O que é?

— Está zangado comigo?

— Claro que não... mas ficarei, se começar a explicar que está com dor de cabeça. Ligarei para você pela manhã... e não esqueça de telefonar para seu pai.

— Não esquecerei. Boa noite, Max...

Um beijo soprado e ele se foi, afastando-se em passos animados e assoviando uma versão desafinada de *La ci darem la mano*. Não se sentia tão insatisfeito assim. Um pouco de sexo depois do jantar seria agradável, mas podia obter isso pelo telefone. O importante era que sua identidade, vaga depois de uma longa ausência, estava agora adquirindo contornos reais. A publicação de seu material lhe daria a autoridade de um *scholar*. Como editor-consultor de uma revista importante, poderia ir a qualquer lugar e fazer as perguntas que quisesse. Como associado de uma nova e bem relacionada galeria, seria cortejado pelos *marchands* por toda parte.

Sua próxima necessidade era uma orientação legal americana... e quem melhor para fornecê-la do que o senhorio de Anne-Marie, o advogado da Associação dos Negociantes de Artes da América?

Edmund Justin Bayard recostou-se em sua cadeira, uniu as pontas dos dedos

e, espiando por cima, estudou o visitante. Gostava do que via: um homem ainda jovem e bonito, bem cuidado, o terno sob medida de um bom alfaiate, a camisa também sob medida, gravata exclusiva, abotoaduras e relógios obviamente caros, mas não espalhafatosos. Bayard perguntou:

— Quem me recomendou, Sr. Mather?

— Seu nome surgiu na conversa com a Srta. Anne-Marie Loredon, com quem jantei na noite de anteontem. Ela me disse, entre outras coisas, que é o advogado da Associação de Negociantes de Arte da América. Por isso, estou aqui.

— E como posso ajudá-lo, Sr. Mather?

— Deixe-me explicar primeiro que não sou um *marchand*. Sou apenas um estudioso... um paleógrafo e um historiador, com um interesse especial por história da arte europeia. Publicarei algum material na Belvedere, para a qual acabo de ser designado como editor-consultor. A Srta. Loredon pediu-me para representá-la na Europa. Nunca fiz isso antes e achei que devia tomar conhecimento dos princípios legais sobre a aquisição e venda de grandes obras de arte originárias da Europa. Se vou recomendar uma compra, preciso conhecer as exigências legais sobre título de propriedade, proveniência, exportação e importação. Nesse campo, sou um neófito absoluto.

Bayard sorriu, tolerante.

— Não deve se sentir muito constrangido por causa disso, Sr. Mather. Há uns poucos princípios simples e depois disso estará afogado até o pescoço em dispositivos que mudam a cada fronteira nacional.

— Pensei que poderia haver alguma orientação escrita, um manual editado pela Associação.

Edmund Bayard riu, um som seco, quase como um latido, que terminou com uma tosse.

— Meu caro Mather, isso é um autêntico testemunho de sua inocência! Manual? Por Deus! Todo o esforço de qualquer *marchand* é publicar o mínimo possível e prometer ainda menos sobre as mercadorias que vende. É sempre o inocente, agindo de boa fé entre um comprador voluntário e um vendedor voluntário. Diga-lhe que adquiriu um Del Sarto num leilão em Liechtenstein; ele estará disposto a aceitar sua palavra. Ficará na maior felicidade se você puder apresentar alguma documentação aceitável. Se alguém contestar seu direito à obra, o *marchand* sairá de cena e deixará os dois brigando. Mostre-lhe uma fabricação mais ou menos decente e ele a examinará com seu olho cego, calculando as possibilidades de impingi-la. Não precisa de um ábaco para informá-lo quando expira o dispositivo de prescrição de uma obra de arte roubada. Não oferece garantias sobre proveniência, mesmo que exista alguma. O

que ele vende é o que o proprietário apresenta, o que o comprador vê. Se caiu da traseira de um caminhão e o proprietário aparece gritando para reclamá-la, o *marchand* rejeita toda e qualquer responsabilidade... Falando sério, Sr. Mather, como *marchand* ou agente, sua posição mais segura é tratar cada caso pelos méritos específicos e transferir a responsabilidade para o comprador. Se houver alguma dúvida sobre propriedade ou proveniência, limite-se a enunciar suas reservas; deixe o resto com a Srta. Loredon e seus advogados.

— Que seria você, presumivelmente?

— Não necessariamente. É claro que ela teria acesso à minha assessoria depois de ingressar na Associação. Como ela provavelmente já lhe contou, estará comprando e vendendo para minha coleção particular. Assim, poderá haver ocasiões em que nós dois estaremos diretamente envolvidos.

— Estaria disposto a me aceitar como um cliente?

— Se quiser me contratar, claro que sim.

— Eu gostaria muito. — Mather estendeu seu cartão. — Aqui estão meu endereço e telefone, ambos temporários. Estou pretendendo sublocar os dois últimos andares do prédio da galeria da Srta. Loredon.

Bayard fitou-o com um novo interesse.

— Dois andares? É bastante espaço.

— Converterei um andar em meu apartamento, o outro será um estúdio e auditório para conferências. Tenciono trazer o restaurador-chefe da Pitti em Florença para conduzir uma série de seminários de verão sobre conservação e assuntos relacionados. A Srta. Loredon gosta da ideia. E deseja participar. Se for um sucesso, trarei outros peritos europeus para diversos seminários.

— Um projeto interessante... e muito... Conheceu a Srta. Loredon em Florença?

— Conheci. Ela estava lá sob os auspícios da Belle Arti. Eu era arquivista de uma das antigas famílias da cidade. Nós nos conhecemos por acaso. Pude apresentá-la a artistas e artesãos locais. Visitamos juntos muitas galerias e igrejas.

— Estou ouvindo insinuações românticas, Sr. Mather?

— Não. A dama florentina por quem eu estava profundamente apaixonado morreu há poucos meses. Não estou preparado para qualquer compromisso novo. A Srta. Loredon tem suas ambições pessoais, que não me incluem.

— Acha que ela as realizará aqui em Nova York?

— Provavelmente. Tem bom gosto e uma educação ampla. É muito determinada. As pessoas gostam dela. Por isso, eu diria que ela tem mais do que uma boa chance... Por falar nisso, ela ficou muito impressionada com os quadros de sua falecida esposa.

— Eu sei. Foi por esse motivo que a encarreguei de lançar as obras no mercado.

— O que leva ao outro motivo para a minha visita... Acho difícil abordar o assunto sem parecer impertinente.

— Diga o que quer, por favor, sem qualquer constrangimento.

— A Srta. Loredon e eu conversamos sobre a exposição e as inevitáveis matérias na imprensa sobre o assassinato de sua esposa. Ela me disse que discutiu o assunto com você e ficou decidido confrontar e até mesmo explorar a publicidade.

— Em última análise, é isso mesmo.

— Eu discordei — anunciou Mather, incisivo. — E o disse a Anne-Marie.

— O que ela respondeu?

— Primeiro, ela disse para não me meter no que não era da minha conta; depois, consentiu em pensar a respeito.

— Qual foi sua objeção?

— Crime de imitação. Estímulo aos instáveis, através de histórias macabras, contadas de maneira macabra. Além disso, as próprias obras de arte criam uma magia poderosa, especialmente quando as pessoas se reúnem para contemplá-las.

Bayard refletiu sobre a sugestão por um momento, depois acenou com a cabeça numa concordância cautelosa.

— Compreendo seu argumento. Conversarei com a Srta Loredon a respeito. Mais alguma coisa?

— Eu gostaria de fazer mais duas perguntas.

— Está pagando pelo meu tempo, Sr. Mather.

Bayard estava outra vez relaxado.

— O que exatamente constitui o direito a uma obra de arte?

— Primeiro, a posse. Ainda representa a maior parte da lei. Depois, qualquer prova de transferência legal: uma nota de venda, um documento de doação, um testamento, até mesmo um cartão de aniversário.

— Fui informado de que o direito pode prescrever depois de um determinado período?

— Se um artigo foi perdido, roubado ou extraviado por trinta anos, o direito é considerado prescrito.

— Ou seja, trinta anos depois do roubo, o ladrão pode bater em sua porta e tentar vender a própria obra que roubou?

— Exatamente. Se você não aceitar seu preço, ele pode pôr a obra debaixo do braço e ir embora, impune. Está protegido por dois lados. Não pode ser processado pelo crime porque o estatuto da prescrição se aplica e, depois de trinta anos, o direito ao objeto é pela posse.

— A pergunta seguinte: exportação e importação. Alguns países restringem ou proíbem completamente a exportação de grandes obras de arte, consideradas como tesouros nacionais.

— Correto.

— Contudo, a maioria dos países permite a importação de obras de arte ilegalmente exportadas.

— Não é bem assim, Sr. Mather. A posição é na verdade negativa. A maioria dos países considera que não é sua obrigação indagar se a exportação foi ou não legal, especialmente se não houver outro crime envolvido... por exemplo, os objetos não estão relacionados pela Interpol como roubados. O que acontece na prática é o que lhe expliquei no início... o *marchand* ou leiloeiro não faz perguntas. Fica satisfeito com a evidência do direito. E deliciado com uma boa proveniência. Não se pode esperar que ele aja como inspetor alfandegário para os franceses, britânicos ou italianos. Por outro lado, ele não está interessado em se envolver diretamente em qualquer operação de contrabando. Abstém-se de qualquer pagamento até que as obras estejam seguramente em seu poder, na terra em que pretende vendê-las.

— Parece que tenho muita coisa para aprender — comentou Mather, com um sorriso irônico.

— Tenho certeza de que aprende depressa — disse Bayard, muito afável. — E agora permita que eu lhe faça uma pergunta.

— Claro.

— A Srta. Loredon ofereceu-lhe alguma participação em sua galeria?

— Não. Algum motivo para a pergunta?

— Bem simples. Pedi-lhe que considerasse a possibilidade de uma sociedade comigo. Ela recusou.

— Eu não aceitaria, pessoalmente.

— Fico satisfeito em ouvi-lo dizer isso, Sr. Mather. Não escondo que tenho um grande interesse pela Srta. Loredon...

— Nesse caso — disse Mather, com um sorriso —, gostaria de lhe oferecer um conselho... e de graça! Não tente queimar etapas, não se precipite. Trata-se de uma mulher muito independente.

— Eu me lembrarei disso, Sr. Mather. Obrigado.

— Eu é que lhe agradeço, Sr. Bayard.

Assim que Mather se retirou, Bayard pegou o telefone e discou um número em Murray Hill.

— Lou? Bayard. Outro nome no círculo Loredon... Maxwell Mather. Ele a conheceu na Itália. Vai se associar à galeria. Não creio que haja alguma coisa além de amizade, mas gostaria de saber de que forma exatamente ele se

enquadra no esquema de Loredon. Vou ler o endereço... Como? Ah, sim, até agora estou muito satisfeito. Ela se mostra mais limpa do que eu esperava...

4

Hugh Loredon, leiloeiro extraordinário, era a perfeita imagem de um cavalheiro rural: cabelos brancos, pele avermelhada, uma atração por *tweeds* e coletes extravagantes, um olho atento às mulheres, um espírito jovial e uma língua eloquente... além de um instinto profundo para o gosto e disposição de uma multidão num leilão. Mather, que lhe oferecia o almoço em seu apartamento, ganhou uma hora de dissertação e anedotário.

— ...Contemple-os lá de cima e eles são como um ninho de cobras, prontas para darem o bote e morderem. Por isso, antes de mais nada, você precisa encantá-los, fazer música, hipnotizá-los para um ritmo de lances. Todos estudaram os catálogos; todos sabem o que querem comprar, todos especulam se têm condições para isso. Depois de algum tempo, aprende-se a decifrar os habitués. Se consegue envolvê-los, eles ajudam com os outros... Já trabalhei em Londres, Paris, Nova York, Genebra. Cada lugar é diferente, mas no fundo é tudo a mesma coisa, todos são iguais: gananciosos e insidiosos. Às vezes há uma corrente sexual se projetando do público. Há uma mulher que indica seus lances tocando com a mão direita no mamilo esquerdo. Outra fica abrindo e fechando as pernas como um fole. Um espetáculo dos mais interessantes, posso lhe garantir, porque ela tem pernas maravilhosas... A refeição está esplêndida, por falar nisso. Onde aprendeu a cozinhar?

— Tomei aulas.

Loredon balançou a cabeça em aprovação.

— Um sábio homem! Muitas mulheres não cozinham e todas ficam com fome.

Mather riu.

— A voz da experiência?

— E uma experiência muito longa. O único problema do jantar em restaurante é que se torna longo o caminho de volta para o quarto... Disse que tinha algumas coisas para me mostrar.

— Sirva-se de um copo de porto enquanto vou buscar.

Mather arrumou um espaço na mesa e arrumou sua pequena coleção de tesouros: o relógio Tompion, a esmeralda esculpida, uma caixa de confeitos esmaltada, um par de pistolas de duelo do século XVII que ele admirara em Brescia e Pia insistira em lhe comprar...

Hugh Loredon tirou uma lupa do bolso e examinou cada peça com toda

atenção. Seu veredicto foi sumário.

— A menos que precise, seria um tolo se vendesse essas coisas. Ponha num banco e guarde como um seguro para sua velhice. Este relógio é uma beleza. A inscrição indica que foi fabricado em 1704, o ano em que Tompion tornou-se mestre da Companhia dos Relojoeiros, em Londres... É uma peça de museu. Teria de render qualquer coisa entre setenta e cinco e cem mil. Vendi um há dez anos por cinquenta mil. A joia... é interessante, mas não chega a ser bastante importante para causar alguma repercussão num grande leilão de espólio. A caixa é boa, Luís XIV. Deve dar uns trinta mil. As pistolas chegarão a dez mil ou por aí. O valor aumenta a cada ano em que conserva as peças. Tudo depende de você. Se quiser, mandarei nosso pessoal fazer uma inspeção meticulosa e depois conversar com você sobre uma reserva e uma data apropriada para um leilão... Como alternativa, podíamos tentar uma venda particular. Temos uma lista de clientes ampla e internacional.

— Ponha em leilão — disse Max Mather, decidido. — Estou querendo reduzir um pouco as coisas que se acumulam em minha vida. Ainda não preciso do dinheiro, mas isso pode acontecer, depois que assinar a sublocação com Anne-Marie e começar a criar um apartamento.

— Avise-me assim que estiver pronto. Eu diria que pode alcançar cem mil, facilmente, depois da comissão. Num bom dia, talvez mais.

— O que faz um bom dia?

— Só Deus sabe. Para mim, é o jeito como o martelo se acomoda na mão quando o suspendo.

— Há mais uma coisa que eu gostaria de lhe mostrar. Nem mesmo Anne-Marie sabe disso. Publicarei uma matéria a respeito na Belvedere. Até lá, quero manter em segredo.

Hugh Loredon sorriu e deu de ombros.

— Está sendo confiante demais. Este é o negócio mais boateiro do mundo. Mas acho que posso guardar um segredo... até ouvi-lo de outra pessoa. Pode falar.

Mather pegou os livros de contas Palombini e traduziu os registros para ele. Loredon franziu o rosto, perplexo.

— Não acha estranho? Foram pintados em 1505 por um homem reconhecido ainda em vida como um grande mestre... e desde então nunca mais foram vistos ou se ouviu falar a respeito.

— Estranho, sim, mas não sem precedentes.

— E o que acha que acontecerá depois que sua matéria for publicada?

— O melhor seria alguma reação para indicar que as obras ainda existem. O pior, eu calculo, seria o silêncio.

— Pode ter mais do que está esperando.

— Como assim?

Hugh Loredon serviu-se de outro copo de porto e cortou um pequeno pedaço de queijo. Pôs o queijo na boca e tomou um gole do vinho. Enxugou os lábios com o guardanapo e apresentou sua advertência, falando bem devagar:

— Está falando de tesouros neste caso, Max. Se um leilão pode chegar a quarenta milhões por um girassol de Van Gogh, quanto acha que essas peças valeriam? Pode pensar em cem milhões e estará sendo moderado. Se entrarem em leilão, só os leiloeiros recebem dez por cento de comissão do comprador e dez por cento do vendedor... o que dá vinte milhões. Portanto, para começar, somos partes muito interessadas. Pense em seguida nas outras serpentes no cesto: os *marchands*, os grandes colecionadores, as instituições, as fundações... Todos vão se interessar por você, Max. Acenarão com dinheiro, querendo contratá-lo, oferecerão os honorários de descobridor... Mais do que isso, ficarão de olho em você, onde quer que vá. Será que não percebe? É muito simples. Você é o homem com o mapa do tesouro... um mapa do tesouro real, autêntico em todos os detalhes. Até eu não hesitaria em pôr um vigia no seu encalço por doze meses, só para ter certeza de que minha empresa não perderia a oportunidade de uma comissão de vinte milhões... Até agora, falei apenas em interesses legítimos, mas já pensou na turma do mercado negro? Há um armador milionário em Atenas que mantém sob contrato um ladrão de obras de arte particular. Há um colecionador colombiano, cliente nosso, que é um famoso receptador de obras roubadas. E por que não deveria ser? Tem uma fortaleza nas montanhas e um exército particular para defendê-lo. Não há nenhuma novidade nisso. Nos velhos tempos os *condottieri* viviam de saques.

— Está dizendo que eu não deveria publicar a matéria?

— Não tenho o direito de dizer isso. Você é um *scholar*. Eu sou um leiloeiro. Ambos queremos que as peças sejam encontradas... por motivos diferentes. Apenas ressalto que isso não é um jogo de salão... Não tem nada a ver com estética ou valores absolutos. É comércio... e comércio de artigos raros e restritos... tão especializado quanto o antigo tráfico de especiarias e o novo de segredos comerciais. Não há lugar para amadores. As recompensas são altas. O jogo é duro e sujo, às vezes perigoso. E também pode lhe custar muito dinheiro para entrar... Calculo que tem uma boa situação, mas não é rico. Pelo que Anne-Marie me contou, gosta do lazer da vida acadêmica. Estou apenas advertindo que seus próximos passos podem lançá-lo num turbilhão infernal.

— Vamos supor que eu decida não publicar a matéria e conduzir uma pesquisa particular.

— Não pode. — Hugh Loredon foi enfático. — Já é tarde demais.

— Por que não posso?

— Porque já está publicado a partir do momento em que falou com Harmon Seldes. Ele sabe o que você sabe. Conhece a fonte da informação. E já está falando com seu pessoal do dinheiro... Eu me encontro na mesma situação que ele. Sei o que você sabe. Assumi o compromisso apenas de guardar o segredo até que não seja mais um segredo... o que pode acontecer a qualquer momento. Mas como é amigo de minha filha e um bom cozinheiro, eu detestaria vê-lo humilhado, e por isso estou oferecendo uma advertência justa.

— Sou um idiota — murmurou Max Mather.

— É apenas ignorante — disse Hugh Loredon, jovial. — Não há mal algum nisso. Estupidez é diferente... E, agora, tenho um favor a lhe pedir.

— Pode falar.

— Estou preocupado com Anne-Marie e Ed Bayard.

— Por quê?

— Ela está ligada demais a Bayard e ele se empenha em conquistá-la.

— Anne-Marie já é crescidinha. Sabe como dizer não.

— Isso não o incomoda?

— Por que deveria?

— Pensei que vocês dois...

— Pois está enganado. Anne-Marie e eu tivemos bons tempos na Itália. Muita diversão e nenhum pesar das partes. Aqui em Nova York a diversão acabou e somos apenas amigos, fazendo negócios juntos. O que convém a ambos. Portanto, se ela quiser sair com a Rainha da Primavera ou com o lixeiro, é apenas da sua conta.

— Deixe-me apresentar a situação por outro ângulo. — Hugh Loredon tornara-se subitamente sombrio, o rosto avermelhado parecia pálido e murcho. — A esposa de Ed Bayard era uma linda mulher e uma excelente pintora. Ele tinha um ciúme insano. Tentava mantê-la isolada dos amigos e na permanente incerteza sobre seu talento. Nunca lhe permitiu expor, apenas fazer vendas particulares. Deixava-a num estado destrutivo para qualquer artista: a dúvida permanente... Na advocacia, ele é brilhante. Na vida particular, é um sádico terrível.

— E como sabe de tudo isso?

— Madeleine Bayard e eu fomos amantes.

Mather soltou um longo assovio de espanto.

— Bayard sabia disso?

— Creio que sim, mas não tenho provas.

— E mesmo assim deixou sua filha fazer negócios com ele?

— Não pude impedi-la. Ela já tinha tudo acertado quando me procurou: o

contrato assinado, a exposição definida. Acenou com os papéis na minha cara como se fosse um estandarte, a fim de que eu me sentisse orgulhoso dela... Que sentido havia em desenterrar um pedaço de história vergonhoso?

— Você é um tremendo idiota, Hugh!

— Sei disso. Perdi a oportunidade.

— Isso é besteira. Conte a ela agora. Se não o fizer, eu contarei... Nunca foi interrogado pela polícia sobre o assassinato?

— Claro que fui. Mas só puderam provar que Madeleine e eu éramos amigos que de vez em quando iam juntos para a cama.

— Portanto, está registrado, não é um segredo. O que mais disse à polícia?

— Mais nada. Deve compreender que até o final eu me encontrava numa situação difícil. Não queria um escândalo. As aparências são muito importantes para a minha empresa. Tinha algumas outras ligações amorosas, porque as mulheres ricas dominam o mundo da arte. E não tinha o que dizer à polícia, exceto que Bayard fazia a esposa infeliz. Não parecia muito convincente, quando ele era o marido enganado e eu o amante ocasional.

— Mas Bayard tinha um motivo para o crime.

— É possível. Mas a polícia excluiu-o como suspeito desde o início.

— Então por que está me contando agora?

— Porque... porque tenho medo. Estou certo, com tanta certeza quanto tenho do meu nome, que Ed Bayard vai usar minha filha para se vingar de mim.

— Provavelmente é uma autêntica expressão de seu sentimento de culpa, mas não se ajusta aos fatos. A própria Anne-Marie me contou que descobriu o estúdio por intermédio de um corretor.

— Mas depois que o negócio foi discutido, a partir do momento em que Bayard soube quem ela era... será que não percebe?

— Percebo que você está preocupado. E não sei o que mais pode fazer se não contar a verdade a ela.

— Se eu o fizer, promete que ficará perto dela? E tentará descobrir o que está acontecendo entre ela e Bayard?

— Não é meu estilo, Hugh.

— Minha filha conta uma história diferente. Que você permaneceu com sua amiga italiana até que ela morreu em seus braços. Que é bom de cama. Generoso com os amigos. Não faz cenas e limpa a cozinha. Diz que há muito mais do que os olhos podem ver.

— É um truque de salão — comentou Mather, com um humor amargo. — Como tirar mangas e coelhos de uma cartola.

— Sei disso, Max. Você sabe. Mas enquanto não contarmos a mais ninguém, a ilusão funciona.

Era o final da tarde quando Hugh Loredon foi embora, sóbrio com um café puro, um pouco amargurado com as lembranças despertadas pelo relato. Mather ficou com a impressão de um ator envelhecido que encontrara um veículo para mantê-lo em atividade enquanto quisesse, mas para o qual o papel perdera toda a surpresa e o desempenho toda a convicção. O charme descontraído e o ceticismo fácil pareciam encobrir uma solidão desolada.

Para Mather, o almoço fora bastante proveitoso. A revista, a casa de leilões, a galeria: eram adereços de respeitabilidade. Por outro lado, pouco a pouco, as ficções se incluíam nos fatos de outras vidas, mas conseguira se manter isolado até aquele momento.

O dilema de Hugh Loredon ilustrava algo que ele próprio aprendera pela experiência árdua: a fraqueza e o poder do *cavalier' sirvente*, o galante profissional. Sua existência pública era uma meia-vida, em que a amante o hasteava como uma bandeira ao amanhecer, depois baixava e dobrava ao pôr-do-sol. Quanto ao resto, era um pertence pessoal da amante: a vida em comum era uma atividade secreta, com sexo e venalidade, paixão e perversidade, tudo se misturando numa química instável. O único elemento que mantinha o equilíbrio era a privacidade. Apenas o galante via as protuberâncias e rugas da dama. Apenas a dama conhecia a covardia de seu galante. No momento em que outra pessoa entrava em cena, a frágil combinação se tornava explosiva.

Mather atraíra Loredon a princípio porque o compreendia e podia sentir compaixão por ele. Também sentia por Anne-Marie, caminhando tão confiante pelo campo minado das loucuras do pai. Não queria ter qualquer participação nos problemas dos dois, mas decidira usá-los para seus propósitos pessoais e por isso era como um inseto sendo atraído de maneira inexorável para a dioneia.

Ele se encontrava na cozinha, guardando pratos, enxugando talheres, remoendo aquela mudança em sua perspectiva, quando o telefone tocou. Era Anne-Marie.

— O que está fazendo, Max?

— Neste momento estou limpando a cozinha. Seu pai e eu almoçamos aqui. O que posso fazer por você?

— Estou saindo de casa agora e indo para o estúdio. O arquiteto vai se encontrar comigo lá. Achei que seria uma boa ideia você encontrá-lo também e discutir o projeto para suas áreas.

— Boa ideia. Pegue-me na passagem. Ficarei esperando na calçada.

A viagem foi um pesadelo. O motorista haitiano, surdo a todos os protestos e praguejando incessantemente em *creole*, conduziu-os através do tráfego como se os Ton-ton Macoutes o perseguissem com facões. Ao chegarem ao estúdio, Mather sentia-se pronto para matar com as próprias mãos e Anne-Marie, tonta,

com enjoo, punha o coração pela boca.

Mather amparou-a e a fez andar por meio quarteirão, aspirando ar fresco. Depois, pararam por um momento a contemplar a fachada do prédio, que era de ferro, forjado e moldado nos dias opulentos dos barões do aço. Tinha um frontispício duplo, com uma porta larga no meio e janelas gradeadas nos lados. A porta era copiada em cada andar por um postigo, através dos quais as mercadorias levantadas por um guincho eram levadas para as áreas de armazenamento.

Lá dentro, estava tudo vazio. Havia um elevador antiquado e uma escada larga. Um banheiro no fundo de cada andar. Tirando isso, todos os quatro andares eram de espaço livre, quebrado apenas pelas colunas de ferro batido, que sustentavam o peso dos chãos de aço e do telhado.

Eles subiram, inspecionando cada andar, depois desceram no elevador. Mather notou, com alguma surpresa, que o chão havia sido lavado recentemente e todo o interior pintado. Perguntou a Anne-Marie:

— Foi você quem fez isso?

— Não. Já encontrei assim. O contrato diz que devo devolver no mesmo estado... O que você acha, Max?

— É um tremendo negócio! A estrutura é sólida. Não há sinais de vazamento no telhado, o peso é sustentado por vigas de aço e colunas de ferro. O encanamento é antiquado, mas resistente. O elevador precisa de um motor novo. E vai querer ar-condicionado central. Depois disso, é um trabalho simples de divisórias e pintura, com um bom projeto de iluminação. O resto é superficial... um escritório, banheiros elegantes, uma cozinha funcional e área de serviço...

— Agrada-lhe como sede de uma galeria?

— E muito. O bairro está crescendo. Conta com uma população jovem e próspera. Pode atrair os compradores da parte alta da cidade, o pessoal do dinheiro antigo, com anúncios e mala direta. Presumo que seu pai poderá ajudá-la a formar uma boa lista de clientes.

— Pode e ajudará. Como foi o encontro de vocês dois?

— Muito bom. Ele gostou da minha comida. E eu apreciei a conversa dele. Ele aprova o fato de eu trabalhar para você. Acha que você pode precisar de um zelador.

— Estou começando a pensar que pode ser verdade.

— Algum motivo especial?

— Não... só que estou gastando muito dinheiro e nada entra, por isso, como é natural, sinto-me nervosa. Ainda por cima, Ed Bayard é um pouco mais do que preciso neste momento.

— Mais cantadas?

— Não. Acontece apenas que ele é muito... muito intenso. Passei duas horas na casa dele ontem, catalogando os quadros para a exposição. Ao fim do dia, eu me sentia esgotada. Mesmo aqui, tenho uma sensação extraordinária de... de presença.

— Apesar da limpeza que Bayard fez?

— Está querendo dizer que ele tenta apagar as lembranças?

— Quantos senhorios de Nova York oferecem uma boa limpeza e uma pintura no aluguel de um armazém?

— Fala como se fosse uma coisa sinistra. Acho que é maravilhoso.

— Tem toda razão. É mesmo. Acenderei uma vela para ele todas as manhãs.

E no momento seguinte o arquiteto se encontrava na porta, carregando plantas, a cabeça repleta de sugestões para a galeria, o depósito, o salão de conferências e o apartamento de Max Mather. Duas horas depois estavam todos sentados num restaurante próximo, dirigido por duas vietnamitas, que se intitulavam as irmãs Trung. A comida era boa, o serviço acompanhado por um sorriso. O arquiteto, morador do SoHo, tinha muita coisa para contar.

— Espalhei a notícia sobre a galeria. Todos estão felizes com a vinda de vocês. Tira a maldição do lugar, por assim dizer... Mudei-me para cá pouco antes do assassinato, e por algum tempo os preços dos imóveis caíram. Foi uma coisa horrível...

— Já sabemos e estamos tentando esquecer. — Max Mather interrompeu-o, bruscamente. — Você vai projetar uma galeria, não um mausoléu.

— Desculpe. — O arquiteto era todo arrependimento. — As últimas palavras sobre o assunto... para sempre! Agora, voltando ao problema da iluminação...

Assim, por uma margem mínima, o jantar foi salvo, mas Mather ficou com a convicção inquietante de que o silêncio era mais perigoso para Anne-Marie do que uma declaração abrupta sobre as loucuras do pai. Sensível, no entanto, a seu próprio interesse secreto. ele decidiu que não se tornaria o portador das más notícias. Tais mensageiros eram muitas vezes mortos pelas angústias que provocavam e a única recompensa que obtinham era a de duas moedas de cobre para manterem os olhos fechados. Para Max Mather, o conselho mais sensato era manter os olhos abertos e a boca fechada, ser o bom amigo de todo mundo: dos Loredons, de Bayard, de Harmon Seldes, da garota nos comerciais de xampu.

Ele ficou acordado até tarde naquela noite, escrevendo uma carta cuidadosa para Claudio Palombini. Era um relato simples e objetivo das referências às obras de Rafael, uma menção da publicação iminente e um pedido de ajuda em pesquisas futuras:

É evidente que a publicação das descobertas provocará muita curiosidade sobre as obras perdidas — se é que de fato estão perdidas e não sepultadas em

uma das mais recônditas coleções que sabemos que existem, embora os catálogos de seus acervos jamais tenham sido divulgados...

Claro que é possível que você possa ter algum conhecimento sobre essas obras que ignoro. Se assim for e achar que pode me comunicá-lo, terei o maior prazer em providenciar sua publicação, com o reconhecimento devido.

Espero que você e sua família estejam gozando de boa saúde. A lembrança da querida Pia ainda frequenta meus sonhos. Em meio à balbúrdia do tráfego de Nova York, anseio pelo som dos passarinhos cantando além da janela...

Nem tudo era impostura. O sentimento nostálgico era quase genuíno. Seu papel como estudioso simplório era quase autêntico. O que ele não podia transmitir era o excitamento de seu novo empreendimento, inebriante como álcool, a satisfação de ver um plano de campanha tomando forma, observar o campo de operações ser examinado à procura de minas e armadilhas pessoais.

Mather esfregou os olhos cansados e preparou-se para o último trabalho da noite: as anotações que levaria para a reunião com Harmon Seldes na Belvedere.

Seldes ofereceu-lhe uma recepção meticulosamente calorosa: uma excursão pelo escritório, xerez com os editores seniores, almoço com o dono e conselho interno, com a proposta de um contrato de doze meses como editor-consultor, por uma cifra cinquenta por cento maior do que ele esperava. Depois do café, Seldes levou-o para sua sala particular, a fim de discutirem o que ele chamou de "aqueles seus Rafaéis".

— ...Tenho pensado a respeito com muito cuidado, Max. Aqui está o que proponho. Vamos publicar sua matéria no número de abril. Estamos sempre bem adiantados e é o melhor que podemos fazer. Nosso pessoal ficará procurando ilustrações interessantes... Como editora para sua matéria, proponho Leonie Danziger. Ela é independente, uma das melhores da cidade. Leu sua matéria e apresentou algumas ideias excelentes. Trabalha em seu apartamento e espera-o lá às três horas desta tarde. É conveniente para você?

— Claro.

— Proponho também que a referência a Rafael seja excluída de seu texto. Vamos publicá-la em separado, atribuída a você, relacionada com sua fonte, mas como uma introdução pessoal minha. Assim você terá todo o peso do apoio e endosso editorial por trás de seu trabalho... Vê algum problema nisso?

— Absolutamente nenhum.

Seldes mostrou-se subitamente inquieto.

— Devo dizer, Max, que você parece indiferente demais em toda essa história.

— Sou um hedonista feliz — respondeu Mather, dando de ombros. — Não tenho paciência para os ciúmes acadêmicos.

— Pensei muito a respeito. E investiguei-o, como não podia deixar de ser. A informação acadêmica é adequada, mas escassa. A história social é... digamos assim... interessante.

O sorriso de Mather foi desconcertante. Ele abriu os braços num gesto muito latino.

— Não precisa se preocupar, Harmon. Está me publicando. Está me empregando. E especula se vi direito a etiqueta de preço da transação.

— O que diz a etiqueta de preço, Max?

— Você quer conduzir a investigação de Rafael pessoalmente.

— E como se sente em relação a isso?

— Contente, relaxado, feliz... não há o menor problema.

— Você me surpreende.

— Por que deveria? Não se esqueça que fui procurá-lo. E fui porque é uma das poucas pessoas qualificadas para organizar e executar uma pesquisa tão extensa e dispendiosa. Se estou interessado? Claro! Mas não estou disposto ao trabalho árduo. Se puder ajudar, enquanto cuido de minhas próprias coisas, muito bem... mas não ando atrás de fama, recursos de alguma fundação ou dinheiro para comer. Ficarei feliz em partilhar com você qualquer informação que recolher pelo caminho...

— É mais do que generoso, Max.

— Tente acreditar que é a verdade. — Mather sorriu. — Dormirá melhor assim. Mas há uma coisa que deve lembrar.

— O que é?

— Assim que publicar a matéria, o mundo e sua esposa estarão vasculhando o sótão à procura dos Rafaéis perdidos.

— E todos vão procurar a mim e Belvedere para julgar suas descobertas... Mas agora que nos entendemos, deixe-me prepará-lo um pouco para Danny Danziger. É uma mulher espetacular. Já me disseram que tem preferências sexuais extravagantes. Do que só tenho conhecimento pelos comentários, é claro. Nunca misturo negócios com prazer.

Ela era, para dizer o mínimo, uma surpresa: uma ruiva alta, na casa dos trinta anos, olhos verdes, um perfil clássico e um corpo que levaria à loucura os pré-rafaelitas. Usava um chambre de brocado, óculos de aros de chifre e chinelas orientais. O cumprimento foi indiferente, o aperto de mão um contato frio e fugaz.

Introduziu Mather num sótão amplo e atravancado, com uma vista da água até a praia de Jersey. Sentou-o a uma mesa de refeitório espanhola e instalou-se, austera como a madre superiora, na cadeira de encosto alto à sua frente. Suas primeiras palavras foram uma frase taxativa de condenação.

— É um escritor muito chato, Sr. Mather.

— Sei disso. — Mather ofereceu seu sorriso mais cativante. — Isso me torna uma dádiva de Deus para os editores. Qualquer coisa que eu possa fazer, eles são capazes de fazer melhor.

— Já publicou muita coisa?

— Bem pouco. Na prática, sou um arquivista... de preferência, sou um ocioso. Bem, por onde gostaria de começar?

— Explicando como trabalho. Primeiro, sou paga pelo trabalho editorial, depois recebo um crédito e uma taxa adicional pelo que escrevo para publicação. Em outras palavras, não escreverei seu trabalho, mas posso intercalar comentários, pelos quais assumo o crédito e recebo um pagamento. Se o comentário distorce ou desfigura sua intenção, basta dizê-lo que o mudarei. Nesse caso, sou a apresentadora de seu produto. Entendido?

— Entendido.

— Passemos ao seu material. A substância é obviamente acurada. Suas comparações com a vida doméstica atual são interessantes. As conclusões são procedentes, embora um tanto simplistas. Mas escreve tudo de uma maneira monótona. Sei que Belvedere é uma revista enfadonha, mas não precisa ser tão enfadonha assim! Portanto, a minha tarefa é escolher as melhores e mais interessantes partes de sua tese e juntá-las com comentários descontraídos.

— Como é possível... — Mather recostou-se na cadeira e examinou-a como um médico. — Como é possível que eu seja um sujeito descontraído e escreva coisas enfadonhas... enquanto você é uma sabichona e pode escrever comentários descontraídos?

Pela primeira vez, um brilho surgiu nos olhos verdes e um sorriso contraiu os cantos da boca.

— Lei das compensações. Nenhum homem merece ser tão atraente quanto você. Nenhuma mulher merece ser tão sabichona quanto eu. Assim, você é um péssimo escritor e eu tenho de ser uma editora espirituosa... Vamos começar a trabalhar?

Mather não pôde deixar de admitir que ela estava bem preparada. Pegara um texto com cerca de trinta mil palavras, selecionara uma vintena de sequências e as reunira num mosaico vívido da vida numa *villa* rural da Toscana no início do século XVI. Ela possuía um olho para os detalhes animados — como a lã era tingida e o couro curtido, como os cereais embarcados da Sicília para Pisa eram trocados por vinho e queijo toscanos, como os barris de atum de Trapani pagavam o ferro de Elba, como seda e selaria de homem eram negociados por pó de ouro de Djerba e escravos pretos da Barbaria.

Conseguira incutir na prosa seca de Mather a seiva da experiência pessoal.

Consciente do trabalho desleixado sobre um assunto que não o interessava absolutamente, Mather sentiu-se estimulado à discussão crítica e reminiscência animada. Perdera a noção do tempo quando Leonie Danziger desligou o gravador e anunciou:

— Seis horas. Já chega por hoje. Fala melhor do que escreve. Talvez devêssemos lançá-lo no circuito das conferências. Estou ansiosa por um drinque. Quer me acompanhar?

— Adoraria. Bourbon e água, se tiver.

— Ali no aparador. E pode me fazer vodca com tônica. Há um limão na fruteira...

Enquanto ele preparava os drinques, ela arrumou os papéis e comentou, de forma casual:

— Você me intriga, Max Mather.

— Por quê?

— Essa encenação do camarada feliz. Você entra, eu jogo uma torta na sua cara. Você limpa e sorri para mim. Reconhece que escreveu uma tese meio idiota. Há tão pouco sangue no assunto que não posso imaginar por que se deu ao trabalho. E depois eu o ponho para trabalhar. Atenção! Outro homem... um estudioso sério, em busca da excelência. Mente crítica se aplicando às categorias clássicas. Qual é o verdadeiro você?

— O que vê é o que existe.

— Não acredito nisso.

— Como quer o limão... uma fatia ou um pedaço de casca torcido?

— Uma fatia, por favor... Você é gay?

Mather ficou aturdido com a pergunta, mas sorriu e respondeu:

— Não. Você é?

— Sou, sim, na maior parte do tempo. Harmon lhe contou?

— Não havia motivo para que ele contasse.

— Harmon não precisa de um motivo. É um intrigante natural.

Mather levou os drinques e levantou seu copo para Leonie Danziger.

— Contudo, ele me disse que você é uma editora de primeira classe.

— Posso retribuir o elogio e dizer a ele que você é um autor muito cooperativo.

— Ótimo! Ele precisa da garantia.

— Você o confunde. Harmon não consegue entender por que não está competindo pelo crédito sobre as referências a Rafael. Podem se tornar muito importantes.

— Não para mim. Não estou projetando uma carreira acadêmica. Sou um erudito que gosta de vida tranquila. Seldes precisa do cheiro do dinheiro de

dotações, a autoridade das grandes instituições, o poder das ricas fundações. Pode ficar com tudo.

— Não é de admirar que ele o tenha chamado de *scholar* cigano.

— É mesmo? Ora, é um rótulo espirituoso, mas um plágio de Matthew Arnold.

— Ele acrescentou um complemento próprio.

— Qual?

— O *scholar* cigano com um pau de ferro, pronto para se levantar ao estalo dos dedos de uma mulher.

— Muita gentileza de Seldes.

— Contanto, acrescentou ele, que a mulher seja viúva ou divorciada e tenha uma renda de seis algarismos.

— Ele é um filho da puta maldoso, não é mesmo?

— A natureza de uma besta. Informou que não ouviu queixas do seu desempenho. Todas as mulheres parecem muito leais à sua memória. Num breve contato, posso compreender o motivo.

Mather estava irritado com a provocação óbvia.

— Isso tudo é parte do serviço editorial?

— É a parte que não cobro, meu prazer particular, o jogo do conhecimento. Gosto de conhecer meus autores... São casados? Qual o estado de saúde, o estado de espírito? Todo esse tipo de coisas.

— Muito bem — disse Mather, calmamente. — Vamos ver se passo no teste. Casado? Não. Vivendo com alguém? Não. Doenças contagiosas? Nenhuma. E você?

— A mesma coisa. Não tenho nada. Por favor! — Ela pôs a mão fria no rosto de Mather. — Vamos parar o jogo por aqui. Tenho a impressão que você não está gostando.

— É um jogo desagradável. — Brusco e furioso, Mather partiu para o ataque. — É cruel e calculista. Joga muito bruto, Srta. Danziger. Não aprecio uma torta na cara. Jamais gostei do sadismo como um esporte de espectador... e com Harmon Seldes observando, gosto ainda menos. Portanto, vou lhe agradecer pelo drinque e partir... Ligue-me quando estiver pronta para outra sessão de trabalho. Gostei muito dessa parte. E pode estar certa de que direi a Harmon Seldes como é profissional... Boa noite.

Ele já percorrera a metade do caminho para a porta antes que ela recuperasse a voz.

— Espere, por favor.

Mather hesitou por um momento, depois virou-se para enfrentá-la.

— Esperar para quê?

— Entendi errado... desculpe.

— Não se desculpe! Explique. Você, Seldes, todo o resto.

— Pois então sente-se. Preciso de outro drinque. Quer também?

— Obrigado.

Ela demorou a preparar os drinques, empoleirou-se na beira da mesa, a fim de fitá-lo de cima, iniciou uma narrativa hesitante.

— Harmon Seldes e eu nos conhecemos há muito tempo. Fui sua assistente na Belvedere. Ele descobriu que eu sabia escrever. Usou-me para fazer seus discursos e editar suas matérias para publicação. Sempre nos demos bem, porque ele não tem muito interesse pelas mulheres e na maior parte do tempo prefiro viver ao estilo sáfico... Harmon ainda me utiliza porque recebe o melhor trabalho da cidade... De repente, você entra em cena. Ele me mostra a sua matéria. Eu acho que é vulgar, mas concordo em aceitá-la. Conversamos; ele me conta como você o abordou, com as referências a Rafael. A primeira impressão de Harmon foi a de que você estava armando um golpe elaborado porque, como eu lhe disse, parecia bom demais para ser verdadeiro. Não pode culpá-lo por isso. Harmon está há muito tempo no ramo. Já viu todas as vigarices possíveis. De qualquer forma, ele tratou de investigá-lo.

— E pode me explicar como ele fez isso?

— Enviou telegramas para Palombini e a Biblioteca Nacional em Florença. Disse que você estava se candidatando a um emprego na Belvedere e os indicara como referências.

— O esperto Harmon — murmurou Mather, — Muito, muito esperto.

— Ele não me mostrou as respostas, mas disse que foram recomendações de primeira classe. Ainda não pode imaginar como você conseguiu obtê-las, mas isso é outra história. E depois ele começou a desencavar sua história social, desde Princeton. Aparentemente, você adquiriu grande reputação como amante de conveniência de mulheres ao final da floração. É o motivo para o *scholar* cigano de pau de ferro e todo o resto... O que nos leva à minha parte.

— Era o que eu estava esperando — disse Mather, incisivo.

— Oh, Deus, não é fácil!

— Nem poderia ser. Se espalha merda pela casa, tem de limpar depois. Continue.

— Sou uma editora. Lido com todos os tipos de autores... homens, mulheres, gênios, idiotas, sociopatas... pense em qualquer um, já tive de enfrentá-lo. Por isso, tive de desenvolver uma técnica. Assumo o comando desde o primeiro momento. Tento desestabilizá-los primeiro, depois trato de acalmá-los... Foi o que fiz com você. Não esperava por sua reação. Peço desculpas. E, agora, preciso de outro drinque.

— Fique onde está. Eu irei buscá-lo. Ainda não acabei. Há uma parte de Seldes que não compreendo. Os registros de Rafael nos livros de contas têm 480 anos. Pense em quantas obras de arte foram perdidas, roubadas ou destruídas nesse período. O que aconteceu com elas é uma especulação fascinante, mas por que um homem como Seldes perderia o sono por causa disso? Ele escreve suas matérias. Há uma enxurrada de correspondência, umas poucas pistas falsas e... ponto final!... Estamos de volta ao começo.

— É nisso que se engana, Sr. Mather. Seldes tem muitos segredos em seus arquivos... e muitos mais guardados na cabeça. É consultor de ricos colecionadores da Europa e América do Sul. Pode lhe dizer... mas não o fará... que obras famosas de que coleções famosas não passam de falsificações. Assim, ele pode explorar a informação sobre Rafael de maneiras com que você nunca sonhou. E a última coisa que ele quer é alguém inexperiente farejando em seus calcanhares.

— Prefere que esse alguém seja sacudido por uma editora górgona.

— Você é um autêntico filho da puta, Max Mather.

— Sei que sou. Você sabe que sou. Mas, como Harmon Seldes informa, minhas mulheres guardam lembranças felizes de mim. Com um pouco de prática, até mesmo você e eu podemos conseguir ser polidos um com o outro. Obrigado pelo trabalho. E adeus.

Foi uma saída impertinente e descortês, e Mather já se sentia envergonhado ao chegar a seu apartamento. Enquanto tomava um banho de chuveiro e se vestia, procurou por algumas palavras, algum gesto para reparar a situação.

Lembrou-se subitamente de uma joia de pouco valor que encontrara uma manhã, depois da morte de Pia. Estava em Florença, passeando a esmo pela Ponte Vecchio, totalmente divorciado do presente. Na vitrine de um ourives que se especializava em reproduções viu um pequeno pingente de camafeu, mostrando duas mulheres abraçadas. Entrara na loja, barganhara por meia hora e comprara o pingente por cinquenta dólares. Só quando saíra, com o pacote na mão, é que se lembrara de que Pia estava morta e que a peça não tinha qualquer outro significado para ele. Ficaria muito bem em Leonie Danziger, com seus cabelos ruivos e sua aparência de Donzela Abençoada.

Usando um dos seus lenços de seda, fez um embrulho de presente ao estilo japonês, enviou para ela por mensageiro especial. Também mandou um bilhete:

Um pedido de desculpas pelos maus modos do seu cliente. Presume-se que os scholars também sejam cavalheiros. Aguardo ansioso a nossa próxima sessão de trabalho.

M.M.

5

Anne-Marie Loredon estava convidada para jantar naquela noite com Edmund Bayard. Era um compromisso que não podia recusar, porque precisava discutir com Bayard o preço dos quadros da esposa e a publicidade que seria necessária para lançá-los com sucesso no mercado.

Era o primeiro grande teste de sua competência e julgamento como *marchande*. Se fixasse um preço muito baixo, perderia dinheiro e o respeito de um cliente que ainda possuía uma importante coleção pessoal. Se o preço fosse muito alto, numa galeria nova no centro, ela se arriscaria a um fracasso ignominioso. O problema era agravado por se tratar de uma exposição póstuma e de uma pintora que vendera apenas particularmente, através de um *marchand* especializado.

Já falara com Lebrun, que no início se mostrara reticente e um pouco hostil. Era um francês baixo e atarracado, cabeça branca, mãos pequenas e expressivas e o porte empertigado de um velho mestre de balé. Disse que estava perplexo, não compreendia por que o Sr. Bayard não o consultara diretamente sobre o lançamento no mercado dos quadros da esposa. Cuidara daquele talento, muitas vezes em circunstâncias difíceis. Era de se esperar... mas não... talvez não... Claro que entendia que a Srta. Loredon não tinha qualquer culpa no assunto. Era jovem, no começo de uma carreira. Ainda não estava a par das sutis cortesias do mercado, a necessidade de alianças amistosas... Contudo, sentia-se bastante comovido com a sinceridade e charme da Srta. Loredon para lhe oferecer um pequeno conselho.

A falecida Madeleine Bayard fora sem dúvida uma excelente pintora, com uma visão particular muito especial. Muitas vezes a exortara a expor suas obras, mas ela sempre recusara. O marido, ao que parecia, era um tipo repressivo, com ciúme do talento da esposa, temeroso de perdê-la. Por isso, Lebrun mostrara seu trabalho a determinados clientes, interessados no moderno talento americano. Talvez quisessem aumentar seu acervo com as obras de Bayard. Ele teria o maior prazer em apresentá-los... pela comissão de descobridor. Preços? Não muito altos enquanto Madeleine estava viva — dois mil, cinco, dez no máximo. É claro que com um vernissage bem promovido, com boa publicidade e uma imprensa favorável, seria possível passar para níveis superiores.

A Srta. Loredon poderia considerar a possibilidade de lançar um único quadro no mercado, pouco antes do anúncio da exposição, talvez pedir ao pai ou

a um de seus colegas para apresentá-lo num leilão. Às vezes dava certo, às vezes não. A propósito, quais eram as intenções do Sr. Bayard? Vender toda a coleção ou conservar algumas peças? Seria possível arrumar uma mostra prévia para certos clientes de Lebrun? Ninguém esquecia o valor de um pequeno tratamento de nação favorecida...

Anne-Marie compreendeu muito bem o que ele estava querendo. Não compreendeu e também não perguntou o significado preciso do tipo repressivo de Bayard e o ciúme do talento da esposa. Falou com o pai e apresentou a sugestão do francês sobre a apresentação de uma peça de Madeleine Bayard num leilão. Ficou surpresa com a negativa categórica do pai.

— De jeito nenhum! Não há a menor possibilidade. É uma distração perigosa. Torna-a vulnerável a todas as intrigas do mercado. Vá para o grande prêmio, menina! Ou tudo ou nada. Preço? Envolva o cliente na decisão. Deixe que ele diga o que vai querer. Bayard tem acesso pessoal às informações do mercado... Boa sorte.

Edmund Bayard mostrou-se feliz com a perspectiva; mas estava ocupado durante o dia inteiro no escritório. Que melhor pretexto podia haver para um tranquilo *dinner à deux* e um passeio entre os quadros depois? Desta vez, era impossível recusar; assim, às oito horas, pontualmente, Anne-Marie chegou ao apartamento de Bayard.

Comeram n grande sala de jantar, cercados por todos os quadros de Madeleine Só que agora não havia senso de opressão. Bayard estava descontraído. A refeição era impecável e foi servida pelo casal filipino. Os vinhos eram excelentes. A conversa foi ampla e informal. Bayard dispunha de um repertório de histórias divertidas sobre o mundo da arte e seus habitantes mais excêntricos. Anne-Marie foi levada a reminiscências de sua vida na Itália. Só quando o café foi servido é que passaram a tratar da fixação dos preços dos quadros. Bayard iniciou a discussão com uma declaração inesperada:

— Resolvi efetuar uma venda total das obras de Madeleine... É o último ato catártico.

— A decisão é toda sua, é claro. — Anne-Marie assumiu uma cuidadosa posição neutra. — Mas devo ressaltar que, do ponto de vista do investimento, pode estar cometendo um erro Se eu criar um bom mercado para as obras de Madeleine, poderia perder muito dinheiro por não ter reservas.

Bayard sorriu, tolerante.

— Quantas telas temos?

— Cinquenta e cinco. E mais setenta e tantos desenhos e estudos, em vários tamanhos.

Anne-Marie relatou a visita a Lebrun. Ele acenou com a cabeça em

aprovação.

— Não há problema, deixe-o trazer seus compradores para uma mostra prévia. São todos fiéis e confiam no conselho de Lebrun...

— Também perguntei a meu pai se poderíamos testar uma peça num leilão. Ele foi contra.

— Eu também sou. — Bayard tornou-se subitamente tenso. — Suas relações com seu pai não são da minha conta. Mas você é minha única representante. Não tratarei com mais ninguém. Compreenda isso.

— Claro que compreendo. — Ela ficou aturdida com a veemência de Bayard. — Mas sou nova no ofício. Preciso de conselhos. Procuro-os onde posso encontrá-los e meu pai é um dos melhores no mercado.

— E eu não sou dos piores. — Bayard sorriu e afagou-lhe a mão. — Já comprei muitos quadros por conta própria. Vamos decidir juntos, está certo? Se nos enganarmos, muito bem. Servirá para a próxima rodada como uma lição. Agora, pegue seu bloco de anotações e faremos a ronda da coleção. Anotaremos primeiro nossas estimativas pessoais. Faremos a comparação depois. Lembre-se de que essa primeira exposição tem de suportar uma carga extra.

Você precisa amortizar uma parte das reformas; a conta de publicidade será quase o dobro do normal... e o que não vender será estoque morto, ocupando espaço de depósito... E agora me diga: em sua opinião, qual é o melhor quadro na sala?

— Nunca tive a menor dúvida sobre isso. Quero fazer com que a mulher na igreja seja a peça principal da exposição.

— Muito bem. Quanto?

— Cinquenta mil.

— É isso o que vale?

— Deve dar muito mais.

— Então ponha setenta e cinco mil. Se não sair, pomos uma etiqueta de vendido e, para todos os efeitos, compramos de volta para o estoque... Portanto, comecemos por setenta e cinco. Qual é o nosso preço mínimo para uma tela acabada?

— Não pode ser menos de vinte e cinco.

— Os desenhos e estudos?

— Comece em quinze, desça para dois mil.

— Está certo. Eu farei uma lista e você fará a sua. E depois vamos comparar as cifras.

O desafio excitou Anne-Marie. Seu julgamento profissional estava sendo testado contra os conhecimentos de um advogado que aconselhava os *marchands* da América, um homem que vinha comprando quadros pessoalmente há mais de

um quarto de século. Ela sabia também que Bayard a cortejava — não da maneira *gauche* e indecisa do primeiro encontro, mas suavemente, habilmente, atraindo-a passo a passo para o círculo encantado de sua vida particular.

A decisão de vender todos os quadros de Madeleine era um ato dramático, a fim de lhe mostrar que ele estava exorcizando a esposa morta de sua memória e entregando seus quadros à administração de Anne-Marie Loredon... e quarenta por cento dos rendimentos em seu bolso.

Ela podia sentir os olhos de Bayard observando-a enquanto se deslocavam em direções opostas pela sala. Percebeu a zombaria em seu sorriso, mas interpretou como a provocação afetuosa de um amante em potencial.

Houve um triunfo pequeno mas inebriante quando compararam as anotações e Anne-Marie descobriu que suas estimativas estavam apenas cinco por cento mais baixas que as de Bayard, e que as noções de ambos sobre os valores relativos das telas correspondiam quase com exatidão.

— Como você é o vendedor, ficaremos com sua avaliação — ela declarou, sorrindo.

— Vamos fazer algumas contas. — A atitude de Bayard era jovial, mas também objetiva e comercial. — Temos um total de cento e trinta peças, das quais apresentaremos um terço na exposição. O valor nominal desse catálogo é de um milhão duzentos e vinte mil dólares. Vamos fazer uma estimativa razoável e calcular que vendemos a metade. São seiscentos mil. Sua renda bruta é de um quarto de milhão. Quanto disso seria sua previsão para divulgação e publicidade... lembrando, é claro, que terá de pagar todas as contas mesmo que não venda um único quadro?

— Fiz um orçamento de cinquenta mil e sinto arrepios cada vez que penso a respeito. Procuro desesperadamente imaginar como posso obter uma divulgação gratuita. Max Mather prometeu-me conseguir uma notícia na Belvedere. Ele é agora um editor-consultor. Meu pai está fornecendo listas valiosas para a mala direta. Wally Brent prometeu fotografar todas as telas pela tabela mínima e o custo do material... É uma coisa que preciso combinar com você. Ele pode trabalhar aqui? Não haverá tempo se esperarmos até o estúdio ficar pronto.

— Claro que pode... E por falar em divulgação gratuita, também tenho contatos em jornais e revistas. Pensei em oferecer um jantar aqui, antes de transferirmos os quadros. Estaria disposta a servir como anfitriã para mim?

E lá estava, o movimento de mestre, preparado de maneira impecável, tão inevitável quanto a morte e impostos. Anne-Marie pensou por um momento e concordou.

— ...Ressalvado sempre o que eu disse no início de nossa associação. Tenho de ser encarada como independente. Nenhum dos dois pode se permitir rumores

de proteção ou interesse romântico mútuo.

— Prometo que não haverá nenhum.

— Então terei o maior prazer em fazer o que está pedindo.

— Ótimo. Será uma ocasião muito especial. Vamos fazer a lista de convidados juntos... e lembre-se de que as pessoas estarão vendo os quadros como você os viu naquela primeira vez. Não esqueci como ficou impressionada.

— Mesmo esta noite ainda experimento o mesmo choque de emoção. Claro que tem alguma coisa a ver com esta sala, com a sua interferência pessoal na disposição. Espero podermos alcançar o mesmo efeito na galeria... ou pelo menos não perder muito... o que me leva a duas outras questões. O catálogo está sendo estudado. A Art-gravure me deu um bom preço para produzi-lo... O que preciso, no entanto, é de material biográfico e pessoal sobre a própria Madeleine. Se queremos reduzir o destaque da história do assassinato, devo ter outro material para fornecer à imprensa. Além disso, a personalidade de Madeleine está gravada com tanto vigor em suas obras que os compradores e o público vão querer saber o máximo possível a seu respeito.

Bayard franziu o rosto e mudou de posição na cadeira, irrequieto. Serviu-se de mais vinho e bebeu de um só gole.

— O que a imprensa quer e o que eu quero são duas coisas diferentes.

Anne-Marie tentou acalmá-lo.

— Sei que esse é provavelmente o aspecto mais difícil do projeto. Se acha que pode me falar, trabalharemos aqui, com um gravador. Se isso também for doloroso, talvez haja anotações, diários, até mesmo material já publicado que eu possa aproveitar... Mas deve compreender meu problema.

— Eu compreendo. — Bayard estava recuperando o controle. — Envergonho-me de minha fragilidade, acredite, mas não poderia enfrentar uma sessão de perguntas e respostas... mesmo com você, minha cara. O que prefiro, no fundo, é uma biografia sucinta. Vou prepará-la para você... Minha posição é de que as obras de Madeleine dirão tudo o que ela gostaria que fosse conhecido a seu respeito. Confie em mim nesse ponto, por favor!

— Como quiser, é claro. Mas preciso da resposta a uma pergunta, porque a imprensa vai apresentá-la... Por que Madeleine nunca expôs quando era viva?

— Ela nunca teve confiança suficiente em seu talento.

— E você, o marido?

— Nunca fui capaz de convencê-la do contrário.

— É lamentável.

— Mais lamentável do que você imagina. — Havia uma frieza de inverno na voz de Bayard. — Não fomos felizes por muito tempo. E ambos fomos privados da oportunidade de... de reconstituir nosso relacionamento. Mas isso são águas

passadas. O que espero agora é um novo começo.

Era um terreno perigoso. Anne-Marie não se atrevia a prolongar o assunto e um Bayard melancólico era mais do que ela podia suportar. Levantou-se.

— Pois então vamos parar por aqui. Obrigada por um esplêndido jantar e pela ajuda nas avaliações. Imprimirei a biografia exatamente como a mandar. Enviarei a prova do catálogo para sua aprovação e ainda temos de combinar uma hora para o fotógrafo. Eu o acompanharei, é claro.

— Será sempre bem-vinda aqui, minha cara. Sabe disso.

— Obrigada, Edmund. Pode chamar um táxi para mim, por favor?

— Miguel a levará. — Era o velho Bayard autoritário quem respondia. — Detesto despedidas prolongadas. Espero que chegue um dia em que não serão mais necessárias.

Ele abraçou-a e beijou-a nos lábios. Anne-Marie não resistiu, mas sua reação foi fria, desprovida de paixão. Bayard não disse nada. Tocou a campainha para chamar Miguel, que desceu com ela pelo elevador e levou-a para casa em silêncio.

Chegando a seu apartamento, Anne-Marie ficou de molho por uma hora num banho quente, tentando eliminar a tensão dos músculos; mas não pôde se livrar da noção que martelava seu cérebro: ou Lebrun ou Bayard, um dos dois estava mentindo. Lebrun era um homenzinho melindroso, furioso porque não merecera a oportunidade de continuar a cuidar da obra de Madeleine. Por outro lado, era um entusiasta que amava a pintura, respeitava o talento e obviamente desfrutara da confiança de Madeleine Bayard.

O marido era um homem abalado, torturado pela culpa, mais empenhado em eliminar a lembrança da esposa do que em perpetuá-la. E aí estava o verdadeiro problema: de forma lenta e cuidadosa, ele começava a instalar Anne-Marie Loredon no lugar de Madeleine. O acordo inicial, simples e comercial, transformava-se agora em algo mais — uma transferência, uma responsabilidade pessoal com os vivos e os mortos.

Apesar de toda a fragilidade de suas emoções, Bayard era um manipulador calculista de pessoas e situações, havia uma ira fumegando em seu íntimo, como um fogo de forja, abafado, mas esperando apenas pelo primeiro sopro do fole para explodir em chamas.

Havia tênues equimoses nos pontos de seus braços em que ele pegara. Os lábios ainda comichavam da pressão de sua boca. Mesmo assim, Anne-Marie não podia jurar que não gostava dele ou que o rejeitaria para sempre.

Max Mather resolvera passar a noite em casa, avaliando o que realizara até aquele momento, definindo a estratégia para o futuro. Em primeiro lugar, o mais importante, estava agora "no ramo". Tinha uma identidade expressa. Tinha

antecedentes. Tinha capital e renda. Tinha amigos e companheiros para afiançá-lo. Tinha representação legal nos dois lados do Atlântico. Conduzia-se com a humildade apropriada, como o garoto novo na cidade. Estava livre de envolvimentos emocionais; uma experiência desconhecida e ocasionalmente desconcertante, pois começava a compreender com que rapidez a cobiça e a ambição podiam arrefecer a paixão sexual. Deixavam bem pouco tempo para a conversa íntima, bem pouca disposição para cultivar uma nova companhia.

Quanto ao futuro, as prioridades eram evidentes. Primeiro, devia autenticar as obras de Rafael. Contava com a publicação na Belvedere e as pesquisas de Harmon Seldes para condenar quaisquer cópias existentes. O objetivo da vinda de Tolentino a Nova York era fazê-lo examinar as peças e apresentar seu veredicto de perito. Antes disso, porém, muito antes, precisava estabelecer uma presença na Europa, como fizera em Nova York. Devia fazer amigos, aliados, ligações em diferentes áreas. Trabalhava numa lista de *marchands* e leiloeiros suíços quando o telefone tocou.

— Sr. Mather? Danny Danziger, Recebi seu presente e seu bilhete. Estou ligando para agradecer. Ambos eram desnecessários. Eu é que me comportei de maneira execrável. O camafeu é lindo, mas acho que não posso ficar com ele.

— Por favor! Eu me sentiria constrangido se não aceitasse. É uma insignificância bonita... uma reprodução moderna de uma peça antiga do museu de Florença. Chama-se "as duas cortesãs".

— Coleciona essas coisas?

— Não. Sou um comprador impulsivo, com uma atração por peças exóticas. Gostaria que o guardasse. Digamos que é o selo de nossa trégua. Estaremos nos vendo com frequência e tenho certeza que ambos apreciaríamos um relacionamento profissional tranquilo.

— O que mais possa ser, Sr. Mather, alguma mulher ensinou-lhe as maneiras mais graciosas. Obrigada outra vez e boa noite.

Ele voltou ao trabalho, divertido e satisfeito. Era outra pequena vitória — uma inimiga em potencial convertida numa aliada. Na estrada solitária que decidira trilhar, até mesmo um estranho de passagem era um encontro afortunado. Agora ele tinha um grampo na rede de colaboradores e informantes de Harmon Seldes.

Pouco depois, o porteiro ligou do saguão. Um motorista da Carey Cadillac tinha uma encomenda urgente para lhe entregar. E devia ser entregue pessoalmente. Era um bilhete e uma maleta trancada, remetidos pelo Sr. Hugh Loredon, que ao final da tarde partira do Aeroporto Kennedy num voo para a Europa.

O bilhete era curto:

Caro Max:

A combinação da fechadura é 6543. Leia o que encontrará aí dentro. Depois, decida o quanto Anne-Marie deve saber. Você terá de contar a ela. Eu não posso. Manterei contato da Europa. É uma viagem muito importante para mim.

Um abraço, Hugh

Sua primeira reação foi de raiva contra Hugh Loredon. O homem era um trapaceiro miserável, escapando de suas responsabilidades mais fundamentais. O que mais ele podia ser era algo que Mather preferia não descobrir. Pelo menos por enquanto. Ele tornou a pôr o bilhete no envelope e prendeu-o em sua agenda. Guardou a maleta no armário do vestíbulo, arrumou seus papéis e começou a se aprontar para deitar. Escovava os dentes quando o telefone tornou a tocar. Era Anne-Marie. Parecia assustada e aflita.

— Max, alguma coisa estranha está acontecendo. Voltei há uma hora de um jantar com Ed Bayard. Seu motorista me trouxe em casa. Pouco depois um Ford verde velho subiu pela rua e estacionou quase em frente ao meu prédio. Ainda está lá, com o motorista sentado dentro. O mesmo carro estava aqui em outras noites, quando cheguei tarde em casa. E esta noite, em particular, estou apavorada!

— Por que esta noite?

— Acho que fiquei um pouco abalada. Ed Bayard me passou uma cantada para valer. A coisa se torna cada vez mais séria.

— Pelo amor de Deus, querida! Já é bastante crescidinha e sabe o suficiente para não se molhar. O que foi fazer na casa de Bayard?

— Avaliamos os preços dos quadros. Ele trabalha durante o dia e por isso só podia ser à noite. Não pude recusar. Não queria incomodar você, mas precisava falar com alguém. Acha que devo chamar a polícia?

— Ainda não. Procure se controlar. Ligue a televisão. Estarei aí dentro de poucos minutos. Tocarei a campainha duas vezes. Não deixe mais ninguém entrar.

— Você é um anjo, Max!

— Estou cansado e ansioso. Seja boazinha comigo quando eu chegar aí. Até já.

Dez minutos depois ele estava na rua, vestindo um macacão de atletismo e correndo do lado da Madison Avenue. Localizou o Ford, passou adiante na direção da Park, depois voltou e bateu na janela. O homem arriado por trás do volante empertigou-se e fitou-o, surpreso e hostil. Mather gesticulou-lhe para

que abrisse a janela. O homem abriu-a só alguns centímetros e perguntou:

— O que você quer?

Mather ofereceu-lhe um sorriso amplo e cordial.

— É o homem do Sr. Bayard?

— Não sei do que está falando.

— Nesse caso, lamento incomodá-lo. Tenho um recado para um investigador contratado pelo Sr. Edmund Bayard, o advogado. Fui informado que ele fazia um trabalho de vigilância nesta rua e guiava um Ford verde.

— Pois encontrou quem procurava. Qual é o recado?

— Mandaram que eu pedisse o seu cartão antes de transmiti-lo.

Relutante, o motorista tirou do bolso e estendeu um cartão encardido. Mather estudou-o por um momento, antes de devolver.

— Obrigado. O recado é que pode suspender a vigilância por enquanto e procurar o Sr. Bayard no escritório pela manhã para novas instruções.

— Isso é ótimo para mim. Bem que estou precisando dormir mais cedo.

Mather esperou até que o carro partiu, seguindo para a Madison. Atravessou a rua e tocou duas vezes a campainha de Anne-Marie. Não perdeu tempo em preliminares, exigindo um relato completo da noite com Bayard.

Ela falou da visita a Lebrun, de sua alegação de que Bayard impedira Madeleine de expor sua obra. Apresentou a versão de Bayard, de que nunca fora capaz de incutir bastante confiança na esposa.

— ...E durante todo o tempo, Max, tenho a sensação de que ele está me manipulando como uma peça de xadrez em seu próprio jogo. Ele me abraçou e beijou em despedida. Eu parecia um bloco de gelo, mas não fez a menor diferença para ele. Estava no comando. E me deixou ir embora sem dizer nada... Isso me deixou tão assustada que tive de ligar para você. E agora descubro que ele me mantinha sob observação como... como uma criminosa ou uma esposa errante. Não posso admitir...

— E não precisa admitir.

— Mas o que posso fazer? Você não o conhece, Max. É um tipo... opressivo. Assume o controle de cada situação. Não resta a menor dúvida de que agia assim com a esposa. É o que ela expressa em seus quadros... a sensação de estar acuada, o anseio de libertação.

— O que deveria fazer é se afastar dele agora.

— Sabe que não posso fazer isso, Max. Assinamos os contratos. Baseei todos os meus planos neste projeto.

— Pois então faça o seguinte. Está zangada e embaraçada. Seu território privado foi invadido e violado. Escreva para ele, dizendo isso. Diga que precisa conduzir o relacionamento futuro entre vocês dois com uma formalidade

profissional. Em suma, levante barreiras intransponíveis. Escreva o bilhete agora, enquanto estou aqui. Providenciarei para que seja entregue no escritório de Bayard pela manhã, bem cedo. Enquanto isso, ligarei pessoalmente para o filho da puta. Dê-me o telefone de sua casa.

Enquanto ela ditava o número, Mather apertava os dígitos. Esperou até ouvir a resposta ríspida de Bayard:

— Quem está falando? Não sabe que horas são?

— Aqui é Max Mather. Estou no apartamento da Srta. Loredon. Você contratou um homem para vigiá-la. Seu nome é Lou Kernsak, da Agência de Investigações KNK. Ele passou várias noites em seu carro estacionado em frente ao prédio da Srta. Loredon. Ela ficou assustada e aflita. Chamou-me. Falei com Kernsak. Disse a ele que tinha um recado seu. Ele me mostrou seu cartão. Mandei-o embora. Ele vai procurá-lo pela manhã, em busca de novas instruções. Dispense-o, Sr. Bayard, ou estará se metendo numa tremenda encrenca.

— Não tenho palavras para dizer o quanto lamento esse incidente, Sr. Mather, mas há uma explicação perfeitamente simples...

— Pode guardá-la. E escute com atenção. Não é da minha conta o que a Srta. Loredon vai decidir a respeito. Meu conselho seria o de cortar todas as ligações com você e processá-lo por tudo o que for possível. E só para encerrar seu registro da vigilância noturna, cheguei aqui às onze e vinte, em resposta ao chamado da Srta. Loredon; passarei a noite no apartamento para ter certeza de que não surgirão outros problemas. Boa noite, Sr. Bayard.

Ele desligou e virou-se para Anne-Marie.

— Tem alguma coisa para beber em casa? Acho que ambos precisamos de um drinque.

Enquanto bebiam, ele relatou sua conversa com Hugh Loredon. Anne-Marie sacudiu a cabeça, tristemente.

— Não estou surpresa. Meu pai sempre foi um conquistador, durante toda a vida. Foi isso que acabou seu casamento com mamãe... Mas não compreendo por que ele não podia me contar. Nunca foi reticente sobre suas outras ligações... inclusive com uma amiga minha.

— Desta vez há um assassinato na história... e um marido ciumento que é bastante poderoso no mundo da arte. Além disso, Hugh foi interrogado pela polícia sobre o crime... É uma confissão bastante complicada para fazer à própria filha. Seja como for, estou começando a pensar que ele pode estar certo em relação a Bayard depois do episódio desta noite.

— Não sei o que pensar. Concordo que devo levantar barreiras... Não posso perder o estúdio, porque o contrato já foi assinado. Mas se ele quiser cancelar a exposição, não valeria a pena promover uma briga.

Mather foi categórico.

— Você não perderá a exposição porque Ed Bayard não pode perder a classe. Ele tem de encontrar uma desculpa que apaziguará a nós dois... a você, porque a deseja muito, e a mim porque sou uma testemunha ocular da loucura que acabou de cometer.

— Mas que desculpa ele pode oferecer?

— Não tente adivinhar. Vamos esperar para ver. Agora, trate de escrever o bilhete. Deve ser curto, magoado e zangado.

Enquanto ela começava a escrever, Mather lembrou a si mesmo que ele também a estava enganando. Não lhe dissera coisa alguma sobre a maleta ou a súbita partida de Hugh Loredon para a Europa. A verdade era que precisava de tempo e privacidade para verificar o que exatamente Hugh Loredon largara em seu colo... e a liberdade de negar, se necessário, jamais ter visto o material. O assassinato de Madeleine Bayard ainda era um caso em aberto e a investigação poderia ser reiniciada no momento em que a exposição fosse anunciada. A imprensa levantaria especulações; a polícia reagiria com um ímpeto de atividade... e o temor antigo de um crime de imitação estaria na mente de todos, inclusive na sua e na de Anne-Marie.

Esse era um lado da questão. O outro era que cada fato oculto e cada meia verdade erodia mais um fragmento no relacionamento, deixava-a um pouco mais isolada, num mundo hostil. Assim, quando Anne-Marie terminou a carta, ele já tomara a decisão de lhe contar tudo.

— Esta noite, pouco antes do seu telefonema, recebi um mensageiro de seu pai, que viajou para a Europa ao final da tarde. O mensageiro trazia uma maleta e um bilhete. O bilhete apenas me concedia permissão para lhe contar o que acabou de ouvir. Não sei o que há na maleta e você não deve tomar conhecimento, caso algum dia seja interrogada pela polícia... Minha posição é diferente. Não tenho ligação direta no tempo ou no relacionamento com o crime... Entende o que estou querendo dizer?

— Claro. E me sinto grata. É mais do que posso absorver em um dia.

— Deixe-me ler o que escreveu para Bayard.

Ele ficou surpreso com a veemência do protesto.

Estou chocada, além do que as palavras podem expressar, por descobrir que você, um advogado respeitável, pôde cometer uma invasão tão grosseira da minha privacidade. Não sou sua esposa. Não sou sua amante. Sou apenas a locatária de um prédio que você possui. E contratei expor os quadros de sua falecida esposa.

Não posso imaginar por que direito ou por que ficção se atreveu a

pagar um espião para vigiar meus movimentos. O mais breve possível, solicitarei conselhos legais para me proteger de novas invasões. Enquanto isso, reservo-me o direito de exigir um desagravo por essa intolerável violação.

Anne-Marie Loredon

— Está ótimo — disse Max Mather. — E agora vá se deitar. Ficarei aqui por mais meia hora e depois voltarei para casa.

— Mas pensei que tivesse dito que passaria a noite aqui.

— Pura propaganda para enganar o inimigo.

— Por favor... eu gostaria que ficasse. Manhattan é um lugar muito solitário quando se está com medo!

6

Na manhã seguinte, ao deixar o apartamento de Anne-Marie, Max Mather entrou numa farmácia e comprou dois pares de luvas de borracha.

Chegando em seu apartamento, ligou a secretária eletrônica, pôs as luvas de borracha, pegou a maleta de Hugh Loredon no armário e arrumou o conteúdo, peça por peça, na mesa de jantar.

Havia três diários, encadernados em couro e com um fecho de metal. Havia meia dúzia de cadernos de desenho in-oitavo, dois cadernos escolares de criança, com anotações, estudos e diagramas, três maços de cartas, amarrados com uma fita rosa.

A caligrafia nos diários e cadernos escolares era pequena e precisa, a escrita de um calígrafo. Mather, que passara uma grande parte de sua vida estudando manuscritos históricos, sentiu-se no mesmo instante fascinado pela beleza simples das páginas escritas. Os desenhos — a caneta e tinta, lápis ou pincel, alguns coloridos, outros não — possuíam a mesma fluência cursiva, a mesma segurança e economia de linhas da escrita. Foi tão envolvido pelo primeiro impacto rítmico das páginas que, por alguns momentos, nem percebeu o tema.

E de repente atingiu-o. Estava olhando para toda uma série de narrativas eróticas, executadas de maneira meticulosa, mas também alegre, em linha e mancha. Mather conhecia pornografia, antiga e moderna; estava a par também de todas as colorações do ato sexual — triunfante, violento, terno, pervertido, destrutivo. Ali, no entanto, o tom predominante era a alegria, orgíaca e exultante...

E depois ele notou mais uma coisa. Os corpos, rostos e atributos físicos eram rigorosamente mantidos — imagens de personagens reais, numa história contínua. Uma figura báquica, repetida com regularidade, era claramente reconhecível como Hugh Loredon. Outra tinha uma desconcertante semelhança com Danny Danziger. Em nenhum lugar havia algum personagem que parecesse com Edmund Bayard, sequer remotamente, mas a mulher no centro de cada evento só podia ser a própria Madeleine.

Os cadernos de anotações eram, em todos os sentidos, documentos profissionais: informações sobre as obras de outros artistas, lembretes de insólitas composições ou harmonias de cores, uma ou duas frases sobre uma cena vislumbrada num metro, ilustrada por um desenho resumido, feito com um lápis de sobrancelha. Havia temas eróticos aqui também, mas eram apenas

momentos. Era mais um *vade mecum* de artista — em que o objeto como visto, a visão como extrapolada do objeto, os meios de alcançar e registrar a visão, eram os temas principais.

O próprio Mather fora muito bem treinado para não deixar de admirar a rigorosa disciplina que Madeleine Bayard se impunha. A graça fluente dos desenhos era um triunfo conquistado com muito trabalho. Ele não pôde deixar de pensar como aquele material seria valioso como uma introdução e uma interpretação das peças da exposição. Especulou ociosamente o que Bayard faria se aparecesse subitamente no catálogo.

Foi então que lhe ocorreu um novo pensamento, mais lúgubre. Se Bayard sabia da existência daquele material, tinha um motivo evidente para um assassinato. Se apenas adivinhava a sua existência, havia bons motivos para que entregasse o prédio tão limpo — os chãos raspados, as paredes pintadas. Primeiro vasculhara e desmontara tudo à procura do esconderijo do material... Mather fechou os cadernos de desenhos e concentrou sua atenção nos diários.

Não eram crônicas de eventos, mas o registro de uma vida interior, fixado sem cálculo ou restrição. A integridade e intensidade das emoções eram surpreendentes. Frases pungentes saltavam da página:

> *Recebi um talento para mostrar maravilhas; mas vivo numa cidade dos cegos.*
>
> *O que Edmund aprendeu do direito não é justiça e sim tirania, e a medida de sua tirania é que, apesar de tudo o que ele me fez, ainda sou forçada a amá-lo.*
>
> *Nenhum dos outros homens que dizem me amar é bastante forte para me libertar. Ou me querem cativa, porque a escrava é melhor treinada e se entrega mais livremente do que a mulher livre?*
>
> *Há um veio de loucura em meu marido. O terror é de que ele o reconheça, acalente e o faça aflorar à sua vontade, como um demônio familiar... Imagino que se pode dizer que também sou louca — mas no meu caso é uma loucura feliz, um encontro de corpos dispostos, um sono repleto de sonhos radiantes.*
>
> *Quando mostro minhas telas a Hugh, Louis ou René, eles ficam entediados. Só veem meu corpo e pensam apenas no prazer que lhes proporcionará.*

Enquanto seus olhos eram levados pela linda caligrafia — sem uma única mancha ou emenda — Mather sentiu-se sacudido, como um pequeno bote em mar aberto, entre ondas agitadas de emoções conflitantes: compaixão,

indignação, anseio sexual, espanto pelo mistério daquela mulher, suplicando além da sepultura. E, no entanto, ela não estava suplicando. Limitava-se a relatar — como se os atos de escrever, desenhar e pintar fossem por si mesmos um sacramento curativo.

Sentia-se perturbado demais para examinar as cartas. Podiam esperar até que identificasse os autores, quer dos diários, bilhetes ou cadernos de desenhos — ou de todos os três. Tornou a guardar o material na maleta e levou-a de volta para o armário. Tirou as luvas de borracha, preparou um café e um sanduíche de queijo e sentou-se para analisar a situação.

Primeiro, reconheceu todo o mérito de Hugh Loredon. O homem era um perfeito vigarista. Numa única manhã, atribuíra a Mather os cuidados com sua filha, deixara em seu poder uma prova perigosa e embaraçosa num caso de homicídio e escapulira do país. Agora, literalmente, Mather tinha a batata quente nas mãos. Loredon o deixaria segurando-a até que lhe conviesse reclamá-la. Por outro lado, ele podia negar qualquer conhecimento a respeito. Max Mather, cujos projetos exigiam uma ficha imaculada, teria dificuldade para provar o contrário.

Contudo, havia sempre um contragolpe — uma vigarice contra o vigarista — e era uma perspectiva que exercia a maior atração sobre Mather...

Anne-Marie estava prestes a apresentar ao mundo um talento novo, até então desconhecido. Se a exposição fosse bem-sucedida, os preços das obras de Madeleine Bayard subiriam vertiginosamente. Biógrafos e pesquisadores competiriam por material sobre sua vida. Os *marchands* pagariam altos preços por autógrafos, cartas e especialmente por desenhos e estudos gráficos...

E ali estava Max Mather com uma maleta de material escandalosamente precioso e com uma esplêndida série erótica para clientes de escol. O movimento óbvio: levar o material para a Europa, guardar os originais no cofre da Artifax, tirar cópias fotostáticas como iscas para os grandes compradores. Hugh Loredon poderia ficar furioso, procurando uma maneira de afirmar seu direito ao material, que nunca deveria ter escondido, em primeiro lugar, e nunca deveria ter impingido a Max Mather, em segundo.

Mas havia outros personagens no drama; e o papel de cada um precisava de uma definição criteriosa. Primeiro, havia ele próprio, Max Mather, de volta do exílio e mal começando a assumir uma respeitabilidade tranquila. Max Mather tinha dois retratos e um conjunto de desenhos de Rafael que precisava lançar no mercado sem escândalo. Não podia, não se atrevia, acarretar algum risco para esse empreendimento maior por qualquer homem ou mulher, nem mesmo se permitir um humor extravagante.

Havia Anne-Marie Loredon, companheira e amiga dos bons tempos em Florença. Ela era corajosa e ambiciosa, mas estava aprendendo pelo caminho

mais árduo que nada era de graça e que havia bem poucos amigos no mercado.

O que levantava o problema do próprio Bayard — o advogado cuja esposa adultera fora assassinada por pessoa ou pessoas desconhecidas, mas cujo testemunho póstumo, se algum dia chegasse ao conhecimento da polícia, poderia muito bem levá-lo ao banco dos réus. E, no entanto, no entanto... Quanto peso teria o depoimento de Madeleine? Como um júri decidiria entre a loucura atribuída ao marido e a loucura confessada pela esposa? Havia ainda outra questão, mais simples e mais imediata: o que Bayard faria se soubesse que Max Mather era o atual detentor dos papéis de sua esposa? Teria dificuldades para uma reivindicação legal ao material. Estaria bastante seguro em sua inocência para informar a polícia e forçá-la a confiscar tudo?

Estaria disposto talvez a matar para se apossar das coisas?

Como em resposta a essa pergunta, o telefone tocou. Edmund Bayard estava na linha. Foi direto ao ponto:

— Sr. Mather, fiquei bem transtornado com nossa conversa ontem à noite. Pensando bem, reconheço que cometi uma tolice; mas tinha meus motivos. Você próprio me aconselhou que uma publicidade errada sobre a exposição poderia despertar um interesse mórbido e levar a um crime de repetição. Eu queria proteger a Srta. Loredon, não me intrometer em sua vida. Só que acabei fazendo tudo errado. Minha única desculpa é a de que ainda vivo à sombra do fim trágico de minha esposa. Estou escrevendo para expressar meu profundo pesar à Srta. Loredon e lhe telefono para agradecer pela vigorosa defesa dos interesses dela e manifestar meu respeito pessoal por sua ação rápida.

— É muita cortesia de sua parte, Sr. Bayard. Obrigado. E terei o maior prazer em esquecer o incidente.

— Infelizmente, não será fácil para mim esquecer. A Srta. Loredon escreveu-me um veemente bilhete de protesto. Compreendo seus sentimentos. E aceito-os. Contudo, sinto-me muito triste por isso e gostaria de pedir sua ajuda para restaurar nosso relacionamento amigável anterior...

— Se me permite, eu lhe daria um conselho.

— Por favor! — Bayard era a ansiedade em pessoa. — Qualquer coisa! Absolutamente qualquer coisa!

— Faça exatamente o que Anne-Marie está pedindo. Deixe as coisas como estão agora por algum tempo. Mantenha alguma distância entre os dois. Deixe-a se empenhar no trabalho de organizar a exposição. É um trabalho absorvente, como sabe. Ela apreciará uma cooperação discreta e sem qualquer emoção. Conheço Anne-Marie. Permanecemos bons amigos até hoje porque aprendi que nunca deveria pressioná-la. Deixo-a seguir seu próprio caminho para chegar a uma decisão...

— Muito bem, Sr. Mather, seguirei seu conselho, com a esperança de que não demore muito uma mudança... Muito obrigado! Um outro problema...

— Qual é?

— Anne-Marie tem a maior confiança em seu julgamento.

— Não é bem assim, Sr. Bayard. Ela só tem certeza de uma coisa a meu respeito.

— E qual é?

— Que não vou lhe pedir coisa alguma.

— Mas pediu-lhe um emprego.

— Espere aí. Ela me convidou. Antes mesmo de deixarmos Florença, ela me perguntou se eu não gostaria de bancar Berenson para o seu papel de Duveen. Recusei. Posso representá-la na Europa, mas mantenho a autonomia.

— Louvo a sua sabedoria, Sr. Mather. Espero que um dia possamos nos tornar amigos. Agradeço a sua paciência.

— Estarei sempre ao seu dispor, Sr. Bayard.

Cinco minutos depois, Max Mather estava a caminho do centro, para a reunião com Leonie Danziger. Encontrou-a com os cabelos desgrenhados e atordoada, com uma pilha de texto à sua frente. Ela mergulhou direto no trabalho.

— Pronto... meus comentários e seu texto reunidos. Sente-se ali e leia com toda atenção. Pode fazer anotações na margem. E depois lhe farei uma pequena surpresa!

Ela empurrou-o para uma cadeira e obrigou-o a ler a matéria imediatamente. Mather teve de abrir caminho por uma floresta de símbolos editoriais, mas o esforço valeu a pena. A matéria que ela produzira — trechos de seu texto inicial, acrescido de anotações — tinha um ritmo rápido, preciso e incisivo, a todo um mundo de distância da primeira e mal acabada versão. Mather empurrou a pilha de folhas através da mesa.

— Você me deixa orgulhoso do trabalho. Obrigado.

— Fico contente que tenha gostado. E agora dê uma olhada no que fez nosso senhor e amo, o grande Harmon Seldes. Não se pode deixar de reconhecer: quando ele é bom, é bom de verdade... Repare na disposição. É o que eu queria dizer quando comentei que ele exploraria a história por meios com que você nunca havia sonhado. Leia com toda atenção.

Primeiro, havia um editorial, assinado por Seldes. Anunciava com

eloquência:

Temos o orgulho de apresentar nesta edição trechos de um notável trabalho de pesquisa do Sr. Max Mather, um jovem scholar americano, que vinha trabalhando em relativa obscuridade como arquivista de uma família nobre florentina. A obra versa sobre a economia doméstica da região toscana no início do século XVI. Compilada de registros contemporâneos — livros de contas do intendente da propriedade, correspondência da família e documentos comerciais —, é autêntica, informativa e interessante. O brilhante trabalho de edição e comentários esclarecedores da Srta. Leonie Danziger reduziram o texto original a dimensões viáveis para os leitores de nossa revista, sem perda da continuidade.

Contudo, ficamos devendo ao Sr. Mather mais do que o texto. Nos livros de contas do período ele encontrou uma referência a uma encomenda feita pela família Palombini ao grande Rafael para dois retratos e um conjunto de desenhos para um retábulo. Esses registros estão impressos em fac-símile no texto. Sua autenticidade é incontestável.

O Sr. Mather possui a modéstia de um verdadeiro scholar. É bem versado, embora não chegue a ser um perito, em pintura renascentista. Sua verdadeira disciplina é a paleografia. Com muita sensatez, portanto, ele decidiu que a investigação dos Rafaéis desaparecidos deveria ser entregue a mãos mais competentes. Procurou-nos na Belvedere, em busca de conselho e orientação sobre a melhor maneira de proceder. Homem modesto, renunciou a todas as reivindicações a crédito ou recompensa, mas prometeu sua total colaboração como um estudioso no trabalho de descobrir e identificar as obras desaparecidas — se é que de fato sobreviveram aos estragos de quatrocentos e cinquenta e tantos anos.

Temos agora a maior satisfação de acolher o Sr. Mather como editor-consultor da Belvedere e recomendar este seu primeiro trabalho publicado a nossos leitores.

Harmon Seldes.

Quando ele largou a primeira folha, Danny Danziger perguntou: — O que achou, Sr. Mather?

Ele deu de ombros e riu.

— Ele é um filho da puta condescendente. Mas me confere uma referência útil. Sou jovem... é bom saber disso. Sou um verdadeiro *scholar*. E sou

modesto... o que significa que sei bajular os mais velhos e melhores. O que mais posso querer?

— O mesmo que ele está querendo... muita glória e muito dinheiro se algum dia as obras forem encontradas.

— Isso nunca acontece, minha querida. As pistas foram abandonadas há mais de quatro séculos. Ele está à procura de um sonho impossível.

— Acha mesmo? Pois leia o resto.

Mather encontrou o lugar no texto e continuou a leitura.

> *Presumindo-se que as obras ainda existam, onde se poderia encontrá-las? A primeira e menos provável possibilidade é de que estejam acumulando poeira num sótão ou penduradas irreconhecidas em alguma* villa *decadente. O segundo palpite seria o de que se encontram em poder de um daqueles ricos mas discretos* connoisseurs *— um grego, alemão, brasileiro, mexicano, suíço — cujas coleções são totalmente desconhecidas do público. Há ainda aqueles* marchands *muito conhecidos, os luminares do mercado, cujas propriedades na arte são igualmente desconhecidas e cujas transações são quase sempre secretas, que conseguem, por algum processo milagroso, manter um grande acervo particular de obras-primas, ao mesmo tempo em que têm um fluxo de dinheiro suficiente para viverem como príncipes da Renascença...*

— Ele está cobrindo todos os ângulos, não é mesmo? — Mather tinha uma expressão pensativa. — Parte da suposição de que as obras ainda existem.

— Está fazendo muito mais do que isso. Joga uma isca para os maiores tubarões no mar... os colecionadores clandestinos... e para os *marchands* mais poderosos, como Berchmans et Cie. Deve lembrar que Seldes, quando era mais jovem, tentou obter um emprego com o velho Berchmans, mas foi rejeitado. Isso o atormenta desde então. E Berchmans, não se esqueça, provavelmente tem em seu poder mais obras-primas de primeira classe do que qualquer outro *marchand* do mundo. Só há um problema. Aprecia-se a arte todos os dias, mas não se pode comê-la ou gastá-la... e quando se vende um quadro, sai de sua posse para sempre... a menos, é claro, que haja uma oportunidade de representar o espólio do comprador quando ele morrer, reiniciando o processo de circulação... Mas Seldes sabe que há sempre a possibilidade de Berchmans estar com os quadros neste exato momento...

— Você me faz sentir como um ignorante que veio do interior e não sabe de nada.

— Dê uma olhada agora nas ilustrações que Seldes escolheu... Retratos de

Rafael: Elizabeth Gonzaga, Emilia Pia de Montefeltro, Maddalena Donni. Desenhos de Rafael: estudos para a História da Madona, Sonho do Calvário e Madona Terranova. Todas essas obras foram executadas no período 1504-1506. O que temos aqui é um código de identificação que pode ser aplicado imediatamente aos quadros, se algum dia aparecerem... Eu avisei para não subestimá-lo.

Mather tornou a ler o texto, tentando imaginar como ficaria se suas próprias fotografias fossem inseridas na sequência. Depois, arrumou as folhas e estendeu-as para Leonie, através da mesa.

— Tem razão. Ele explorou a informação de uma maneira que eu nunca poderia fazer. Quando o material entrará em composição?

— Deve ficar pronto até sexta-feira. E depois farei uma revisão das provas.

— Poderia me arrumar uma cópia de tudo nessa ocasião?

— Claro. O que está pensando?

— Explicarei depois. Pode me passar o telefone, por favor?

Ela entregou-lhe o aparelho. Mather ligou para a revista e pediu para falar com Harmon Seldes.

— Harmon? Max Mather. Estou com a Srta. Danziger. Acabo de aprovar minha matéria e ela foi bastante gentil em me mostrar seu material. Eu gostaria de cumprimentá-lo. É um tratamento brilhante... sem alegações exageradas, uma indicação conveniente do lugar em que quaisquer descobertas teriam de se enquadrar no *catalogue raisonné*. Achei muito esclarecedor.... Queixas? Não tenho nenhuma. Meu próprio trabalho deixa muito a desejar... e por isso admiro um homem que faz tudo certo logo na primeira vez... Mudando de assunto por um momento, está a par de minha ligação com Anne-Marie Loredon e sua nova galeria. Agora que a matéria de Rafael está pronta, eu gostaria de escrever alguma coisa sobre a inauguração... com a exposição póstuma de Madeleine Bayard. ...Tendo em vista as circunstâncias, creio que poderá ser uma notícia importante. ...Ótimo. Fico contente que goste da ideia. Importa-se que eu discuta o assunto com a Srta. Danziger? Presumo que vai querer que ela dê uma olhada no que eu escrever... pelo menos por algum tempo. Obrigado. ...Até a próxima.

Ele levantou os olhos para se deparar com Danny Danziger a estudá-lo com aversão, como se fosse um espécime sob um microscópio.

— Incrível! Você é mesmo insinuante! Seldes o sacaneia e ainda assim o enche de elogios!

Mather sorriu.

— *Biretta in mano non fa mai danno*.

— Esquece que não falo italiano — comentou ela, irritada.

— Um velho provérbio romano. Não faz mal algum ir ao papa com o gorro

na mão.

— Não sou papista... e por isso nada significa para mim. Mas lamento não poder ajudá-lo com a matéria sobre Madeleine Bayard. Já tenho outros compromissos.

— O prejuízo é meu, mas é claro que compreendo. Por acaso conheceu Madeleine Bayard? Está familiarizada com sua obra?

— O conhecimento foi rápido e só tive um contato de passagem com sua obra. Não me interessa o suficiente para trabalhar nisso.

— Está certo. Tentarei sozinho... e verei o quanto absorvi de sua competência.

— Não vai aprender nunca, Max Mather? Sou a última mulher do mundo a precisar de elogios!

— E sabe por que, Danny D.?

— Por quê?

— Porque nunca lhe ensinaram a aceitá-los graciosamente... e isso é uma pena! E agora, vai querer me expulsar ou mereço um drinque antes de ir embora?

Meia hora depois, Mather saiu para o crepúsculo tumultuado de Manhattan. Estava mais rico — ou mais pobre! — com uma nova informação: a de que Danny Danziger fora uma das participantes no psicodrama letal de Madeleine Bayard. Podia esperar peias respostas a todas as indagações que derivavam dessa proposição. Por enquanto, contentava-se com o barulho, confusão e esbarrões dos nova-iorquinos voltando para casa. A indiferença proporcionava-lhe o anonimato, mantinha-o a salvo de olhos bisbilhoteiros. Fazia também com que se sentisse desesperadamente sozinho, como se fosse a única pessoa presente em seu funeral.

Havia cartas na caixa de correspondência e o porteiro tinha um pacote para ele. Mather serviu-se de um uísque puro e sentou para ler. Primeiro, um bilhete do arquiteto, aceitando seu depósito e concordando em supervisionar as obras no apartamento; depois, uma carta sucinta de Claudio Palombini:

> *...para agradecer pela cortesia da comunicação e informar, com grande pesar, que nada posso acrescentar aos fatos que já são do seu conhecimento sobre as obras de Raffaello. É evidente que foram*

encomendadas e entregues aos meus ancestrais, mas nada posso esclarecer sobre sua história posterior. O que é lamentável, porque, neste momento, bem que estou precisando do dinheiro que sem dúvida proporcionariam no mercado.

Contudo, como sua experiência pessoal pode confirmar, nós Palombini sempre fomos filisteus, negociando com coisas materiais: vinho, óleo, peles e produtos manufaturados. Às vezes fomos compradores de quadros, mas raramente patronos das artes. Para ser franco, a sua presença como scholar residente ajudou a reformular nossa reputação. Pode estar certo de que será bem-vindo no momento em que quiser voltar...

Saudações afetuosas, Claudio.

O pacote foi uma surpresa. Continha um pequeno desenho a lápis de um prédio em construção. Estava assinado e datado: Boccioni, Milano, 1910. Um bilhete acompanhava o cartão:

Um pedido de desculpas e um pequeno símbolo de arrependimento por minha indiscrição profissional em relação à Srta. Loredon.

Tenho certeza de que conhece a obra de Boccioni. Tenho um retrato e uma paisagem que terei o maior prazer em mostrar-lhe, quando jantarmos juntos...

Edmund Bayard

Mather ficou aturdido com a desfaçatez e o estilo do homem. O desenho de Boccioni — reconhecido como um dos temas desenvolvidos para "A Cidade Nascente" —, era bem valioso para constituir uma reparação honrosa, mas não o suficiente para parecer um suborno ou súplica. A escolha do artista — um inovador futurista — representava uma graciosa deferência às suas ligações italianas. O convite para jantar era um toque hábil. Não era indicada uma data e por isso não havia necessidade de uma decisão imediata. Especulou como Bayard lidara com Anne-Marie. Telefonou e descobriu-a ansiosa em contar tudo.

— ...Há uma longa carta de explicação... Ele estava preocupado com a minha segurança... e por aí afora. Minha casa está cheia de flores. Tem um cartão que diz: "*Mas o amor é cego e os apaixonados não podem perceber as lindas loucuras que cometem*." Está assinado *E.B.*

— Ele deveria ter assinado W.S., pois tirou de Shakespeare.

— Não me importo de onde ele tirou. Chegou aqui com pelo menos duzentos dólares em flores exóticas. Estou tentando imaginar como responder.

— Muito fácil. Responda na mesma moeda: "Senhor, muita honra me faz, mas meu coração às musas está dedicado. Em suma, não há a menor possibilidade de nos tornarmos amantes." Passando para outra coisa: tenho uma notícia para você. Harmon Seldes concordou em publicar uma matéria sobre a exposição de Madeleine Bayard.

— Mas isso é maravilhoso, Max! Já é dinheiro no banco!

— Pergunte a si mesma e depois me diga o que precisa ser dito a respeito da mulher. Farei minhas pesquisas, mas precisarei de todos os dados biográficos que puder obter. E precisarei também de fotografias das telas.

— Posso levá-lo à casa de Bayard e mostrá-los.

— Ele já me convidou para jantar, mas preciso das fotografias como referências enquanto trabalho.

— Pode deixar que providenciarei. Mais alguma coisa?

— Há, sim. O homem está obviamente louco por você; para mim, no entanto, ele está louco e ponto final. Portanto, tome um banho frio e esqueça-o. Boa noite.

Apesar dos gracejos e provocações que haviam assumido desde que passaram de amantes ocasionais para amigos permanentes, Mather estava preocupado. Bayard transformava sua derrota num triunfo. Era impossível rejeitar seus gestos de reparação; e seria uma loucura para Anne-Marie converter um penitente poderoso num inimigo insultado.

Mais uma vez, Mather era levado a um compromisso inevitável por seus próprios interesses pessoais. Estava empenhado numa iniciativa paradoxal: projetar uma trama legal para um ato moralmente duvidoso. Não podia se permitir inimigos ou maledicentes. Tinha de manter relações amistosas com todo mundo. E só podia torcer para que a teia de meias verdades a sustentá-lo não se rompesse e o mergulhasse até o pescoço numa cloaca.

7

Quarenta e oito horas depois, ele recebeu um telefonema de Leonie Danziger, com um pequeno discurso, frio e bem ensaiado.

— Max? Estou ligando para avisar que mudei de ideia sobre a matéria de Bayard, Vou editá-la para você. Preciso do dinheiro. Pode usar minha competência... As provas de sua matéria toscana e do artigo de Seldes sobre Rafael estão a caminho por um mensageiro especial... seis cópias de cada. Pus a despesa na conta da *Belvedere*.

— Foi muito atencioso de sua parte. Obrigado.

Ele ligou para Bayard no escritório, agradeceu pelo desenho de Boccioni, mas protestou que não poderia aceitá-lo.

— ...O lugar apropriado é na sua coleção. Mas eu teria o maior prazer em jantar com você. Precisamos conversar em particular sobre a exposição. Seldes incumbiu-me de fazer uma matéria a respeito para Belvedere. Preciso ver os quadros e projetar meu perfil da autora. Quanto mais cedo puder fazer isso, melhor.

— Quinta-feira está bom para você?

O tom de Bayard era incisivo, mas cordial.

— Está ótimo.

— Então fica marcado, entre sete e sete e meia, no apartamento. Só nós dois...

— Na quinta.

— E insisto em que fique com o Boccioni. Sem discussões. Até quinta.

*

Como um preparativo para a noite, Mather passou um dia inteiro na Biblioteca Municipal, lendo as notícias dos jornais sobre o assassinato de Madeleine Bayard. Também leu alguma coisa sobre Boccioni e os futuristas e copiou o registro biográfico sobre Edmund Justin Bayard no *Quem é quem*. Como uma precaução final, telefonou para Anne-Marie, apenas para descobrir que Bayard já falara com ela.

— ...Ele está muito satisfeito por você ter aceitado o convite. A perspectiva de um artigo na Belvedere o atrai. Acha que sua amizade e boa vontade são importantes. Poderia me informar depois como foi o jantar?

— Claro. Mas quero saber outra coisa mais importante: como estão suas relações com ele neste momento? O que fez em relação às flores?

— Mais ou menos o que você sugeriu: agradeci a gentileza, disse que me sentia feliz em manter nossa associação, mas não tinha condições de suportar pressões emocionais agora...

— Ele compreendeu?

— Digamos que não discutiu. Não tenho certeza até que ponto ele compreende. Mas me sinto melhor agora por enfrentá-lo.

— Uma pergunta: as telas que vai expor estão todas penduradas no apartamento de Bayard?

— Estão.

— E o que me diz do material diverso... desenhos, anotações, obras experimentais, projetos inacabados?

— Além das obras prontas, há cerca de setenta estudos e desenhos que também entrarão na exposição. Se existe mais, Bayard não me mostrou. Indaguei sobre escritos. Ele respondeu de maneira vaga. Por que pergunta?

— É o tipo de coisa que poderia complementar a matéria com perfeição... Falarei com ele a respeito no jantar. Como está o estúdio?

— Parece que o prédio foi atingido por um furacão, mas o trabalho está dentro do prazo. O arquiteto encontrou exatamente a iluminação que queremos... Eles já estão bem adiantados no seu apartamento. Devemos ir até lá juntos para dar uma olhada.

— E iremos... mas depois do meu jantar com Bayard. É estranho, mas sinto que preciso de uma preparação para esse encontro...

— E está certo. Não se pode enfrentá-lo despreparado. Num momento Bayard exibe todo o charme do mundo, no instante seguinte pode se tornar frio e implacável...

Tudo isso fez com que Mather se sentisse nervoso e apreensivo, como um estudante prestes a fazer um exame ora! com uma junta de examinadores. Acabou se descobrindo totalmente desarmado. Ele e Bayard se trataram pelo primeiro nome desde o início. O jantar foi excelente, os vinhos escolhidos com o maior cuidado. Bayard mostrou-se descontraído e franco, um interlocutor loquaz, mas também um bom ouvinte, que sabia como extrair o melhor desempenho de um convidado. Foi modesto em relação à sua coleção pessoal, mas eloquente sobre a coleção de Madeleine. Foi efusivo nos agradecimentos pela matéria na Belvedere, que considerava um trunfo extraordinário. Ao chegarem ao café e conhaque, Mather sentia-se esperançoso por uma boa discussão. E indagou:

— Está pronto para o momento das perguntas?

— Acho que sim.

Mather tirou do bolso um pequeno gravador e colocou-o na mesa, entre os dois, explicando:

— Se não quiser que algo fique gravado, podemos apagar imediatamente... Preciso de três categorias de informações. A primeira é para o artigo na Belvedere. São dados profissionais e técnicos, o pensamento da artista, esse tipo de coisa. A segunda é material para a imprensa em geral. Seria uma biografia, comentários, que celebridades serão convidadas. A terceira é de refutação, se os rumores que surgiram na imprensa sensacionalista por ocasião da morte de sua esposa forem ressuscitados.

Bayard tornou-se cauteloso no mesmo instante.

— Rumores? Não tomei conhecimento de quaisquer rumores.

— O que é compreensível. Sofria de uma angústia profunda na ocasião. Provavelmente fez o que qualquer um faria: leu os jornais sem muita atenção, apagando de sua mente todas as notícias desagradáveis. Aqui está o tipo de coisa a que me refiro... — Mather folheou seu caderno de anotações. — Esta é do *New York Post*: "Madeleine Bayard, uma mulher bela e talentosa, tinha muitos amigos entre os círculos boêmios do SoHo. A polícia não descarta a possibilidade de um crime passional." No momento em que a exposição for anunciada, essa pequena notícia poderá ter vida nova. Talvez um ou outro nome apareça numa coluna de intriga: "Outrora romanticamente ligada...", essas coisas. Alguém pode apresentar um desenho ou uma carta. Sabe que a imprensa sensacionalista paga um bom dinheiro por um material assim... Como nós, da galeria, devemos responder?

— Não respondam — disse Bayard, bruscamente. — Não façam nada. Se eu for caluniado e achar que posso vencer, processarei o responsável. Quanto ao resto, você, Anne-Marie e qualquer outra pessoa ligada à galeria não devem entrar na discussão. Não estiveram envolvidos na vida ou morte de Madeleine. Só devem se preocupar com o seu gênio... Escute, Max, compreendo o motivo de suas perguntas. Sei que precisam de alguns dados, a fim de não bancarem os tolos. Portanto, vamos começar logo com isso. Mas desligue o gravador. Nossa conversa não deve ser registrada...

— Está certo, mas nesse caso terá de ser específico sobre o que posso usar.

Bayard esperou por um momento, depois iniciou a narrativa, simples e íntima, mais pungente do que qualquer coisa que Mather esperava.

— Madeleine nasceu em Londres, filha de pais franceses. O pai foi um coronel nas forças da França Livre que se fixou em Londres como negociante de vinhos, a mãe trabalhava na embaixada francesa, na seção cultural. Fui a Londres a serviço do velho George Bunbury, num caso comercial transatlântico,

envolvendo clientes norte-americanos e canadenses. O processo foi longo e lucrativo. Permaneci quatro meses em Londres. Madeleine e eu nos conhecemos uma tarde, numa exposição na Academia Real. Ela era na ocasião estudante no Slade. E nos apaixonamos. Foi uma paixão irresistível para ambos. Casamos antes de minha partida da Inglaterra...

— E o que aconteceu depois?

— A lua de mel e a volta para os Estados Unidos foram maravilhosas. Depois disso, houve um lento declínio para o desespero... Eu era um jovem advogado ambicioso, com um interesse pela arte. Ela era uma artista pura... toda fogo e fantasia, incansável na busca de suas visões, precisando constantemente de descarga e renovação... quase sempre através da relação sexual. Sem elaborar a respeito, essa é a origem da referência do jornal. Minha esposa era uma pintora extraordinária... e uma mulher muito promíscua.

— O que deve ter determinado o rumo das investigações policiais sobre o assassinato de sua esposa.

— Exatamente. Eu era o suspeito natural. Esposa infiel. Marido ciumento. E eu era mesmo ciumento, não se engane a respeito. Tomei-me mórbido e tirânico. Atormentava-a, impunha restrições a seus movimentos, proibia-a de fazer qualquer exposição. Não ajudou, como era de se esperar. Só serviu para agravar a situação. Mas foi uma simples questão de aritmética provar que eu não poderia tê-la assassinado. Eu estava numa reunião. Pedi a uma secretaria que ligasse para o estúdio e avisasse a Madeleine que eu me atrasaria para buscá-la. Não houve resposta. Ela já estava morta quando cheguei ao estúdio. Fiquei frenético. Liguei para a polícia, depois aninhei-a em meus braços, tentando ressuscitá-la. Foi assim que a polícia me encontrou... É o pesadelo com que tenho de viver.

— O que não posso compreender é como suportou o verdadeiro inferno que criavam um para o outro. Por que não se divorciou?

Bayard exibiu um sorriso estranho, meio de lado, levantou as mãos num gesto de derrota.

— Você é jovem, Max. Possui todos os talentos afortunados para um solteiro sem compromissos. Espero que nunca tenha de aprender, como aconteceu comigo, que para algumas pessoas até mesmo o inferno é mais tolerável do que o nada. Será que não percebe que Madeleine e eu precisávamos um do outro? Nós nos alimentávamos do sofrimento que criávamos um para o outro. A tensão que encontra nos quadros de Madeleine, o impulso desesperado para escapar, nasceu desse sofrimento. Além do mais, eu sabia que tinha o melhor de Madeleine. Está pendurado nas paredes ao seu redor.

— Mas o que não se encontra aqui é o outro lado, o sensual, o orgíaco. Ela nunca pintou nus, uniões carnais?

— Se pintou, nunca vi. E talvez tenha sido melhor assim. Para mim, a coisa mais difícil de suportar era o conhecimento de que outros homens possuíam seu corpo e acreditavam, como acontecia comigo, em tudo o que ela lhes dizia na cama... Eu poderia matar por isso... com toda certeza. Mas mataria os amantes, não Madeleine.

— Sabia quem eram?

— Pelo menos alguns.

— Ela pintou algum deles? Pintou para alguns? Escreveu cartas...

— Não estou entendendo o objetivo da pergunta.

— Em termos abruptos: algum material embaraçoso pode aparecer no mercado durante a exposição?

— Creio que é possível. Não poderíamos fazer muita coisa se isso acontecesse.

— Poderia comprar, discretamente.

— Não sei se me interessaria. Estou expurgando as lembranças, não adquirindo-as.

— Então não seria melhor se fossem enterradas ou pelo menos guardadas num lugar seguro, até o tempo eliminar toda a angústia inerente?

— Tem toda razão, é claro. Mas eu não serei o comprador de jeito nenhum.

— Nesse caso, se alguma coisa for oferecida, eu comprarei pessoalmente. Se a exposição for um sucesso, haverá um mercado para essas obras, através da galeria.

— Sem dúvida! — exclamou Bayard, com uma fria ironia.

Depois de tudo o que ouvira de Anne-Marie e Hugh Loredon, Mather descobriu-se tentando combinar dois retratos diferentes do mesmo homem. O problema era fazer com que as imagens discrepantes coincidissem. Mather perguntou:

— Está apaixonado por Anne-Marie?

— Sabe que estou.

— Hugh Loredon foi um dos amantes de sua esposa?

Instantaneamente Bayard se mostrava retraído e hostil... um animal doméstico que virava selvagem.

— Como soube disso?

— Hugh me contou.

— Por que diabos ele lhe contaria isso?

— Ele sabe que Anne-Marie e eu somos amigos. Pediu-me para ficar de olho nela. Diz que tem medo de que você venha a usar Anne-Marie para se vingar dele.

— Deus Todo-Poderoso!

As palavras saíram como um grito de angústia. Bayard se encolheu, como se tivesse levado um golpe violento na barriga. Enterrou o rosto nas mãos e balançou de um lado para outro, gemendo de maneira incompreensível. Quando por fim se empertigou, o rosto era uma máscara desfigurada de dor. A voz era trêmula:

— Anne-Marie sabe disso?

— Sabe.

— Não é de admirar que ela se afaste de mim! Não é de admirar que tenha medo!

— Esse não é o único motivo — protestou Mather, bruscamente. — Você tem uma porção de péssimos hábitos que ficaram do casamento. Oprime as pessoas, é desconfiado... e como se não bastasse, ainda contratou alguém para espionar Anne-Marie. E não me diga que foi para protegê-la! Foi para se certificar de que ela não era outra Madeleine!

Bayard concordou com um aceno de cabeça, mas não disse nada. Mather acrescentou:

— Por isso ela está furiosa. Quer tirar você do seu espaço. E não pode culpar Hugh Loredon por isso.

— Acreditaria se eu lhe dissesse que não o culpo por coisa alguma? — murmurou Bayard, lentamente. — Não culpo nenhum dos amantes de Madeleine por aceitar o que ela oferecia. Afinal, paguei com a maior parte do meu amor-próprio para continuar com ela.

— Madeleine foi morta por um dos seus amantes?

— Possivelmente, sim. Provavelmente, não.

— Por que diz isso?

— Ela nunca fez qualquer pretensão de exclusividade. Portanto, quem precisava matar pelo que Madeleine distribuía como um pote de biscoitos? Houve uma ocasião em que pensei que acabaria vivendo como um eremita se me recusasse a falar com todos os homens que me corneavam. E por algum tempo foi o que fiz... Só depois que conheci Anne-Marie é que voltei a viver a meio caminho de uma vida normal.

— A polícia ainda se mantém ativa no caso?

— Ativa? Essa é uma palavra relativa. A intervalos de poucos meses eles aparecem com duas ou três perguntas novas e uma repetição das antigas. Provavelmente não vão parar até depois da exposição.

— Eles exploraram a possibilidade de alguém ter contratado um assassino?

Bayard sorriu pela primeira vez, um sorriso irônico de repúdio.

— Meu caro Max, quando eles concluíram que eu não a matara... não poderia tê-la matado, para ser mais exato... começaram a projetar todos os tipos

de fantasias. Uma delas foi a de que eu contratara um profissional para cometer o crime. O único problema para essa história é que os assassinos profissionais não transformam o local do crime num verdadeiro matadouro... E eu poderia arrumar uma dúzia de pretextos para estar fora da cidade no dia da execução... Mas de que adianta tentar reconstituir todo o episódio sangrento?... Tente compreender uma coisa, Max, porque nunca mais vou dizê-lo. E tente explicar a Anne-Marie, se ela quiser escutar... Estou promovendo essa exposição como um tributo ao melhor de Madeleine, a parte que eu amava, a mulher que me manteve cativo por tantos anos... Depois disso, ela desaparece. Sai de minha vida. Não quero vingança contra seu assassino. Não quero odiar seus amantes. Quero apenas esquecê-la e recomeçar a viver como um homem são... Com Anne-Marie, se ela me quiser... sem ela, se não me quiser!

— Então aceite um conselho de um solteiro descompromissado. Comece a viver sem ela primeiro. Assim ela não sentirá que está sendo atraída para um contrato unilateral.

— A voz da experiência? — Havia um novo respeito no tom de Bayard.

— Funciona nos dois sentidos — declarou Mather, convicto.

— As mulheres odeiam um homem que procura uma mãe. E os homens odeiam a mulher que quer um filho como amante. Só mais uma pergunta...

— Espero que seja mais fácil do que as outras.

— É dinheiro no seu bolso. Pode me cobrar pelos conselhos legais. Como eu poderia formar uma agência para compra de obras de arte?

— Baseada em que lugar?

— Na Europa, mas operando em qualquer lugar do mundo.

— Qual o seu objetivo?

— Representarei a galeria de Anne-Marie. Mas ela é apenas uma *marchande*, com sua política especial. Por que eu não poderia atender a cinco, dez ou vinte outros *marchands*? Por que não poderia negociar por conta própria?

— Não há motivo... contanto que seu julgamento seja seguro e o crédito bom... o que parece ser o caso, pelo que sei até agora. Se quiser, posso organizar juridicamente essa agência quase que da noite para o dia... — Bayard fez uma pausa, serviu mais duas doses grandes de conhaque. Enquanto esquentava o cálice entre as palmas, ele perguntou: — Poderia me responder a algumas perguntas, Max? Uma mão lava a outra, podemos dizer.

— Claro. Pode falar.

— Qual é exatamente o seu relacionamento com Anne-Marie?

— Ex-amante, bom amigo... irmão substituto, associado nos negócios. Nós nos damos bem e somos livres. Próxima pergunta.

— É o que se costuma chamar de um homem *manteúdo*?

— Não. Já aceitei a proteção de mulheres... mas nunca fui *manteúdo*. Sempre vivi dos meus recursos e ajudei-as a desfrutar os delas.

— É uma distinção sutil.

— Como advogado, tenho certeza de que pode compreender.

— E qual é sua ambição?

— Tornar-me rico, o mais depressa possível.

— E acha que pode conseguir?

— Tenho certeza.

— E eu acho que é bem possível.

Bayard levantou o cálice e fez o velho brinde, que subitamente parecia muito novo e relevante.

— A nós dois, Max! Saúde, dinheiro e amor... e que Deus nos dê tempo para desfrutá-los!

Eles beberam, um gole generoso. E decidiram que seria uma pena não beber de novo. Depois, Bayard formulou a última bênção, um pouco hesitante:

— Fico contente que você nunca tenha conhecido minha esposa... Se a conhecesse, eu o perderia como amigo. Ela roubou todos os meus amigos... todos os melhores...

*

Às nove da manhã — três da tarde em Paris —, Harmon Seldes recebeu um telefonema de Henri Charles Berchmans, o Velho. A conversa foi conduzida em francês. Seldes falava a língua de maneira acurada, mas um tanto elaborada e pedante. Berchmans ainda conservava o tom rude e áspero de sua Alsácia nativa.

— Esses papéis que me mandou ontem... o que espera que eu faça com isso?

— O que fazer? — Harmon Seldes estava suave como mel. — O que fazer, meu caro Henri? Quero que me agradeça, é claro.

— Pelo quê?

— Por ter um conhecimento prévio do que pode se tornar uma das mais provocantes descobertas de nosso tempo. Ninguém mais viu por enquanto; mas se não está interessado, é claro que podemos passar...

— Claro que estou interessado! — Berchmans o Velho tinha um pavio notoriamente curto. — Não seja estúpido. Esse tal sujeito, Martha, Methier...

— Mather... — Seldes soletrou para ele.

— Não preciso de uma aula de ortografia. Até que ponto ele é competente? Seu trabalho é autêntico?

— Verifiquei todas as suas referências, com a família Palombini e a

biblioteca em Florença. Ele dá a impressão de ser um ocioso simpático, mas isso pode ser uma ilusão. O trabalho é mesmo autêntico. Examinei pessoalmente os documentos de origem...

— O problema é que os documentos já têm 480 anos. Já é coisa fria demais, meu amigo.

— Nossa publicação acenderá o fogo por baixo.

— Então... então o que quer de mim?

Harmon Seldes sorriu com satisfação. O velho Berchmans era um homem autoritário. Insistia em dar as últimas instruções a seus jóqueis.

— Faço três perguntas. Primeiro: há alguma coleção em suas coleções que possa corresponder à descrição nas contas Palombini?

— Não.

— Segundo, pode identificar ou até mesmo adivinhar material correspondente em outras coleções?

— Neste momento, não.

— Terceiro, deseja participar comigo, numa base exclusiva, de uma pesquisa por esses objetos?

— Como define essa participação?

— Você entra com uma quantia combinada para financiar a pesquisa. Eu a comando. Se as obras forem encontradas e lançadas no mercado, faremos tudo juntos... e dividimos meio a meio.

— E se nada for encontrado... ou outra pessoa fizer a descoberta?

— Então nós dois estamos sem sorte.

— Mas só eu ficarei com o bolso mais vazio. Assim, dividimos setenta a trinta, em meu favor.

— Sessenta a quarenta e temos um negócio fechado...

— Preciso de tempo para pensar.

— Não dispõe de muito tempo, Henri. Apenas a duração deste telefonema.

— Preciso falar com o tal de Mather.

— Darei um jeito... se fecharmos o acordo.

— Onde ele se enquadra em tudo isso?

— Já lhe disse. Seus conhecimentos são profundos. Pessoalmente, ele é um *flâneur*. Possui recursos particulares, por isso não precisa trabalhar muito. É esperto o bastante para compreender que não tem os recursos nem a competência para fazer o que posso conseguir.

— Ele assinaria um documento de cessão de direitos?

— Em minha opinião, seria um erro, um grave erro, pedir-lhe isso. Se quisermos que ele trabalhe para nós, posso contratá-lo. Já o tenho sob o meu comando, como editor-consultor. Provavelmente poderia persuadi-lo a aceitar

um contrato que o deixaria de mãos e pés amarrados e nos proporcionaria todo o fruto de seu trabalho... Mas teria de tratar do assunto com muito cuidado.

— Por que não usar uma mulher no caso? — A risada seca de Berchmans ressoou pelo fone. — Próxima pergunta: do que você precisa para iniciar suas pesquisas?

— Viagem de primeira classe, acomodações e todas as despesas. Provavelmente farei a maior parte do trabalho durante minhas férias de verão. Posso presumir que me deixaria usar seu escritório e seus agentes?

— O escritório não há problema. Sobre os agentes conversaremos quando surgir a ocasião. Dê-me uma cifra aproximada.

— Cinquenta para determinar se estamos numa pista ou correndo atrás de uma ilusão.

— É muito — protestou Henri Berchmans. — Baixe para trinta mil e o que passar fica por sua conta.

— Trinta mil adiantados, uma divisão de sessenta a quarenta da receita bruta.

— É a primeira vez que ouço falar em "bruta".

— Não esperava que eu dissesse "líquida", não é mesmo, Henri? Aqui estou, prestando-lhe o maior favor de sua vida, e ainda tenta me sacanear.

— Está certo, a receita bruta.

— Ótimo. Negócio fechado.

— Mas por que não abafa a história? Por que alertar o mundo inteiro para o que sabemos?

— Porque não há a menor possibilidade de nós dois cobrirmos o mundo inteiro. Por isso, atiçamos as águas e esperamos para ver o que aflora... Você é o decano dos *marchands*, é bem possível que os primeiros achados batam em sua porta... ou na minha, como o editor da notícia.

— Talvez você tenha razão — disse Berchmans, que nunca fora homem de elogiar ninguém. — Eu o verei em Nova York dentro de uma ou duas semanas. Mantenha-me informado sobre os acontecimentos. Mais alguma coisa?

— Eu especulava quando você diria "obrigado" — comentou Seldes, asperamente.

Houve um longo momento de silêncio antes que Berchmans respondesse, com um desdém deliberado:

— Temos um acordo. Cumprirei a minha parte. Você fará a sua. E se encontrarmos o que procuramos, ambos cairemos de joelhos e louvaremos a Deus por nos fazer ricos e afortunados. *À bientôt*, Seldes.

Harmon Seldes desligou e contemplou-se no espelho. Viu um sujeito com papada, precisando fazer a barba e cortar os cabelos, que acabara de fechar um grande negócio. Na pior das hipóteses, suas férias de verão seriam pagas; na

melhor... ora, um homem podia se aposentar no maior luxo com metade da comissão por dois retratos e cinco desenhos de Rafael. Henri Charles Berchmans, o Velho, era um monstro de língua ferina; mas, como todos os grandes *marchands*, acreditava em milagres: o milagre esplendoroso do gênio que podia transformar uma tela vazia num objeto de maravilha; o milagre da cobiça de Midas, que podia transformar o objeto de maravilha em ouro.

O meio mais fácil de manipular o monstro era entregar-lhe uma vítima para estraçalhar. Ele ligou para Max Mather, que naquele momento exato despertava com uma ressaca monumental. Sua cabeça latejava. Os olhos pareciam arranhados. A boca tinha o gosto do fundo de gaiola de passarinho. E a reação não foi das mais cordiais.

— Mas que droga, Harmon! Que horas são?

— Apenas nove e meia. O pequeno Maxie teve uma noite inebriante?

— O pequeno Maxie está morrendo! E pode culpar Ed Bayard por isso.

— Ele oferece uma boa mesa, pelo que estou informado.

— E também serve conhaque como um doido. O que deseja?

— Só queria avisá-lo que o velho Berchmans concordou em financiar uma pesquisa pelos Rafaéis.

— Desejo que ambos tenham a melhor sorte. E agora posso voltar a dormir?

— Ainda não. Berchmans gostaria de conhecê-lo quando vier a Nova York, dentro de duas semanas.

— Não estarei aqui. Partirei para a Europa amanhã. Mas posso passar por Paris e conversar com ele. Desde que Belvedere concorde em pagar a complementação do Concorde.

— Por que o Concorde?

— Porque estarei lhe prestando um serviço e você é que ficará com o lucro.

— Está certo. Apresente o pedido de despesa que vou autorizá-la... Quais são os seus planos?

— Dez dias de trabalho tranquilo na matéria sobre Madeleine Bayard. Vi suas telas ontem à noite... são espetaculares! E a história pode se comparar. Assim que ficar pronta, mandarei para Leonie editar e encaminhar a você. Depois, passarei uma semana esquiando em St. Moritz. Pretendo ir também a Florença. Se houver alguma coisa que você queira que eu faça...

— Ligarei para Berchmans agora e descobrirei onde você poderá encontrá-lo no fim de semana.

— O que ele quer?

— Examinar sua consciência de *scholar*.

— É o que acontece com todo mundo. O que representa outra investigação a mais ou a menos?

— Ele é importante para nós, Max.

— Para você, não para mim. Serei simpático com ele por sua causa. Gostaria que eu fizesse mais alguma coisa enquanto estou na Europa?

— Eu o avisarei. O importante é coordenar nossos esforços. Posso orientá-lo no que preciso, mas não deveríamos desperdiçar nosso trabalho ou fazer coisas superpostas...

— Concordo! Concordo! E agora pode fazer o favor de desligar? Eu gostaria de morrer em paz...

Cinco minutos depois, ele fez o maior esforço para sair da cama, reidratou-se com suco de laranja e café, ligou para Anne-Marie e combinou uma corrida no Central Park. Uma hora e meia depois estavam correndo tranquilamente no circuito, enquanto ele comunicava a Anne-Marie:

— Parto para a Europa amanhã.

— Por que tão cedo?

— Há muita coisa a fazer. Tenho de me encontrar com Berchmans em Paris, montar uma companhia de operações em Zurique... a que usarei para os negócios de sua galeria. E quero esquiar um pouco em St. Moritz. Irei também a Florença para estudar mais alguma coisa do arquivo e acertar com Tolentino a sua vinda a Nova York. Nos intervalos de tudo isso, ainda preciso encontrar um tempo para escrever o artigo sobre Madeleine Bayard e enviar para ser editado aqui.

— Há alguma possibilidade de se encontrar com meu pai durante a viagem?

— Apenas se ele estiver em Zurique por ocasião da minha estada lá. Ligarei para a Christie e perguntarei onde ele se encontra... mas não irei atrás dele. Hugh deve saber disso. Se ele telefonar, transmita esse recado.

À sombra de um bordo antigo, Anne-Marie estacou de repente e beijou-o na boca. Ele reagiu com vontade, depois recuou e indagou gentilmente:

— Para que isso?

— Vou sentir saudade de você.

— E eu de você.

— Não vai, não. Estará muito ocupado... — Ao recomeçarem a correr, ela lançou-lhe uma indagação ofegante: — Por que você e eu não nos apaixonamos, Max?

— Talvez isso tenha acontecido, mas estávamos ocupados demais para perceber... Vamos correr de verdade no próximo quilômetro?

Edmund Justin Bayard tinha uma cura particular para ressacas, as quais, ele admitia apenas para si mesmo, vinham ocorrendo com muita frequência ultimamente. Embora nunca tocasse em bebida durante as horas de trabalho, andava bebendo bastante ao jantar: martíni e vodca na hora dos coquetéis — um quando chegava em casa, outro enquanto tomava um banho —, uma garrafa de

Cabernet com a comida, uma dose grande de conhaque com o café, outra na hora de dormir. Com um convidado para jantar, as quantidades aumentavam de maneira considerável.

Como terapia corretiva, andava apressado até um prédio de apartamentos, onde uma caftina tailandesa e três mulheres mais jovens ofereciam sauna, banho, barba, massagem e masturbação manual para executivos solitários ou de ressaca. As instalações eram discretas, as toalhas limpas, as mulheres amáveis e toda a operação relativamente livre de riscos. Cada cubículo era à prova de som e equipado com um telefone, permitindo ao cliente cuidar de negócios com alguma privacidade durante o período de recuperação. Foi de lá que Ed Bayard abordou pela primeira vez, para meia dúzia de amigos e conhecidos, a ideia de Max Mather de um grupo comprador de obras de arte. Seu argumento era simples e tornou-se mais persuasivo a cada vez que o enunciava:

— ... dez participantes, no máximo, cada um entrando com cinquenta mil dólares. Dá um capital ativo de meio milhão, disponível para a aquisição de obras que nos sejam oferecidas e para as quais a maioria concorde que existe um mercado fácil. Não vamos comprar obras-primas de muitos milhões de dólares. Não há possibilidade de competirmos nesse mercado. Mas todos sabemos que há grandes negócios que se podem fazer em épocas de pouco movimento nas galerias e dias de lances baixos nos leilões... Tenho o homem exato para dirigir o empreendimento por nós. Ele é independente, não tem ligações, dispõe de recursos próprios modestos e procura por uma abertura no mundo da arte... Duas importantes matérias dele sairão nos números de abril e maio da *Belvedere*... Max Mather... Isso mesmo, Mather. O melhor de tudo é que ele não controlará os recursos. Nós teremos o controle absoluto. Ele se limita a nos comunicar a obra, o preço e sua recomendação. Autorizamos o depósito inicial, enquanto efetuamos uma rápida verificação do mercado... Não, não precisamos integralizar os cinquenta mil imediatamente; podemos apresentar uma carta de crédito bancária... Artigos de Associação? Preparei um estatuto, para sua consideração... Esplêndido. Não garanto que ganharemos uma fortuna, mas não perderemos dinheiro e poderemos nos divertir muito... Obrigado! Para você também...

Ao concluir a recuperação da ressaca e do remédio, Bayard já tinha a promessa de cinco participantes e mais três lhe telefonariam para dar uma resposta definitiva naquele mesmo dia. Ele ligou para Max Mather.

— ... Estamos no negócio, Max. Até agora já conto com cinco participantes, com cinquenta mil dólares cada um. Mais três estão dispostos a entrar. Não encerrei a lista porque preciso saber como você se enquadra na cena.

— Muito fácil. Sou o sócio trabalhador. Vocês têm um ano de trabalho meu

por uma cota integralizada de cinquenta mil dólares. Se quiserem que eu continue depois disso, fico com a cota integralizada e fazemos um novo contrato de trabalho.

— Isso é justo... até muito generoso, para dizer a verdade.

— Deixo aos seus cuidados preparar um contrato que seja aceitável para todas as partes. Viajo para a Europa amanhã. Mandarei um telex informando onde ficarei.

— Está andando muito depressa.

— Tenho uma longa lista de ação. Por falar nisso, gostaria de usar seu nome como referência. De caráter apenas, não financeira. Meus banqueiros cuidarão do resto.

— Melhor ainda, escreverei uma carta de apresentação e mandarei para seu apartamento ainda esta noite. E mais uma coisa... Não esqueça que, para todos os efeitos e propósitos, o grupo comprador já está constituído. Tem a sua agência. Não há nada para impedi-lo de falar a respeito ou mesmo usar em suas viagens. Providenciarei as formalidades deste lado.

— É bom saber disso... Ligarei para você assim que tiver certeza dos meus movimentos.

— Boa viagem, Max.

A ressaca desaparecera. Bayard sentia-se relaxado e pronto para um dia movimentado no escritório. Com Mather ausente, esperava uma corte mais rápida e fácil a Anne-Marie Loredon. Foi envolvido por uma agradável sensação de bem-estar. Deu à garota tailandesa uma gorjeta de vinte dólares, afagou-a afetuosamente no traseiro e saiu para o sol de Manhattan...

Leonie Danziger foi deliberadamente incisiva e profissional. Já estava empenhada no material para o artigo sobre Madeleine Bayard. Entregou a Mather duas pastas, lacradas com fila adesiva.

— Aqui estão anotações de entrevistas com o investigador-chefe da delegacia. Não pode citá-las diretamente, mas lhe darão uma ideia nítida da versão da polícia sobre o crime. Os diagramas são cópias fotostáticas e dispensam maiores explicações.

— Como conseguiu tudo isso?

— Uma longa prática e uma jornalista investigativa independente com muito charme. O departamento de polícia de Nova York mantém uma seção de relações públicas. Ela falou sobre a exposição próxima, a reportagem que você estava

escrevendo para Belvedere, a inevitável especulação na imprensa sobre o crime sem solução... Designaram um jovem simpático para ajudá-la e ele levou-a à delegacia. Pagou um almoço para os detetives do caso e... *voilà*! Não quiseram dar nenhuma fotografia, mas encaminharam-na para a agência Black Star, que tinha um fotógrafo no local poucos minutos depois da polícia... Tudo isso me custou trezentos e cinquenta dólares, pelos quais espero um cheque ou dinheiro.

— Acho que merece uma bonificação.

— Aceitarei também.

Mather tirou do bolso um pequeno objeto, embrulhado com papel de seda. Leonie abriu e encontrou uma pequena estatueta de uma dançarina de tarantela, no antigo Capodimonte. Seus olhos se iluminaram de prazer, mas os agradecimentos foram cuidadosamente comedidos.

— Ela é linda. E você é muito atencioso, Max. Obrigada. Ele fez um cheque de 350 dólares e entregou.

— Mandarei o texto para você assim que ficar pronto. O que proponho no momento é um retrato de Madeleine Bayard, como se revela para mim, através de seus quadros, informações e registros de sua vida e morte.

— E desta vez fará um trabalho com mais cuidado e atenção, não é mesmo? — disse Leonie Danziger, gentilmente. — Nada de trabalho relaxado, nada de escrever sem qualquer entusiasmo sobre um tema que não lhe interessa.

— Pois não, mestra.

— A que horas vai partir pela manhã?

— Voarei no Concorde da Air France. Às dez e meia. Chegarei no final da tarde. Na manhã seguinte tenho um encontro em Paris com Henri Berchmans, marcado por Seldes. Logo depois sigo para Zurique.

— Não me diga mais nada. Já estou morrendo de inveja. Não sei se vai acreditar, mas nunca cruzei o Atlântico. A Miss Manhattan... sou eu mesma! Apliquei tudo o que ganhei neste apartamento... e nos elementos da educação de uma sabichona.

Havia um cliché na ponta da língua de Mather. Ele reprimiu-o e apenas indagou:

— Poderia servir como um centro de recados durante a minha ausência? Às taxas comerciais, é claro.

— Prestarei um serviço completo... Por falar nisso, leia o material da polícia com muita atenção, depois estude as fotografias. Abrem um campo largo para as especulações.

— Como assim?

— O assassino enlouquecido pelas drogas é uma isca para o público. A polícia alega saber quem é o verdadeiro culpado, mas não pode encontrar provas

suficientes para prendê-lo.

— Mas que feliz pensamento!

— Não é mesmo?

Houve um momento de silêncio constrangido e depois, ainda formal, ela estendeu a mão.

— Boa viagem, Max. Não sei quais são os seus planos, mas lhe desejo toda sorte do mundo.

— E você cuide-se bem. Só desejo...

Ela pôs um dedo em seus lábios para silenciá-lo.

— Se desejos fossem cavalos, os mendigos galopariam.

— Tem razão... bom... tenha cuidado. Ligarei de Zurique.

8

Henri Charles Berchmans, o Velho, recebeu-o sem muita cerimonia nas galerias de Berchmans et Cie, perto do Quai des Orfèvres. Era a manhã de domingo, um desses dias cinzentos e de garoa em que Paris e seus habitantes parecem angustiados, infelizes e taciturnos. As únicas outras pessoas nas galerias eram três guardas de segurança, que pareciam robôs de meia-idade. A entrevista foi realizada numa sala atravancada, sem qualquer ornamento, que nos dias úteis devia ser ocupada por um escriturário subalterno.

Berchmans, baixo e corpulento, cabelos grisalhos, olhos frios e irrequietos, mãos se retorcendo, elevara a grosseria a uma forma de arte. Mather, cujo voo fora atrasado por duas horas em Nova York, cuja reserva de hotel fora assim cancelada e tivera de passar a noite num quarto não maior e não mais limpo que um armário de vassouras, não achou muita graça. A primeira pergunta de Berchmans, em francês, abrangia tudo:

— E então, Sr. Mather, o que tem para me dizer?

— Nada, Sr. Berchmans. Vim procurá-lo a pedido de Harmon Seldes. Prometi fazê-lo. E espero que me faça alguma pergunta que justifique a inconveniência.

— Muito bem! — Berchmans não se mostrou absolutamente desconcertado. — Por que Rafael, hem? Por que não Caravaggio, Bellini, Boldini? Rafael está pronto e acabado. O catálogo é completo. Essas referências que encontrou não apontam para lugar nenhum... É um homem esperto. Devia saber disso.

— Se eu fosse esperto, não estaria desperdiçando esta manhã de domingo em Paris. Sou um paleógrafo. Deparei com um registro num conjunto de livros de contas florentino. Porque sou um *scholar*, encaminhei o problema para uma revista especializada... Harmon Seldes me contou que fez algum acordo com você. Em que não tenho qualquer participação. E nem pedi. Estou fazendo uma cortesia a você e Seldes e descubro que é um homem muito grosseiro. Assim, se não se importa, irei embora agora.

— Espere! — Berchmans levantou a mão grossa para detê-lo. — Sou mesmo grosseiro. E você está furioso. Vamos recomeçar. Esses livros de contas... são autênticos?

— Sabe que são.

— Não sei, não. Seldes garante que são.

— Não acredita nele?

— Gosto de manter a mente aberta.

— É um privilégio seu. E agora, se me dá licença...

— Fiz um acordo com Seldes. Ele não lhe ofereceu qualquer participação?

— Recusei desde o primeiro dia.

— É um idiota.

— Sábio o bastante para não querer jogar com os grandes apostadores.

— Mas não recusaria uma informação de cocheira?

— Dependeria de quem a desse.

— Talvez o proprietário. Não poderia conseguir melhor que isso, não é mesmo?

— A menos que o jóquei estivesse comprado e o treinador metido no golpe...

— Está sendo insultuoso, Sr. Mather.

— Não estou, não. Você é que tem me insultado, Sr. Berchmans. Primeiro, tenta me intimidar, agora tenta me comprar. Para quê? No dia em que nos conhecemos, eu disse a Harmon Seldes que encontrar os Rafaéis é uma chance em um milhão. Não tenho tempo, energia ou dinheiro para participar da pesquisa. Até prometi transmitir qualquer informação extra que desencavar. Mas isso é tudo. Ponto final. Tenho alguns projetos interessantes. Estou trabalhando para uma nova galeria. Pretendo fazer algumas operações no lado mais baixo do mercado e continuar em meu próprio programa de pesquisas.

— Talvez eu possa lhe encaminhar alguns negócios. Venha comigo.

O velho pegou o braço de Mather e levou-o um tanto rudemente para uma área de depósito. Tirou uma tela de uma prateleira e estendeu-a para Mather.

— Pode identificar isso?

Mather estudou o quadro por algum tempo, depois ofereceu um veredicto hesitante.

— Pretende ser um Frans Hals... mas não é.

— Por que não é?

— O fundo é muito claro, o rosto desenhado sem firmeza. Os cabelos não se ajustam. O traje é elaborado, mas o trabalho de renda é desleixado.

— Pode dar o nome do pintor?

— Não. Qual é o objetivo desse exercício?

— Apenas testar que tipo de olho você possui.

— Quer me esclarecer sobre o pintor?

— Não. Direi apenas que é um excelente restaurador e um ótimo copista, que tem feito alguns trabalhos para mim.

— Confesso que já vi coisa melhor.

— Onde?

— Niccolò Tolentino. Tenciono levá-lo para fazer conferências em Nova

York neste verão.

— É também um empresário, Sr. Mather?

— Não. Sou apenas um *scholar* testando seus talentos em diversos campos novos.

— Espero que me envie um convite para ver e ouvir o *Signor* Tolentino.

— Com prazer. Mais alguma coisa?

— Fique com meu cartão. E sinta-se à vontade para me telefonar a qualquer momento... aqui ou em Nova York.

— É muita gentileza de sua parte.

— Nunca sou gentil, Sr. Mather. E raramente sou sequer cortês. Sou um negociante. Meu único objetivo é o lucro. O fato de negociar com coisas bonitas não importa. Não posso comer um Poussin. Um Cézanne não alimentará meus cavalos nem pagará o jóquei e o treinador. É o lucro que faz tudo isso. Tenho o pressentimento de que você me pode ser lucrativo... e só por esse motivo estou disposto a ajudá-lo. No caso dos Rafaéis ou qualquer outro.

— Já discutimos os Rafaéis. São um problema seu e de Harmon Seldes.

— Por que é tão obstinado, Sr. Mather?

— Porque está jogando comigo... um jogo de velho, um jogo de rico. Lança-me todos os tipos de iscas e espera para descobrir qual morderei. Sou tão corruptível quanto qualquer outro homem, mas está me convertendo muito depressa à integridade... E agora tenho de ir. Viajo às três e meia para Zurique. Voltarei a pé para o hotel.

— Ficará encharcado antes de chegar lá. Acalme-se um pouco. Deixe-me oferecer-lhe uma carona.

— Está certo.

— Pronto! — Berchmans riu e estendeu a mão. — Já se sente melhor. Vamos ser amigos. Gosto de um sujeito vigoroso, capaz de lutar por si mesmo. É isso o que faz também um bom artista! Ele deve ser duro para sobreviver à disciplina, depois aos fracassos e rejeições... Seldes me disse que você está fazendo algum trabalho para ele. Quais são seus outros interesses?

— Aceitei um trabalho de observação para uma nova galeria de Nova York. É da filha de Hugh Loredon. Conhece Hugh, não é mesmo?

— Conheço. Há muitos anos. A filha é amiga sua?

— Estivemos juntos em Florença.

— E qual será o primeiro empreendimento dela?

— Uma exposição póstuma de Madeleine Bayard. Duvido que já tenha ouvido falar a seu respeito. Esposa de um advogado de Nova York, assassinada em seu estúdio.

— Não vai acreditar, mas eu a conheci muito bem, Sr. Mather. Comprei três

de seus quadros por intermédio de meu amigo Lebrun. Encomendei outro, mas ela morreu antes de pintá-lo... Era uma linda mulher, uma grande pintora.

— Os quadros estão aqui em Paris?

— Não. Estão em Nova York.

— Consentiria em expô-los com o resto da coleção? Seria ótimo para as duas partes.

— É possível. Quem possui a exposição?

— O marido. Ed Bayard.

— Já fiz alguns negócios com ele. Tem uma coleção interessante; mas é como o homem... fragmentada, idiossincrática.

— A galeria da Srta. Loredon representará essa coleção também.

— Nesse caso, Sr. Mather, está em companhia muito respeitável.

— Gosto de pensar que sou um colega útil.

— Tenho certeza que sim; mas não é, obviamente, um especialista nas belas-artes.

— Absolutamente não. Minha disciplina é manuscritos. Fiz cursos acessórios de história da arte e apreciação da arte. Minha tradição é a humanista... por isso é que vivi muito bem em Florença... Importa-se de partirmos agora? Tenho alguns problemas para resolver antes de viajar.

— Claro.

Enquanto seguiam de carro para o hotel, Berchmans fez uma última manobra estratégica.

— A família Palombini... Era arquivista deles, pelo que fui informado.

— Isso mesmo.

— Não conheço a coleção de arte da família.

— Não figura entre as melhores. Há poucos dias recebi uma carta de Claudio Palombini, ressaltando que embora a família tenha comprado boas coisas de vez em quando, era no fundo de mente estreita. Escrevi-lhe sobre as informações que encontrei. Seu comentário foi de que nunca ouvira falar dos quadros, mas gostaria de possuí-los agora. Bem que poderia aproveitar o dinheiro.

— Como pode ver — disse Berchmans, feliz —, não sou tanto um velho de maus bofes, não é mesmo? O seu antigo patrão pensa da mesma forma.

— Ele nunca foi meu patrão — respondeu Max Mather, friamente. — Sua tia era a chefe da família. Fomos amantes até o dia em que ela morreu.

— *Requiescat*. — Berchmans apressou-se em fazer o sinal-da-cruz.

— Amém — disse Max Mather.

— Até nos encontrarmos — disse Henri Charles Berchmans.

Nas encostas do Sonnenberg, com vista da cidade e do lago de Zurique, um incorporador construíra um prédio de apartamentos com serviços, para uso de executivos visitantes. Cada apartamento dispunha de uma garagem. Havia um porteiro na entrada, uma criada de plantão, um restaurante pequeno mas confortável, com uma cozinha ao estilo rural.

Foi ali que Mather decidiu se alojar durante sua permanência em Zurique, a fim de manter um endereço para uso futuro. Precisava de um lugar em que pudesse se isolar, espalhar seus papéis, sem a constante intromissão de empregados de hotel. Havia um cofre de combinação em cada apartamento, o que proporcionava uma relativa segurança. Um Mercedes alugado numa agência no aeroporto permitia-lhe a mobilidade necessária.

O restaurante enviava o almoço e o jantar para o apartamento e mantinha seu armário de bebidas sempre abastecido. Não havia problemas de comunicação; ele era fluente em francês e italiano, passável em alemão. O aluguel foi feito em nome da Artifax e ele assumiu assim o anonimato e a não-presença. Os suíços eram discretos e disciplinados, cuidavam da própria vida e esperavam que os hóspedes fizessem a mesma coisa.

As operações de Mather foram conduzidas com cuidadosa atenção para as prioridades. Primeiro, tinha de ser introduzido no meio, as antigas firmas locais, de Zurique e outros lugares, que ainda operavam com grandes quantidades de dinheiro, nas moedas fortes da Europa. Ao contrário dos americanos, seus nomes não apareciam na imprensa. A discrição era seu fundo de comércio. Serviam a um mercado tenso: o capital muito antigo e discreto, o dinheiro novo e cauteloso. Conheciam todos os títulos da Europa. Podiam dizer quanto valia cada título em dinheiro forte.

Insinuar-se nesse grupo exclusivo exigiria uma diplomacia meticulosa. Alois Liepert e Gisele Mundt providenciariam as apresentações. Sua disciplina de *scholar* conferia-lhe autoridade. Palombini, Berchmans, Belvedere e Harmon Seldes eram referências importantes. O acesso a meio milhão de dólares de um grupo comprador também era uma recomendação, embora sua associação com uma galeria nova e influente de Nova York já o convertesse num comprador interessado em todas as categorias.

Quando chegasse o momento de lançar os Rafaéis no mercado, ele deveria ser, se não um animal nativo, pelo menos bem adaptado à selva. A memória conjurou a imagem de Charles Berchmans, o Velho, proclamando o evangelho

do predador: "Meu único objetivo é o lucro. O fato de negociar com coisas bonitas não importa."

Berchmans era agora o elemento novo em todos os seus cálculos. Comprara e encomendara obras de Madeleine Bayard. Por si só, isso já constituía um fator de valor de mercado. Se ele consentisse em apresentar as obras que comprara como peças fora de venda, a exposição seria um sucesso imediato. A autoridade do homem era enorme. Cada *marchand* da cidade seguiria sua indicação.

O problema, claro, era que Berchmans conhecia melhor do que ninguém o valor de seu nome. Seria interessante descobrir quanto ele cobraria pelo privilégio de usá-lo... E isso levantava outra questão, se Henri Charles Berchmans, o Velho, estava registrado de alguma maneira nos papéis de Madeleine Bayard.

Mather pegou as fotografias e os relatórios da polícia e iniciou uma reconstituição metódica do assassinato de Madeleine Bayard.

A maior parte do trabalho fora feita para ele. Danny Danziger reunira o desconexo material da polícia numa narrativa coerente, de estilo conciso, mas clara em todos os detalhes essenciais, de tal forma que não havia possibilidade de confundir fato concreto com especulação.

Você conhece o local. Deve compreender como era usado durante a ocupação de Madeleine Bayard. O primeiro andar estava vazio. Madeleine usava os dois últimos porque a claridade era melhor. Havia — e ainda há — duas entradas para o prédio. A entrada dos fundos tem uma única porta, que dá para uma área de carregamento. A da frente tem uma campainha e um amplificador. Podia ser aberta de qualquer dos dois andares superiores. O acesso a esses andares era feito através da escada ou do barulhento elevador.

Olhe para a primeira fotografia e verá como o espaço era utilizado. No segundo andar, estantes para telas usadas e não usadas, prateleiras para papel, material de desenho, tintas, livros. Tudo muito arrumado. Uma bancada de trabalho com uma caixa de meia-esquadria para fazer tirantes. Uma prancheta para esboços e desenho arquitetônico. Duas cadeiras, um banco para modelo.

A segunda fotografia mostra o terceiro andar. Uma cama enorme, normalmente arrumada com lençóis e cobertores, uma colcha de retalhos estendida por cima. Segundo a polícia — e você pode constatar isso pessoalmente — a cama e a colcha aparecem em vários quadros. Há uma arca holandesa, com taças, pratos ornamentais, louça verde, vermelha e azul, tigelas, as coisas que qualquer pintor pode usar para compor uma natureza morta. Há uma geladeira com refrigerantes e vinho branco. Há também uma garrafa de uísque (pela metade), uma garrafa fechada de burbom. O cavalete e o banco de modelo estão situados de maneira a aproveitar a claridade que entra pelas janelas

da frente e do fundo. Não há iluminação lateral. Vai notar que há uma teia no cavalete. A tela está preparada com um fundo azul e castanho amarelado, há a figura de um homem, com o tronco nu, esboçada. A polícia ainda está com essa tela e diversos outros esboços e estudos. Os modelos para a maioria foram identificados. Alguns vieram de uma agência no SoHo, outros saíram do Negronis, um café local que é ponto de encontro para modelos, pintores e pseudos.

Dê uma olhada agora na terceira fotografia. Mostra o que Bayard descobriu e a polícia teve de reconstituir, porque ele desarrumou tudo ao pegar a esposa morta e aninhá-la nos braços. Verá que o corpo está enrolado, como uma múmia, nas roupas de cama. Estendido sobre o colchão, com o rosto virado para cima. Fora apunhalado através das roupas de cama e assim não houve o esguicho do sangue arterial, nenhuma sujeira além da que havia na própria cama.

Sob a cobertura, o corpo estava nu. As roupas de Madeleine se encontravam dobradas, de maneira meticulosa, no encosto de uma cadeira. Não havia sinais de agressão sexual ou intercurso com um homem. Não havia sêmen no canal vaginal. Havia álcool no estômago e no sangue, assim como traços de um sedativo que Madeleine vinha tomando, sob receita médica. A sequência de acontecimentos parece ter sido a seguinte: o assassino encontrou Madeleine dormindo, enrolou-a nas cobertas e apunhalou-a até a morte.

A arma não foi encontrada. Os relatórios do laboratório a descreveram como comprida, fina, de ponta aguçada, gume nos dois lados — em suma, alguma espécie de adaga ou uma espátula na forma de uma adaga. Os golpes foram desfechados de cima, enquanto a vítima estava deitada de costas. Foram três e todos perfuraram o coração. Os relatórios médicos descrevem a violência como “um exagero de precaução, mas não uma fúria de mutilação”.

A polícia indagou: por que então uma faca? Por que não alguma forma mais simples e menos suja de execução? A explicação mais simples foi a de que se tratava de uma arma de ocasião e que o assassino a levou.

Passe agora para as fotografias quatro e cinco. São detalhes: a bolsa de Madeleine fora vasculhada, o conteúdo despejado sobre a arca. O dinheiro foi levado e provavelmente sua pequena agenda, mais nada. Gavetas nos dois andares foram esvaziadas no chão, livros abertos e largados de qualquer maneira. Tudo isso, segundo a polícia, aponta para uma busca apressada, mas não para violência ou vandalismo. Apesar da pressa, não há impressões digitais. Toda a situação foi premeditada. Contudo, a polícia deliberadamente fomentou uma história sobre um louco viciado, em busca de dinheiro para tóxicos. Eles admitem que tiveram o maior cuidado em projetar essa noção para a imprensa, na esperança de que a desinformação deixasse o assassino superconfiante e

imprudente.

Também admitiram que ficaram realmente interessados pelas coisas que não estavam lá: impressões digitais, evidências de violência sexual, uma arma do crime e, o mais simples de tudo — uma agenda de bolso ou um caderninho de telefones. Madeleine Bayard passava a metade de sua vida no estúdio. As contas de telefone eram altas. Ela guardava todos os números na memória? Alguns modelos que trabalharam ali testemunharam que a viram usar um caderninho de telefones, que ela carregava na bolsa.

Juntamente com amigos que visitaram o estúdio, também testemunharam que haviam desaparecido alguns desenhos que viram pregados nas paredes. Os desenhos foram descritos como de "conteúdo sexual". Bayard alegou que poderia tê-los visto, mas que não estavam em seu poder.

O que nos leva ao próprio Bayard. Ele foi por muito tempo o principal suspeito, apesar de seu álibi. A primeira coisa contra ele foi o fato de que, como advogado, deveria saber que não se pode mexer na cena de um crime. A instabilidade indicada pelo ato perturbou a polícia. O pior de tudo, Bayard não fez segredo das aventuras extraconjugais da esposa e de sua própria infelicidade; mas recusou-se terminantemente a dar os nomes de quaisquer amigos ou conhecidos que foram amantes de Madeleine.

Seu depoimento sobre esse ponto foi decidido e repetitivo: "Sei que ela possuía outros parceiros sexuais. Não procurei descobrir quem eram. Nunca vi ninguém na cama com ela. Ela não me deu nomes. Qualquer coisa que eu falasse a respeito seria rumor ou suspeita e, em qualquer caso, prejudicado pela raiva. Não posso fazer isso. E não o farei..." Ao final, é claro, seu álibi permaneceu inabalável. Segundo a polícia, ele não é mais um suspeito. Contudo, há uma frase desconcertante de um dos detetives: ‘Temos um perfil de um homem capaz de violência — até mesmo de extrema violência.

Nossa investigadora perguntou em seguida se a polícia identificara quaisquer outros suspeitos reais. Eles responderam com rodeios. Primeiro, eles disseram, a vida de Madeleine no ambiente do estúdio tinha um padrão definido. Ela pintava pela manhã, para aproveitar a luz. Por volta de meio-dia ia ao Negronis, para comer alguma coisa e tomar um café. Conversava com quem quer que encontrasse ali. Às vezes chamava um modelo que a interessava, homem ou mulher, levava para o estúdio, fazia uma série de estudos, pagava em dinheiro. Havia episódios sexuais ocasionais com esses modelos. Havia às vezes cenas sexuais encenadas que Madeleine desenhava. Ela era tanto *voyeur* quanto participante. Gostava de sexo com homens e mulheres, mas nenhuma grande ligação se desenvolveu de suas amizades locais. É evidente que sua vida emocional transcorria em outro plano e com outras pessoas. Todos os modelos,

por exemplo, entravam pela porta da frente. Contudo, a porta dos fundos era usada com frequência. Os carros tinham permissão de estacionar na viela nos fundos, sem atrair atenção.

Às vezes, depois de meio-dia, ela chamava um táxi e deixava o local. Às vezes permanecia no estúdio, mas sempre punha um cartaz na porta da frente: ‘Não está disponível até às 17h30m?

Esse cartaz ainda estava na porta quando Bayard chegou, no dia do crime. As portas da frente e dos fundos se encontravam trancadas. Ninguém fora visto entrando ou saindo do prédio pela porta da frente.

Todos os seus amigos foram meticulosamente interrogados. Aparentemente, alguns admitiram breves ligações com ela; mas a polícia não foi capaz de definir um indiciamento por homicídio contra qualquer deles.

E isso é a síntese do caso, Max: uma mulher talentosa não conseguia obter sexo suficiente em casa, saía em ronda para encontrá-lo, acabou na cama com um assassino. É um cliché antigo, gravado na bata de uma pintora e instalado numa água-furtada na terra dos boêmios. Contudo, de uma maneira ou de outra, muitas pessoas estão envolvidas e ficaremos atentos a você, na esperança de que encontre algum sentido para nós. Afinal, você também é um boêmio, um *scholar* cigano que pode ter percepções negadas às demais pessoas.

Ligue-me se precisar de mais informações — e faça um grande trabalho com estas.

Danny D.

Por um longo tempo, depois que terminou a leitura, Mather continuou sentado, o queixo apoiado nas mãos, olhando para o vazio. Havia alguma coisa no tom e teor da carta que o deixava apreensivo, embora não fosse capaz de definir o que era. Depois, mecanicamente, meteu os papéis e fotografias no envelope, guardou no cofre. Olhou para o relógio — onze e meia. A diferença para Nova York era de seis horas. Ela estaria encerrando o trabalho do dia, servindo-se de um drinque, entrando na banheira. Ele pegou o telefone e ligou.

A campainha tocou e tocou no apartamento dela. Mather ficou imóvel, hipnotizado pelo som, por quase três minutos; depois, desligou e, dormente de fadiga, começou a se preparar para dormir.

9

Em sua primeira reunião com Alois Liepert e Gisela Mundt, Liepert ofereceu um conselho sagaz:

— Noto que relacionou como contatos desejáveis vários *marchands* e leiloeiros em Zurique. Mas acho que deve ser muito cuidadoso em sua primeira escolha de associados. Se me permite dizê-lo, está mais sintonizado com a Europa do que a maioria dos americanos. Creio que deveria lidar com aquelas companhias em que o controle passou dos velhos para os jovens agressivos, que estão em contato com as novas tendências, com o dinheiro novo, que assumem uma visão global do mercado...

— Faz sentido.

— Pois deixe-me tentar fazer um pouco mais. Está bem recomendado, é bem relacionado. Isso é valioso numa cidade conservadora como Zurique. Mas não quero que dissipe esse valor por se tornar disponível demais ou parecer muito ansioso em negociar.

— Concordo outra vez. Como sugere que façamos?

— Oferecerei um pequeno jantar em minha casa. Convidarei alguém do banco, dois *marchands*, cada um especialista em seu campo, e um leiloeiro, suíço, é claro. Assim criamos amigos e não rivais... Devo lhe declarar logo de uma vez que tenho um interesse na questão. O leiloeiro é meu cliente. Conheci os outros no decorrer de negócios diversos... e o banco estaria interessado em tê-los como clientes. Para mim, trata-se de um agradável exercício diplomático, que cria boa vontade. Para você, é um trampolim do qual poderá pular sem dor para a piscina... É assim que se fazem negócios em Zurique. Deve saber o que dizem a respeito dos bancos aqui. Já há coronéis suficientes para mandar na América do Sul!

— Nunca tinha ouvido falar.

— Pois é verdade. Todos os dirigentes de bancos fazem o serviço militar juntos e com isso sobem na escada das promoções como amigos... Ligarei para minha esposa agora e verei que noite podemos marcar.

Depois de um rápido diálogo ao telefone em *schweitzerdeutsch*, ele virou-se para Mather e perguntou:

— Quarta-feira?

— Está ótimo para mim.

— Entre sete e meia e oito horas. Se quiser levar uma amiga, pode fazê-lo.

— Estou viajando sozinho.

— Nesse caso, permita-me sugerir que convide a Dra. Mundt como sua acompanhante. Os outros levarão as esposas. Um ambiente familiar é sempre mais fácil.

— Tem certeza que não se incomodaria, Dra. Mundt?

— De jeito nenhum, Sr. Mather.

— Obrigado. E, agora, eu gostaria de fazer uma pergunta a ambos. Teriam meios de encontrar um casal no Brasil? Ela é italiana, ele é brasileiro de origem alemã. Casaram em Milão em 1947 e foram para o Rio de Janeiro.

Liepert lançou-lhe um olhar rápido e desconfiado.

— Posso saber o motivo para a investigação?

— Relaciona-se com a autenticação dos Rafaéis. A mulher, Camilla Dandolo, foi uma cantora de ópera conhecida, amante de Luca Palombini. O marido, ao que se diz, foi o comandante local da SS, durante a guerra. É possível que os Rafaéis ou outras obras de arte da família Palombini tenham sido dados à mulher como uma recompensa ou ao homem em troca de proteção durante a guerra.

— Peço que me perdoe o teor da pergunta que tenho de fazer, Sr. Mather.

— Pode falar.

— É judeu?

— Não. Não sei se entendo o objetivo da pergunta... mas não, não sou judeu.

— Às vezes questões como essa são levantadas por outros motivos: vingança por parentes perdidos, crimes de guerra, recuperação de propriedades tomadas pelos nazistas. É preciso saber antes de interferir.

— Pois então serei específico. — Mather pegou sua pasta, tirou as provas do artigo da *Belvedere* e as cartas de Guido Valente e Claudio Palombini. — Leiam isto e compreenderão onde estou querendo chegar.

Liepert não se apressou na leitura. À medida que terminava cada página, passava para Gisela Mundt. A expressão dela relaxou num sorriso. Ao concluir a leitura, dobrou os papéis, devolveu-os e anunciou:

— Parece que encontramos um cliente muito distinto. Os convidados para o jantar de Alois também ficarão muito interessados por esse material. E posso desde já iniciar a investigação à procura dos brasileiros. Não queremos incomodá-los indevidamente e também não queremos acenar com a perspectiva de muito dinheiro. Por que não publicamos um anúncio? "Um eminente estudioso está realizando um trabalho de pesquisa sobre as divas do La Scala. Agradeceria qualquer informação sobre a carreira e o atual paradeiro de Camilla Dandolo, etc. etc..." Há uma agência em Zurique especializada na publicação desse tipo de anúncio.

— Grande ideia! — Mather estava excitado como um colegial. — Quem sabe o que poderemos descobrir assim?

— Trouxe algum material de pesquisa?

— Está tudo comigo. Irei à Itália. Tenho de devolver o material que tomei emprestado. E também trouxe algumas peças para pôr em leilão aqui.

— Por que não mostra tudo ao jantar? — sugeriu Liepert. — Tenho certeza de que nossos convidados estariam interessados.

— Se tem certeza...

— Certeza absoluta. São todos jovens e entusiásticos.

— Muito bem, farei isso. Agora, gostaria de continuar. A próxima pergunta é importante: a confidência entre vocês e eu está garantida. Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Mas e entre eu e os amigos que encontrarei em sua casa?

— Há a Ehrenwort. — O tom de Alois Liepert era firme. — A palavra de honra. Este é um país pequeno e a cidade, sob muitos aspectos, antiquada. Quebre a palavra empenhada e estará fora do negócio.

— E uma mudança das mais agradáveis — comentou Max Mather.

As palavras saíram com um sorriso de pesar pela integridade desaparecida. Por dentro, ele sentiu uma pontada de espanto por um raio não fulminá-lo ou as palavras não se transformarem num bolo de chumbo derretido em sua goela. Mas se o céu se manteve em silêncio, Liepert foi eloquente.

— Não obstante, meu amigo, é um estrangeiro e temos de protegê-lo. Assim, aconselho um protocolo rígido. Você vem e vai. Fala de negócios. Explora possibilidades. Mas sempre deixa patente que o único documento compulsório é uma carta minha, como seu representante legal. Fala um excelente alemão. Imagino que é igualmente fluente em francês e italiano... mas nunca deve presumir que conhece todas as sutilezas legais de uma língua estrangeira. Portanto, nada de apertos de mão nem "meu caro velho", como os britânicos. Limite-se a dizer "Pedirei a Alois Liepert ou Gisela Mundt para lhe escrever, a fim de esclarecer e confirmar". Não se esqueça dessas palavras... *aufklären und konfirmieren*.

— Vou gravá-las a fogo no cérebro. — Mather soltou uma risada. — *Aufklären und konfirmieren*... e vocês é que me prestarão esse serviço. Mais algumas coisas da minha lista. Podem receber dinheiro por mim e pelas companhias?

— Podemos receber e transferir para seu banco. Não podemos e não vamos operar suas contas bancárias. Se preferir, pode me deixar uns cinco mil dólares para cobrir desembolsos e completar a quantia quando aceitar minhas contas.

Mather efetuou uma rápida revisão de suas anotações. Restava apenas um problema a discutir com os advogados, mas era o assunto sobre o qual precisava

das instruções mais expressas.

— As representações feitas para mim ou por mim quanto à autenticidade, propriedade ou proveniência de objetos oferecidos à venda... Parece que encho a boca, não é mesmo?

— Tem toda razão — respondeu Alois Liepert. — E se não digerir direito, pode ter de engolir também uma sentença de prisão... Sendo assim vamos deixar tudo claro. As representações apresentadas a você como um comprador... Peça que sejam confirmadas por escrito para mim. Eu as verificarei e aconselharei de acordo. Pode retardar o fechamento de um negócio. Pode até fazê-lo perder um negócio de vez em quando, mas é a única maneira segura. Você demonstrou boas intenções, em termos legais. Se um erro for cometido ou uma fraude praticada, está a salvo...

— Isso é confortador.

— Meu pai era juiz. Costumava dizer: "Há sempre um conforto para um homem meticuloso." Levei muito tempo para compreender o que ele queria dizer. Agora, vamos à segunda parte da pergunta, as representações apresentadas por você... Quanto ao título, o direito de possuir ou vender, isso deve ser sempre comprovado. Quanto à proveniência... Há uma ampla área de tolerância legal na Suíça, porque existe um tráfico tradicional através de nossas fronteiras. Trata-se, é claro, de um tráfico extremamente lucrativo. Assim, nosso governo não questiona como as peças chegaram aqui. Responderá com alguma relutância a representações oficiais sobre atividades criminosas; mas se recusa terminantemente a administrar os regulamentos fiscais ou alfandegários de países vizinhos. Portanto, descobrirá que no mercado de arte uma certa reticência é necessária e aceitável. Não é obrigado a declarar que um rico italiano lhe vendeu um quadro que exportou ilegalmente através de nossas fronteiras. Também não está obrigado a dizer seu nome, desde que o comprador esteja convencido de que você é o fornecedor de mercadorias legais... Mas, outra vez, nosso protocolo persiste. Seus clientes apreciarão a sabedoria do procedimento... Claro que tudo vai depender das revelações que me fizer. Devo ser capaz de me basear absolutamente no que me contar.

Dez minutos depois, a reunião foi encerrada e Mather desceu pela Bahnhofstrasse, a fim de faiar com seu gerente de banco, sacar algum dinheiro, guardar no cofre a maleta de Hugh Loredon e tocar, por uns poucos segundos, nas lonas ásperas e enceradas que envolviam os Rafaéis de Palombini.

Precisava desse contato para fortalecer sua coragem no jogo em que aquelas obras eram o grande prêmio. Começara para valer agora. Ele estava enquadrado nas regras. Fora aceito no *salon privé*, em que as apostas não tinham limites... Agora, tinha de provar que era uma companhia à altura para os mestres do jogo,

que o deixariam limpo como uma galinha depenada e o devorariam ao jantar, se não fosse capaz de controlá-los.

A quarenta minutos de distância, em Paris, Henri Charles Berchmans já organizava seus recursos estratégicos e definia um plano. Os recursos eram enormes: o plano era global; porque Berchmans não era um mero negociante de objetos de arte dispendiosos, mas também um colecionador e um operador com informações, através de uma rede internacional de agentes e clientes.

Ele fazia avaliações para bancos e companhias de seguros em todos os grandes países. Aconselhava sobre a formação e dissolução de coleções. Fixava as tendências e modas na arte. Ajudava a fixar os preços também, da mesma forma que os banqueiros em Londres e Zurique determinavam diariamente o preço do ouro. Era tão cuidadoso quanto os negociantes de diamantes da África do Sul no controle do fluxo da produção, a fim de que o valor não caísse demais. Se o mercado de leilão estava fraco, ele interferia discretamente com um conselho ou a negociação de uma venda prévia, sempre divulgada com uma cifra inflacionada. Se Berchmans comprava a esse preço, diziam os peritos, então o quadro devia valer. Com isso, o resto do estoque de Berchmans aumentava de valor; *marchands* e leiloeiros abençoavam seu nome.

Com os banqueiros, ele praticava uma política expansionista. Vendia-lhes quadros para as salas de diretória a preços elevados. Organizava as exposições que eles patrocinavam. Encorajava-os a emprestarem dinheiro sobre obras isoladas e coleções inteiras. Seu argumento era muito simples:

— Ofereço uma avaliação segura para o empréstimo: quarenta por cento abaixo do preço de varejo. Garanto comprar qualquer obra avaliada pelo preço que fixei. Mas se tiverem de executar, aconselho a levarem a leilão no momento certo e obterem um lucro de vinte por cento.

O argumento para as companhias seguradoras era o oposto.

— Eu avalio alto; assim, vocês podem cobrar prêmios altos. Se a obra for destruída... então é claro que terão de pagar alto. Se for roubada, mais cedo ou mais tarde serei informado de que está sendo oferecida no mercado negro e saberei, melhor do que qualquer outra pessoa, o mínimo a propor pela devolução. Se estiver danificada, posso arrumar os melhores restauradores do mundo, ao melhor preço...

Em suma, Henri Charles Berchmans, o Velho, era uma espécie de banqueiro, operando num mercado restrito, com uma moeda rigorosamente controlada. Como todos os banqueiros, dependia de informações transmitidas diariamente e com acurácia garantida. Mantinha centros de informações em Paris e Nova York. Seus escritórios eram unidos por uma rede de computadores. Seus empregados mais importantes eram aqueles que nunca entravam nos salões de vendas nem

adulavam um cliente, mas estavam sempre recolhendo informações diversas, sobre mortes, casamentos, divórcios, falências e testamentos em homologação.

Assim, enquanto Max Mather, o jogador neófito, descia pela Bahnhofstrasse, Henri Charles Berchmans preparava uma mensagem urgente para todos os seus correspondentes.

*

A informação apresentada por Mather e Seldes é acurada, até onde se pode determinar. Portanto, procuramos pistas de dois retratos de Rafael de mulheres Palombini e cinco desenhos — nenhum dos quais está sequer insinuado no catálogo. Há uma explicação plausível para isso, pois os Palombini nunca foram grandes colecionadores e assim é bem provável que tenham relegado as obras à obscuridade. Na ausência de qualquer descrição dos retratos, estou convencido de que ao longo dos séculos podem ter sido o alvo de uma atribuição errada... como aconteceu, por exemplo, com a "Dama com Unicórnio", creditado a Perugino, e o "Retrato de Elizabeth Gonzaga", exposto inicialmente como uma obra de Mantegna e posteriormente creditado a Giacomo Lancia e outros. Outra possibilidade, insinuada numa carta a Mather de um bibliotecário de Florença, é de que as obras tenham sido entregues como resgate ou pagamento de proteção a um oficial da SS. Por favor, peçam a nossos contatos brasileiros informações imediatas sobre Franz Christian Eberhardt, que casou com uma certa Camilla Dandolo, em Milão, em 1947, e depois foi para o Rio de Janeiro. Os documentos de Eberhardt apresentam-no como sendo de nacionalidade brasileira, mas ele pode ter adquirido a cidadania depois da guerra. Nossos contatos em bancos e seguradoras podem ajudar nessa questão. Solicitem informações o mais depressa possível.

Ao meio-dia, ele ligou para Seldes, que se queixou sonolento que ainda eram apenas seis horas da manhã em Nova York. Berchmans ignorou o protesto.

— Encontrei-me com o tal de Mather. E gostei do homem. Você me disse que era um acadêmico ocioso. Ele é muito mais do que isso. Pode ser um trapaceiro, mas também pode se mostrar útil.

— Então use-o, Henri, com a minha bênção. Para que mais me acordou?

— A exposição de Madeleine Bayard.

— Mather sabe tudo a respeito. Ele a representa.

— Ele já viajou para a Suíça. Tem o seu endereço?

— Não. Estou esperando que me informe.

— Pode pedir a ele para me ligar... e providencie para que seu pessoal me envie imediatamente um catálogo, lista de preços e um jogo de transparências.

— Está certo. Mais alguma coisa?

— Quem você recomenda como as melhores autoridades sobre atribuições de Rafael?

— Essa não! Preciso de tempo para verificar.

— Envie-me uma lista quando chegar a seu escritório.

— Aonde está querendo chegar?

— Repito... atribuições. Procuramos Rafaéis. Os atuais detentores podem pensar que são Peruginos. Geralmente não é tão obtuso, Harmon.

— Geralmente não me ligam para tratar de negócios às seis da manhã.

— Não adormeça ainda. Há mais, meu amigo. Madeleine Bayard... O que aconteceu com seus papéis, cadernos de anotações, desenhos?

— Não tenho a menor ideia. Imagino que a polícia confiscou o que estava no estúdio. O marido provavelmente tem o resto. Ao final, todo o material acabará em seu poder. Qual o objetivo da pergunta?

— Comprei algumas telas de Madeleine Bayard. Lebrun apresentou-me. Costumávamos nos divertir juntos sempre que eu ia a Nova York. Escrevi algumas cartas, que gostaria de recuperar.

— Lamento muito, meu caro Henri, mas com um marido como Ed Bayard... não há a menor possibilidade! Além do mais, não acha que é um pouco tarde para pensar nisso?

— É possível. Mas só fui lembrado do assunto por essa nova ligação entre Mather e Bayard.

— Deixe-me pensar a respeito. Max Mather está escrevendo uma matéria sobre Madeleine Bayard para a revista. Sei que ele procurava papéis e peças diversas. Verificarei com ele.

— Obrigado, Harmon. E não o encoraje a esperar dinheiro. As cartas não são tão ruins assim. Já tive coisas piores exploradas pela imprensa marrom.

— Farei o que puder.

— Ótimo. Ficará feliz em saber que meu pessoal no mundo inteiro já foi alertado para os Rafaéis de Palombini... E agora volte a dormir e sonhe que ambos estamos ricos...

Satisfeito com o trabalho daquela manhã, animado pelo aperto de mão de um banqueiro que estava feliz com as dimensões de seu empreendimento, e mais feliz ainda em lhe oferecer facilidade de saque a descoberto, caso precisasse, Max Mather decidiu presentear-se com um almoço no restaurante do Baur au Lac.

A comida era de primeira classe. Os garçons idosos eram joviais e eficientes. Os clientes pertenciam ao mundo financeiro de Zurique, formais, trajes sóbrios, boas maneiras, mas sempre um pouco retraídos diante do *ausländer*, como ele. A conversa era uma mistura de línguas — francês, italiano, *schweitzerdeuisch*, alto alemão, sueco — e sempre versando sobre dinheiro: taxas de juros, mercado futuro, margens, lucros em potencial, fatores de alta e baixa. Mather comeu sem pressa e desfrutou a nova sensação de bem-estar e confiança. Pela primeira vez em anos, sentia-se realmente dono do seu nariz, fazendo seus próprios negócios, arriscando o próprio pescoço. Isso, ele começava a compreender, era a verdadeira atração do empreendimento. Estivera apavorado durante toda a sua vida, agarrando-se nas saias das mulheres em busca de segurança. Encontrava-se agora numa corda bamba, sem uma rede de segurança. O medo lhe apertava as entranhas, mas havia um desafio de menino em seu grito silencioso: “Olhem só! Sem as mãos!”

A euforia persistiu até que voltou ao apartamento no Sonnenberg. Ligou para Anne-Marie em Nova York, transmitiu as notícias num acesso de entusiasmo e depois instruiu-a:

— Mantenha-se em contato comigo por intermédio de Liepert. Este lugar é apenas um ponto de referência. Estarei entrando e saindo a todo instante, mas você tem o número, caso precise. Escreva imediatamente para Henri Berchmans. Mencione meu encontro com ele em Paris. Peça-lhe a gentileza de emprestar suas telas de Bayard para a exposição. Você cobrirá todos os custos de seguro e transporte. Vai lhe conceder um crédito proeminente no catálogo da exposição e em toda a divulgação... e lhe enviará com antecedência um jogo de transparências, assim que ficarem prontas. Está disposta até a lhe proporcionar a primeira escolha na exposição... Não vai esquecer? Não vai atrasar? Ótimo! Também quero outro jogo de transparências e catálogos para meu pessoal na Suíça. Mande tudo por mensageiro especial. Não confie no correio... Estamos realmente voando alto, *bambina*!

— O que posso dizer? Estou emocionada. E agradecida... Se não pareço

tanto assim, é porque estou preocupada com papai.

— Qual é o problema?

— Ele se internou numa clínica em Londres. Disse que é apenas para um *check-up*.

— Provavelmente é mesmo.

— Perguntou onde você estava.

— Ligue para ele e dê este endereço e o telefone.

— Falei com ele sobre a maleta e que você não tinha aberto. E papai disse: "Então ele é mais estúpido do que parece. Diga-lhe para estudar o material com todo cuidado. É vital." O que isso significa, Max?

— Não sei. Acho que terei de abrir a maleta e descobrir.

— Se quiser falar com ele, o quarto é o 137.

— Ligue você. Ele entrará em contato comigo no momento que mais lhe convier. Como Bayard está se comportando?

— Muito bem, devo dizer. Anda solícito e compreensivo. Corro de um lado para outro durante o dia inteiro e ao cair da noite estou exausta. Ele liga para dar um olá, depois me deixa em paz. Almoçamos um dia desses. Fomos ao Whitney no domingo e passeamos no parque. Ele me deixou em casa cedo. Tudo na base de bons amigos, o que me serve muito bem... Ele aprovou as anotações do catálogo e parece ansioso em ler sua matéria. Ficará encantado quando eu lhe contar sobre Berchmans.

— Melhor não dizer nada até que seja líquido e certo.

— Pode ser constrangedor, Max.

— Será muito mais constrangedor se Berchmans recusar o empréstimo dos quadros... o que pode muito bem acontecer. Sabe como Bayard é quando pensa que foi menosprezado.

— Está certo. Farei o que está dizendo. No mais, como vai você?

— Nunca estive melhor... Mas preciso das fotografias e do catálogo o mais depressa possível.

— Ontem é satisfatório, senhor?

— Serve, embora não chegue a ser satisfatório. Deseje-me sorte para quarta-feira.

— Toda a sorte do mundo. Ciao, Max.

A ligação seguinte foi para Danny Danziger. Era o início da manhã em Nova York, mas ela não estava em casa. Mather deixou os números para contato na secretária eletrônica e pediu que ela tentasse transmiti-los para Harmon Seldes. Depois, fez um café e se sentou para um estudo sistemático do material de Madeleine Bayard.

Examinou as cartas primeiro. A própria Madeleine as dividira em três maços.

O primeiro era todo erótico — manifestações em prosa animada de homens e mulheres que haviam partilhado uma experiência sexual com ela. Alguns eram quase analfabetos; outros insuportavelmente literatos. Todas as cartas estavam assinadas por um primeiro nome ou um apelido amoroso: Pete, Lindy, Língua de Mel, Homem de Ferro... Mather especulou por que ela se dera ao trabalho de guardá-las... e compreendeu a frase de Leonie Danziger: "Ela era tanto *voyeur* quanto participante."

O segundo maço era constituído de cartas de artistas de todo o país, com quem ela mantivera uma correspondência regular, mas com os quais teve alguma espécie de relacionamento sexual.

> *A coisa que amo em você, Madi, é que não tem ciúme profissional. Olha para o trabalho. Adora ou detesta e diz logo, sem hesitação. Seu julgamento é duro, mas sabe do que fala, porque todos os dias está no cavalete. É por isso, eu acho, que nunca esperei que você fosse tão pouco exigente no amor.*
>
> *...Querida Madi... [A carta era de uma pintora do Arizona.] O que posso dizer? Eu tinha fogo nas pontas dos dedos quando voltei de Nova York. Você me ensinou a pintar, da mesma forma que me ensinou a fazer amor — cores naturais, misturadas na tela, todos os riscos assumidos, nada contido.*

E de um mestre idoso, agora quase cego, mas ainda pintando em Vermont:

> *Eu a amei desde o primeiro dia em que nos conhecemos; desejei-a desde o primeiro dia em que fizemos amor em seu estúdio. Mas eu me preocupo com você, Madi. Preocupo-me com as duas vocês, Madi — a feliz, que gostaria de pintar lindos grafites por toda Manhattan, a sombria, que tenta pintar sua saída do inferno.*

Foi nesse maço que Mather encontrou quatro cartas em francês. Eram curtas, uma letra grande e enfática, em papel timbrado de hotel, assinadas apenas com as iniciais. A forma de cada uma era a mesma: uma única frase, explícita, louvando o desempenho sexual de Madeleine, um julgamento conciso de seu trabalho, uma despedida brusca.

> *"Quand tu m'enfourches c'est comme si je m'accouple avec un ouragan et je suis transporté au Paradis. Mais quand je te contemple dans tes*

peintures, je vois une agonie que je ne sais ni partager ni soulager. Quand même je te convoite nuit et jour. À bientôt, cherie…

H.C.B."

Mather levou alguns minutos para ligar as iniciais com Henri Charles Berchmans. Soltou uma risadinha particular pela ironia da situação — e depois pensou na melhor maneira de tirar proveito. Não podia haver insinuação de chantagem. Berchmans tivera duas esposas e uma sucessão de amantes. Uma esposa e uma amante haviam-no levado aos tribunais. Muita roupa suja fora lavada em público; mas no mês seguinte, quando Laurencin, seu potro de dois anos, vencera em Chantilly, a multidão lhe concedera uma ovação.

Não podia dar a impressão de que estava bajulando por seus favores. Berchmans ficaria ressentido de qualquer maneira por saber que um jovem garanhão lera seus bilhetes de amor de meia-idade. O tratamento mais simples seria o mais distinto: "Encontrei esse material e estou lhe devolvendo." O único problema era que ele não se atrevia a sequer tocar nos originais enquanto não soubesse por que Loredon os enviara.

O terceiro maço de cartas nada tinha a ver com amor ou sexo. Versavam sobre os aspectos econômicos da profissão, aquisições de quadros, convites para seminários e exposições, bolsas de estudo, prêmios e assim por diante. Apesar de nunca ter exposto, Madeleine Bayard era bem conhecida e extremamente respeitada pelos colegas.

Agora que já lera a correspondência, os diários faziam muito mais sentido. Podia ajustar pessoas reais na paisagem da vida de Madeleine. As visitas de Berchmans, por exemplo, eram registradas com uma afeição bem-humorada:

Henri assoma por cima de mim, como uma forma gigantesca a bloquear o sol. Digo-lhe que precisamos trocar de lugar. Ele ri e diz que se sente feliz em me deixar fazer o trabalho. Ele é potente como um touro e igualmente brutal; mas nunca me deixa insatisfeita... Há dois dele, assim como há duas de mim. Ele permanece em silêncio por minutos a fio, olhando para uma das minhas telas, depois se vira e afaga meu rosto com extraordinária ternura. Aponta para um único canto de uma obra e diz: 'Isso está bem-feito, quase perfeito...' Seu poder pode ser terrivelmente destrutivo; para mim, no entanto, ele é um curandeiro.

Sobre Hugh Loredon, ela escreveu, com crescente sarcasmo:

Ele se tornou como um parceiro na pista de dança que está sempre

olhando por cima de seu ombro para outra pessoa. Sua caixinha de truques começa a me entediar. Sei que ele faz os mesmos cumprimentos a vinte mulheres. Sua solicitude é falsa. 'Você está cansada, deixe-me acalmá-la. Conte os seus problemas a Hugh...' Ele não é muito ruim na cama, mas como um homem tenta me dar o que recebo com mais generosidade das mulheres.

Esse lado sáfico de sua vida era registrado de uma maneira completamente diferente.

Paula apareceu hoje. Os filhos partiram para o acampamento de verão. Ela está muito satisfeita por ficar sozinha. Tranco as portas e me devoto inteiramente a ela. Fazemos amor, dormimos, acordamos, tomamos vinho. Começo a desenhá-la, estendida nua sobre a colcha colorida. Faço uma dúzia de esboços a carvão e um desenho grande. Apesar dos partos, ela continua lisa e branca como mármore. Quando a toco, minhas mãos deixam marcas de tinta. Ambas rimos e começamos a pintar os corpos uma da outra, como crianças.

Havia uma referência a Danny Danziger, sobre a qual ela escrevera em outro estilo.

Ela se empenha fundo para me fazer pôr em palavras o que só posso expressar na tela ou fazendo amor. Digo a ela que as palavras se misturam em minha cabeça, ficam presas na garganta... Ela se recusa a compreender. Prendo um papel na prancheta, ponho um pedaço de carvão em sua mão e lhe digo: 'Vamos! Desenhe! Desenhe a mim, desenhe a garrafa e o copo. Claro que ela não sabe por onde começar.. 'Está vendo?', eu digo a ela. 'Você não pode desenhar. Eu não posso falar. E agora vamos para a cama!' E, no final das contas, toda a discussão é para isso. Só que ela tem de passar pela dança dos véus antes de chegar lá.

Havia referências a Bayard, pontilhadas como passas num bolo.

Em dias como ontem quase chego a acreditar que posso ser feliz com Edmund. Levamos dois quadros meus para Lebrun. Ele comprou-os prontamente. Depois passeamos pela Madison, entrando em algumas das galerias menores e finalmente chegando a uma loja de artesanato que expõe as obras de ceramistas, entalhadores, vidreiros e tecelões.

A atitude de Edmund diante dessas obras é de extraordinária humildade. Ele diz: ‘Por Deus, essas coisas me fazem sentir tão inútil, tão desajeitado... Olhe para aquele vidrado... Repare naquela tigela de madeira, tão simples e ao mesmo tempo tão respeitosa da madeira...’ Pergunto a mim mesma — nunca me atreveria a perguntar a ele — por que ele não demonstra o mesmo respeito em relação a mim e ao que faço. Conheço a resposta. Sou uma criança caprichosa, que deve ser punida com a negativa de aprovação até mesmo para suas virtudes. Ele possui um olho compreensivo — mas não o coração compreensivo.

Esses breves esboços de caráter estavam entremeados com descrições de relações sexuais, no estúdio e nos apartamentos de amigos e conhecidos. Mas enquanto examinava as páginas tão bem escritas, Mather pouco a pouco percebeu que na verdade não era um diário o que lia, mas sim uma narrativa composta com todo cuidado, em parte fato, em parte ficção, da vida real e imaginária de Madeleine Bayard. A própria caligrafia era a pista. Era regular demais, controlada demais — como um manuscrito meticulosamente copiado no escritório de algum convento rabelaisiano. Era uma obra de arte. Apresentava o que os quadros escondiam. Ela manipulava os amigos e parceiros sexuais exatamente como posava os modelos, para fazer a composição mais expressiva, a declaração mais dramática.

> *Paula e Danny sentem ciúme uma da outra. Retiro-me e as ponho para fazer amor com Lindy. E depois ponho Peter para entrar na cena. Explico, muitas e muitas vezes, que o amor deve ser alegria, não fúria. Desenho enquanto eles se divertem. Quando olham para os esboços, eles percebem a beleza do jogo e começam a ser amigos.*

Era evidente que havia conflitos profundos em tais relacionamentos artificiais; mas não havia nada para sugerir um iminente ato de violência, até quase ao final do registro.

> *Uma briga horrível com Peter hoje. Ele se mostra subitamente muito ciumento — de forma obsessiva, para alguém tão jovem. Quer sair comigo, exibir-me para seus amigos. Recuso. Tento explicar que meu ponto de amor é particular. Não sou uma posse para ser ostentada em público. Ele me chama de nomes horríveis. Ele me ataca, me joga na cama, tenta me estuprar. O estupro fracassa porque estou mais do que disposta a me entregar... Começo a desejar a volta de Henri. Sua brutalidade está sempre sob controle.*

Poucos dias depois, havia outro episódio de exasperação.

Peço a Hugh para me levar ao leilão na quinta-feira — importantes peças impressionistas de um espólio de Chicago. Ele me contou muitas histórias divertidas sobre as mulheres sensuais em leilões, estou curiosa em conhecê-las. Ele diz que não. Os dias de leilão são dias de negócios para ele. Se eu quiser ir, que vá sozinha e fique longe dele. Mando-o para o inferno. Ele diz: 'Não exija muito de sua sorte, Madi. A cidade está cheia de trepadas fáceis. Dou-lhe um tapa na cara. Ele revida e vai embora. E me pergunto por que a diversão desapareceu de tudo.

Danny aparece ao final da tarde. Também se encontra atormentada. Acaba de discutir com Harmon Seldes e pensar em largar o emprego. Digo-lhe que seria uma tolice. Ela deve continuar. A remuneração é boa. Seldes não pode se dar ao luxo de perdê-la. A ligação não passava de uma ficção criada por duas pessoas que não conseguiam chegar a uma conclusão sobre seus próprios corpos.

Mather leu o trecho três vezes antes de absorver todo o seu significado. A própria Danny lhe fornecera todas as pistas. Apenas carecera da percepção para interpretá-las: a ligação com Seldes e Hugh Loredon, a identificação de Madeleine como *voyeur* além de participante, as últimas palavras de seu relatório: "Muitas pessoas estão envolvidas e ficaremos atentos a você, na esperança de que encontre um sentido para nós.'

Ele deixou o resto do diário sem ler, passou para as fotostáticas dos cadernos de desenhos, estudando com a maior atenção, página por página. As figuras copulando, maníacas, dançantes, eram agora personagens reais. Podia atribuir-lhes nomes pelas cartas, identificar as particularidades sexuais pelas passagens nos diários.

No primeiro exame superficial, em Nova York, ele notara apenas uma imagem de Leonie Danziger. Agora ela aflorou em diversas cenas: num abraço sáfico com outra mulher, depois transformada numa bacante de cabelos desgrenhados, perseguida em uma variedade de confrontos por faunos furiosos, que deviam ser Peter e Homem de Ferro.

Mather deixou os desenhos expostos na mesa e levantou para se servir de um drinque. O telefone tocou. Harmon Seldes estava na linha, transbordando de boa vontade.

— Falei com Berchmans. Você lhe causou uma excelente impressão.

— Sou um homem impressionante. E você sabe disso, Harmon.

— Como está indo a matéria de Bayard?

— Devagar. É uma mulher difícil de focalizar.

— Que tipo de material conseguiu encontrar sobre ela?

— Não muita coisa. Estou me baseando na maior parte na história oral do próprio Bayard e na minha reação pessoal aos quadros. Esse será o material para discorrer sobre o ânimo, não sobre a técnica.

— Não há papéis, não há cartas...

— Nada, até agora. Por quê?

— Ao que parece, Berchmans e ela foram amantes. Ele escreveu algumas cartas.

— Uma tolice.

— Se aparecerem, ele gostaria de recuperá-las.

— Era de se esperar. Meu pai tinha um ditado a respeito.

— Tenho certeza de que era profundo — comentou Seldes, secamente.

— E era mesmo. “Aja certo e não tema homem algum. Não escreva e não tema mulher alguma.” Achava que Berchmans fosse mais esperto.

— Não é preciso ser esperto — disse Seldes, sombrio. — Basta ser muito rico para não se importar.

⁂

Num quarto particular, na clínica em Londres, Hugh Loredon estava sentado na cama, apoiado em travesseiros, conversando com seu médico. À primeira vista, poderiam passar por irmãos — cabelos brancos, faces rosadas, de uma eloquência suave e evasivos como somente o irlandês de Boston e o inglês dos Home Counties sabem ser. O médico fez um gesto de desamparo.

— Está difícil, Hugh. E ficará ainda pior. Os secundários estão se espalhando. Resta-lhe muito pouca função do fígado...

— Quanto tempo? — indagou Hugh Loredon.

O médico deu de ombros.

— Um mês mais ou menos de mobilidade, desde que não exagere. Depois disso, entra em declínio rápido. Podemos aliviá-lo um pouco, mas tem no máximo três meses.

— Não ficarei sentado esperando. — Hugh Loredon estava furioso. — Se você não quiser acabar comigo, eu o farei pessoalmente.

— Bom... — O médico contemplou-o com uma compaixão neutra. — Compreendo como se sente, mas não posso fazer o que me pede, do jeito que

está a situação neste país. Você é um paciente fortuito. Não tenho uma história longa em meus registros. Não posso dar uma overdose coerente de drogas contra a dor. Quanto a liquidar a si mesmo, seria bem fácil, mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Tem um seguro de vida?

— Muitos.

— Quem recebe os benefícios?

— Minha filha.

— Mas se você cometer suicídio, ela perde tudo. Claro que a decisão é sua, estou apenas lembrando as consequências.

— E isso é o melhor que pode me dizer?

O médico passou um longo tempo estudando as costas das mãos macias e bem cuidadas. E quando falou, parecia ser com as unhas, em vez do paciente.

— Há outra solução. E nem ouso sequer insinuá-la para pessoas de fortes convicções religiosas; mas como você parece não ter convicções nesse sentido...

— Não tenho mesmo — confirmou Hugh Loredon, enfático. — Vivi sem religião toda a minha vida. Não posso assumi-la agora, como se fosse um guarda-chuva para me proteger do temporal. Pode falar.

— Você ainda está em condições de viajar. Sugiro que vá para Amsterdam. Eu lhe darei uma carta para um colega que dirige ali uma clínica de oncologia para casos terminais. Ele o internará... e quando você sentir que está preparado, o ajudará a partir. É um processo rápido e indolor, mais e mais médicos na Holanda oferecem o serviço a seus pacientes. De qualquer forma, você é um caso terminal. Portanto, não haverá problema com o atestado de óbito. Tudo o que precisa fazer é providenciar para que haja dinheiro suficiente para pagar o hospital e as despesas de cremação e transporte de cinzas para os Estados Unidos.

Hugh Loredon refletiu sobre a proposta por um momento e depois perguntou:

— Amsterdam, hein?

— Isso mesmo.

— Posso voar até lá, cuidar de alguns negócios legítimos da companhia e depois me internar no hospital.

— Tudo bem. A parte dos negócios é por sua conta.

— Seria uma farsa, mas prefiro que minha filha não saiba o que fiz. Ela está trabalhando num grande projeto. Não quero transtorná-la além do inevitável. Nada de longas despedidas. Nada de voos misericordiosos através do Atlântico... Tem certeza de que pode garantir uma morte sem dor?

— Não posso garantir nada — respondeu o médico, calmamente. — É um homem muito doente. Deveria estar seguindo os protocolos do tratamento.

Decidiu continuar a trabalhar. Está de partida para a Holanda. Como qualquer bom médico, eu o encaminho a um colega, caso precise de uma ajuda de emergência. Leva uma carta. Descreve sua história médica. Estamos todos cobertos... Seja como for, pense bem a respeito. Voltaremos a conversar pela manhã.

— Já tomei a decisão — declarou Hugh Loredon. — Irei para Amsterdam.

— Muito bem. Tornarei a vê-lo na minha ronda do início da manhã. E lhe darei a carta de referência. Poderá sair daqui pelas dez horas. Presumo que seguirá direto para o continente.

— Claro... Talvez haja uma ou duas coisas que terei de fazer antes de viajar.

— Vive num tempo emprestado, Hugh. Não o desperdice com insignificâncias. Se sofrer um colapso em Londres, terá de aguentar firme até o fim.

— Já sei. — Hugh Loredon estendeu a mão. — Obrigado pelo serviço. E agora deixe-me dar alguns telefonemas para descobrir quantos amigos ainda tenho.

*

Max Mather pedira que café e sanduíches fossem enviados para o apartamento. Estava ansioso em estudar até o fim o material de Madeleine Bayard e iniciar um esboço rudimentar de seu significado global.

Quando voltou aos diários, notou pela primeira vez as datas dos registros. Foi uma questão de percepção visual, em vez de qualquer decisão consciente de verificar uma estrutura de tempo. Ficou surpreso ao constatar que os registros finais se estendiam até o dia do assassinato de Madeleine. Loredon devia ter ido ao estúdio no dia do crime e apanhado o material — o que o tornava um suspeito do homicídio ou pelo menos um coautor material.

Assim, os últimos registros no diário tinham a maior importância. Mather leu devagar e várias vezes:

> *Tornei a ver o médico esta manhã. Ele me fez um longo sermão. Diz que não posso manter o ritmo de uma vida sexual extremamente ativa e o ímpeto criativo necessário para produzir a quantidade de trabalho que venho fazendo. Insiste em que eu vá mais devagar e termine o curso de sedativos que prescreveu. Está convencido de que devo entrar em terapia, tentar incutir algum senso de coerência numa vida que se torna cada vez mais fragmentada. Ainda discuto, mas sei que ele está certo. Só me sinto*

inteira quando estou sozinha diante da tela, olhando para um mundo que criei.

Contudo, as pessoas ainda exigem muito de mim. Sinto-me às vezes como Diana de Éfeso, com centenas de seios, em que o mundo inteiro se alimenta. Os homens são horríveis, bruscos e exigentes; mas vão embora depois de satisfeitos. As mulheres — e penso especialmente em Danny e Paula — me consomem muito mais. Exigem afirmações e garantias que não posso lhes oferecer.

Edmund se mostra mais preocupado a cada dia que passa. Sei disso; mas quando está preocupado, ele censura. Quando censura, eu fico furiosa, o que o deixa irado e amargurado, afastando-se de mim. Há ocasiões em que acredito que poderia incitá-lo a me matar. Os sedativos ajudam um pouco. Eu poderia facilmente me tornar viciada nessa calma suave e sedutora que me envolve enquanto as doses fazem efeito... Se ao menos eu pudesse partilhá-la e esquecer as fúrias e ciúmes...

Max Mather fechou o diário e comprimiu as palmas das mãos contra os olhos doloridos. A escuridão momentânea foi um alívio do clarão do papel e do desfile implacável da escrita através das páginas; mas não havia possibilidade de apagar as imagens perturbadoras conjuradas naquele esterilizado apartamento suíço, a cinco mil quilômetros e doze meses de distância do estúdio de Madeleine em Nova York. Muito em breve ele estaria vivendo naquele mesmo estúdio. Ainda ouviria os acordes de música antiga, veria o tremular de cortinas espectrais? A imagem de Madeleine Bayard ainda seria tão nítida quanto era naquele momento, deitada num sono drogado, o corpo branco e nu sob a colcha colorida, esperando que o assassino a golpeasse?

Não pela primeira vez, Mather perguntou a si mesmo como se envolvera nos problemas de todas aquelas pessoas perturbadas. Uma a uma, era muito mais fácil — o atendente de uma amante indulgente. Passeava-se de mãos dadas. Quando se fechava a porta do quarto, excluía-se o mundo. A isenção não era tão fácil agora. Ele era como Gulliver, naufragado numa praia estranha, despertando para se descobrir preso e imobilizado por fios invisíveis, tão fortes quanto cabos de navio.

Subitamente, provocando um sobressalto, o telefone tocou. Hugh Loredon estava na linha, ligando de Londres. Mather cumprimentou-o sem entusiasmo.

— Anne-Marie me disse que você poderia telefonar. Está preocupada com você. Qual é o problema?

— Não é um problema, Max. É uma sentença de morte. Serve para concentrar a mente de uma maneira maravilhosa, pelo que dizem.

— Oh, Deus! Lamento muito. Já contou a Anne-Marie?

— Não... e não pretendo contar.

— Ela tem o direito de saber.

— A vida é minha — declarou Hugh Loredon, bruscamente.

— E a última coisa de que preciso é uma discussão.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Há, sim. Encontre-se comigo no Amstel Hotel, em Amsterdam, na próxima sexta-feira. Passe dois dias comigo... vamos contemplar os Rembrandts, almoçar com alguns *marchands* que você precisa mesmo conhecer. Na segunda-feira me internarei numa clínica, de onde não sairei.

— Hã... — Mather demorou um momento para absorver o recado. — Isso significa o que estou pensando?

— Exatamente. Tenho um relatório médico e um lindo jogo de radiografias. Depois, haverá um atestado de óbito impecável e você será um dos executores do meu testamento. Ed Bayard será o outro.

— Por que nós dois, pelo amor de Deus?

— É uma piada. A melhor e a última que posso fazer.

— Por falar em documentos, já tenho uma mala cheia que você me entregou.

— Leu o material?

— Li.

— Guarde-o.

— Gostaria que me explicasse.

— O que posso dizer? Para mim, está escrito na areia. O vento e a maré vão apagar... Quem se importa com quem deixou Gauguin com gonorreia ou que faca Van Gogh usou para cortai a orelha? É tudo banal. A morte nos dispensa dessas coisas... Ainda não me disse se irá a Amsterdam.

— Estarei lá na sexta-feira.

— Ótimo. Já reservei o quarto.

— Você parece muito seguro de si mesmo.

— Sei que você não pode resistir a uma mulher ou uma história triste.

— Quero que me escute, Hugh. Compreendo o que está fazendo. E acho que compreendo o motivo. Mas se quer sair limpo, deve deixar Anne-Marie partilhar esse último acontecimento. Se não o fizer, estará impondo uma terrível rejeição à sua filha... Como lhe direi que ligou para mim e não para ela?

— Muito simples, Max. Você é o mensageiro contratado para transmitir as más notícias. Está sujeito a ser morto pelo sofrimento que vai causar.

Ele riu e a risada terminou numa tosse engasgada.

— Até sexta-feira.

As mãos de Mather tremiam um pouco quando desligou. A noção da morte

por opção era nova e subitamente muito próxima para que se sentisse tranquilo. Especulou como explicaria tudo aquilo a Anne-Marie. A perspectiva de passar o resto da noite sozinho era insuportável. Guardou os papéis e desceu para o Limmat Quai.

Numa boate ordinária, chamada Salão de Vênus, tomou uísque aguado e pagou champanhe adulterada para uma vigarista romena, depois ofereceu-lhe um jantar à meia-noite de filé esturricado e batatas quase cruas. Também lhe pagou cem dólares por sua conversa estimulante e por tê-lo curado de desejos eventuais. A mulher estava bastante sóbria para lhe dizer que se todos os gays fossem tão simpáticos, o Limmat seria um lugar muito mais agradável para se trabalhar.

Ao voltar para o apartamento, Mather estava convencido de que Hugh Loredon tinha razão pelo menos num ponto. Se você pretendia acabar com a própria vida, através de um ato bem-feito e metódico, Amsterdam era um lugar muito mais propício para fazê-lo do que Zurique.

10

A casa de Alois Liepert ficava uns quinze quilômetros além da cidade — um chalé atraente, em estilo rural, numa encosta coberta por um bosque, com uma vista do lago. O interior falava em dinheiro — antigo e novo — e uma certa discrição tradicional em ostentá-lo. A esposa de Liepert era um pouco mais jovem do que ele, esbelta, atlética, muito à vontade em situações sociais.

Os *marchands* formavam um dupla estranha: o homem que negociava com os modernos parecia um pastor do século XIX; o homem que trabalhava com obras antigas e os velhos mestres dava a impressão de ter saído das páginas de uma revista de moda. O leiloeiro, um ano mais moço do que Mather, tinha uma patina permanente de meia-idade, como um jovem Hugh Loredon. Suas mulheres eram simpáticas, porém um pouco irrequietas. Mather encontrou a maior dificuldade em atraí-las para uma conversa. O banqueiro e a esposa eram um casal de meia-idade, do típico gênero executivo.

A longa prática tornara Max Mather um convidado exemplar, um ouvinte atento e um animado contador de histórias, competente em despertar interesse com trivialidades desconhecidas. Durante todo o tempo, sabia que se encontrava sob inspeção e inquisição insinuante. Sentiu-se confortado pela presença da Dra. Gisela Mundt, com seu sorriso tranquilo e fluentes transições de uma língua para outra, quando a conversa empacava num problema de vocabulário.

Contudo, a disciplina de seu ofício funcionou. Conhecia muito bem o seu ramo e não fez alegações extravagantes além disso. O material para Belvedere causou a melhor impressão. A promessa de um fluxo de dólares para o mercado de arte local foi atraente para todos. O banqueiro resumiu com um pequeno elogio:

— Tenho certeza de que se sairá bem aqui, Sr. Mather. Apreciamos a *solidität*.

— Posso lhe obter um bom preço para o Tompion — garantiu o leiloeiro. — Todos os relojoeiros tradicionais farão uma oferta.

— Assim que eu receber as transparências, apresentarei uma ordem de compra para os Bayards — anunciou o *marchand* de modernos. — E gostaria que desse uma olhada na obra de Davanti. Creio que ele está prestes a explodir.

— Nosso melhor homem em desenhos da Renascença é Gisevius, da Basileia. — O tradicionalista. — Assim que puder, marcarei um encontro e o visitaremos juntos. Ele possui um bom laboratório. É muito conservador. E sua

palavra tem o maior peso na Europa.

O louvor final partiu da esposa de Liepert:

— Foi um convidado dos mais agradáveis, Sr. Mather. Nossos amigos apreciaram muito a sua companhia... Poderia fazer a gentileza de levar Gisela em casa?

— O prazer será todo meu.

Enquanto voltavam para a cidade, ele sentiu uma gratidão afetuosa pela companhia de Gisela Mundt. Era o arremate para a noite, o símbolo de confiança e aceitação, naquela cidade tão conservadora. Na estratégia clássica da guerra antiga, ele buscara o terreno mais alto e o conquistara. Dentro de poucos dias consolidaria uma aliança com um poderoso príncipe — Henri Charles Berchmans, o Velho — também pelas tramas clássicas, de oferecer presentes, remover uma ameaça... Muito em breve, o segredo de Hugh Loredon lhe pertenceria. Agora, não era mais um cliente, um dependente, mas sim um homem respeitável. Não haveria mais inquisições. Sua palavra no mercado seria tão válida quanto a de qualquer outro. Não demoraria muito a fixar os últimos elementos no roteiro dos Rafaéis e começaria a encenar o drama.

Ao atravessarem a ponte para a cidade, Gisela Mundt orientou-o para sua casa, uma *villa* pequena e antiga, perto da universidade. Ele acompanhou-a até a porta da frente. Ela entregou-lhe a chave e perguntou:

— Não quer entrar e tomar um café?

— Adoraria — respondeu Max Mather. — Tem certeza de que é legal?

— Na Suíça — ela respondeu com um sorriso — tudo que não está proibido é legal.

O que, pensou Mather, era a melhor forma de encerrar uma noite.

No início da manhã seguinte, Mather ligou para Henri Charles Berchmans, em Paris. Ele não estava disponível, mas um subalterno prometeu transmitir o recado. Berchmans telefonou uma hora depois. Mather, acostumado àquela altura com sua brusquidão, ficou surpreso ao descobri-lo bem-humorado e cordial.

— Em que posso servi-lo, Sr. Mather?

— Seldes me ligou ontem à noite. Falou do seu interesse por certos artigos que pertenciam a Madeleine Bayard.

— É verdade.

— Estão comigo. Seldes não sabe disso.

— Obrigado por me informar tão prontamente.

— Irei para Amsterdam na sexta-feira. Hugh Loredon pediu-me para encontrá-lo lá. É um homem à morte.

— Lamento saber disso.

— Tenho certeza de que tratará a informação com toda discrição. A filha ainda não sabe.

— Claro.

— Se lhe for conveniente, proponho pegar um voo mais cedo de Zurique para Paris, amanhã de manhã, entregar os artigos e voar para Amsterdam ao final da tarde.

— Nesse caso, permita-me esperá-lo no aeroporto e oferecer um almoço no Veau d'Or. Fica a apenas vinte minutos do aeroporto. E poderei levá-lo de volta a Orly, para o seu voo até Amsterdam.

— Combinado... Chegarei às dez e meia, pelo voo 731 da Swissair.

— Uma pergunta, Sr. Mather. Alguém mais viu esses artigos?

— Até onde posso saber, apenas a pessoa para a qual as cartas foram escritas e a pessoa que me entregou o material.

— São originais ou cópias?

— Originais.

— Obrigado. Aguardarei ansioso o nosso encontro. Continua a me intrigar, Sr. Mather.

Mather aterrissou em Orly com trinta minutos de atraso, em meio a um vento de maio, neblina e chuva. O motorista de Berchmans esperava-o e levou-o a um pequeno restaurante rural, na direção de Fontainebleau. Berchmans estava à sua espera num reservado no canto, isolado das outras pessoas. Foi cordial e expansivo. Ofereceu um aperitivo. Discursou sobre o cardápio e propôs savelha cozida com vinho branco e farinha de rosca, peito de cordeiro com erva-doce, coelho com ameixas secas. Fez a maior cerimônia com a carta de vinhos. Assegurou a Mather que poderia desfrutar uma refeição sem pressa e ainda voltar ao aeroporto com tempo de sobra.

Mather sentiu-se bastante feliz por ser tratado com tanta atenção, mas estava ansioso em resolver logo o negócio que motivara a reunião. Assim que os pedidos foram feitos, ele entregou a Berchmans um envelope com as cartas para Madeleine Bayard.

Berchmans examinou-as rapidamente e tornou a guardá-las no envelope, que pôs no bolso interno do paletó. Exibiu um sorriso contrafeito e disse:

— Obrigado... Não há nenhum tolo igual a um velho tolo. Mather deu de ombros e não fez qualquer comentário.

— Como obteve a posse dessas cartas, Sr. Mather?

— É melhor não perguntar, Sr. Berchmans. É material comprobatório de um caso de homicídio que ainda se encontra em aberto.

— Um sábio conselho. A última coisa que desejamos é estragar o sabor desta excelente comida. E neste caso, ainda por cima, é melhor manter boas relações

com a polícia.

Depois, quase sem mudar o tom ou a expressão, Berchmans lançou-se a uma série de histórias sensacionais, dos *hors d'oeuvres* à sobremesa.

Falou do ebanista norueguês Casperon, que se tornou tão competente na falsificação de quadros de Edvard Munch que pintou um em três horas sob a supervisão da polícia. Contou como ele próprio acumulara uma coleção de excelentes falsificações de um certo Jean Pierre Schechroun, que viera de Madagáscar, estudara com Leger e podia produzir Braques, Picassos, Kupkas e Kandinskis à vista de um cheque. Ele era esperto, explicou Berchmans; nunca trabalhava em óleos, apenas em aquarelas, pastéis e desenhos — as "experiências" de cada mestre, em cada estúdio.

Sua opinião pessoal sobre essas trapaças era das mais interessantes.

— No topo do mercado, o efeito é mínimo. Qualquer contestação a uma grande obra é prontamente enfrentada com uma bateria de testes científicos. Se for constatado que é uma falsificação, temos uma espécie de efeito de gangorra... por mais espertos que sejam os criminosos, os peritos são ainda mais espertos. E como o original deve ser valioso, para que alguém se dê a tanto trabalho para falsificá-lo!

"Nos níveis intermediário inferior do mercado, ninguém se preocupa muito, à exceção do comprador. Ainda é *caveat emptor*... e *caveat mercator* também, se o vendedor quiser permanecer em atividade. Pendure uma falsificação de David Stein na sala de jantar e que convidado vai dizer que não é um van Dongen? Não é difícil imitar os maneirismos. O gênio é tão difícil de capturar quanto uma borboleta e, no final das contas, a função do gênio é nos levar a criar nossas próprias ilusões."

E depois veio o golpe com a cauda de escorpião:

— Madeleine Bayard tinha essa espécie de gênio... O que vai dizer a seu respeito? Como a julgará?

— Ainda não tenho certeza se a compreendo — respondeu Mather. — Há uma qualidade esquizofrênica em sua obra que continua a me confundir... Eu gostaria de ouvir seu julgamento sobre eia... particularmente, é claro.

— Prometi-lhe um almoço, Sr. Mather, não uma entrevista à imprensa.

— Deixe-me então apresentar a pergunta por outro ângulo. Comprou seus quadros porque eram amantes ou porque apreciava seu trabalho?

— Porque apreciava o trabalho. Não tenha a menor dúvida a respeito. O mundo está cheio de porcarias. Não vejo motivo para pagar por elas.

— Mesmo assim, ela era uma amante excitante.

— É a segunda vez que usa a palavra. Ela não era uma amante. Era a cortesã clássica, a poule de luxe. Proporcionava prazer com o máximo de competência.

Mas esse era o limite do dom. Depois disso, ela o devorava, se permitisse. Não por dinheiro, mas por segurança. Era uma prisioneira, faminta num quarto vazio, sempre à procura da fuga, não se importando com quem a pudesse oferecer ou a que risco... — Berchmans parou de falar e consultou o relógio. — Está na hora de partir, Sr. Mather, se pretende pegar o avião para Amsterdam. Correr para aeroportos é uma atividade letal.

Ao assinar a conta, ele disse casualmente:

— Só mais uma coisa, Sr. Mather.

— O que é?

— Prestou-me um serviço excepcional, a um custo e inconveniência para si mesmo. O que lhe devo?

— Um pedido de desculpas — respondeu Mather, bruscamente.

Berchmans ficou aturdido, corou até as raízes dos cabelos. Um século pareceu passar antes que encontrasse a voz ou as palavras.

— Tem razão. Foi uma grosseria de minha parte. Peço desculpas. E agradeço pelo que fez. Perdoe-me, por favor.

Ele estendeu a mão. Mather aceitou o gesto. Não tinha certeza se fizera um amigo. Não via sentido em fazer um inimigo poderoso.

O voo de Paris para Amsterdam foi tranquilo, mas lotado e desconfortável. Mather desistiu de um cochilo e analisou variações do roteiro, que agora começava a parecer cada vez mais viável, desde que tivesse paciência para esperar pelo momento propício.

Não tinha pressão financeira imediata. Podia aguentar pelo menos dezoito meses a viver de seu capital. Havia uma receita razoável em perspectiva. As obras-primas guardadas no banco se valorizariam a cada hora — e agora havia um pensamento novo a considerar. Como um *marchand* reconhecido, com um banqueiro favorável, poderia levantar dinheiro sobre os Rafaéis, sem jamais lançá-los no mercado. Com o empréstimo assim levantado, poderia obter um lucro firme, sem jamais se comprometer. E depois, em alguma ocasião posterior, iniciaria as incursões no mercado com as grandes peças... Certo ou errado, nada custa sonhar; e antes que o sonho se desvanecesse, o avião pousou no aeroporto de Schipol.

*

A estrada para Amsterdam estava escorregadia, a cidade coberta por neblina, caía uma chuva fina, mas o Amstel Hotel oferecia calor e um sólido conforto burguês. Hugh Loredon lhe reservara um quarto ao lado de sua suíte, a fim de

que ele tivesse o uso de uma sala, além do quarto. Loredon, como sempre, estava impecavelmente arrumado e barbeado, mas o rosto antes avermelhado se encontrava agora contraído e pálido, os globos oculares começavam a ficar amarelados. Ele mandara que o jantar fosse servido na suíte e explicou:

— Eu me canso depressa. E não aguento as multidões. E agora, ainda por cima, não tenho permissão para tomar qualquer bebida alcoólica. Uma coisa terrível, não acha?

— Há quanto tempo sabe do seu estado?

— Venho lutando contra a doença há mais de um ano. Viajei para a Inglaterra porque não queria ficar preso nos protocolos do tratamento final nos Estados Unidos. Não via motivo para me oferecer como uma cobaia... Tomei a decisão, há muitos anos, de optar pela morte em vez de enfrentar uma longa doença terminal. É o que estou fazendo agora, uma cortesia de certos membros da classe médica holandesa.

— O que posso dizer? — Mather fez um pequeno gesto de impotência. — É a sua vida. Mas me pergunto por que não pode partilhar pelo menos os últimos dias com sua filha.

— Porque não tenho o direito de submetê-la ao sofrimento. Sou um homem vazio, Max. Um ator de um papel só, cujo contrato foi cancelado. A notícia que você vai transmitir é que me deixou com boa aparência. Conversamos sobre negócios... há um jovem pintor holandês cuja obra você conhecerá amanhã e que pode ser um candidato à galeria de Anne-Marie. Seu nome é Cornelis Janzoon... Antes de sua partida, sofrerei um colapso súbito. De um momento para outro, inesperadamente. Serei cremado, as cinzas despachadas para os Estados Unidos. Tudo simples, correto, sem alvoroço. Anne-Marie vai se recuperar depressa. De qualquer for ma, sempre tive uma participação bem pequena em sua vida. Você tem sido mais importante do que eu...

— Sou apenas um amante antigo, Hugh, como um chinelo velho, surrado mas confortável, para calçar quando o pé dói... Portanto, vamos parar de rodeios. Li todo o material de Madeleine Bayard. Está guardado no cofre de um banco suíço. E agora você deve me dizer o que significa.

— Antes disso... — Hugh Loredon assumiu um tom duro e enfático. — É melhor você ter certeza absoluta de que quer saber.

— Por quê?

— Porque o conhecimento é um fardo, Max. É uma carga em seus ombros, ganchos no coração; nunca mais será capaz de se livrar... É um dos motivos pelos quais estou dando o grande salto. Não diga que não foi advertido.

— Estou advertido. E agora me fale. Quem matou Madeleine Bayard?

— Pergunta errada, Max.

— Qual é a certa?

— Por que você teve o privilégio de ver os papéis de Madi Bayard e ouvir minha última confissão.

— Pois então me fale.

— Porque você é como eu, Max, um homem independente e sem escrúpulos quando quer alguma coisa... e é o único que conheço bastante inteligente, duro e desonesto para confiar a realização do que ainda resta para ser feito.

— Obrigado pelo elogio.

— Não vamos ser melindrosos, meu caro. Estou na véspera da execução. Não dou a menor importância a seus sentimentos feridos... Vamos começar pelo diário de Madeleine Explica alguma coisa, mas não tudo...

— E qual é a sua versão, Hugh?

— Não é uma versão! É... é outro aspecto de uma verdade que não se pode absorver completamente de uma só vez. Deve começar pela própria Madeleine, como ela parecia a cada um de nós... Trabalhei em leilões de arte durante toda a minha vida... a chamada grande arte, a boa arte, porcarias sem valor. Aprendi algo: a coisa verdadeira é um objeto mágico. É como... como um vento ondulando através de um trigal. O mesmo acontece com os próprios artistas. São pessoas mágicas. O ar ao redor está impregnado de eletricidade, como uma nuvem de tempestade... Cari Jung falou a respeito em algum lugar. Chamou de "nume", a aura de poder. Madeleine Bayard tinha isso. Era uma feiticeira, lançando um encantamento sobre todos que entravam em contato com ela... Tente me compreender, Max. Andei atrás das mulheres durante toda a minha vida. Ame-as e deixe-as, Loredon! Podia percebê-las a um olhar, da ponta dos pés ao adejar das pestanas. Mas Madi Bayard fascinou-me de tal forma que poderia andar sobre fogo por ela... E mesmo quando se cansou de mim... o que não demorou muito a acontecer... sentia-me feliz por sua companhia, por ser aceito como parte de seu grupo... os rapazes e moças, os não tão jovens, os talentosos e os marginais... Lembro de ouvir em menino a história de Circe, como Ulisses chegou ao seu castelo e ouviu-a cantar, enquanto ela fiava seus tecidos deslumbrantes... Não ria de mim, Max! Não ria de qualquer um de nós. Madi Bayard era nossa Circe. Fiava sonhos maravilhosos, mas escravizava a todos nós. Podia nos levar a fazer qualquer coisa que quisesse...

Havia suor em sua testa e no lábio superior. Ele enxugou-o e estendeu a mão para um copo com água. Mather esperou em silêncio.

— O problema, Max, é que existe a magia boa e a ruim. Nossa Circe também transformava seus hóspedes em porcos. O casamento de Madi era um desastre. Ed Bayard não possuía nem o espírito nem a força para controlá-la. Transformou-se num tirano, um tirano queixoso e amargo... Madi nunca o

deixou porque ele se tornou a desculpa para todas as suas aberrações. Madi odiava a si mesma. Sabia do seu talento. Respeitava-o. Seus quadros eram as tapeçarias mágicas de Circe. Mas sem Ed Bayard ela teria de explicar a criatura horrível que vivia em sua pele, quando a feiticeira feliz estava ausente... Essa criatura se empenhava em jogos terríveis, perversos. Os segredos que ouvia de alguém passava para um rival. Fazia amor com uma mulher e depois escarnecia dela para um homem... você leu o diário... que não é um diário, mas fatos transformados em ficções... e constatou como ela sempre permanecia como o centro de seu universo... a deusa sinistra que vivia de devorar seus devotos... Danny Danziger era uma devota. Talvez a tenha conhecido. Ela presta serviços editoriais para Seldes.

— Eu a conheci, até trabalhei com ela — confirmou Mather, calmamente. — Mas não posso dizer que a conheço muito bem.

— Não é fácil conhecê-la. Provavelmente eu a conheci melhor do que a maioria. Ela é bissexual, mas quando nos encontramos todas as suas experiências haviam sido com mulheres. Fui seu primeiro homem... algo de que muito me orgulhei na ocasião... uma vitória toda especial! Ah, como eu era ingênuo! O relacionamento foi terrível para os dois. E também criou um problema grande com Madi. Ela tinha ciúmes de qualquer interesse que não se concentrasse totalmente em sua pessoa... A mim ela podia ameaçar com intrigas e calúnias... mas mostrou-se cautelosa, porque eu sabia demais e estava sempre disposto a revidar... até agredi-la, porque Madi precisava às vezes de violência, assim como outras mulheres precisam de carícias.

"Com Danny Danziger, no entanto, ela conseguira uma presa fácil. Está lembrado do trecho do diário em que ela descreve a introdução de Peter numa relação lésbica entre Paula e Danny? Não foi absolutamente como ela descreveu. Peter era um modelo contratado no Negronis, um garanhão profissional, um homem repulsivo. O episódio foi doloroso e humilhante para Danny, mas Madi conduziu-o de tal forma que deixou Danny ainda mais dependente dela, mais envergonhada, mais dominada pelo autodesprezo.

— Estou percebendo o panorama — comentou Max Mather.

— Não é dos mais bonitos.

— É exatamente o que ela exprime em seus quadros. A fuga malograda de uma habitação insuportável, um ego infeliz e destrutivo... — Hugh Loredon soltou uma risada, sem qualquer humor.

— É uma boa frase. Pode usá-la em sua matéria. De graça, basta fazer uma libação a meu fantasma.

— E farei isso com o melhor *scotch*. Continue, pelo amor de Deus!

— Começou com Danny. No início de uma tarde, por volta de uma e meia,

ela recebeu um telefonema de Madeleine, pedindo-lhe que fosse ao estúdio. Segundo Danny, ela parecia estranha... talvez um pouco bêbada, adulando, com uma conversa de sexo. Queria Danny para servir de modelo, tomar um drinque, fazer amor... Danny se desculpou. Não era capaz de enfrentar uma sessão longa e extenuante. E depois começou a ficar preocupada. Sabia que Madi estava tomando sedativos. Especulou se ela não teria tomado uma overdose. E acabou indo ao estúdio.

"Encontrou Madi na cama, nua, roncando. Obviamente ela recebera a visita de uma mulher, pois havia dois copos manchados de batom e uma garrafa de champanhe quase vazia. Havia uma tela inacabada de uma figura masculina no cavalete, mas também toda uma série de desenhos de nus da mulher visitante... alguém que Danny nunca vira antes, provavelmente encontrada no Negronis. Era evidente que Madi ligara para Danny com a intenção de promover um encontro com aquela mulher, mas acabara apagando e a mulher fora embora. E era óbvio também que ela revistara a carteira de Madi e levara todo o dinheiro que havia.

Hugh Loredon fez uma pausa, tomou outro gole de água, segurando o copo com as duas mãos. Mather novamente esperou em silêncio. Loredon forçou-se a continuar a narrativa.

— Danny ficou chocada com toda a cena. Disse que Madi parecia uma boneca obscena, estendida na cama. Estremecia, contorcia-se e murmurava no sono... Danny enrolou-a nas roupas de cama e levantou sua cabeça, a fim de que ela não sufocasse. Disse-me que foi nesse preciso momento que decidiu matá-la, porque tirou o travesseiro e ajeitou Madi de costas. Foi ao banheiro e encontrou um par de luvas de borracha que Madi usava para proteger as mãos da terebintina e dos ácidos de gravação. Na mesa de Madi havia um presente que eu lhe dera. Era um punhal antigo... uma adaga, que ela usava para abrir correspondência. Foi com essa arma que Danny matou Madeleine.

"E depois me telefonou. Eram cerca de quinze para as três. Eu lhe disse que limpasse tudo em que tocara, guardasse a arma na sua bolsa, saísse de lá e andasse seis quarteirões antes de pegar um táxi para voltar a seu apartamento.

"Fui correndo para o estúdio. Parei o carro na viela por trás, recolhi todos os documentos incriminadores que encontrei... diário, caderno de desenhos, anotações, peças pornográficas e, obviamente, o caderninho de telefones de Madi. Usei as mesmas luvas que Danny usara. Depois, fui ao apartamento de Danny e fiquei conversando até tirá-la do choque. Peguei a adaga, lavei com todo cuidado e levei para minha casa. Mais tarde, ainda naquele mesmo ano, apresentei-a num leilão de armas antigas. Foi arrematada por dois mil dólares...”

— Como vocês dois sobreviveram a doze meses de investigações da polícia? — perguntou Mather.

— Porque Ed Bayard era o principal suspeito e porque eu tirara do estúdio um monte de documentos embaraçosos... mas, acima de tudo, porque Danny Danziger manteve o controle. Ela é uma mulher muito especial.

— E agora você me conta toda a história — disse Max Mather. — O que espera que eu faça?

— Vai criar um mito — respondeu Hugh Loredon, com um súbito fogo. — O mito de Madeleine Bayard: uma linda mulher, alma de fogo, uma grande pintora morta no auge. Esse mito vai consolidar a galeria de Anne-Marie e fazer com que as telas de Madeleine Bayard valham mais do que Rothkos ou Pollocks. Você também ganhará dinheiro com isso... e no processo vai dar um jeito para que Anne-Marie jamais se case com Ed Bayard!

Max Mather fitou-o aturdido por um momento, depois desatou a rir.

— Hugh, você é um gênio! Numa sociedade bem ordenada, não tenho a menor dúvida de que o mandariam para a forca. Mas, com toda certeza, é um gênio.

— E você ilumina meus últimos e sombrios dias — comentou Hugh Loredon, sorrindo.

— E é também um tremendo mentiroso!

— Como assim?

— Tudo isto é conversa particular num quarto de hotel. Dentro de poucos dias você estará morto. Assim, nada poderá jamais ser provado. Está usando o velho truque da desinformação. Serei a sua pista falsa, confundindo a cena de um crime. Danny Danziger não matou Madi Bayard.

— Pode provar isso?

Max Mather riu outra vez e levantou-se para servir mais um drinque. E disse, gentil:

— Em meu ofício, Hugh, existe uma coisa que chamamos de evidência interna. Está trabalhando num manuscrito, supostamente autêntico... talvez do século III ou IV. Percebe algumas pequenas coisas que não combinam... usos estilísticos, noções que não eram correntes no período em questão, glosas e interpolações de outros textos... No momento em que se depara com uma dessas interpolações, você sabe que está lidando com uma ficção. Sua história também é uma ficção, Hugh... Vi as fotos da polícia do que foi encontrado no estúdio de Madeleine... Mostram uma garrafa de uísque pela metade, uma garrafa de burbom cheia e, na geladeira, refrigerantes e vinho branco... Não havia qualquer menção a champanhe ou copos sujos de batom... Por que a ficção, Hugh?

Hugh Loredon deu de ombros e ofereceu um sorriso que se converteu numa careta de dor.

— Porque você está sendo obtuso, Max. Não está pensando direito. Não

deve saber nada... absolutamente nada... sobre o assassinato de Madeleine. Afinal, estava na Itália, assim como Anne-Marie. O que há na maleta é prova material, do ponto de vista da polícia. Do seu, é uma arca do tesouro... desenhos, anotações, estudos, diários, cartas... coisas que valerão uma fortuna muito em breve.

Hugh Loredon levantou-se e claudicou até a porta para deixar o garçom entrar com o jantar.

Comeram pouco. Mather não suportaria uma pesada refeição noturna. Hugh Loredon não tinha o menor apetite. Contentou-se em mordiscar o queijo e comer algumas bolachas, levando a conversa de volta a sua morte iminente.

— É uma loucura, quando se pensa bem a respeito. Daqui a quarenta e oito horas estarei pagando a um respeitável médico holandês respeitáveis honorários profissionais para me matar... Conheci-o hoje. Ele é muito simpático, muito compadecido. Levou muito tempo para se certificar de que eu compreendia o que aconteceria e que pusera em ordem todos os meus negócios.

— E como ele explica o que acontece, Hugh?

— Muito simples. Estou na cama. Ele entra no quarto, conversa por um momento, deseja-me uma viagem agradável, aplica a injeção. Garante que é indolor... Compara a entrar num avião, prender o cinto de segurança e adormecer no instante seguinte.

— E, depois, os sonhos que possam ocorrer...

— Não há sonhos, Max. Não há nada. Isso é o melhor de tudo.

— Mas não acha que Anne-Marie vai chorar por você? Não acredita que os amigos sentirão sua perda?

— Duvido muito, Max... Nos tempos de leilão eu era o rei do castelo. Entrava em cena com meu martelinho e toda a sala se concentrava em mim... Depois que o último lance era feito e eu descia, era como se nunca tivesse estado ali. Os compradores estavam examinando suas aquisições, os licitantes desapontados, curiosos e intrometidos já se encontravam a caminho de suas casas... O que eu mais precisava naqueles momentos era de uma mulher, só para me lembrar que era real.

— Gostaria que eu estivesse a seu lado no final, Hugh?

— Não! — Ele foi enfático. — De jeito nenhum. Gostaria que esperasse em Amsterdam até acabar. Isso deixaria tudo acertado. O médico é muito pontual. Indica uma hora. É quando acontece... Vá para um bar, tome um drinque por mim. Depois telefone para Anne-Marie... Diga coisas gentis. Sei que encontrará as palavras certas... Ela receberá uma carta minha, encaminhada através do consulado americano. Haverá também uma para você. E agora me fale a seu respeito.

— Sabe tudo o que há para saber, Hugh. Estou procurando um lugar para mim no mercado. Acho que poderei operar com maior proveito da Europa.

— O que me diz dos Rafaéis?

— A matéria sairá publicada no início de abril. Imagino que haverá um fluxo de correspondência e toda atividade que essas coisas costumam acarretar. Enquanto isso, Seldes e Henri Berchmans uniram forças.

— É uma dupla formidável... E onde você se enquadra, Max?

— Não me enquadro. Sou uma partícula flutuante. É assim que eu gosto.

— Não flutue por muito tempo, meu caro. É melhor renunciar ao hábito de viver no casulo. Sempre pensei que tinha um jeito especial com as mulheres... sempre um gracejo, uma insinuação, um elogio, garantindo-me uma cama por uma noite. Levei muito tempo para compreender que só precisava de quatro palavras, "Você quer? Não quer?"... Tornava as coisas muito mais fáceis. Mas o difícil... e foi se tornando mais e mais difícil a cada ano que passava... era o que dizer a elas depois... Eu ia levá-lo para uma volta pela cidade esta noite, Max, mas estou exausto. É melhor eu ir para a cama.

⁂

Na manhã seguinte eles saíram cedo, passeando ao sol da primavera pela Prinsengracht e Keizersgracht, com suas casas de tijolos vermelhos, frontões e tílias, projetando manchas escuras nas águas oleosas. Num estúdio em água-furtada, perto da velha igreja de São Nicolau, encontraram-se com o jovem Cornelis Janzoon, que trabalhava com uma exuberância hogarthiana para documentar a nova subcultura que aflorara na cidade velha — os viciados, cafetões, prostitutas, os traficantes poliglotas de heroína e cocaína e todas as outras drogas da farmacopeia clandestina.

Era um jovem esquelético e desgrenhado, vinte e poucos anos, mas seu desenho e composição eram tão seguros quanto os de qualquer pintor mais velho, sua paleta animada por extraordinárias combinações da química moderna de cores, que saltavam dos fundos clássicos de neblina marinha, tijolos curtidos pelo tempo e o céu baixo e escuro da Holanda. Sua primeira exposição fora um tremendo sucesso; mas os críticos haviam massacrado a segunda e agora ele se mostrava brusco e defensivo.

— Dizem que estou fazendo um expressionismo antiquado. O que querem dizer com isso? Vivo aqui. Expresso o que experimento. O que sabem esses filhos da puta, além das palavras?... Que rótulo eles inventam para descrever *O vigia noturno*? Deem uma olhada quando forem ao Rijksmuseum esta manhã.

Não se pode afixar rótulos a uma coisa assim. Basta olhar... e escutar também, porque se pode ouvir aquele tambor ressoando...

Ele se animou assim que Mather comprou duas telas pequenas e pediu que lhe enviasse transparências de algumas outras obras para Zurique. A dez minutos de lá eles encontraram uma jovem, nascida nas terras de tulipas de Aarlsmeer, que estava convertendo suas lembranças de tulipas desabrochadas em extraordinárias agressões óticas, que faziam pensar nas maravilhas primevas de uma criação emergindo. Ao deixarem o estúdio da jovem e se encaminharem para o Rijksmuseum, Hugh Loredon comentou:

— Tenho perguntado a mim mesmo quanto tempo mais eu poderia suportar a sobrevivência... o que significa, eu acho, quanta dor estaria disposto a pagar... para aproveitar um talento assim... Parte do meu problema sempre foi o fato de nunca me esforçar por coisa alguma... Dinheiro, claro; uma mulher, às vezes. Mas a conquista sempre foi um desapontamento. Parece-me que o artista está sempre buscando mais alguma coisa, algo melhor...

— *Suas obras caem ao chão* — citou Mather, suavemente —, *mas eles próprios, eu sei, alcançam muitas vezes um paraíso que me está vedado*...

— Browning — disse Hugh Loredon. — *Andrea del Sarto, o Perfeito pintor*. Vendi um Del Sarto uma ocasião, em Londres. Alguém me falou desse poema e usei-o no discurso... usei provavelmente para acrescentar mais trinta por cento ao preço... Estou ficando cansado. Importa-se se pegarmos um táxi para o Rijksmuseum?

— Podemos voltar ao hotel, se quiser.

— Não. Quero muito ver os Rembrandts... É o presente de despedida que me ofereço.

E pareceu a Max Mather que eram as palavras mais tristes que já ouvira em sua vida.

11

Quarenta e oito horas depois, numa clínica nos arredores de Amsterdam, a vida e o tempo de Hugh Loredon foram encerrados com uma injeção letal. O atestado de óbito dizia, com toda procedência, "parada cardíaca". A notícia foi transmitida a Max Mather, em seu quarto no Amstel Hotel. Ele ligou imediatamente para Anne-Marie. A conversa foi breve e triste.

— Max! Que prazer ouvi-lo! Onde você está?

— Em Amsterdam... Lamento muito, mas tenho notícias terríveis para você.

Ele ouviu-a prender a respiração e depois sua voz soou fraca e infantil:

— Muito ruins?

— As piores. Seu pai sofreu um colapso ontem à noite. Estava com câncer terminal. Levei-o para uma clínica local. Ele morreu há poucos minutos. Lamento, amor, lamento profundamente...

— Por que não fui avisada antes? Por que ele não me telefonou... ou você, Max?

— Ele queria assim... sem despedidas, sem lamentações. Amava-a demais para lhe infligir essa ansiedade.

— Não, Max! — Havia agora raiva na voz de Anne-Marie. — Não foi por isso. Apenas ele não podia enfrentar qualquer coisa desagradável... O que acontece agora, Max? O funeral... as providências...

— Não precisa se preocupar com nada. Hugh deixou tudo acertado.

— Exceto por mim, Max. Sou sua filha e não estou nada acertada! Como ele pensava que eu suportaria isso?

— Ele a amava, meu bem. Tem de acreditar nisso.

— À sua maneira, é claro. Mas não o suficiente para pensar que eu poderia precisar lhe dar um beijo de despedida. Apenas isso, Max... um beijo de despedida. Foi a você que ele procurou, não a mim.

— Gostaria que eu voltasse para Nova York? Posso estar com você em dez horas...

— Não! Continue aí. Providencie o que for necessário. Acima de tudo, mantenha as coisas em ordem. Vou desligar agora, Max. Preciso chorar, mas parece que perdi as lágrimas.

Um instante depois ela não estava mais na linha e Max Mather fez uma última e solitária libação ao pálido fantasma de Hugh Loredon. Depois, do fundo

de algum poço escuro de memória coletiva, aflorou a convicção de que havia outros fantasmas a serem postos em sossego e que o mais pernicioso de todos era o de Madeleine Bayard. Ela possuía um espírito poderoso demais para ser descartado com vinho derramado. Tinha de ser conjurada, confrontada, desafiada a se manifestar, para o bem ou para o mal, exorcizada com sino, livro e vela.

Mather sentou-se à escrivaninha marchetada, pegou uma pilha de papel timbrado do hotel e começou a escrever.

Jamais conheci Madeleine Bayard pessoalmente. Encontrei-a apenas em suas telas, em conversas com amigos e amantes, em documentos da polícia, na paisagem austera da memória em que o marido agora habita. Contudo, estou obcecado por ela. É como um belo francelho, gracioso mas sinistro, pairando entre mim e o sol...

Devo fazê-la descer, persuadi-la a pousar em meu pulso, ficar imóvel pelo tempo suficiente para que eu lhe ponha a peia e depois levá-la a conversar sobre o reino azul em que habita. Pois não se trata de um falcão comum a desafiar o vento, mas sim um pássaro mágico, que cavalga as tempestades, enfrenta o Deus-Sol...

Ele foi envolvido por um ímpeto de energia, as imagens começaram a se formar e reformar em sua mente, como chamas num fogo. As palavras escorriam da caneta e o manuscrito ao lado foi se empilhando, tão claro quanto o texto da própria Madeleine Bayard. Ficou pronto três horas depois. Ele não releu. Enfiou tudo num envelope pardo, anexando um bilhete para Danny Danziger:

Cara Danny:

Hugh Loredon morreu hoje, aqui em Amsterdam. Foi um fim pacífico mas solitário para um homem tão gregário; mas foi assim que ele quis. Tivemos uma conversa longa e íntima antes de sua morte e vai encontrar seus ecos nas páginas seguintes. Ele falou de você também; e contarei tudo a respeito quando tornarmos a nos encontrar.

Aqui, escrito com sangue e lágrimas — nem tudo meu —, está o memorial sobre Madeleine Bayard. Eu lhe prometo que é tão sincero e bom quanto sou capaz. Deixo inteiramente a seu critério decidir se deve ser publicado ou não. Se optar pela publicação, então exerça um critério absoluto similar ao editar. Quando estiver satisfeita, envie

cópias para Bayard, Anne-Marie Loredon e Harmon Seldes.

Gostaria que levantasse com Seldes a possibilidade de a matéria encontrar um local mais propício na New York Times Review*, que tem uma antecedência muito menor do que* Belvedere*. Gostaria que tivesse o maior impacto na exposição que Anne-Marie vai promover. Seria uma cortesia procurá-la. Hugh recusou-se a trazê-la à Europa para o que chamou de vigília da morte. Como não podia deixar de ser, ela está bem transtornada. Todos precisamos do expurgo do pesar partilhado... O que me leva de volta a Madeleine...*

Você a conheceu. Recebeu, das mãos dela, tanto alegria como sofrimento. Em meu memorial, esforcei-me em respeitar sua privacidade e a de todos os demais. Espero ter feito um retrato que você e os outros possam aceitar como autêntico. Por favor, telefone ou escreva-me para Zurique. Parto amanhã para St. Moritz, onde passarei uns poucos dias esquiando. E, depois, passarei uma semana na Itália.

Saudações afetuosas,

Max

Ele desceu e entregou o envelope ao porteiro para a remessa pelo correio noturno para Nova York. De certa forma, tratava-se também de um ato terminal. Bastava dos jogos dos outros, do gosto amargo das festas dos outros. Era o momento de se lançar outra vez na estrada, cuidar de seus próprios negócios. Ainda precisava encontrar um final para a história, mas estava confiante que poderia projetá-lo. Primeiro, tinha de limpar a cabeça e tonificar o corpo, ordenar seu futuro para objetivos simples e saudáveis. O melhor lugar para fazer isso era a última neve, nas últimas pistas, antes que a primavera chegasse ao Engadine.

Houve boas nevascas naquele fim de semana, o Badrutts Palace estava quase lotado. Era a época que os habitués adoravam, o último floreio do inverno, a primeira promessa incerta de primavera, quando o degelo ameaçava e enormes placas de neve se desprendiam. Ele estivera ali com Pia nos velhos tempos. Ainda conservava o cartão de sócio do Corviglia Club. O pessoal do hotel reconheceu-o e ofereceu a recepção a um hóspede de honra. Não que ele estivesse sozinho desta vez. Ainda deprimido da experiência em Amsterdam, ainda perturbado por Danny Danziger, ele convidara Gisela Mundt a acompanhá-lo no fim de semana. Esquiar, ela concordou, era uma ocupação absolutamente legal em St. Moritz. Os prelúdios e posfácios a essa atividade

poderiam merecer objeções, mas certamente não eram ilegais. Por isso, ela disse que teria o maior prazer em acompanhá-lo.

Durante a viagem, ela começou, especulativamente, a propor um novo plano para a alienação dos Rafaéis.

— Pode considerar, Max, se assim quiser, como uma solução do pior caso. Embora sejamos colegas, não tenho tanta certeza quanto Alois que você pode lançar os Rafaéis no mercado sem litígio... E disse isso a ele. Não há segredos entre nós. Qualquer que seja o preço de que estamos falando... cem milhões, duzentos milhões... é um prêmio espetacular. Os melhores cérebros jurídicos do mundo estariam se empenhando para trabalhar no caso e juro que poderia se prolongar por anos, certamente o levaria à falência, se perdesse... o que pode muito bem acontecer de qualquer maneira, com uma apelação depois de outra.

— O que sugere então?

— Que você pelo menos considere a solução dos dez por cento.

— Como assim?

— É a fórmula com que todas as companhias seguradoras trabalham. Sai mais barato pagar dez por cento para recuperar mercadorias perdidas ou roubadas do que pagar o valor integral do seguro... Na verdade, é uma opção simples. O que você prefere: dez ou vinte milhões garantidos ou cem milhões ao risco de um processo judicial prolongado e debilitante?

— Eu gostaria de pensar a respeito — respondeu Max Mather.

— Você é o cliente — disse Gisela Mundt, jovial. — Ofereço conselho, mas ao final aceito suas instruções.

Ao final da manhã seguinte, Mather e Gisela pegaram esquis e subiram para o Corviglia, onde almoçariam, para depois voltarem esquiando. Houve a costumeira rodada de apresentações a sócios da Itália, França, Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental. Para Max Mather, foi um momento de doces vinganças. Ali estivera inicialmente como o amante dependente de uma viúva rica. Agora, por alguma estranha mutação, era aceito como outra criatura — recém-nascido, mas plenamente adulto, cujo passado, como o passado de tantos outros no Corviglia Club, era encarado como um degrau natural para o presente. Dinheiro antigo e linhagem antiga ainda representavam alguma coisa — mas que clube no mundo podia sobreviver sem dinheiro novo e o encanto tão divulgado dos arrivistas? Mather e sua acompanhante se enquadravam em alguma categoria intermediária — um casal adequado, que compreendia os costumes do clube e da corte, sabia tomar sopa sem fazer barulho ou sujeira.

Gisela Mundt foi uma atração imediata. Um grupo de jovens sócios ávidos formou-se ao seu redor, enquanto Mather era acuado num canto por um italiano idoso, cujo nome era sinônimo de vinhos e que lhe fez um sermão tedioso sobre

as loucuras do clã Palombini e como ninguém da atual geração podia se igualar a Luca o Vigarista.

— Quer dizer que o conheceu?

Mather era sempre um bom ouvinte.

— E muito bem. Ele era quinze anos mais velho do que eu, o que o deixaria agora na casa dos oitenta, quase ao final. Mas quando voltei ferido da Líbia... Deus, foi há tanto tempo!... e comecei a trabalhar em nossas propriedades, ele foi muito gentil comigo. Comprava muitos dos nossos produtos, ajudou-me a aumentar as exportações para a Europa... Um homem duro, mas leal. Dizia que todos os tolos mereciam uma boa lição; se o tolo não aprendesse assim, então não haveria a menor esperança para ele... Você e Luca teriam se dado muito bem. Por falar nisso, tenho de dizer uma coisa. Há muitos louvores pela maneira como você tratou Pia...

— O que mais poderia fazer? Eu a amava.

— Isso, é claro — comentou o velho, secamente —, é o que levou algum tempo para ser compreendido.

— A propósito de Luca...

— O que tem ele?

— Ele não teve uma namorada famosa?

— Teve muitas... às vezes duas ou três ao mesmo tempo. Estava pensando em alguma em particular?

— Camilla Dandolo.

— A cantora de ópera? Eu me lembro dela. Para dizer a verdade, alguns de nós têm lembranças muito especiais de Camilla... não era uma grande cantora, mas possuía muitos outros talentos! O que quer saber sobre ela?

— Ela não casou com um brasileiro?

— Não... era um alemão, naturalizado brasileiro. Muitos de nós tivemos uma participação nessa *combinazione*. Era um alto oficial da SS, um homem difícil. Fizemos um acordo com ele: se nos deixasse em paz, nós o tiraríamos do país e o mandaríamos para a América do Sul, antes que os Aliados o pegassem. Camilla foi parte desse acordo... Camilla e outras coisas... Ele estava fascinado por Camilla e por isso essa parte do acordo foi fácil. O mais extraordinário é que ele voltou em 1947 ou por aí e casou com ela... Qual é o seu interesse por Camilla?

— Estou fazendo um levantamento preliminar para um livro sobre as divas do La Scala... O nome dela apareceu.

— Um assunto fascinante! Não entendo por que ninguém pensou nisso antes. Procure-me na próxima vez em que for à Itália. Tenho certeza que posso desencavar algum material da minha família para você. Todos os homens da

família foram aficionados de ópera, embora o grande interesse não estivesse nas divas, mas sim nas jovens sopranos promissoras... Vou lhe dar meu cartão.

— Obrigado. Sobre Camilla Dandolo... ela ainda está viva?

— Viva e residindo em Milão. É uma velha agora. O marido morreu há alguns anos. Ela vendeu suas propriedades brasileiras, que eram consideráveis, e voltou para a Itália. O anagrafe local deve ter seu endereço. Não tenho a menor dúvida de que ela ficará feliz em recebê-lo. Os velhos artistas sempre adoram uma audiência.

Mais tarde, durante o almoço, Gisela Mundt comentou:

— Você parece um gato com creme no focinho. O que aconteceu?

— Decidi aceitar seu conselho.

— Sobre os Rafaéis? Por que não? É um bilhete de loteria. Não pode ganhar se não comprar... E agora poderia responder a algumas perguntas?

— Sobre o quê?

— Pia Palombini. Foram amantes, ao que parece. Amantes muito famosos.

— Famosos, não sei. Amantes, sim.

— E ela ficou muito doente, você a tratou até a morte.

— É verdade.

— Estava apaixonado por ela?

— Eu a amava. Não é exatamente a mesma coisa.

— Quantos anos ela tinha?

— Quarenta e seis... onze anos mais velha do que eu.

— Aprovo isso.

— Aprova?

— Oportunidades iguais. Se homens mais velhos podem cortejar mulheres mais jovens, sou inteiramente a favor de mulheres mais velhas saírem com homens mais jovens... a maioria dos quais, diga-se de passagem, está precisando de uma boa educação. O Sr. Benjamin Franklin não disse alguma coisa a respeito?

— Acho que sim.

— Estou embaraçando-o, Max?

— Está, sim.

— Ótimo!

— Por que ótimo?

— Porque confirma uma coisa que senti a seu respeito desde que nos conhecemos. É um homem que por muito tempo teve bem pouca confiança em si mesmo, que sempre achou que não era bastante bom para competir nos desafios. Por isso é que sempre optou pelas mulheres mais velhas... e mais ricas.

— Acho que já foi longe demais. — Max Mather estava tenso. — Começou

como diversão. Agora é malícia. Termine o almoço e vamos logo esquiar!

— Não é malícia. — Gisela Mundt pôs a mão fria nos dedos cerrados de Mather. — Estou na verdade fazendo um elogio... Vejo um homem com uma rocha de confiança a se desenvolver em seu íntimo. Quando fizemos amor, você se interessou por mim! No Corviglia Club, foi alguém que conquistou seu lugar... Admiro isso; e estou contente por ter vindo para Engadine com você.

— Você não teria dificuldade para encontrar alguém que a levasse de volta para casa. — Mather exibiu um sorriso pesaroso e relaxou. — Não tive a intenção de ser grosseiro. Desculpe.

— Tem todo direito. Se eu fizesse uma maldade com meus irmãos, meu pai me arrancaria a cabeça.

— O que seu pai fazia?

— Era um fazendeiro nas montanhas... o que significava, é claro, que tinha de ser um mestre em vários ofícios: pedreiro, ferreiro, carpinteiro, parteiro de animais. Era também um *maler,* um artista rústico que pintava quadros nas paredes das casas... Eu pensava que ele era melhor do que Dürer. Por isso é que fiquei fascinada por toda aquela conversa durante o jantar na casa de Alois Liepert...

— Ela hesitou por um instante e depois acrescentou, impulsiva: — Fico contente por ser uma parte... até mesmo uma parte mínima... do que você está fazendo na Suíça. Não me refiro aos Rafaéis, mas sim ao resto do seu plano.

— Por que exclui os Rafaéis?

— Porque me encontro envolvida num conflito de interesses muito difícil.

— E qual é?

— Você tem um direito legal absoluto a fazer o que está fazendo. Concordei em defender esse direito. Mas, como uma antiquada moça do campo, acho o seu comportamento censurável... Pronto, agora eu já disse! Pode me dispensar como sua advogada e me embarcar no próximo trem para Zurique.

Max Mather sacudiu a cabeça.

— Não vai escapar com tanta facilidade. Disse em nosso primeiro encontro que eu teria de decidir pessoalmente a questão moral. Qual é a novidade?

— Nenhuma. Só que eu tinha de lhe dizer isso, por minha própria consciência.

Você estragou meu almoço. — Max Mather deu de ombros.

— Vamos embora. É uma longa *schuss* até lá embaixo.

Não foi uma *schuss,* mas sim uma sucessão de transversais, cada uma com seu risco especial. Quando chegaram à cidade, as faces coradas e ofegantes, Mather sentia um lento surto de esperança. De todas as mulheres em sua vida, aquela era a menos complicada, a menos... ele procurou pela palavra não dita... a

menos maculada pelo deslocamento social e o discurso insólito das sociedades aquisitivas. Enquanto andava para o hotel, carregando seus esquis e também os de Gisela, descobriu-se respondendo com uma reserva cada vez menor às perguntas que ela fazia.

— O que seu pai fazia, Max?

— Era professor... e dos bons.

— O que ele ensinava?

— Línguas europeias. Línguas comparativas. Literatura inglesa. Era um homem muito versátil.

— E sua mãe?

— Minha mãe era uma dama... vinha de uma família próspera... que sempre achou que casara abaixo de sua classe.

— Que coisa terrível!

— Ela sempre quis mais do que tínhamos. Atormentava meu pai sem misericórdia. Ele retirou-se mais e mais para seu mundo de estudioso. Ao final, era difícil até para mim alcançá-lo... eeu o amava muito.

— E sua mãe?

— Eu a amava também. Sabia que nunca poderia me mostrar à altura de suas ambições para mim, mas dependia dela para minha segurança. Foi ela quem arrumou de qualquer maneira o dinheiro para Princeton... mas foi meu pai quem preparou minha mente para a universidade. Eu amava os dois. Jamais entendi por que não eram capazes de fazer a felicidade um do outro.

— Teve uma porção de mulheres em sua vida, Max.

— Acho que sim. Nunca contei.

— E agora tem a mim.

— Apenas pelo fim de semana.

— Reconheço, apenas pelo fim de semana... o que não conta. Com qual das suas mulheres foi realmente feliz, Max?

— É a pergunta errada. — Mather tornou-se retraído de repente. — Não tenho certeza se alguma vez soube o que é realmente a felicidade. — Ele deu de ombros, afastando o pensamento sombrio. — Vou tomar uma sauna e dar um mergulho. Quer me acompanhar?

— Claro. E depois vou passar umas duas horas na cama. Quer me acompanhar?

O que, obviamente, fez uma agradável tarde de sábado, mas não resolveu nenhum dos problemas de Max Mather.

Naquela noite eles jantaram no Stübli, onde não era necessário um traje formal. O restaurante estava apinhado e barulhento, uma babel de línguas. Houve uma súbita pausa nas conversas e numa mesa próxima soou um estrépito

italiano. A voz era familiar. Mather virou-se e descobriu-se a olhar para Claudio Palombini, que estava sentado com dois outros homens, perto da janela. Ele pediu licença a Gisela, levantou-se e foi cumprimentar Palombini.

— Como vai, Claudio?

— Max! — Palombini levantou-se prontamente, abraçando-o. — Que surpresa! O que está fazendo aqui?... Gianni Ruspoli, nosso controlador financeiro; Marcantonio, meu primo, que dirige as coisas para nós aqui. Traga a dama e junte-se a nós. O garçom servirá sua comida aqui... E agora me conte tudo, desde o início. O que o traz à Suíça?

Foi fácil partilhar com eles a euforia do momento. Mostraram-se interessados pelo projeto da galeria, o trabalho na Belvedere., o grupo de compra. Gisela também participou da conversa sem a menor dificuldade.

Contudo, não foi tão fácil reprimir o sentimento de culpa, sentado ali, diante do homem que estava privando de seu patrimônio. Mather só conseguiu fazê-lo pela longa prática em dissimular. A conversa à mesa continuou, fluente e descontraída, até que Mather fez sua pergunta a Claudio Palombini.

— E como estão os negócios? Você parecia infeliz quando me escreveu.

— Terríveis! — A palavra soou como uma explosão. O gesto que a acompanhou expressava inutilidade e desespero. — Estamos aqui para falar com gnomos. Minha querida tia... que Deus a tenha!... sua amada Pia, deixou-me um saco de gatos como herança. Esperávamos alguma salvação da coleção de arte, mas vale muito pouco, como você já sabe. Daqui a três meses estaremos em situação crítica. Sem uma extensão dos empréstimos ou uma nova injeção de capital, podemos ser obrigados a vender algumas coisas e reorganizar. O que não será nada fácil, no mercado de hoje.

— Lamento saber disso. — Mather estava sinceramente preocupado. — Não imaginava...

— E como poderia? — Claudio retomou no mesmo instante sua dignidade. — Era... e é... um problema de família.

— Claro. Desculpe.

— Precisamos de um milagre. — Gianni Ruspoli tentou aliviar a tensão momentânea. — Como os pães e os peixes.

— Ou aqueles Rafaéis sobre os quais você me escreveu. — Claudio riu ao dizer isso, mas foi um riso abafado. — Tenho sonhado com essas coisas. Dançam na minha frente, fora de alcance. Acha que há alguma possibilidade de aparecerem?

— Depois de tantos séculos? — O primo Marcantonio estava cético. — Seria um milagre maior do que os pães e os peixes! Além do mais, como você determinaria a propriedade, depois de quase cinco séculos?

— Talvez não sejam cinco séculos — disse Gisela Mundt. Todos se viraram para fitá-la. Ela sorriu por cima da borda do copo. — Na primeira vez em que ouvi a história tive a impressão de que terminara cedo demais.

Claudio Palombini tornou-se imediatamente alerta.

— Poderia explicar melhor, *signorina*?

— Claro. Confirmem os detalhes, por favor. Max está trabalhando como arquivista da família Palombini. Também se empenha num projeto de pesquisa particular. A empregadora... sua tia Pia... morre. O contrato de trabalho está encerrado. Ele volta aos Estados Unidos, mas continua as pesquisas e acaba descobrindo um registro num velho livro de contas sobre a encomenda de obras ao mestre, Raffaello Sanzio. Um artigo ou uma série de artigos sobre essa descoberta terá uma publicação próxima. Certo?

— Em todos os detalhes — confirmou Claudio Palombini. — E o que mais?

— É essa a minha indagação — disse Gisela Mundt. — Houve mais alguma investigação para levantar a história das obras? Se foram vendidas, se existem recibos? Foram dadas como um presente? A ocasião deve ter sido bastante importante para se registrar em algum lugar. Quando foi a última vez, se é que alguma, em que a coleção foi catalogada?... Parece-me que deixou escapar seu principal trunfo. Quem mais no mundo conhece tanto o arquivo Palombini como Max Mather?

— *Madonna Mia*! — Primo Marcantonio soltou um longo suspiro de surpresa. — Viemos esquiar em Engadine e encontramos a Sibila. Ela está certa, Claudio. Há muita história desde 1500.

— E muita história recente também! — acrescentou Gianni Ruspoli. — Os fascistas, os alemães Luca *l'ingannatore*!

— O argumento está aceito — disse Claudio, bruscamente. — Não vamos elaborar a respeito. — Ele virou-se para Mather. — Max, poderíamos discutir esse problema em Florença. Sei que você tem compromissos e ambições, mas talvez...

— Claro que podemos discutir o assunto — garantiu Max Mather.

— Mas como você me paga para aconselhá-lo — interveio Gisela Mundt, jovial —, eu prepararei o contrato.

— É advogada, *signorina*? — perguntou primo Marcantonio.

— E das mais caras! Também ensino jurisprudência. Sou especialmente boa em conceitos medievais e suas influências na lei moderna. Podem me interrogar sobre bens móveis... o que eram, no fundo, os quadros e também as mulheres. Sei de tudo sobre reintegração de posse, direitos de descobridor e restituição de bens... E agora, senhores, peço que me deem licença. Sei que têm negócios para conversar e tive um dia muito cansativo. Boa noite para todos.

Depois que eia se retirou, Palombini pediu outra rodada de drinques e conversaram sobre trivialidades até o garçom trazê-los. Quaisquer que fossem os defeitos dos italianos — e tinham muitos — a grande virtude que possuíam era a classe: classe na adversidade, classe na amizade, classe no amor. Podiam não ter nada nos bolsos, mas os sapatos estavam engraxados, o terno puído bem passado, a camisa impecável, o rosto barbeado. Quando aceitavam alguém em seu coração, criavam toda uma família ao redor da pessoa. Quando odiavam, era sempre em grande estilo.

Claudio Palombini, herdeiro dos gonfaloneiros de Florença, estava em situação critica, mas ainda assim mantinha a classe e acalentava a esperança de um milagre; enquanto Max Mather, erudito, homem de inteligência e respeito, tomava sua bebida, sorria como um lago e especulava se deveria abençoar ou amaldiçoar Gisela Mundt.

Primo Marcantonio entregou seu drinque e começou a interrogá-lo.

— É uma garota muito esperta a que encontrou, Max. O que acha de sua ideia?

— Extraordinária em teoria. Mas, na prática, as chances são mínimas. Claudio sabe como são os arquivos... Milhares e milhares de livros, fólios, maços de papel se desfazendo. A possibilidade de encontrar alguma coisa relevante é de uma em milhões. Não poderiam me pagar nem a metade do que seria conveniente para cogitar de um trabalho assim... Mas deixe-me explicar o que vai acontecer, sem qualquer participação minha ou de vocês...

Ele contou como Seldes e Henri Berchmans haviam se unido e como, com seus contatos internacionais, vasculhariam o mercado à procura de qualquer pista das obras-primas desaparecidas. Fez uma breve conferência sobre os estatutos de prescrição e proveniência, as dificuldades de provar o direito às obras. E acrescentou:

— Mas depois que Seldes e Berchmans descobrirem as peças, podem esquecer qualquer ideia de recuperá-las. Eles deixarão qualquer processo judicial pendente por vinte anos e os Rafaéis desaparecerão do foco público antes mesmo que possam dizer *Sanzio*. Têm alguma ideia do quanto o conjunto de obras vale hoje no mercado?

— Milhões — disse Gianni Ruspoli.

— Mas quantos milhões? — Claudio Palombini fez uma pausa e ofereceu um pós-escrito desolado: — Só para constar, precisamos de vinte milhões em noventa dias!

— Os retratos não valem menos de cinquenta milhões de dólares cada um. Podem até chegar a cem. Os desenhos não valem menos de um milhão e meio cada. Portanto, o que devem se perguntar é que recompensa ou comissão

estariam dispostos a oferecer para recuperá-los... se confirmados como autênticos e intactos. Lembrem-se de que não pode ser menos de dez por cento, porque é isso o que as companhias seguradoras oferecem por uma mercadoria segurada.

— Dez, quinze, vinte... que diferença isso faz? — comentou primo Marcantonio. — Só está se pagando pelos resultados. E eu teria o maior prazer em pagar vinte para ficar com oitenta milhões em nossos bolsos neste momento. Pense a respeito, Claudio.

— Estou pensando. Eu gostaria de saber se Max também está disposto a pensar a respeito.

— É possível. Sob certas condições.

— Que condições?

— Apenas se houvesse um contrato expresso que ambos poderíamos usar.

— Tenho certeza de logo chegaríamos a um acordo assim.

— E apenas se eu tivesse liberdade de ação, sem perguntas.

— Não compreendo essa parte — protestou Gianni Ruspoli. — Se estamos entrando com o dinheiro, temos o direito de saber...

— Não estarão pagando um centavo, a não ser e até que as obras sejam encontradas. Se alguém tem o direito legal às peças, não há a menor possibilidade de obtê-las por menos que o preço do mercado. Mas se alguém tem um título precário ou duvidoso, então, talvez... e apenas talvez... poderão acertar a solução dos dez por cento. Mas há uma condição inevitável: sem perguntas, sem respostas. Seria impossível agir de qualquer outra maneira.

— Vamos acertar quinze por cento e fechar a oferta — propôs Gianni Ruspoli.

— Não vamos acertar coisa alguma até Max e eu conversarmos em Florença. — Claudio Palombini estava outra vez no comando. — Creio que compreendo a posição de Max. Ele se recusa a nos representar. Tem seus projetos pessoais, muito lucrativos. Certo, Max?

— Certo, Claudio... e agora eu gostaria de pagar uma última rodada para todos.

— E não poderia nos informar onde descobriu a pequena Gisela?

— Por que ninguém acredita em mim? — indagou Max Mather, em tom de lamento. — Já lhes disse. Ela é minha advogada em Zurique.

— E eu sempre pensei que as suíças fossem insípidas... especialmente as advogadas suíças.

— Sempre compensa manter a mente aberta. — Max Mather levantou seu copo. — À nossa eterna boa saúde!

Enquanto bebia, ele compreendeu com extrema lucidez a natureza da

danação: que era autoinfligida e irreversível. Comia-se o prato que se cozinhava, mesmo quando a comida se transformava em fogo na garganta. Bebia-se a taça do traidor até a borra; antes de largá-la, porém, tornava a se encher de fel. As mentiras que você dizia eram gravadas na pedra e tinha de carregá-las por cima da cabeça, como um sinal de infâmia.

Quando chegaram à estação de Zurique, na manhã de segunda-feira, Gisela pôs um envelope recheado em suas mãos e disse:

— Isto é meu agradecimento por um fim de semana maravilhoso.

— O que é?

— Três horas de trabalho, enquanto você dormia. É minha versão do único contrato que deve assinar com Claudio Palombini. Creio que é um bom documento. Estou orgulhosa do meu trabalho.

— E como posso manifestar meu agradecimento?

— Basta me beijar... e me telefonar!

Mather fez uma coisa e prometeu a outra. Pegaram um táxi e ficaram de mãos dadas até chegarem na casa de Gisela, onde ela se transformou no mesmo instante na Fraulein Doktor Mundt, advogada, professora de jurisprudência e autoridade em lei europeia relacionada com bens móveis.

Em seu apartamento, Mather encontrou recados, cartas e pacotes à sua espera. Uma certa Srta. Loredon telefonara de Nova York, assim como um Sr. Bayard. Estariam num sono profundo agora; ligaria para eles mais tarde. Havia um bilhete de Henri Berchmans, enviado de Paris:

Prestou-me uma cortesia excepcional. O mínimo que posso fazer é retribuí-la. Por favor, informe à Srta. Loredon que terei o maior prazer em expor minhas telas de Madeleine Bayard como peças fora de venda, na inauguração da galeria. Aguardo ansioso a ocasião...

Havia um pacote com as transparências remetidas por Anne-Marie, junto com provas do catálogo e notas biográficas. Mather ligou para o jovem *marchand* a quem as prometera. Ele combinou que enviaria um mensageiro especial para buscar o material. Ficou impressionado com a rapidez e eficiência da resposta de Mather. Iria se esforçar para se mostrar igualmente competente. Podia presumir que haveria o desconto normal de *marchand*, se fizessem negócios juntos? Claro, garantiu Max Mather; e esse assunto foi deixado de lado. E finalmente havia a carta de Leonie Danziger, remetida pelo correio transatlântico:

Meu caro Max:
Sua matéria sobre Madeleine Bayard chegou na sexta-feira. Li

imediatamente; depois, reli mais três vezes, ao longo do dia. Fiquei aturdida. Não pude compreender — para dizer a verdade, ainda não posso — como você, que nunca a conheceu, foi capaz de apreender de maneira tão rápida e segura a natureza essencial da mulher e a extraordinária influência que ela exerceu sobre muitas pessoas, inclusive eu.

Estou certa de que nunca lhe falei a respeito de meu relacionamento com Madi; mas é evidente que deve conhecê-lo, mais evidente ainda que chegou muito perto de compreender sua natureza complexa. Manifestou o temor de que eu pudesse me sentir invadida por seu texto. Ao contrário, sinto-me enriquecida por sua compreensão. Não posso falar pelos outros, apenas por mim mesma.

Entreguei uma cópia a Bayard, como você pediu. Entreguei pessoalmente e expliquei o arbítrio que você me concedeu, como sua editora. Ele pediu-me para esperar em seu escritório, enquanto lia o texto. Causou o efeito mais extraordinário sobre ele. Sua expressão mudava de momento para momento. Sorriu, franziu o rosto, houve um momento em que pensei que desataria a chorar. Quando terminou, ele tirou os óculos, esfregou os olhos, limpou as lentes... toda uma série de pequenos movimentos com o objetivo de protelar os comentários. E só disse uma coisa: 'Como ele pôde saber de tanto?' Respondi que ele deveria sentir-se grato por um epitáfio tão gracioso. Ele se limitou a acenar com a cabeça. Ainda estava comovido demais para dizer muita coisa, mas aprovou a publicação.

O que me leva a Anne-Marie Loredon. Procurei-a, como você me pediu. Ela estava muito quieta, reservada, ainda tentando aceitar o fato de o próprio pai tê-la excluído de seu último ritual de passagem. Acho que eu poderia ter explicado, se ela quisesse escutar, mas a mágoa é muito profunda. Ela precisa que você lhe argumente através da dor.

O último da minha lista, Harmon Seldes. Apresentei a sugestão de que a matéria estaria melhor na New York Times Review *e seria assim muito mais útil para a Exposição Bayard. Ele encenou seu pequeno ato de protesto. Você é seu editor-consultor; combinou a matéria com ele... tudo isso é verdade. Mas e também verdade que ele sabe que está linda, comovente, sensacional — e não quer perdê-la. Discutimos por uma hora; ao final, ele acabou concordando em publicar co mo um encarte especial na edição de abril, desde que — e essa é sua ferroada — Anne-Marie Loredon esteja disposta a pagar*

um anúncio no encarte. Ela já reconheceu a importância da matéria e concordou prontamente com a despesa. Portanto, está tudo combinado. Você pode ter reproduções do artigo ao preço de custo, se quiser; seria muito útil para vendas no interior e no exterior...

Chegamos à indagação, meu caro Max. E agora? Para mim, é mais fácil responder do que eu imaginava. Com Hugh Loredon morto, não restou ninguém para escarnecer das minhas loucuras e me fazer sentir menor do que sou. O que você escreveu me eleva, como elevou Madeleine Bayard, a um nível superior, de onde posso perceber o padrão das coisas. Encontrei uma nova amiga. Seu nome é Carol. É uma pintora, como Madi. Estamos vivendo juntas. Aprendendo a ser felizes juntas. Espero que goste dela.

Tenho mais, muito mais, quando nos encontrarmos. Posso falar agora, o que nunca aconteceu antes. Eu amo você, Max, à minha maneira especial. E lhe desejo melhores coisas do que você próprio se permite esperar.

Danny.

Era a primeira vez que ela usava o apelido para Mather. O que o deixou estranhamente comovido. Dizia-lhe que por uma vez — mesmo que nunca antes e nunca depois — rompera a crosta seca do estudioso e apregoara uma verdade sobre as emoções.

Ele tirou o fone do gancho e discou o número de Niccolò Tolentino, em seu estúdio no Palácio Pitti, em Florença.

A voz que atendeu era dez vezes maior do que o homenzinho que a possuía — uma voz profunda t aveludada de barítono, que subia desde as solas dos sapatos.

— Aqui é Tolentino. Quem está falando?

— Max Mather.

— Max! Querido amigo! Que prazer. Onde você está?

— Em Zurique. Estou indo visitá-lo, depois de amanhã. Já acertei tudo. Você vai a Nova York.

— Não acredito...

— Eu prometi.

— Sei que prometeu, mas a maioria das promessas é como Madame Butterfly... "um belo dia".

— Desta vez as datas serão válidas, as passagens serão compradas. Ficará em meu apartamento... Meu programa é o seguinte. Voo para Milão na manhã de

quarta-feira, bem cedo Pego um voo à tarde para Pisa e sigo de carro para Florença. Podemos jantar juntos?

— Claro. Nove horas. Gallodoro. Gostaria que eu chamasse Guido?

— Não. Desta vez seremos apenas nós dois. Temos muita coisa a discutir, grandes decisões a tomar.

— Incrível! — exclamou Niccolò Tolentino. — Logo quando eu me tornava um infiel satisfeito, um milagre acontece!

O próprio Max Mather precisava de um milagre. Sua ligação seguinte foi para a telefonista internacional em Milão, para tentar descobrir o número de uma viúva cujo nome era Eberhardt, mas que podia ter agora voltado a usar o nome de solteira, Dandolo, se não uma combinação dos dois.

Não chegava a ser uma tarefa monumental, mas as telefonistas italianas eram notórias por terem pavio curto, e à menor insinuação de dificuldade ou confusão deixavam a pessoa esperando na linha, ensurdecida por um sinal de ocupado. Desta vez o milagre aconteceu. A telefonista foi cordial e atenciosa. Descobriu o número em apenas vinte segundos, cravados; a *Signora* Camilla Dandolo-Eberhardt, Via del Orso, 81... Mather anotou o endereço e o telefone, flertou com a telefonista por mais quinze segundos, até que ela soltou uma risadinha e desligou-o. Depois, com uma prece silenciosa para mais uma intervenção milagrosa, ele discou o número de Dandolo-Eberhardt. Um século pareceu transcorrer até que uma criada atendeu. Queria saber quem estava falando e qual era o assunto. Com o seu melhor sotaque toscano, Mather explicou:

— ... Um velho amigo da família Palombini... da América... escrevendo um livro sobre as grandes divas do La Scala...

A criada, embevecida por sua eloquência, acabou concordando em chamar a patroa. Camilla Dandolo parecia bastante lépida, mas irritada e desconfiada. Mather teve de repetir tudo e responder a mais vinte perguntas antes que eia consentisse em recebê-lo, às onze horas da manhã de quarta-feira. Ele prometeu telefonar do aeroporto se houvesse algum atraso no voo.

Mather foi em seguida para o escritório de Alois Liepert. Ele conhecia algum agente de viagem de confiança? Conhecia, Podia pedir à sua secretaria que fizesse uma série de reservas em voos e lhe providenciasse um hotel em Florença? Tudo era possível. Tudo foi providenciado com presteza. Por fim, Mather perguntou, hesitante, Alois Liepert poderia dar uma olhada numa minuta de contrato? Agora, se possível. Liepert leu o documento com toda atenção e depois fitou Mather com uma expressão inquisitiva.

— Do seu ponto de vista, é um contrato maravilhoso. Concede-lhe direitos exclusivos para negociar os Rafaéis em nome da família. Não pode vender ou hipotecar, se encontrá-los, mas também não precisa entregá-los até que sejam

pagos. Não é obrigado a declarar como foram parar em seu poder. Pode fazer o que quiser, desde que não seja um ato criminoso... E ninguém pode passar por cima de sua cabeça e fazer contato direto com a família. A única coisa que me pergunto é por que alguém seria bastante tolo para assinar um contrato assim com você.

— Mas concorda que vale a pena tentar?

— Se Palombini assinar, eu lhe pagarei o melhor jantar de Zurique...

— Feito. Poderia prepará-lo para mim, por favor?

— Só uma perguntinha: quem elaborou esse contrato para você?

Mather sorriu. E também fez a gentileza de corar.

— Gisela Mundt. Acabamos de passar um fim de semana esquiando em St. Moritz.

Alois Liepert inclinou-se para trás na cadeira e riu de maneira incontrolável.

— Santo Deus! Minha esposa estava certa, no final das contas! Ela me disse que havia uma eletricidade entre vocês dois. Não acreditei. Ela é uma inveterada casamenteira. Bom, o que posso dizer? Estou muito satisfeito. E torço para que dure.

— E não se importa com o contrato?

— Claro que não! Tudo o que posso dizer é que eu não teria a coragem de elaborá-lo. — Alois Liepert riu outra vez. — Aumentarei a aposta. Pagarei um jantar para os dois.

Os documentos de viagem e o contrato no bolso, Mather foi ao banco, sacou dinheiro para a permanência na Itália e depois tirou do cofre as fotografias que fizera meses antes, dos retratos e cinco desenhos de Rafael. Sabia que era um risco tê-las em sua pessoa; mas se Palombini assinasse o contrato, o risco desapareceria no mesmo instante. Se ele não assinasse, então outra estratégia teria de ser definida e para isso poderia precisar das fotografias.

De volta ao apartamento, ele fez três ligações para Nova York. A primeira foi para Bayard, no escritório, e sua primeira pergunta foi sobre Anne-Marie.

— Como ela está reagindo?

— Mantendo o mundo a distância — respondeu Bayard, infeliz. — Está muito controlada, muito retraída, trabalhando 24 horas por dia. Por quanto tempo mais ficará ausente?

— Umas duas semanas. Estamos bem organizados aqui. Enviei um material para você de Amsterdam e Zurique.

— Os Janzoons são sensacionais. E os preços também estão ótimos. Conversaremos a seu respeito assim que você voltar... Outra coisa, Max...

— O que é?

— Seu memorial a Madeleine. Já li. E fiquei profundamente comovido.

Ainda não posso compreender como você pôde ter tais percepções. Gostaria de perguntar...

— Não pergunte, Ed. Deixe que o documento sobressaia pelos méritos próprios.

— Tem toda razão, é claro.

— Tenho boas notícias. Berchmans permitirá que seus quadros sejam apresentados na exposição e devidamente reconhecidos.

— Isso é fabuloso! Dinheiro no banco! Como conseguiu?

— O que se poderia chamar de gentil persuasão.

— Posso imaginar. Há mais uma coisa que você precisa saber, Max.

— O quê?

— Recebi uma visita da polícia ontem.

— Algum motivo especial?

— Vieram perguntar se havia alguma ligação entre Max Mather e minha falecida esposa.

— E você garantiu que não havia.

— Claro. O motivo para a indagação foi uma carta escrita por Hugh Loredon, dois dias antes de sua morte, encaminhada pela embaixada americana em Haia, junto com outros documentos. A carta, ao que parece, afirmava que em seu retorno aos Estados Unidos você estaria em condições de fazer certas revelações, que serviriam para encerrar o caso. Tem alguma ideia do que isso significa?

— Tenho sim. E não me agrada nem um pouco.

— Posso ajudar?

— Mais tarde, talvez.

— O que acha que Hugh Loredon estava tentando fazer?

— Ainda me reservo um julgamento a respeito... e me preocupo com a discrição pelo telefone. Terá de esperar até nos encontrarmos pessoalmente.

— Está certo.

A ligação seguinte foi para Anne-Marie. Ele não estava preparado para o súbito ímpeto de afeição urgente.

— Max! Graças a Deus que você telefonou! Eu estava enlouquecendo. Depois da maneira como me comportei no outro dia, pensei que nunca mais ia querer falar comigo. Sabia que estava agindo de forma horrível. Não pude evitar. Você era a última pessoa no mundo que eu queria magoar. Sabe disso, não é?

— Claro que sei. Como se sente agora?

— Muito melhor por ouvir sua voz.

— Tenho boas notícias para você.

— Conte logo!

— Berchmans emprestará seus quadros para a exposição.

— Maravilhoso!

— Acabei de enviar as transparências para nosso amigo suíço. Teremos de oferecer um desconto de galeria. Tenho certeza de que ele é um comprador. Há um jovem expressionista extraordinário em Amsterdam, chamado Cornelis Janzoon. Estou certo de que poderíamos convencê-lo a expor conosco... e viajo na quarta-feira para Florença, a fim de acertar os detalhes para a visita de Tolentino.

— Uma notícia sensacional, Max... Obrigada.

— Como está indo a reforma do prédio?

— Mais depressa do que eu esperava. Todos os elevadores estão prontos, os encanamentos também, e a maior parte do sistema de eletricidade, alarmes e assim por diante. Seu apartamento está quase pronto. O que resta é pouca coisa. Estaremos prontos para a inauguração, marcada agora para a segunda semana de abril.

— Faremos o maior sucesso.

— Li seu artigo.

— Espero que tenha gostado.

— Essa é a palavra errada. Fiquei comovida. E, de certa forma, deixou-me muito ciumenta. Era quase como se você também fosse apaixonado por ela... Mas é uma matéria maravilhosa e fará coisas maravilhosas pela exposição... Obteve uma parte de Hugh, não é mesmo?

— Muita coisa.

— Quanto ele lhe contou?

— Mais do que eu queria ouvir.

— E as coisas que ele queria que você lesse?

— Que coisas?

— Você sabe, na... Oh! — Anne-Marie soltou uma exclamação de surpresa e reconhecimento. — Esqueça. Eu devia estar pensando em outra coisa. Estou com coisas demais na cabeça neste momento.

— Todos estamos, querida. E como vai a situação entre você e Bayard?

— Tranquila. Ele é muito protetor, muito atencioso. Sei que se sente aliviado pela ausência de Hugh. Não o culpo por isso...

— E você? Como se sente?

— Até você telefonar, não estava me sentindo. Foi o meu chamado de despertar. Por falar nisso, como vai sua vida amorosa?

— Não bisbilhote, irmã Anne! Lembre-se do que aconteceu no castelo de Barba Azul.

— Será que não consigo nunca esquecer?

Ela falou jovialmente, mas seu jeito levou Mather a especular se o segredo de Hugh Loredon ainda seria um segredo. O canastrão não fora capaz de sair de cena de maneira impecável, nem mesmo para salvar sua alma. Nascera para ser a parte posterior de um cavalo de pantomima... saindo de cena com um peido e uma guinada, uma última sacudidela do rabo!

12

O voo para Milão atrasou quinze minutos em Zurique e ficou outros quinze minutos esperando para pousar no aeroporto em Linate. Outros vinte minutos foram perdidos na imigração, porque um visitante do Líbano tinha um visto com um prazo expirado. Mather mal teve tempo para comprar um cesto de violetas murchas, embarcar num táxi dois passos à frente de uma multidão ameaçadora e chegar afogueado a seu destino quinze minutos depois.

O apartamento de Camilla Dandolo ficava no segundo andar de um *palazzo* do século XIX, com tetos altos e abobadados, escadas frias como a caridade. Uma criada que parecia uma górgona abriu a porta e deixou-o esperando num salão cheio de pesados móveis de mogno, fotografias em molduras de prata e paisagens românticas em molduras de ouro.

— Horrível, não acha? — disse Camilla Dandolo, da porta — Aluguei mobiliado e o preço é bom.

Ela era uma velha, mas ainda magnífica. Vestia um chambre de brocado. Tinha sandálias douradas nos pés, os cabelos brancos estavam presos atrás com uma fita dourada. A mão que estendeu, imperiosa, para ser beijada, estava cheia de anéis. Mather quase que esperou ouvir uma voz angelical a entoar Celeste Aída.

Também um ator, Mather contracenou com ela sem a menor hesitação: inclinou-se, os lábios mal roçando na pele ressequida, o discurso respeitoso... Mesmo assim, houve um momento em que ficou numa situação difícil. A mulher não era fácil de ser lisonjeada.

Era sagaz e irascível. Inclinou a cabeça para um lado, como um papagaio velho, e indagou:

— Como alguém tão jovem como você tem conhecimento de Camilla Dandolo? Lembra de qualquer dos meus papéis, qualquer dos homens que contracenaram comigo? Tenho certeza que não.

Mather ofereceu seu sorriso especial de beije-me-não-me-bata, acompanhado por uma explicação pouco convincente:

— Eu a conheci de uma maneira muito romântica. Era arquivista da família Palombini, na Tor Merla. Fiquei fascinado pelas histórias que os velhos criados contavam a respeito de sua grande paixão com Luca... No último fim de semana seu nome foi mencionado... com grande afeição, devo dizer... por um sócio do Corviglia Club, em St. Moritz. Foi ele quem me contou que seu marido falecera

e que estava agora residindo em Milão.

— Ah, agora está bem claro! — Ela parecia divertida e lisonjeada. — Então o livro não é sobre as divas, mas sobre os escândalos do La Scala!

— Absolutamente. Será um trabalho acurado. Sei, por exemplo, que cantou Olga em *Fedora* com Gigli, em 1939; que Guarnieri a conduziu em *L'Amico Fritz* e que cantou *Mimi* com Malpiero... — Mather soltou uma risada. — Como pode ver, estudei bem o dever de casa. Contudo, meu interesse é diferente. Foi amiga de homens famosos e poderosos, como Luca Palombini. Não era apenas uma bela mulher, mas também poderosa por si mesma... Sei de tudo isso por fragmentos e comentários. Gostaria de ouvir de seus próprios lábios, registrar tudo, numa série de entrevistas gravadas.

— Parece formidável demais para mim. Sou uma velha. Minha memória já não é mais confiável.

— Para isso — comentou Max Mather, com um sorriso — os entrevistadores dispõem de diversos recursos, pequenos jogos de associação que abrem portas na memória... Posso mostrar como funciona?

— Por favor.

— Feche os olhos, por gentileza.

Mather estendeu a mão, pegou uma fotografia numa moldura de prata e estendeu-a para a frente do rosto de Camilla Dandolo.

— Quando eu lhe pedir para abrir os olhos, focalize o objeto à sua frente e me conte tudo a respeito. Pode abrir.

Ela levou um momento para focalizar e depois recitou, como uma colegial que decorara a lição:

— Essa é uma fotografia de meu marido, Franz, e eu, em nossa fazenda perto de Brasília. As outras pessoas são o cônsul-geral alemão e sua esposa. Os homens ao fundo são trabalhadores, os prédios são estábulos e galpões de máquinas...

— Obrigado. Vamos experimentar de novo. Feche os olhos.

Desta vez ele estendeu uma das fotografias de Rafael — do retrato da donzela Beata Palombini. Ela abriu os olhos, tornou a focalizar, ficou contemplando a imagem por um longo tempo e depois disse, vagamente:

— Parece um quadro que havia em nossa casa.

— Vamos experimentar de novo. Feche os olhos.

Mather levantou a fotografia do outro retrato, de Donna Delfina.

— Abra!

Desta vez não houve hesitação.

— Esse sem dúvida é um dos nossos.

— Fale-me a respeito.

Ela deu de ombros, irritada.

— O que posso dizer? Nunca me interessei por arte. Meu marido é que era o colecionador.

— Pois então me conte o que sabe.

— Franz, meu marido, adquiriu dois quadros de Luca Palombini, durante a guerra. Não estou a par dos detalhes. Ele estava sempre comprando coisas em suas campanhas. Levou tudo para o Brasil. Quando nos casamos e fomos viver no Brasil, esses quadros ainda estavam lá. E continuaram em nossa casa até que ele morreu. Depois, como eu não queria trazer tudo de volta para a Itália, vendi os quadros. Descobri que eram muito valiosos. Joaquim Camões, um dos *marchands* mais importantes do Rio, deu-me um bom dinheiro pelos quadros.

— Está vendo? — Mather ofereceu-lhe um sorriso feliz de aprovação. — Entende agora o que faiei sobre associação? Já temos os fundamentos de toda uma história: seu marido, o que ele fez na Itália durante a guerra e, depois, o relacionamento com Luca. Subitamente, uma história inteira começa a tomar forma.

— Não tenho certeza se é uma ideia tão boa assim — disse Camilla Dandolo. — Eu teria de pensar a respeito com muito cuidado.

— É justamente esse o propósito da minha visita. Apresentar a ideia e verificar sua reação. Se for um fardo, então podemos esquecer. Não haverá mal algum... e tive a honra e o prazer de conhecê-la. Seguirei daqui para Florença. Gostaria que eu transmitisse seus cumprimentos à família Palombini?

— Não precisa. — A velha foi bastante incisiva. — A família de Luca pensa que a roubei. A verdade é que salvei suas peles mais de uma vez... Mas ainda não me contou: onde arrumou essas fotos?

— Foram-me enviadas por um *marchand* de Paris. — Mather disse a mentira sem o menor remorso. — Ele não me contou onde as obteve, mas pediu-me para determinar a proveniência dos quadros. O Sr. Joaquim Camões deve estar oferecendo-os no mercado internacional.

— Mas como ligou os quadros a mim? — Camilla Dandolo era uma veterana meticulosa. Não deixaria passar coisa alguma sem um repto.

— É a mais simples de todas as respostas, minha cara. Soube de muita coisa sobre os negócios de Luca... Como você, também amei uma pessoa da família Palombini.

— Quem?

— Pia. Ela morreu no ano passado.

— Então devemos deixá-la descansar em paz — declarou Camilla Dandolo. — O mundo não vai acabar por você deixar de escrever seu livro. Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Mather. Uma pena que eu esteja muito velha para aprofundar o

conhecimento. A criada o levará até a porta.

Ele confirmara agora, sem a menor sombra de dúvida, o que sempre reconhecera como uma possibilidade: haviam feito uma cópia ou cópias dos retratos de Rafael. Não dispunha de meios de saber no momento se as peças em seu poder eram os originais ou as cópias. De uma coisa tinha certeza — no momento em que as lançasse no mercado, as outras apareceriam, como num passe de mágica, irromperia a luta inevitável pela autenticidade. Não poderia vencê-la sozinho. Por isso, ele decidiu se garantir.

Restava algum tempo antes que seu avião decolasse para Pisa. Mather foi para o posto telefônico no aeroporto de Linate e fez uma ligação para Henri Berchmans em Paris. Berchmans se encontrava lá embaixo com um cliente e foi preciso alguma persuasão para que a secretária o chamasse ao telefone. Ele se mostrou brusco, como sempre.

— Espero que isso valha o seu dinheiro e o meu tempo.

— Está sendo grosseiro outra vez, Sr. Berchmans. Prometi transmitir-lhe as informações que descobrisse sobre os Rafaéis. É o que estou fazendo agora. Dispõe de tempo para ouvi-las?

— Claro, claro...

— Estou em Milão. No aeroporto. Acabei de visitar Camilla Dandolo, que voltou para a Itália depois da morte do marido no Brasil.

— Como descobriu?

— Fui esquiar em St. Moritz. Encontrei uma de suas antigas paixões. Posso continuar?

— Por favor!

— Depois de um longo rodeio, consegui verificar que o marido adquiriu dois retratos de Rafael de Luca Palombini, em condições não reveladas. Os quadros foram vendidos com o resto da coleção de arte do casal para um *marchand* do Rio chamado Joaquim Camões.

— Eu o conheço. Um patife. Venderia o cadáver da avó pelo ouro nos dentes. Mais alguma coisa?

— Não. Isso é tudo.

— O que vai fazer agora?

— Vou a Florença visitar velhos amigos... Por falar nisso, obrigado pelo empréstimo de seus Bayards.

— O prazer é todo meu.

— E agora pode me agradecer por esse telefonema tão caro e a informação valiosa.

Berchmans soltou sua risadinha áspera.

— Espera demais, Mather. Mande-me a conta dos serviços prestados. É mais

fácil.

Sentado no bar, com uma cerveja e um sanduíche de pão dormido, esperando em mais um atraso, Mather tentou calcular os movimentos seguintes de Berchmans. Primeiro, ele teria de localizar os quadros no Brasil, depois obter uma autenticação plena, em seguida adquiri-los, por opção ou compra direta, finalmente lançá-los no mercado. E durante todo o tempo estaria especulando — como acontecia com o próprio Mather — se Luca Palombini não impingira uma falsificação a Franz Eberhardt. Especularia também quantas falsificações havia, e com que rapidez começariam a surgir no mercado.

E esse era o verdadeiro propósito da aliança com Niccolò Tolentino. Ele era a única pessoa no mundo que podia fazer uma determinação absoluta entre o original e a cópia.

O problema era que Max Mather se tornava mais vulnerável à medida que mais pessoas ficavam envolvidas no caso dos Rafaéis. O que o levava um passo mais perto do mais antigo e paradoxal dos remédios, a confissão pura e simples. Seria muito fácil dizer: "Escutem, tenho sido um tolo ganancioso. Fiquem com as apostas e me tirem do jogo. Basta me deixarem com a pequena reputação pessoal e me dar uma participação modesta na operação. Eu me contentarei com isso."

Mas não era tão fácil assim. Estava sujeito à mesma ironia divina do rabino que fora jogar golfe no sabá e acertara num buraco com uma só tacada. O anjo pedira uma punição. "Ele já tem sua punição", disse Deus. "A quem poderá contar?" Assim, ao que parecia, a punição de Max Mather era continuar a construir seu castelo no valor de milhões de dólares, sabendo durante todo o tempo que as fundações eram de areia e que uma única onda poderia derrubar tudo.

Depois, como estava de volta à Itália — os pomares florescendo por toda a planície da Lombardia e com Palombini podendo ser bastante tolo para assinar o contrato que o livraria de qualquer encrenca — e como naquela noite comeria *pollo al diavolo* e beberia vinho toscano com Niccolò Tolentino, ele mandou tudo para o inferno e pediu outra cerveja.

O avião decolou com uma hora e meia de atraso. A estrada para Florença estava congestionada. Os acessos à cidade eram uma explosão de buzinas e motoristas gritando. Ao chegar ao relativo sossego do hotel, ele sentia-se como um marciano lançado num planeta maluco. Fez a barba, tomou um banho, vestiu roupas informais, desfez as malas, mandou um terno para passar, ligou para Palombini e combinou um almoço no dia seguinte e só depois, muito devagar, como um mergulhador na descompressão, voltou ao normal. Preparou-se para a noite com o catálogo da galeria, as provas da matéria da *Belvedere* e as

fotografias de Rafael, depois seguiu a pé para o Gallodoro.

Seu primeiro gambito foi confirmar a visita aos Estados Unidos com Tolentino.

— Inauguramos a galeria em meados de abril. Se pudéssemos contar com você lá para a inauguração, seria maravilhoso. Iniciaríamos a série de conferências não mais do que uma semana depois. Pode ficar em meu apartamento ou se alojar em outro lugar, como preferir. Passagens pagas, ida e volta, uma garantia de mil dólares por semana, durante quatro semanas, mais cinquenta por cento dos lucros e quaisquer serviços particulares que surgirem. O que lhe parece?

— Como música celestial — respondeu Tolentino. — Violinos e flautas, um coro de querubins. Nunca saberá o que está fazendo por mim, Max... Mas também tem de explicar o que quer que eu faça para você. Precisarei me preparar. Meu inglês está bom, mas isso não é suficiente. Devo honrá-lo e às pessoas que pagarem para me ouvir... e também a esta cidade e aos grandes que trabalharam aqui. Diga-me o que espera.

— Quero que ensine e faça demonstrações. Haverá estudantes na audiência... muitos, tenho certeza... mas espero contar também com vários profissionais veteranos, professores, curadores, restauradores... Vão querer partilhar sua experiência, conhecer suas técnicas... ter um diálogo com você. Vão querer discutir falsificadores e seus métodos, o *marchand* como patrono e intermediário... Gostaria que você elaborasse um programa de quatro semanas, três sessões por semana... Quero cobrar alto e por isso devo tomar o cuidado de não expô-lo demais. Se for um sucesso, sempre podemos prolongar. Terá à disposição todo o segundo andar. Dá facilmente para cinquenta ou sessenta pessoas... Se houver muita gente se inscrevendo, teremos de dobrar as sessões... O que acha disso? Poderia aguentar?

— Ainda me sinto maravilhoso — respondeu Niccolò Tolentino.

— Pode tirar uma licença no Pitti?

— A qualquer momento.

— Ótimo! Agora posso fazer uma pergunta muito delicada?

— Claro.

— Você tem de solicitar um visto para os Estados Unidos. Há alguma coisa que possa causar um problema?

— Por exemplo?

— Uma ficha na polícia... talvez na juventude?

— Nada!

— Houve rumores... já conversamos a respeito... sobre falsificações. Dizem que você era muito competente nisso.

— Os rumores dizem uma coisa, os fatos dizem outra. Deixe-me explicar... Não, não se preocupe. Sei por que precisa falar sobre isso e não estou zangado. Já lhe disse antes... não sou um falsificador, sou um copista, provavelmente o melhor do mundo. Posso copiar qualquer quadro que puserem na minha frente e, dispondo dos materiais certos, posso copiar tão bem que o mestre que pintou o original quase acreditaria se tratar de uma obra sua... até na assinatura... Mas isso não é falsificação. A falsificação ocorre quando apresento minha cópia como um original. Nunca fiz isso. Outros podem ter feito com os meus trabalhos, mas nunca com o meu conhecimento ou consentimento. Não, espere... nunca é demais. Houve momentos, durante a guerra, em que os agentes do marechal Goering e os homens de Himmler percorriam a Europa roubando obras de arte, obrigando as pessoas a entregarem-nas por uma ninharia. Então, sim... Eu era muito jovem e não tão bom quanto sou agora, mas fiz algumas falsificações ótimas... Isso responde à sua pergunta?

— Responde, sim. Obrigado. Agora posso apresentar o convite formal para sua entrada nos Estados Unidos, em associação com a galeria. Deverá mostrá-lo quando solicitar o visto.

— Devemos tomar outro drinque por isso.

— Vamos esperar pelo vinho. Tenho mais uma coisa para lhe mostrar. Feche os olhos. Só abra quando eu disser.

— Estão fechados.

Mather pôs as duas fotografias de Rafael na mesa, diante de Tolentino, disse-lhe que abrisse os olhos. No instante em que viu as fotografias, o rosto do italiano se iluminou de prazer e reconhecimento. A voz profunda baixou para um sussurro de conspirador.

— Santo Deus! Todo esse tempo e agora é você quem traz para mim! Como? Por quê? Onde estão?

— Não tão depressa, velho amigo. — Mather recolheu as fotografias e guardou-as no bolso. — É muito importante que conversemos de maneira sistemática. O que essas fotografias representam?

— Dois retratos, mãe e filha, mulheres Palombini, pintados por Raffaello, em 1505.

— Onde estão agora?

— Não sei.

— Mas você os viu?

— Se vi? Max, meu amigo, vivi com esses quadros por semanas a fio! Copiei-os, pincelada por pincelada...

— Para quem?

— Luca Palombini.

— Devia ser apenas um menino na ocasião.

— Tinha vinte e seis anos. A guerra começara, mas eu era incapacitado para o serviço militar. Acabara de chegar a Florença e trabalhava com o velho Cesarini. Ele foi grande em seu tempo, mas àquela altura a mão não era mais tão firme e o olho para a cor se tornava incerto. Por isso, ele me passou o trabalho. E ainda assim ficou com a metade do pagamento!

— Então só fez uma cópia?

— Isso mesmo.

— O que Palombini fez com as cópias?

— Não sei. Não perguntei. Não era político naquele tempo fazer muitas perguntas. Presumi que ele as impingira a alguém.

— Se tivesse os originais e as cópias à sua frente, nesta mesa, poderia determinar a diferença?

— Eu poderia... mas você não poderia. Mais do que isso, eu desafiaria os supostos peritos a dizerem a diferença, a não ser depois de longos e exaustivos exames... A menos que conhecessem meu pequeno truque, é claro.

— E que truque é esse? — Mather pressionou com veemência. — Tenho de saber agora, Nicki!

Tolentino puxou seu bloco de desenho e fez um monograma básico.



Explicou:

— Tolentino, Niccolò; minhas iniciais. Essas iniciais aparecem em algum lugar de todos os quadros que já pintei. Era a minha defesa, se alguém me acusasse algum dia de falsificação. Estava copiando um mestre... afinal, esse é o meu ofício... mas mesmo copiando a assinatura, como não podia deixar de ser, já que fazia parte do todo, ainda assinava a minha própria obra. Faço isso mesmo com uma restauração, só que assino no verso...



Restauravit: Tolentino, Niccolò.

Ele enfiou os dedos no bolso do colete e tirou uma lupa.

— Vamos dar outra olhada nestas fotos. Fique a meu lado para ver melhor.

Mather levantou-se e ficou de pé junto ao velho, espiando por cima do seu ombro, enquanto ele usava a ponta do lápis como um indicador.

— Vejamos a mãe primeiro... Donna Delfina. Pus meu monograma na paisagem no fundo, em uma das janelas. Agora, a filha. Minha marca deve estar na beira da dobra inferior do vestido.

Ele examinou as duas fotografias com a maior atenção, depois convidou Mather a verificar sob a lupa os pontos que indicara. Mather sacudiu a cabeça.

— Não vejo nada.

— Também não posso ver nada — disse Niccolò Tolentino. — A redução no tamanho é muito grande.

— Mas se sua marca não estiver neles?

— Então são os originais.

— Não necessariamente. Pode haver outras cópias, além das suas.

— Não é possível. — Tolentino foi categórico. — Conheço de cor o trabalho de Raffaello. E posso lhe dizer mais uma coisa. Os painéis em que fiz as cópias são diferentes dos originais. Os meus são de carvalho seco, os originais são de cedro... e agora poderia me explicar o que tudo isso significa?

— Explicarei tudo, mas não agora. Preciso de você absolutamente sem preconceitos... e capaz de jurar que assim está.

— Está querendo dizer...

— Estou querendo dizer que você vai para Nova York e se tornará famoso da noite para o dia, esquecerá que já viu essas fotografias, até o dia em que eu o puser na frente dos quadros e pedir que revele ao mundo quais são as obras-primas.

— E isso é tudo o que vai me dizer?

— Por enquanto, é tudo o que posso dizer. Mas assim que houver mais, você será o primeiro a saber. Só mais uma pergunta. Poderia ir a Zurique de um momento para outro?

— Eu poderia partir agora. — Tolentino sorriu. — Só que lhe devo um

jantar... o jantar mais feliz de minha vida!

— Eu lhe pagarei o jantar amanhã. Precisamos conversar mais uma vez, antes de nos separarmos. Chamarei Guido. Vamos comemorar juntos.

Mesmo enquanto falava, Mather fez uma prece silenciosa para que pudesse haver alguma coisa para comemorar. Se o que tinha em Zurique eram cópias, então desperdiçara muito tempo e dinheiro. Se eram os originais e Claudio Palombini não quisesse assinar o contrato, então estaria à beira da ilegalidade.

*

A recepção na hora do almoço na Tor Merla foi muito menos exuberante do que a ocorrida no Gallodoro. As mulheres da casa estavam ausentes, havia menos criados à vista. A *villa* dava uma impressão de abandonada, o interior mudara. Havia menos quadros nas paredes, os móveis eram escassos. Ele foi recebido por Claudio Palombini, primo Marcantonio e um jovem que nunca vira antes, apresentado como *Avvocato* Stefano Stefanelli. Claudio desculpou-se.

— Pode ver o que está acontecendo. Reduzimos as despesas onde é possível. Mesmo assim, estamos comendo o que a propriedade dá, pagando o salário da cozinheira.

Mather pediu permissão para cumprimentar os criados. Encontrou-os calorosos, mas hesitantes. Também farejavam o vento do campo de batalha. Apenas dois o abraçaram, Matteo, o mordomo, e Chiara, a criada pessoal de Pia, enrugada como uma ameixa seca mas ainda combativa e ressentida.

— Era diferente quando a *signora* estava viva e você ainda morava aqui. Mesmo quando ela estava morrendo, ainda havia alguma coisa para se rir. Agora, é como um cemitério depois da meia-noite.

Mather beijou-a e afagou seu rosto, depois foi se juntar aos outros na mesa do almoço. A comida ainda era boa. O vinho da propriedade estava ótimo. Claudio insistiu para que não falassem de negócios antes das frutas e queijo. Só então abriu as negociações.

— É evidente que precisamos de alguém para representar nossos interesses e efetuar pesquisas ativas, à procura das peças de Rafael. É também evidente que você possui certas qualificações importantes para isso. E estaria, como disse, disposto a aceitar um contrato.

— Este contrato. — Mather pôs o documento na mesa. — E somente este. Leiam à vontade, não há pressa. Tomarei mais um café, se me permitem.

O documento tinha apenas meia dúzia de páginas, mas dez minutos passaram antes que alguém levantasse a cabeça para fazer um comentário. O advogado foi

o primeiro a falar:

— Se me perdoa, Sr. Mather, isto parece... permita dizê-lo... um documento muito arbitrário.

— E é mesmo. — Mather era a suavidade em pessoa. — Também é inegociável.

— Posso perguntar por quê?

— Claro. Primeiro: a descoberta dos Rafaéis e sua devolução à família Palombini é, na melhor das hipóteses, um empreendimento altamente especulativo. Segundo: nas atuais circunstâncias, os Palombini não podem assumir nenhum centavo do custo. Terceiro: depois que meu artigo for publicado, no início do próximo mês... um artigo de que foram informados com ampla antecedência... haverá uma autêntica corrida do ouro no mercado de arte. Quarto: estarei negociando numa selva, com animais muito evoluídos. Preciso de toda proteção que puder obter.

— Aceitamos tudo isso sem questionamento — disse Claudio Palombini. — Mas nosso advogado acha que certas premissas devem ser definidas, como preliminares para o contrato...

— Ele tem o direito de pedir isso, eu tenho um direito igual de recusar. Posso chamar a atenção para os termos de abertura do contrato? “O referido Max Mather não faz afirmações de competência, conhecimento especial, qualificações ou circunstâncias especiais relacionadas com a tarefa que assume. Não faz nenhuma solicitação para que este contrato seja aceito por outras partes. Não oferece outras garantias além do melhor esforço, cujas despesas serão assumidas inteiramente por ele." Parece-me bem claro, senhores.

— Está mesmo muito claro — disse primo Marcantonio. — Mas estaria disposto a responder a algumas perguntas a respeito?

— Não. — Mather foi taxativo. — Porque quaisquer respostas que eu desse poderiam ser encaradas como uma alegação e sujeitas à interpretação que quisessem lhes atribuir no futuro.

Claudio sentiu-se ofendido.

— Acha que somos tão implacáveis assim?

— A história me diz que são, Claudio — respondeu Mather, com um sorriso. — Não os culpo. Não deveríamos discutir a respeito. Mas há séculos que vocês são mercadores, brigando por barganhas. Não mudam. Não há razão para que mudem. Mas eu seria um idiota se oferecesse a mão e deixasse que a mordessem.

— Está exagerando, Max.

— Estou? Deixe-me lembrar-lhe de que tive de brigar com você para conseguir uma enfermeira dia e noite para Pia. E tive de batalhar para conseguir

uma visita diária do médico... Vocês jogam duro. Muito bem, eu sei disso. Portanto, é o único acordo que farei com vocês. É aceitar ou recusar... Darei um pulo até a torre. Podem me comunicar a decisão quando eu voltar.

O passeio até a torre foi um erro. Trouxe um fluxo vertiginoso de lembranças: Pia lhe oferecendo a primeira liberdade do domínio, Pia prisioneira da doença, sua própria fuga, com os Rafaéis escondidos na bagagem, suando frio em cada minuto da viagem até a Suíça. Quando retornou à casa, Claudio ofereceu-lhe um conhaque e propôs algumas correções ao contrato.

— Achamos que quinze por cento é muito alto, levando-se em consideração os milhões envolvidos.

— Nada feito. Se alguém está na posse ilegal dos quadros, essa pessoa tem de ser pressionada e paga. Dez por cento é a oferta normal das seguradoras. E eu também tenho de ser pago por meu trabalho. Se acham que podem conseguir mais barato, sairei de cena e deixarei que cuidem de tudo sozinhos.

— Está bem, ficam os quinze. Mas tem de haver um prazo para sua procuração.

— Quanto tempo sugere?

— Se não conseguir nada até o final de junho, estamos liquidados... três meses.

— Por outro lado, se eu apresentar resultados, mesmo que a devolução das obras ainda tenha de ser efetuada, poderão obter uma extensão dos banqueiros. Quero nove meses... até o final do ano.

Claudio olhou para o advogado, que assentiu.

— Muito bem, nove meses. — Pela primeira vez, Claudio Palombini sorriu e perguntou: — E agora pode nos dizer quais são as nossas possibilidades, Max?

— Vamos assinar o contrato primeiro. — Mather continuou intransigente. — E depois lhes direi.

Com o contrato no bolso, ele sentiu-se melhor e pior, como um paciente com febre, oscilando entre calafrios e suores. O contrato o manteria fora da prisão. Não poderia ser acusado de posse ilegítima, operação fraudulenta ou apropriação indébita. Até que seus honorários fossem pagos, permanecia na posse indiscutível e incontestada dos Rafaéis. Por outro lado, estava obrigado a agir. Não podia se retirar de uma situação que estava maculada na fonte.

Enquanto voltava à cidade, num carro alugado que ameaçava se desmontar a qualquer instante, Mather especulou por que a situação o perturbava tanto, por que uma consciência social, adormecida por tanto tempo ao ponto de ficar quase atrofiada, despertara para se tornar uma companheira tão ativa e incomoda.

Depois, do nada, surgiu a lembrança do pai, pálido e murcho com o câncer que finalmente o matara, sentado à janela de seu quarto, olhando para o tom

castanho-avermelhado da paisagem de outono. Estava se explicando, suplicando por uma compreensão tardia.

— Eu sabia o que sua mãe precisava. Sabia o que ela queria para nós. Para mim, no entanto, o preço era alto demais. Implicava uma traição ao único bem integral que possuía... eu mesmo. Não podia enfrentar isso. Não podia suportar me contemplar no espelho todos os dias e ver um estranho... ou talvez uma imagem dupla, nunca sabendo o que era o quê.

Era o símile da imagem dupla que o atormentava agora. O Max Mather refletido nos olhos de suas mulheres não era o todo dele, mas a imagem que elas escolhiam. As imagens de Berchmans e Liepert também eram diferentes e igualmente ilusórias... Agora ele teria de voltar a Zurique e encarar Gisela, ver seus olhos se iluminarem quando lhe dissesse que o contrato fora assinado... e depois? A pergunta ainda continuava sem resposta quando ele chegou ao hotel. Parou na recepção e pediu que reservassem passagens de avião para Zurique, em seu nome e de Niccolò Tolentino. Ligou para Guido Valente e convidou-o para jantar. Depois, tirou as roupas, tomou um banho quente e cochilou irrequieto até a hora de sair.

Guido Valente, guardião dos manuscritos da Biblioteca Nacional, estava num ânimo feliz. Regozijou-se com a boa sorte do amigo Niccolò, que viajaria para os Estados Unidos. Ele também iria, embora não na mesma ocasião, num programa de intercâmbio da Associação Americana de Bibliotecas. Ficaria baseado em Washington, mas viajaria para muitos lugares, estudando os métodos bibliotecários americanos, suas técnicas mais novas de estocagem e recuperação. Esperava não estar velho demais para se beneficiar da experiência; mas a chegada de uma nova secretária no escritório o convencera de que a luxúria ainda era uma possibilidade feliz.

Ele indagou por Anne-Marie, solícito. Poderia, apenas poderia, chegar a tempo para a inauguração da galeria. Agora, tinha uma boa notícia para seu velho amigo Max. Graças à generosidade de uma certa *marchesa*, uma dama americana há muito casada com um italiano, uma *borsa*, uma bolsa de estudos, fora instituída na biblioteca, para estudiosos americanos com pós-graduação. A quantia era substancial, os termos se enquadravam na disciplina de Max. Teria o maior prazer em recomendar o velho amigo para a bolsa. O fato de que esse mesmo amigo proporcionara à biblioteca o arquivo Palombini pesaria de maneira considerável. E então?

Max Mather ficou comovido. Prometeu pensar muito a respeito e responder o mais depressa possível. Guido devia compreender que ele tinha diversas opções em aberto e que se encontrava num momento crítico. Era tão crítico que achava que precisava de mais vinho. Niccolò Tolentino concordou. Antes de

beber, no entanto, ele também tinha um anúncio a fazer. Refletira muito sobre o tipo de presente que deveria dar a seu velho amigo Max. Finalmente chegara a uma decisão. Tirou do bolso uma caixa pequena, em que havia, aninhado numa camada de papel de seda, um retângulo de cobre, onde estava gravada a cabeça de um menino.

— Isto, meu caro Max, é a primeira gravação que fiz. A cabeça é de meu irmão, que morreu na guerra. Dou a você porque é como meu irmão, franco e generoso. E aqui embaixo... — Ele levantou a placa. — ...há gravuras numeradas de um a cinco, que fiz especialmente para você.

— Bravo! — Guido Valente assoou o nariz vigorosamente. — É o que lhe digo sempre, Max, você é um homem muito amado!

Max Mather, tendo tomado muito vinho, descobriu-se à beira das lágrimas; enquanto o diabrete em seu ombro comentava, sardônico: "Se eles soubessem, irmãozinho! Ah, se eles soubessem..."

Em Zurique, era meio-dia de uma sexta-feira desolada de março, com um vento frio soprando pelo lago e os cidadãos ainda agasalhados até os ouvidos. Havia grandes manchas de neve nos picos mais baixos. O inverno terminara, mas a primavera ainda demoraria muito a chegar. Niccolò Tolentino estava empoleirado num poste de amarração, no cais, desenhando. Max Mather se encontrava na cozinha de seu apartamento, preparando um almoço de frios e saladas diversas para Gisela Mundt. Ela o avisara que chegaria atrasada. Suas aulas na sexta-feira não terminavam antes de meio-dia.

Só deveria aparecer por volta de meio-dia e meia. Mather decidira que aquele devia ser o dia da verdade — Sexta-Feira Negra ou Sexta-Feira Santa, dependendo do resultado. Não podia mais suportar aquela existência de gangorra, oscilando entre as promessas deslumbrantes do futuro e as vozes acusadoras de um passado que se recusava a ser sepultado. A salvo agora de uma denúncia judicial, por causa do contrato Palombini, ele podia começar a negociar, se não uma paz, pelo menos uma trégua, com seu resquício de consciência.

Gisela chegou, afogueada e ofegante, pediu que ele a beijasse e depois oferecesse um drinque. Brindaram um ao outro, depois ao contrato. Gisela não estava com pressa para comer. Mather mergulhou de cabeça nas águas profundas:

— Tenho de lhe dizer uma coisa.

— Tempo de confissão, hein?

— Se prefere assim, isso mesmo.

— Você me faz a sua e eu retribuo.

— Não é nada engraçado.

— Sei que não é. Posso ver por sua cara que é terrivelmente sério.

— É sobre os Rafaéis...

— E daí?

— Tomei uma decisão. Ficamos com a solução dos dez por cento.

— Acho que está sendo sensato, Max.

— Eu esperava... — Max Mather sorriu. — ...eu esperava que me dissesse que sou bom e nobre, deixei de ser repreensível.

— Como posso saber, Max? — Ela exibiu seu sorriso feliz e insinuante. — Tenho desfrutado seu corpo. E me delicio com sua companhia. Mas conheço muito pouco de sua alma.

Ao que Max Mather ofereceu uma resposta ácida:

— Quanto a isso, minha cara doutora, está à venda, como a de todo mundo... desde que o preço seja bom!

Naquela mesma tarde, pouco antes do final do expediente, Max Mather, acompanhado por Gisela, Liepert e Tolentino, foi ao cofre no Union Bank, na Bahnhofstrasse. Ali, com as mãos trêmulas, Mather removeu a cera do invólucro de lona, tirou o fio de sapateiro e pôs o conteúdo na mesa de tampo de vidro entre as fileiras de cofres de aluguel. Manteve os desenhos cobertos, a fim de protegê-los da luz, mas mostrou os retratos das mulheres Palombini — Donna Delfina e a donzela Beata.

No silêncio que se seguiu, Niccolò Tolentino pegou-os e contemplou cada um por um longo tempo. Depois, tirou a lupa do bolso e examinou cada centímetro quadrado da superfície. Largou a lupa e, com um pequeno canivete, raspou uma área mínima de madeira atrás de cada quadro, espalhando o pó com todo cuidado na palma da mão, antes de soprá-lo.

Esse exame concluído, ele largou os retratos na mesa e tornou a cobri-los. Levou os desenhos para o canto escuro da sala, fez Mather postar-se na frente da luz para aumentar a sombra; só depois, reverente, como se manipulasse uma hóstia da Comunhão, levantou cada desenho para inspeção. Tornou a cobri-los. Um século pareceu transcorrer antes que ele falasse, a voz profunda ainda assim rouca e trêmula.

— Estas são as obras autênticas, das quais fiz as cópias.

Tolentino perdeu o controle. Mather ficou chocado ao perceber que ele estava chorando. Estendeu um braço protetor pelos ombros. O velho recuperou-se devagar, soltou uma risada trêmula.

— *Son 'pazzo*! Estou louco. Cada vez que olho para uma coisa tão maravilhosa sei que tem de existir um Deus... de que outra forma um animai tão repulsivo como o homem poderia fazer coisas tão lindas? Estava preocupado com os desenhos, mas eles resistem muito bem. O ar-condicionado aqui proporciona a temperatura apropriada. Mas não pode haver mais claridade! É indispensável que não haja mais claridade. Pode tornar a guardá-los na lona, mas não precisa lacrar. Não há necessidade...

— O que temos de fazer agora é voltar ao meu escritório e tomar seu depoimento, Niccolò — disse Alois Liepert —, dizendo que viu e identificou essas peças e que são autênticas, estão em boa ordem e condições perfeitas.

— Enquanto estivermos lá, devo ligar para Berchmans — disse Max Mather.

— Isso é sensato? — indagou Liepert, indeciso.

— Acho que é necessário. Se eu não informar que as peças no Brasil são falsas, ele pode pensar que o enganei. E é um homem que não quero como inimigo.

— Mas tenha cautela — advertiu Liepert. — Não lhe diga muita coisa ao telefone. E se ele quiser uma discussão mais profunda, encaminhe-o para mim.

— *Für aufklären und Konfirmieren*, certo?

— Certo! — exclamou Alois Liepert. — Gisela me deu instruções rigorosas em relação a você.

— Tenho uma pergunta para os dois — interveio Gisela, mordaz. — Quem tem o seguro sobre essas pequenas peças?

Tolentino parecia não ouvir. Estava ocupado em guardar os quadros de volta nos invólucros, manuseando-os como se fossem bebês tenros. Mather e Liepert se entreolharam. Liepert disse:

— Vamos discutir o problema no escritório.

O depoimento que Alois Liepert elaborou em italiano para a assinatura de Tolentino cobria muita coisa.

*

Neste dia, eu, Niccolò Tolentino, cidadão da República da Itália, no momento e durante os últimos trinta e sete anos empregado como copista e restaurador de quadros residente nas galerias do Palácio Pitti, em Florença, fui aos cofres particulares do Union Bank, situado na Bahnhofstrasse, Zurique. Estava acompanhado pelos advogados Alois Liepert e Gisela Mundt e pelo Sr. Maxwell Mather, agente oficial da família Palombini, de Florença. Examinei dois retratos em painéis

de cedro, que acredito serem obras autênticas de Raffaello Sanzio, e cinco desenhos do mesmo mestre. Conhecia os retratos, porque recebi a incumbência, no início de 1941, de fazer cópias deles, para o proprietário na ocasião, Sig. *Luca Palombini, de Florença. Nunca tinha visto antes os desenhos, mas identifiquei-os, como os retratos, como provavelmente uma obra do mesmo mestre. As referidas obras se encontravam em excelentes condições e eram cuidadas nas condições adequadas de ar seco, temperatura estável e mínima exposição à luz. Não me foi oferecida e também não pedi qualquer informação sobre sua proveniência recente. Não me foi oferecido e também não solicitei qualquer honorário pelos meus serviços, que foram prestados como um sinal de respeito pela família Palombini e seu representante, Sr. Max Mather.*

Mather tez em seguida a ligação para Berchmans, em Paris. Desta vez foi numa linha de conferência, e assim anunciada para Berchmans.

— ...Max Mather de novo. Estou telefonando numa linha de conferência, do escritório do meu advogado em Zurique. Sr. Berchmans, Sr. Liepert.

— Bom dia, Sr. Liepert. Agora, podemos começar, por favor. Por que a formalidade?

— Sobre as peças brasileiras...

— O que há com elas?

— São cópias. Boas, mas cópias.

— Preciso de provas.

— Então simplesmente sugiro cautela, até que eu tenha a oportunidade de lhe expor todos os fatos.

— Negociando a distância com Camões, estou em desvantagem. Ele pode tentar promover um leilão comigo, fixando um preço mínimo. Portanto, Sr. Mather, tenho de lhe perguntar: até que ponto sua informação é válida?

Alois Liepert apressou-se em interferir:

— Ofereço uma opinião de advogado, Sr. Berchmans. A informação é classe A. O informante é impecável.

— Nesse caso, agradeço aos dois. Harmon Seldes foi informado?

— Não — respondeu Mather, suavemente. — Minha posição em relação a Seldes é equívoca. Ele me contrata para prestar determinados serviços. Nossa comunicação é caracterizada por esse fato. Neste caso, tenho tratado apenas com você; mas está livre para transmitir minha informação a quem desejar.

— Há, no entanto, uma mudança na situação pessoal do Sr Mather que ele

deseja que chegue ao seu conhecimento — anunciou Liepert.

— E qual é?

— O Sr. Mather foi procurado pela família Palombini e convidado a pôr seus conhecimentos acadêmicos à disposição deles outra vez, agindo como seu representante na questão dos retratos de Rafael. Acabo de negociar esse contrato que prevê, entre outras coisas, que o Sr. Mather será o único intermediário entre a família e o mercado no caso em questão. Ele deseja que eu lhe diga que é a primeira pessoa a ter essa informação, que se tornará pública no momento oportuno.

— Ou seja, ele está me dando um coice — disse Berchmans, à sua maneira brutal peculiar.

— Ao contrário — protestou Mather. — Você está exatamente na mesma posição que antes, só que tem um amigo na corte... se preferir me considerar assim. A decisão é sua, Sr. Berchmans. Nada muda, exceto que eu me torno o ponto de referência para a família e sou remunerado por ela, não por qualquer outro.

— Nesse caso — disse Berchmans, batendo numa retirada relutante —, agradeço por me informar. Devemos permanecer em contato.

— Seria a melhor coisa. *À bientôt,* Sr. Berchmans.

Enquanto ele desligava, Niccolò Tolentino estofou as bochechas e deixou escapar um som explosivo.

— Essa não!... É conversa demais! Muito blablablá! E tanta ganância! Estas são lindas coisas, o trabalho de um grande mestre! Não são ossos para os cachorros brigarem!... Perdão. Fico furioso muito depressa hoje em dia. Acho melhor sair para dar uma volta e esfriar a cabeça.

— Não pode — disse Max Mather, firme. — Precisamos acertar os detalhes de sua viagem a Nova York, fazer os cheques, escrever uma carta para acompanhar seu pedido de visto... Alois, podemos usar sua secretária para tomar algumas anotações, por favor?

— Um tirano. — Tolentino levantou as mãos e os olhos para o céu. — Um tirano, enlouquecido pela ganância do dinheiro.

13

Exemplares adiantados da edição de abril da *Belvedere* foram entregues na mesa de Harmon Seldes dez dias antes do lançamento. Ele chamou a equipe para examinar. Todos concordaram que era um trabalho excepcional — material de primeira classe, paginação perfeita, definição de cores acurada. Seu editorial estava ótimo, as fotografias eram ião provocantes quanto ele tencionara a matéria de Mather sobre economia doméstica na Toscana dava a impressão de ter sido feita às pressas, mas os comentários de Danziger ajudavam muito.

A surpresa da edição era o encarte de Madeleine Bayard. Em vez de publicar um anúncio convencional na última página, Anne-Marie Loredon preferia ocupar o espaço com uma reprodução a cores da mulher na igreja, a peça central da exposição iminente. Era uma ilustração esplêndida e combinava perfeitamente com o tom altamente emocional do memorial de Max Mather.

E, aí, a surpresa era espetacular! Num único salto, na mesma edição, o diligente *scholar* se transformava num poeta. Diversos redatores comentaram a respeito... tomando o cuidado de conceder todo o crédito à sabedoria de Harmon Seldes, o criador e destruidor de talentos. A sociedade de admiração mútua ainda se encontrava em sessão quando houve um telefonema de um dos vice-presidentes seniores, ligando da matriz para transmitir bênçãos e cumprimentos lá de cima.

Já chega de elogios! Havia trabalho a fazer. Seldes expulsou a todos de sua sala, menos a secretaria, com quem se acomodou para o mais fascinante dos passatempos: "fazer um mercado". Começou pelas almas diletas — diretores e curadores, grandes *marchands*, críticos — que tinham o privilégio de receber exemplares adiantados da revista, prefaciados sempre por um telefonema ritual do próprio mestre:

— Charles, meu amigo! — Ou "Anna, meu amor!" — Harmon Seldes. Tenho algumas surpresas sensacionais para você este mês... Isso mesmo, estou enviando para você por mensageiro especial neste minuto. Sugiro que dedique uma atenção especial à matéria sobre os Rafaéis de Palombini... Claro que nunca ouviu falar nada a respeito; é uma notícia exclusiva da *Belvedere*. Ou melhor, uma exclusiva de Harmon Seldes. Mas já chega! A modéstia me impede... Não subestime a informação. Henri Berchmans e eu nos unimos para pesquisas adicionais. Dê uma olhada também no encarte... Madeleine Bayard. Pode ser a primeira e última chance de fazer um grande negócio...

*

No meio desse agradável exercício, Henri Berchmans telefonou de Paris para informar que Max Mather fora contratado para representar a família Palombini. Seldes ficou indignado.

— E depois de tantos protestos de desinteresse! Mas, afinal, quais são as suas qualificações? O homem é um paleógrafo. Nada sabe de arte! É um cachorrinho pretensioso!

Berchmans soltou sua risada áspera.

— Parece que o seu cachorrinho se transformou num mastim. Já fez algum progresso em suas pesquisas?

— Quase não houve tempo, não é mesmo? As provas da nossa edição de abril chegaram à minha mesa há apenas meia hora.

— Não está entendendo, meu amigo. Mather já descobriu cópias dos dois retratos no Brasil. Tenho acesso a essas obras, mas não espero muita coisa. O que me impressiona é a engenhosidade e diligência do homem.

— Eu gostaria de poder dizer a mesma coisa de sua honestidade.

— Começo a ficar também impressionado com isso — comentou Henri Berchmans. — Ele tem lidado comigo de maneira muito franca.

— Mas não comigo. — Seldes começava a se tornar impaciente. — Afinal, sou seu editor-chefe. Sou eu quem lhe permite comer.

— Tente fazê-lo comer de sua mão. Ele gosta de pessoas polidas.

— No meu ânimo atual, prefiro demiti-lo.

— Isso pode ser um erro dispendioso. Acho melhor mantê-lo do nosso lado.

— Que outras pequenas surpresas ele não tem reservadas para nós?

— Estou esperando para saber quais são as provas e as fontes.

— Perguntou-me pelas atribuições de Rafael. Passavanti ainda é a melhor e a mais atualizada autoridade. Talvez seja bom pedir-lhe que dê uma olhada no material brasileiro.

— Preciso ter o controle sobre as obras primeiro. Não é fácil negociar com Camões. Ele não vai se mexer um centímetro sem dinheiro na mão...

— Poderia, é claro, enviar-me ao Rio para conversar com ele.

— Pensarei a respeito... E controle-se, Harmon! Nosso jovem amigo está fazendo todo o trabalho por nós... Mas ele nunca chegará a um passo do mercado. Ao final, os Palombini cairão como pêssegos maduros em nosso cesto.

Seldes ainda remoía essa atraente perspectiva quando Leonie Danziger entrou em sua sala e anunciou bruscamente:

— Preciso de ajuda, Harmon.

— Para você, Danny... qualquer coisa. Não acha que o número está ótimo?

— Um dos melhores. Parabéns.

— Não se sente feliz com alguma coisa?

— Não estou feliz. E ponto final. Guarda as agendas do escritório?

— Claro... A melhor lição que já aprendi: não jogue fora os registros. Nunca se sabe quando poderá precisar. Que data você quer conferir?

— Dia 18 de fevereiro do ano passado.

— Qual o significado da data?

— É o dia em que Madeleine Bayard foi assassinada.

— Hum...

— A polícia quer saber... eu preciso saber... o que eu estava fazendo do amanhecer ao anoitecer. Já fui submetida a isso uma dúzia de vezes antes. Eles pareciam aceitar que eu não tivesse um álibi, mas agora voltaram à carga. E me lembro menos agora do que podia recordar no início. Jogo minhas agendas fora assim que acabo de usá-las... F. não me faça um sermão, Harmon. Eu não poderia suportar. Apenas... apenas verifique seus registros. Veja se me marcou alguma reunião, me incumbiu de algum serviço.

— Claro. Relaxe agora. Sabe onde estão as bebidas. Sirva-se de um drinque.

— Não, obrigada.

Seldes abriu um armário e localizou a agenda no mesmo instante. Virou as folhas e leu o registro para 18 de fevereiro.

— Aspen... Aspen... Aspen... a semana inteira. Lembro agora que foi a festa de esqui de Moulton. Trouxe de lá a história da venda da coleção Vanvitello. A única fora da Itália. Eis aí uma coisa para Max Mather... paisagistas italianos menores do século XVIII...

— Por favor, Harmon! O problema é sério. Quais os trabalhos que eu estava fazendo nessa semana?

— Não consta aqui, Danny. E se não consta, você podia estar trabalhando em qualquer lugar, não é mesmo? Eu não me encontrava no escritório. Mas, de qualquer forma, você é independente. Temos uma reunião. Combinamos um serviço. Você vai embora. E não volta antes de terminar.

— Obrigada por nada, Harmon.

— Não fique assim, por favor. Quero ajudar. O que a polícia procura agora?

— Não sei, mas sem dúvida eles têm muitas informações sobre isto. — Ela apontou o encarte de Madeleine Bayard. — Estão me interrogando a respeito... a vida amorosa de Madeleine, seus hábitos sexuais, seus amigos...

— Entre os quais, pelo que me lembro, você estava incluída.

— E quem não estava, Harmon, quando Madi realmente se agitava?

— Não acredito que o nosso artigo tenha causado essa situação.

— Também não. A polícia mencionou alguma comunicação de Hugh Loredon. Foi escrita antes de sua morte, enviada através da embaixada americana na Holanda... A polícia parece estar usando-a como um pretexto para essa nova rodada de interrogatórios. Mencionaram Max Mather também. Mas não há a menor possibilidade de ele estar envolvido...

— Nosso menino de ouro está mesmo se destacando — comentou Seldes, com evidente aversão. — Ele deve voltar dentro de urna semana, mais ou menos, e poderá lhe perguntar pessoalmente. Enquanto isso, mandarei fazer uma verificação em todos os nossos registros para 18 de fevereiro do ano passado, a fim de saber se podemos localizá-la em algum lugar... Procure não se preocupar tanto...

— Obrigada, Harmon. E parabéns pela edição de abril. Está excelente.

— Obrigada, Danny meu amor.

Mas *Danny meu amor* já passava pela porta e se encaminhava para os elevadores. Houve um momento em que a tesoura de papel na mesa de Seldes parecia exatamente uma adaga e a tentação de usá-la tinha sido quase irresistível.

No prédio no SoHo, os pintores passavam a última mão de tinta nos interiores, os eletricistas testavam os circuitos e verificavam as tomadas. No apartamento de Mather, no último andar, o carpete estava sendo estendido e as cortinas penduradas. Anne-Marie se encontrava em seu escritório, com uma pilha de faturas e cartas na mesa e dois detetives de homicídios tomando café e insistindo numa conversa polida, mas persistente. Ela já lhes atribuíra nomes firmes àquela altura. O jovem e bem-apessoado era Sam Hartog, o mais velho, mais rude e menos polido era Manny Bechstein. Formavam um par experiente. Hartog levava a dança, com atitudes deferentes e perguntas cuidadosas. Manny participava com os movimentos mais complicados, virando os passos, dando voltas numa pergunta até que parecia algo bem diferente. Sam Hartog tomou um gole de café e continuou paciente em suas perguntas.

— Quer dizer que seu pai lhe disse que ia fazer exames numa clínica em Londres? E depois seguiria para Amsterdam?

— Isso mesmo.

— Por que ele foi até lá?

— Presumi que a negócios. As mercadorias de alta qualidade e os bons clientes para leilões vêm do mundo inteiro. Meu pai estava sempre viajando entre os leilões.

— Entendo... E seu pai pediu ao Sr. Mather para encontrá-lo em Amsterdam...

— Exatamente.

— Por que Mather e não você?

— Como Max me explicou, meu pai se sentia muito ameaçado e solitário, mas não queria perturbar minha vida. Sabia que Max e eu cuidamos um do outro... Por isso, chamou Max.

— Mas seu pai lhe escreveu... uma carta que foi encaminhada, junto com outras correspondências dele, através de nossa embaixada, depois de sua morte.

— É verdade.

— Estaria disposta a me mostrar essa carta?

— Claro. Está aqui.

Ela pegou a bolsa e tirou a carta com o carimbo da embaixada. Sam Hartog abriu o envelope, deu uma olhada na carta e entregou a Bechstein, que acenou com a cabeça e devolveu. Hartog resumiu a mensagem:

— Seu pai sabe que está morrendo. Pede desculpas por ser um pai indiferente. Diz que a ama... e suplica que não se case de jeito nenhum com Edmund Bayard...

— O que não tenho intenção de fazer.

— Apesar de serem bons amigos e estarem fazendo muitos negócios juntos.

— Seria mais acurado dizer *por causa* desse fato.

— Por que seu pai não gostava de Bayard?

— Ele teve uma longa ligação com Madeleine. Achava que Ed Bayard a tratava muito mal... um fato que Ed admite espontaneamente e lamenta muito. Meu pai sempre o considerou um homem de temperamento incerto e um marido impróprio para uma mulher muito mais jovem.

— Mas ele não viu problemas em você fazer negócios com Bayard, alugando o estúdio e organizando uma exposição dos quadros de sua esposa?

— Meu pai não teve nada a ver com isso. Acertei tudo sem consultá-lo.

— Mas ele não tentou dissuadi-la?

— Tentou, sem sucesso... E agora, Sr. Hartog, acho que me deve uma explicação. Tenho sido muito franca até agora.

— Tem, sim. Agradecemos por isso.

— Portanto, acho que deve ser igualmente franco comigo.

Pela primeira vez, Manny Bechstein saiu de seu silêncio.

— Nem sempre é possível para os agentes da polícia serem francos, madame. Mas faremos o que pudermos. Ao mesmo tempo em que lhe escreveu, seu pai também escreveu uma carta para o Departamento de Polícia de Nova York. Autenticou-a na embaixada e por isso a carta é válida como prova. É um relato do assassinato de Madeleine Bayard e a ligação dele com o crime.

— E qual foi essa ligação?

— Ele foi coautor depois do crime.

— O que significa isso?

— Outra pessoa a matou. Seu pai ajudou essa pessoa a se esquivar da descoberta.

— Quem a matou?

— Não podemos revelar isso... e ainda não confirmamos a acusação.

— Ou seja, ele podia estar mentindo.

— É possível.

— Mas por quê? Afinal, era um homem agonizante!

— O que não significa que dizia a verdade — declarou Manny Bechstein. — Só que podia dizer o que bem quisesse e escapar impune.

Sam Hartog acrescentou, suavemente:

— É por isso que devemos ter cuidado, sem mencionar nomes ou fornecer informações... Quando o Sr. Mather voltará a Nova York?

— Dentro de uma semana.

— Conversaremos com ele então.

— Mas que possível ligação...

— Esse é o problema do homicídio — interrompeu-a Manny Bechstein. — Há ligações com as pessoas mais improváveis. Obrigado por sua ajuda, madame. Já vamos embora.

— Meu cartão — disse Sam Hartog. — Caso queira fazer um contato... E antes que eu me esqueça, Manny e eu gostaríamos de ser convidados para sua inauguração.

— Enviarei os convites. Será uma festa a rigor.

— Eu aprovo. — O comentário, surpreendentemente, foi de Manny Bechstein. — Minha mãe costumava dizer: "Impõe respeito." Ela também era uma artista. Fazia gravações em cristal para Corning. Algumas de suas peças são da categoria de museu. Até mais, Srta. Loredon.

Depois que eles se retiraram, Anne-Marie deu de ombros, resignada, voltou à pilha de trabalho na mesa: contas, layouts de anúncios, o esboço de uma circular sobre o seminário de Tolentino, listas de convidados, telefonemas a serem respondidos, correspondências com pintores e seus agentes. Em algum lugar, no fundo de sua mente, uma campainha de advertência soava. Aquele vício no trabalho, a recusa em tratar de questões pessoais, a fuga compulsiva do sossego eram sintomas anormais. Nunca eliminara direito a dor e a raiva. Os enigmas de seu relacionamento com Bayard nunca haviam sido esclarecidos. Seus mortos nunca tinham sido postos em repouso de maneira apropriada. Por isso, as campainhas vagas soavam; mas ela barrou o som e desejou que Max Mather voltasse logo, a fim de partilhar o fardo da última comunicação enigmática de Hugh Loredon:

Sei que nunca fui grande coisa como pai. Nunca fui muito qualquer outra coisa além de um leiloeiro e um parceiro de cama agradável. Mesmo então sempre funcionei melhor com as mulheres que não levavam muito a sério a mim ou ao que estávamos fazendo. Agora, é tudo muito sério e muito breve para fazer qualquer outra coisa que não lhe dizer que, à minha maneira muito estranha, sempre a amei e sempre admirei o bom trabalho que está fazendo com sua vida.

E devo também lhe dizer — aceite a minha palavra — que Bayard é o homem errado para você. Ele é todo distorcido. É inteligente. Quer ser franco e simpático. Não consegue. Não há alegria nele. Madeleine não ajudava, é claro, pois também era perturbada. Ambos tinham altos e baixos, mas nunca em sincronia. Se fossem capazes de atingir a crista da mesma onda, apenas umas poucas vezes, poderiam ter conseguido.

Madi e eu tivemos alguns bons momentos, mas nunca fui um cavalo para uma longa corrida. Gostava de galopes curtos e uma rápida mudança de cenário. Com Madi, eu sei, fiquei tempo demais e muitas coisas se tornaram embaralhadas. Escrevi uma carta para a polícia que vai endireitar tudo, assim espero, e permitir que encerrem o caso e deixem você continuar sua vida.

Max Mather saberá do que estou falando. Responderá às suas perguntas. Gosto muito de Mather, mas não tenho certeza se ele é do tipo de ficar. Isso é tudo. Nunca fui muito de escrever. Assim, deixe-me apenas repetir: eu amo você. Fiz um testamento. O que quer que reste, é tudo seu. Não lamente. Beba um brinde e depois quebre o copo.

Hugh

Ela chorara amargamente na primeira vez em que lera a carta. Agora, deixava-a furiosa. Era muito irreverente, muito insincera — um desempenho de mau gosto de um ator canastrão para uma plateia pela qual ele não sentia o menor respeito. O problema era que ela, a filha, ainda não era capaz de encontrar a generosidade para perdoá-lo. O bilhete de Max Mather, escrito poucos dias depois, censurava-a gentilmente, mas com firmeza.

Hugh escapou-me ao final, porque era assim que ele tinha de enfrentar o término. Queria estar a sós com seu carrasco. Não creio que qualquer de nós negaria essa indulgência a alguém. Além disso, por mais que possamos querer às vezes, não temos o direito de possuir nossos pais. Eles sentem tanta necessidade de escapar de nós quanto nós deles... E, afinal, Hugh era um grande artista da fuga, um novo Houdini. Fique furiosa, se precisar, sorria, se puder, mas no fim, para sua própria paz, deve perdoá-lo. Espero que me perdoe também, seu substituto involuntário na última paixão de Hugh Loredon.

Com amor,

Max

Tinha sido o pedaço mais difícil e amargo de engolir. Max também estava lhe escapando. O querido, infiel e inconfiável Max, companheiro de horas despreocupadas na Toscana, transformava-se agora em algo muito diferente. Tinha propósitos próprios agora; e não mais se contentaria em ser um companheiro subalterno de Anne-Marie Loredon ou de qualquer outra mulher. Se ela quisesse mantê-lo — e ainda não tinha certeza se queria —, teria de se adiantar e agarrá-lo, antes que ele se afastasse valsando com outra mulher... como a tal Leonie Danziger, que telefonara para oferecer simpatia e parecia saber muito mais do que dissera sobre Hugh Loredon e os Bayards.

Por outro lado, ela não tinha certeza absoluta se queria alguém naquele exato momento. Havia muito o que fazer. Não estava ansiosa por sexo, embora bem que pudesse aproveitar um pouco, como um tranquilizante. A ambição parecia consumir uma grande parcela de adrenalina — e, além disso, ela sempre gostara mais do sexo quando havia riso... tal como o falecido Hugh Loredon.

Para Edmund Bayard, a retomada da investigação policial não foi uma surpresa. Ficara patente, desde o início, que a exposição das telas de Madeleine, no próprio local do crime, ressuscitaria todos os comentários e rumores. Era também evidente que a polícia precisava entrar em ação para se resguardar das críticas.

O fato de Hugh Loredon fazer uma confissão no leito de morte também não o surpreendia. O homem fora um charlatão por toda a sua vida, um conquistador, um intrometido irresponsável nas vidas de outras pessoas. O que ele escrevera — um ato de arrependimento tardio ou um testamento final de maldade — ainda teria um valor de incômodo; mas não teria força na lei, a menos que pudesse ser confirmado por outras provas, o que Bayard não julgava possível. Seu próprio álibi fora investigado e reinvestigado. Ainda resistia, sólido como uma rocha.

O que o perturbava, na nova linha de interrogatório da polícia, era a menção a papéis pertencentes a Madeleine e o fato de que não podia identificá-los. A sugestão, obviamente, era de que Max Mather os vira e pudera assim escrever de maneira tão pungente sobre a vida e a obra de Madeleine Bayard. Diante da existência de tais registros pessoais, diante da possibilidade de caírem em poder da imprensa, sua privacidade — aquele pequeno canto de sossego que ainda restava em sua vida — estava imediatamente ameaçada. Seu frágil amor-próprio poderia ser despedaçado de um só golpe; e todos os cavalos do rei e todos os homens do rei nunca poderiam reunir os pedaços.

Essa era a verdadeira ameaça, pairando como uma nuvem de furacão sobre sua cabeça. Madeleine o corneara centenas de vezes. Pior ainda, ela o fizera de idiota, um alvo do desdém de amantes e companheiros. Ele sobrevivera uma vez e chegara a um passo da salvação com Anne-Marie. Mas se isso fracassasse, se ela não correspondesse, então surgiria o horror autêntico e seu mundo assumiria a aparência de Juízo Final.

Já sofrera esse temor antes. Era um sintoma de doença depressiva que o afetara em ciclos recorrentes, ao longo da vida, mas que só fora identificada clinicamente em anos posteriores. Aprendera a controlar as oscilações frenéticas da obsessão à depressão, navegando-as como um marujo nas ondas, absorvendo o impacto nos costados, nunca na proa, descendo e subindo, mas nunca deixando o mar desmantelá-lo... Agora, no entanto, o mar se elevava em montanhas cada vez mais altas e a sanidade parecia uma embarcação mais frágil do que em qualquer outra ocasião anterior.

Se ao menos Anne-Marie cedesse a ele... Se ao menos ele pudesse romper as sebes de afeição controlada e alcançar o poço da paixão que estava além... Ela devia ter necessidades sexuais. Não podia viver eternamente como uma freira. Nem sempre se comportara assim. Max Mather era testemunha disso. O que era então? Quem era seu rival? Daria tempo a Anne-Marie até a exposição, depois deveria forçá-la a se declarar.

O que o levava de volta a Max Mather. O homem possuía todos os talentos de um patife atraente: uma instrução adequada, bom gosto cultivado à custa dos outros, um charme de deferência, com um rosto bonito e um corpo atlético ainda por cima, como bonificação. Era demais para um homem só. Era demais que ele pudesse escrever um retrato tão íntimo e acurado de Madeleine, um quadro tão trágico de seu casamento fatídico e destrutivo. Pior ainda era o fato de que não havia maldade no trabalho de Mather; contudo, por sua própria compaixão, era uma afronta... Mather podia ser cliente, amigo de Anne-Marie, um associado valioso nos negócios da galeria, mas naquele momento sombrio ele se tornava o foco para todos os temores e suspeitas que outrora haviam se concentrado em

Hugh Loredon. A razão fria dizia a Bayard que isso era uma loucura, premente e perigosa; mas dentro da nuvem de furacão não havia razão, apenas turbulência, escuridão e as sementes da destruição... A campainha do telefone levou-o de volta à realidade com um sobressalto. Ele atendeu. Um colega do grupo de compra estava na linha.

— Ed, todos receberam as transparências da Holanda... como é mesmo o nome do sujeito... Cornelis Janzoon? Todos gostaram muito. Querem saber quais são as possibilidades de organizar uma exposição sua em Nova York e quando. Se isso for possível, então é evidente que devemos comprar algumas telas agora e guardá-las.

— Sei que Max discutiu uma exposição com Janzoon. Provavelmente ainda não tratou do assunto com Anne-Marie. O pai dela morreu recentemente, como sabe... Mas deixe tudo comigo. Tomarei as providências necessárias. Se comprarmos, até quanto poderíamos ir?

— Com uma exposição... cinquenta mil. Até sessenta.

— Falarei com Anne-Marie e tornarei a ligar para você. Estamos esperando a chegada de Mather dentro de uma semana.

— Você está bem, Ed? Parece agitado.

— Tive uma péssima manhã, com um cliente difícil.

— Não permita que eles o perturbem, Ed. Você é o guru, mantenha-os ignorantes e humildes. Tenha um bom dia.

Bayard desligou e logo em seguida telefonou para Anne-Marie no estúdio. Perguntou:

— Por acaso já deu uma olhada no material de Janzoon que Max enviou de Amsterdam?

— Já, sim. Parece muito interessante.

— Bastante interessante para uma exposição?

— Ainda é muito cedo para tomar essa decisão, Ed. Precisamos ver primeiro o resultado da exposição de Madeleine. Depois, já acertamos com Oliver Swann... São dois artistas figurativos seguidos. Acho que devemos considerar uma variação para nossa terceira exposição. Temos várias opções. Eu gostaria de manter a todas em aberto. Não quero ser pressionada a respeito até consolidarmos uma posição.

— Sei disso. Acontece apenas que os membros do nosso grupo estão muito interessados em Janzoon.

— E gostariam de fazer uma pequena especulação, deixando que eu abra o mercado para eles! Não vou entrar nesse jogo, Ed. E tenho certeza de que Max também não vai.

— Ele é membro do nosso grupo.

— Mas também me representa; assim, se houver algum conflito de interesses, é melhor que seja resolvido logo!

A situação começava a escapar ao controle. Bayard tentou apaziguá-la.

— Tenho certeza de que não há nenhum. Max agiu da maneira apropriada. Enviou recomendações. Cabe ao grupo decidir o que quer comprar... e cabe a você decidir o que quer expor.

— É bom que todo mundo conheça as regras!

— Estou certo de que todos conhecem. Posso lhe oferecer um almoço? Ou jantar?

— Eu adoraria... se você quiser esperar até o fim da semana. Estou afogada em trabalho neste momento.

— Por que não contrata alguém para ajudá-la?

— Porque estou tentando manter tudo em ordem e no prazo, e posso fazê-lo mais barato e mais depressa pessoalmente... Outra coisa: recebi hoje uma visita da polícia.

— E o que eles queriam?

— Comentários sobre uma carta que meu pai lhes escreveu antes de morrer.

— Propuseram mostrar-lhe a carta?

— Não.

— Então espero que tenha se recusado a fazer qualquer comentário.

— Mais ou menos... Perguntaram quando Max voltaria.

— Deixe-me repetir o conselho: não permita que eles a induzam a comentários ou especulações sobre um material que não estão dispostos a mostrar.

— Farei o que sugere. Ligue-me na sexta-feira, no início da manhã.

— Aguai darei ansioso. Teve notícias de Max?

— Apenas uma mensagem comprida sobre Niccolò Tolentino, com a relação dos doze temas de suas conferências. É outra coisa que preciso começar a promover. Max deve chegar na tarde de domingo, procedente de Paris, pela Air France. Será um prazer tornar a vê-lo.

— Um grande prazer — murmurou Bayard. — Muito grande.

Era o final do dia em Zurique. Niccolò Tolentino fora abraçado, encorajado, documentado, provido de recursos para a viagem, jurado silêncio e despachado de volta a Florença, num voo da tarde. Max Mather e Alois Liepert conferenciavam sobre os próximos passos na estratégia de Rafael. A recomendação de Liepert foi objetiva e enfática.

— Precisamos agora de um período de espera... um tempo de esfriamento. Você sabe que está com os originais. Pode apresentá-los a qualquer momento. Palombini não precisa cumprir seus compromissos antes do fim de junho. Os

artigos já foram publicados. A curiosidade, e consequentemente o valor de mercado, aumentará. Portanto, Max, fique de braços cruzados. Controle sua alma com paciência. Precisa voltar aos Estados Unidos. Pois então vá! Deixe-me uma procuração e poderei fazer qualquer coisa que for necessária. A companhia funciona por procuração e assim pode haver atos legais sem você... Se pretende ser um bom negociante, Max, deve aprender uma lição: paciência. Não é... como a história prova... um homem muito paciente.

— Concordo, Alois. Que assim seja. Parto para Nova York. Você fica no comando aqui. Mas o que vou fazer em relação a Gisela?

— Perdoe-me, meu amigo, mas está se precipitando nisso também. Gisela é uma suíça, muito inteligente, muito moderna, mas também muito tradicional. Este ainda é o país da Reforma. Calvino e Zwinglio ainda andam pelas montanhas. Gisela ama você. Aprova uma vida sexual ativa entre namorados, mas qualquer insinuação de interferência de negócios e ela fica eriçada. Agora que temos o nosso contrato, posso cuidar da situação Palombini. Já cuidei de situações muito piores com outros clientes. Como advogada, Gisela também pode cuidar do problema... afinal, foi ela quem arquitetou tudo. Mas outro dia ela deixou escapar um comentário que me deu o que pensar. Ela disse: "Num casamento é preciso compatibilidade de consciência."

— Entendi o recado. — Mather deu de ombros, pesaroso. — Acho que é isso o que estou tentando fazer agora... encontrar uma maneira de pagar as dívidas... financeiras e emocionais... sem ir à falência e sem arruinar a reputação que começo a adquirir.

Liepert balançou a cabeça em concordância, com uma expressão solene.

— Aprovo isso. Há poucos absolutos nas coisas humanas... e a lei é muitas vezes um asno zurrando.

— Concordo plenamente! — Gisela entrou na sala, as faces afogueadas pelo vento na caminhada desde a universidade. Beijou os dois e depois arriou numa cadeira. — O que você tem para beber, Alois?

— O que houver no armário. Sirva-se à vontade. Voltarei assim que terminar de assinar a correspondência e...

O telefone tocou. Liepert atendeu, escutou por um momento e depois estendeu o fone para Mather.

— América na linha para você.

Sem pensar, Mather apertou o botão de conferência. A voz distorcida de Leonie Danziger ressoou pela sala.

— Max, sou eu, Danny. A polícia está aqui. Veio me prender pelo assassinato de Madi Bayard. Este é o único telefonema que posso dar. Ajude-me, por favor!

_ Claro que ajudarei. Agora, fique calma e responda de maneira objetiva.

Eles leram os seus direitos?

— Leram.

— Pois apegue-se a eles. Fique em silêncio. Não diga nada até eu lhe arrumar um advogado. Entendido?

— Entendido.

— Carol está com você?

— Não. Foi a uma aula.

— Pergunte ao agente que efetuou a prisão se pode deixar um bilhete para ela, apenas explicando o que aconteceu. Avise a ela para esperar uma ligação minha. Partirei daqui assim que puder conseguir um voo. Veremos se é possível soltá-la sob fiança. Qual é a acusação exata?

— Homicídio doloso.

— Oh, Deus! Não é possível! Pergunte ao agente se pode falar comigo, por favor.

Houve uma curta pausa, um murmúrio de conversa ininteligível, e depois uma voz neutra disse:

— Sam Hartog falando. Quem está aí?

— Max Mather. A acusação é a que a Srta. Danziger informa?

— Lamento, mas é, sim. Homicídio doloso.

— Falarei com um advogado para defendê-la.

— É a melhor coisa.

— Naturalmente, ele vai pedir uma fiança.

— Naturalmente... Quando espera voltar, Sr. Mather?

— Amanhã... no dia seguinte, assim que conseguir arrumar um voo.

— Gostaríamos de lhe falar assim que chegar.

— O desejo é mútuo; dê-me um telefone... Obrigado, Para onde estão levando a Srta. Danziger agora?

— Para a delegacia. Quanto mais cedo entrar em contato com seu advogado, melhor. Gostaria de falar mais alguma coisa com ela?

— Por favor... Está tudo sob controle, Danny. Terei um advogado para você dentro de uma hora. E muito em breve estarei aí com você. Coragem!

— Oh, Max, como posso agradecer?

— Aguente firme. Estarei com você assim que puder. Até lá.

— Estou impressionada — disse Gisela Mundt: — *Sir* Galahad, no mesmo instante a serviço de uma donzela em perigo. Pode nos explicar o que está acontecendo?

— Claro. Mas agora fiquem calados e deixem-me tomar as providências necessárias.

Ele já estava discando para o escritório de Ed Bayard. A secretária informou

que Bayard estava numa reunião com um cliente e não podia ser interrompido.

— Mas interrompa, por favor! Diga-lhe que é Max Mather, ligando de Zurique, numa emergência!

Bayard acabou atendendo, brusco e irritado.

— Que emergência é essa?

Mather explicou. Bayard ouviu em silêncio.

— ...Assim, preciso agora de um bom advogado!

— Não posso ajudá-lo, Max. Este não é um escritório de advocacia criminal.

— Que diabo de resposta é essa?

— A prudente. — Bayard estava frio. — A vítima era minha esposa. Não acha que pareceria sensato e necessário me manter a alguma distância da acusada?

— Mantenha a distância que quiser. Só quero que me dê um telefone. Cuidarei do resto quando voltar a Nova York...

— Espere um momento.

Mather esperou três longos minutos antes que uma secretária entrasse na linha com a informação.

— O nome que solicita, senhor, é George Munsel. O código é 212, o número é 735, 4141. Anotou?

— Anotei.

Mather bateu o telefone.

— Posso ajudar? — perguntou Gisela Mundt.

— Ainda não. Basta nos servir um drinque.

Ele discou o número de Manhattan e foi ligado com uma voz fria e refinada de um homem que se identificou como George Munsel. Mather lançou-se direto num relato sumário das circunstâncias e necessidades de Danny Danziger. Munsel perguntou:

— E como me descobriu?

— Falei com Ed Bayard, que é meu advogado. Ele de repente alegou prudência e conflito de interesses. Dei-lhe um esporro. A secretária entrou na linha pouco depois e me deu o seu número. Devo ressaltar o fato de que ele não o recomendou.

Munsel riu, um som relaxado. E perguntou:

— Quem está pagando a conta?

— Eu. Receberá um cheque assim que eu chegar a Nova York.

— Fiança?

— Ela tem um emprego firme e bem remunerado, apartamento próprio. Não posso imaginá-la como uma fugitiva.

— O quanto sabe sobre o crime?

— Não estive envolvido, se é isso o que quer saber. Passei todo o ano passado e o ano anterior fora do país. Mas por causa de minha ligação com Anne-Marie Loredon e seu falecido pai, fui arrastado para a confusão. Além disso, estou com os documentos particulares de Madeleine Bayard.

— Onde estão?

— Aqui em Zurique.

— Deixe-os aí. Traga um jogo de cópias autenticadas em cartório. Repito, autenticadas.

— Entendido. Posso presumir que isso significa que aceita o caso?

— Primeiro tenho de conversar com a Srta. Danziger. E é melhor eu me pôr a caminho agora. Procure-me assim que chegar a Manhattan.

— Está certo. E obrigado!

Gisela entregou-lhe um copo com uma boa dose de uísque. A ligação seguinte de Mather foi para Anne-Marie Loredon, na galeria. Ela acabara de ouvir a notícia pelo rádio. Estava quase incoerente com o choque.

— ...Isso é terrível para nós, Max. A inauguração daqui a três semanas e agora essa tremenda confusão! Preciso de você aqui. Não serei capaz de enfrentar tudo sozinha.

— Estarei aí amanhã. Controle-se. Não nos intimidamos diante da ameaça, tratamos de explorá-la. Assim que eu chegar, marcaremos uma reunião com o pessoal de publicidade e relações públicas... Teve notícias de Bayard?

— Não. E você?

— Falei com ele. Pedi que me arrumasse um advogado para Danny Danziger. Ele se esquivou. Pode lhe dizer, da minha parte, que não passa de um merda.

— Isso não é justo, Max. A mulher é acusada de assassinar sua esposa. Como espera que ele providencie a defesa?

— Não vamos discutir, amor. Há coisa pior para vir. Precisamos nos manter unidos. Ligarei para você assim que chegar. Tomaremos uns drinques e faremos um conselho de guerra no meu apartamento.

— O que devo dizer à imprensa?

— Que está surpresa. Chocada. Não pode acreditar. Espera que se faça justiça... e há um estranho eco de drama grego que eles também perceberão quando virem a exposição... que sem dúvida será inaugurada na data prevista... Anote tudo isso antes de esquecer. Até mais!

— E outra mulher abalada recupera o ânimo pela presença deste jovem cavaleiro! — Gisela Mundt acompanhou o comentário com gestos operísticos. — Já são duas, até agora. Quantas mais?

Apesar da aflição, Mather não pôde deixar de rir.

— Talvez eu tenha de recorrer a uma das minhas viúvas ricas para levantar o dinheiro da fiança. Se ela não quiser, então terei de recorrer ao meu livro negro... Mas, falando sério, a situação é bastante macabra. Essa é a história que Hugh Loredon me contou em Amsterdam. Chamei-o de mentiroso. Mas é evidente que a carta que ele escreveu deve dizer que Danny Danziger é a assassina. Por quê? Por que um homem mentiria quando está enfrentando a morte inevitável?

— Porque não há ocasião mais oportuna — disse Gisela Mundt. — Pode escapar impune com qualquer coisa... E agora vamos ligar para a Swissair e descobrir que voos eles têm disponíveis para Nova York.

Restava um lugar no voo das onze horas da manhã para o aeroporto Kennedy, o que deixava a Mather apenas a tarde para ir ao banco e sacar dinheiro, providenciar documentos e as fotostáticas. Ele pediu um carro para as oito e quinze da manhã e mandou que a Swissair lhe reservasse uma limusine em Kennedy. Faltava só mais um telefonema antes que pudessem deixar o escritório de Liepert. Mather insistiu em ligar para Berchmans em Paris. A reação do velho foi moderada.

— Acha que foi mesmo ela?

— Tenho certeza de que não foi.

— Pode provar?

— Espero que sim... Devo lhe dizer uma coisa: estou levando cópias dos documentos e cadernos de desenhos de Madeleine. Posso ser intimado a apresentá-los como provas. Você aparece, embora não de maneira muito evidente ou escandalosa.

— Não há possibilidade de me tirar?

— Infelizmente, não. Para ser franco, o máximo que os meios de comunicação podem fazer é escarnecer.

— Posso confiar em seu julgamento a respeito, Sr. Mather?

— Tem de confiar. Não há outro jeito.

— Está certo. Viajarei para Nova York em breve. Ligue para o meu escritório lá e lhe informarão a data exata. Devemos nos encontrar de novo. Providenciarei para que os dois Rafaéis brasileiros sejam remetidos sob caução para uma inspeção. Gostaria que os visse junto comigo.

— Obrigado. Até lá, espero ter mais notícias sobre os originais.

— Os quais, é claro, devem ser autenticados.

— Sem dúvida.

— Precisamos conversar sobre a maneira como podem entrar no mercado.

— Isso também.

— E agora eu lhe devo um conselho. Tome cuidado com Seldes. Ele não gosta de você. Tem inveja. Pode ser perigoso.

— Obrigado por me informar.
— Uma mão lava a outra — disse Berchmans, desligando em seguida.

14

George Munsel, advogado de defesa de Leonie Danziger, foi uma surpresa e tanto. Tinha l,90m de altura, magro como um bambu, mãos enormes, pés enormes, um rosto escandinavo anguloso, cabeleira branca e um sorriso de inocência infantil. O maior problema de sua vida parecia ser o de se acomodar à escala dos mortais comuns. Abaixava-se para passar por uma porta; andava de lado junto dos móveis; esparramava-se numa cadeira; inclinava-se para escutar as pessoas. Mather teve a impressão de algum antigo sábio nórdico encurvado em compaixão pelas pessoas comuns. No pequeno apartamento de Max Mather, ele estendeu as pernas por baixo da mesa de jantar, espalhou suas anotações e um bloco, apresentou seu relatório numa voz profunda de barítono.

— Um rápido resumo. A cliente me aceita, eu a aceito. Preciso de um sinal inicial de dez mil dólares... Ainda não temos a revelação das provas, mas o gabinete do promotor deve estar muito confiante numa condenação por homicídio doloso. Ela nega a acusação de homicídio, mas admite envolvimentos e circunstâncias agravantes: uma associação lésbica com a vítima, brigas, uma visita ao estúdio no dia do crime, um telefonema para Hugh Loredon... Meu palpite é de que vão nos oferecer a possibilidade de reconhecimento de culpa e uma sentença mais branda. Meu instinto é para recusar, solicitar uma fiança razoável e lutar.

— A fiança — repetiu Mather. — Quanto seria?

— Ainda é muito cedo para saber e não é sua responsabilidade levantá-la.

— Quero ajudar, se puder.

— Porque ela edita seus textos?

— Porque ela é uma editora excepcional... e eu lhe devo por isso.

— É um ponto de vista dos mais interessantes. A mulher é, por sua própria confissão, uma lésbica.

— Isso é irrelevante — protestou Mather. — O que temos em seguida?

— O que temos em seguida é a sua história, Sr. Mather.

Max Mather contou, com calma, sem qualquer acréscimo, admirando-se enquanto o fazia pela profundidade com que se envolvera — e em tão pouco tempo — nas vidas de todas aquelas pessoas. Munsel escutou, na maior parte do tempo em silêncio, interrompendo apenas para esclarecer um elemento na história ou obter tempo para registrar alguma coisa... Depois, ele fez Mather repetir, duas vezes, cada detalhe de seus encontros e conversas com Hugh

Loredon, desde o primeiro almoço no apartamento, até o aperto de mão de despedida em Amsterdam.

Em seguida ele concentrou sua atenção na carta que Danny Danziger escrevera para Mather e nas fotografias sobre a investigação policial. Seu comentário definia o desconforto que Mather sentira, mas não fora capaz de explicar, ao examinar o material na primeira vez.

— Isso me perturba — disse Munsel. — Ela escreve com uma isenção total, como se estivesse apenas transmitindo informações de outros. A única concessão está na frase "muitos de nós estão envolvidos"... e assim por diante. Em suma, a carta é, na essência, uma falsidade.

— Também me incomodou quando a li — disse Mather. — Mas não sabia na ocasião o que sei agora. Se lesse os diários de Madeleine Bayard, veria um possível motivo para a mentira... Não tenha pressa. Vou preparar um drinque. O que prefere?

— Vodca com tônica, por favor.

Munsel já estava absorvido na leitura. Mather serviu o drinque, depois foi para o quarto e ligou para Anne-Marie. A conversa foi breve. Ela ficou feliz por seu retorno. Iria encontrá-lo para o jantar às oito horas. E ele poderia fazer a gentileza de ligar para Ed Bayard, em casa? Para quê? Ed estava arrependido de seu comportamento. Gostaria de se desculpar e reatar a amizade... Pelo principio de que amigos como Bayard eram melhores do que inimigos, Mather concordou em fazer a ligação, na manhã seguinte. Telefonou para Harmon Seldes e ficou surpreso ao ter uma recepção efusiva.

— Meu caro Max! Que prazer tê-lo de volta! Santo Deus! A ocasião não poderia ser melhor... publicamos a sua matéria sobre Bayard, prenderam Danny Danziger... Um equívoco terrível, é claro. Só pode ser. Todos estamos torcendo por ela.

— Nesse caso, tenho certeza que ajudaria se apoiasse a solicitação de fiança.

— Como posso fazer isso?

— Compareça ao tribunal. Prepare-se para testemunhar que ela tem um trabalho permanente, é de grande valor para a revista... esse tipo de coisa. Seria ótimo também para o moral do pessoal, Harmon.

— Verei o que posso fazer... E agora me fale sobre os Rafaéis. Berchmans diz que você está fazendo o maior progresso... e ainda por cima, sua velha raposa, tornou a se ligar com os Palombini.

— Pediram-me para representá-los. Eu seria grosseiro se recusasse.

— Claro. Quando vamos nos encontrar?

— A denúncia não vai demorar. Conversaremos logo depois. Tenho uma sugestão para uma sequência na história dos Rafaéis.

— Devemos conversar sobre isso o mais depressa possível. E pode deixar que farei o que puder para apoiar a solicitação de fiança. Estou ansioso em saber o que você pode dizer sobre os Rafaéis. Sei que andou conversando com Berchmans, mas ele fornece as informações como se fosse dinheiro... Nós dois precisamos encontrar um tempo para uma conversa. É muito importante. E mais uma vez... seja bem-vindo de volta!

George Munsel ainda estava absorvido nos manuscritos e cadernos de desenhos de Madeleine Bayard. Levantou os olhos quando Mather voltou à sala e perguntou abruptamente:

— Por que Hugh Loredon lhe entregou este material?

— Nunca pude entender. Creio que ele o considerava como uma arma contra Bayard. Depois que o examinei, senti-me propenso a concordar.

— Por que ficou com tudo? Por que não devolveu?

— Ele me disse para guardar.

— Deu algum motivo para isso?

— Deu. Ele disse: "Para a polícia, são provas; para você, é uma arca do tesouro." O que, tendo em vista as circunstâncias, é verdade.

George Munsel exibiu seu sorriso inocente.

— Mas por que ele entregou a você e não à filha?

— Porque sabia que eu e a filha tínhamos sido amantes. Ele sempre me considerou como uma espécie de protetor.

— A polícia vai lhe fazer outra pergunta.

— Qual?

— Sr. Mather, compreende o significado de omissão criminosa?

— Compreendo. Significa ocultar o conhecimento de um crime.

— O que dirá à polícia?

— Os diários e cartas de Madeleine Bayard não fazem qualquer referência a um crime... apenas às loucuras de seus amigos e íntimos.

— O que, obviamente, poderia ser relevante para o crime que ocorreu.

— Mas eu não sou e não era competente para julgar essa relevância.

— Mas Hugh Loredon obviamente pensou que era.

— É mesmo? Como isso seria provado?

— Boa pergunta, Sr. Mather. Como interpretou a intenção de Hugh Loredon?

— Não pude interpretar, com qualquer certeza. Meu palpite é de que ele queria proteger a filha de aflição e escândalo depois de sua morte. Pode também ter desejado enriquecê-la, com uma documentação valiosa sobre Madeleine Bayard... mas não podia fazer isso diretamente sem envolvê-la no ocultamento de provas... Por isso recorreu a mim, confiante que eu protegeria os interesses de Anne-Marie...

— Bem que eu poderia tomar outra vodca — disse George Munsel. — Mas desta vez suspenda a tônica.

— Está bem.

— E agora permita-me fazer uma pequena sugestão. Vamos supor... apenas supor... que Hugh Loredon estivesse empenhado num último jogo insidioso.

— Com que objetivo?

— Destruir o homem que mais temia e odiava. Edmund Bayard.

— E para fazer isso ele incrimina uma mulher inocente, com uma história inventada? É um absurdo!

— Não tão absurdo. Observe o que acontece depois da denúncia. A promotoria tem uma confissão autenticada, que é também uma acusação. O acusador está morto e não pode ser questionado. Na ausência de qualquer outra prova... e meu pressentimento é de que eles podem ter alguma coisa, mas não o suficiente... ficam numa situação muito difícil. Especialmente quando eu apresentar um documento de refutação tão forte quanto este material que tenho nas mãos.

— Mas isso tudo é prova antes do fato.

— Exceto para o homem que vai interpretar.

— E quem será?

— Você!

— Não entendo onde está querendo chegar.

— É o que se pode chamar de um *scholar*, Sr. Mather. Investiguei-o. Li as suas duas matérias para Belvedere, indicadas por Danny Danziger. Sua disciplina não é as belas-artes, mas sim a paleografia, o estudo de manuscritos antigos e modernos. Esse estudo, de acordo com a minha enciclopédia, consiste na interpretação correta de escritos do passado, o exame de manuscritos à luz das evidências internas (a saber, o conteúdo) e evidências externas, proporcionadas por outros documentos disponíveis.. Tá estudou várias vezes os manuscritos de Madeleine Bayard. Já produziu um artigo comovente e esclarecedor... Quero que estude de novo o mesmo material, como um paleógrafo, procurando por evidências internas e externas sobre a vida e morte de Madeleine Bayard. Se meu palpite for correto, poderia convertê-lo na principal testemunha da defesa.

Mather estava aturdido.

— Compreende o que está me pedindo? Não é um mero jogo. A liberdade de uma mulher dependerá disso... não apenas da minha competência, mas também dos caprichos da mente de uma morta, as fantasias que ela projetou para divertir, chocar ou confundir... Não posso sequer tentar algo assim!

— Nem mesmo se eu lhe der alguma orientação?

— Não vejo como poderia.

— Pois então experimente isto. — Ele folheou o diário até as duas últimas páginas. — Este é o início do registro no último dia de vida de Madeleine... “O frio é terrível. O estúdio parece um túmulo. Ligo todos os aquecedores. Mesmo assim, meus dedos não ficam sob controle absoluto, como deveria acontecer para este trabalho de escriba. Contudo, o velho hábito determina que tem de ser feito, a esta hora e desta maneira, caso contrário o resto do meu dia jamais correrá facilmente.”... Interprete isso para mim, Sr. Mather. Faça o melhor que puder. A nata da nata, por assim dizer.

— Bom... — Mather estudou as frases três vezes antes de começar a responder. — “Este trabalho de escriba”... é justamente isso. Para os diários, ela usa uma caligrafia muito formal e regular, baseada num antigo estilo gótico francês, chamado *écriture financière*. A forma é chamada de *ronde* ou arredondada; e por ser assim, arredondada, aprumada e firme na descida, é mais lenta de escrever e exige muito mais cuidado do que a escrita cursiva ou corrida... “A esta hora e desta maneira, caso contrário o resto do meu dia”... Isso me diz que ela usava o diário como uma espécie de exercício de aquecimento para desenhar e pintar. Além disso, conhecendo alguma coisa dos seus antecedentes domésticos, eu diria que provavelmente constituía um ato de libertação e descarga, depois de uma noite de tensões conjugais... Há uma insinuação de superstição... “o ritual deve ser cumprido, caso contrário o dia sai errado”; “O estúdio parece um túmulo”... Como era, afinal, o aquecimento? Certamente não era central...

— Bravo! — George Munsel interrompeu-o com um acesso de aplauso solitário. — Excelente! Era exatamente disso que eu falava. Não quer tentar? Poderíamos nos encontrar todos os dias ou de dois em dois dias e discutir o que está descobrindo...

— Vale a pena tentar... Mas o que devo dizer à polícia quando me interrogarem?

— Só mais uma pergunta, antes de responder a isso. Onde estão os originais destes escritos e desenhos?

— No cofre de um banco na Suíça.

— Quem os possui?

— A companhia à qual os entreguei... Artifax S.P.A.

— E se a polícia pedir para vê-los?

— Terei o maior prazer em colocá-la em contato com o advogado que representa a companhia.

— Ótimo. E como estarei sentado ao seu lado na entrevista, observe as minhas deixas. Também ligarei para a polícia e combinarei a data e o local. Estará disponível, mas muito difícil de isolar.

— Quando posso ver Danny?

— Com alguma sorte, ela será solta sob fiança depois da denúncia amanhã. Se não, providenciarei para que a veja imediatamente depois. Contudo, depois de ler o material e ouvir o que você tem a dizer, creio que a fiança será fixada em termos razoáveis. Ela dispõe de bens suficientes para fazer um acordo com um fiador profissional. Prefiro que você não fique onerado ou ligado demais a ela. Preciso de você como testemunha técnica, que é como pretendo apresentá-lo no julgamento.

— Deve compreender que meu testemunho vai afetar várias outras pessoas: Ed Bayard, principalmente, e Anne-Marie, por causa do pai, para não mencionar todos os homens e mulheres que aparecem nos diários e desenhos.

— Vamos analisá-los em ordem. Ed Bayard? Ele tem de aceitar o que for servido. Não o estamos perseguindo, mas defendendo uma cliente. Anne-Marie Loredon? É uma situação difícil. O pai certamente ficará desacreditado. Eia pode perder os benefícios do seguro se a companhia decidir que a morte de Loredon pode ser considerada um suicídio. Sei que não será fácil, mas não podemos esquecer que ela está livre, enquanto nossa cliente se encontra na cadeia e ainda terá de enfrentar um julgamento. O resto... O problema é deles, não é mesmo? Um dos problemas do circuito dos promíscuos... pondo de lado a AIDS, herpes, gonorreia e sífilis... é que a pessoa fica presa num emaranhado de outras vidas e nunca sabe quem ou o que vai bater em sua porta. Neste caso, será um homenzinho com uma intimação para um dia divertido no tribunal... Mais alguma pergunta?

— O que lhe deu a ideia de me usar como testemunha técnica?

— A matéria que escreveu para Belvedere.., e a avaliação que Leonie Danziger fez dos seus talentos.

— E qual é a sua avaliação dela?

— Não tenho certeza se já cheguei a alguma conclusão. Ela é inteligente, instruída, apaixonada e afetuosa, o que não é a mesma coisa. É muito independente, mas também precisa desesperadamente de alguém de quem depender. É capaz de ligações profundas... já se sente assim em relação a você, apesar de suas preferências lésbicas... e na minha opinião seria capaz também de homicídio. Mas também todos nós seríamos, diante da provocação certa. Em suma, é um caráter extremamente complexo, ainda não plenamente formado em minha mente, e não pretendo levá-la ao banco das testemunhas... E agora, Sr. Mather, gostaria que me dissesse como se sente em relação a ela.

Mather explicou, cansado:

— Harmon Seldes indicou Danny como minha editora. Também me disse que ela era metida a besta e tinha preferências sexuais insólitas.

— E era verdade?

— Era.

— Como pôde confirmar?

— Ela me contou.

— E que mais?

— Mais nada. Continuamos a trabalhar juntos. Ela é uma editora de primeira classe. Ajudou-me muito. Não posso abandoná-la agora.

— E no caso de ela ser considerada culpada? Pode muito bem acontecer.

— O que espera que eu diga?... Lá se vai Max Mather, com a graça de Deus?

— Vai se dar bem — declarou George Munsel. — Eu o verei às dez horas da manhã, no Tribunal N? 3. Obrigado pelo drinque.

Ele recolheu seus papéis, desenrolou o corpo comprido e magro e saiu da sala andando de lado. Eram seis e meia. Mather dispunha de uma hora e meia para arrumar as provisões e preparar um jantar antes da chegada de Anne-Marie.

O encontro prometia ser muito difícil. Ele não tencionava conduzi-lo em público. Para Anne-Marie, tudo o que ela possuía se encontrava em jogo: o nome da família, herança, carreira, negócios e a relação pessoal com Ed Bayard. Para ele, as questões eram igualmente importantes. Sua própria carreira estava sendo reconstruída com base nos Rafaéis e na representação de uma galeria respeitável de Nova York. A prisão e julgamento de Danny Danziger era como o primeiro rumor de um terremoto que poderia destruir todos os seus projetos tão cuidadosos.

Como um terremoto, o crime produzia efeitos fortuitos extraordinários. O assassinato de Madeleine Bayard estava mudando as vidas de pessoas em Florença, Zurique, Paris, Rio e Nova York. O caso dos Rafaéis assumia uma nova dimensão no contexto de um tribunal de Nova York. Suas relações casuais com Anne-Marie agora afetavam sua crescente afeição por Gisela Mundt. Ed Bayard, a quem ele escolhera como seu advogado, tornara-se subitamente hostil e agora, também de repente, solicitava uma trégua. George Munsel era um novo agente catalisador, desencadeando todos os tipos de reações químicas para fazer a defesa de sua cliente. E o próprio Max Mather virara um homem instável, um autêntico camaleão, mudando de cor, alterando a configuração de sua presença para se fundir com mais perfeição no ambiente e proteger-se dos predadores que pairavam sempre sobre o local de uma catástrofe.

As compras concluídas, ele voltou ao apartamento, arrumou a mesa e começou a aprontar os ingredientes na cozinha. Era um recurso deliberado para se manter ocupado durante os gambitos iniciais com Anne-Marie. A última cena que desejava representar era uma confrontação de interesses ou opiniões. Além do mais, queria transmitir ecos reconfortantes de Florença, quando ele servia os

coquetéis no terraço e depois assumia a cozinha do apartamento de Anne-Marie e preparava o jantar. Um pouco de nostalgia agora poderia atenuar o clima turbulento da noite. As verdades cruas da situação poderiam parecer um pouco mais confortáveis no clima florentino... Todos os preparativos meticulosos ruíram quando Anne-Marie apareceu com Ed Bayard a reboque. Mather ficou furioso, mas conseguiu controlar sua raiva para uma polidez fria.

— Lamento, Ed, mas será só um drinque; depois o expulsarei, pois Anne-Marie e eu temos negócios a discutir e ainda tenho de enfrentar amanhã a denúncia e uma entrevista com a polícia.

Bayard ficou visivelmente embaraçado.

— Eu não queria me intrometer, Max. Anne-Marie insistiu. Quero me desculpar pelo meu comportamento quando você telefonou de Zurique. Fui apanhado no pior momento... uma reunião difícil, a notícia chocante, sua suposição de que eu poderia tirar um advogado de defesa da cartola... Seja como for, lamento que tenha acontecido. Se houver alguma coisa que eu possa fazer...

— Obrigado, mas não há. George Munsel parece ser um advogado brilhante.

— Não fui eu quem o escolheu. Foi minha secretária.

— Então ligarei para ela e agradecerei.

— Ela ficaria feliz.

Houve uma pausa constrangida. Depois, gaguejando, Anne-Marie fez um pedido:

— Max... Ed gostaria de dar uma olhada no material que meu pai lhe deu.

— Lamento, mas é impossível. Não está comigo.

— E onde está?

— Na Suíça.

— Max, detesto insistir — disse Bayard, fazendo um esforço para ser polido —, mas os documentos de minha esposa são parte de seu espólio, do qual sou o executor. Devo pedir que me sejam devolvidos.

— Tenho duas respostas para isso, Ed. Primeiro, Hugh Loredon alegou que lhe foram dados por Madeleine. Se isso é verdade, ele tinha o direito de entregá-los a quem desejasse... neste caso, a mim. Qualquer outra alegação teria de ser provada no tribunal. Segunda resposta: em sua própria casa, sugeri que poderia haver um material assim em algum lugar e você deveria cogitar de sua compra. E você disse, se me lembro corretamente: "Não serei o comprador de jeito nenhum!" Eu lhe disse então que poderia adquiri-los por conta própria... Lembra dessa conversa?

— Lembro agora. Tinha esquecido. Portanto, para todos os efeitos, você alega que o material de Madeleine é agora propriedade sua.

— Não é mais. Saiu das minhas mãos. Se desejar, posso colocá-lo em

contato com os advogados que representam os atuais proprietários.

— Não será necessário. É evidente que você examinou os documentos, caso contrário nunca poderia escrever aquele retrato de Madeleine para *Belvedere*.

— Tem razão, estudei-os mesmo.

— E o que... que espécie de projeção eles fazem de mim e de nosso casamento?

— É muito íntimo... íntimo e, não posso deixar de acrescentar, prejudicial.

— Você ou os atuais proprietários têm a intenção de publicá-los?

— Eu não tenho. Os atuais proprietários podem ter, mas não creio que o façam. Acho, no entanto, que é bem provável que sejam requisitados como prova pela defesa. George Munsel já discutiu essa possibilidade comigo.

— Viu ou sabe o que Hugh Loredon escreveu à polícia?

— Não vi. Sei apenas o que ele me disse em Amsterdam; e isso só quero revelar a Anne-Marie.

— Quero que ele ouça tudo, Max! — interveio Anne-Marie. — Ele tem o direito. Será afetado por tudo o que acontecer daqui por diante. Estou vendendo os quadros da esposa dele. Represento sua coleção. O testemunho de meu pai interfere em sua vida... E os documentos de Madeleine foram entregues a você.

— *A mim*! Exatamente! — Max Mather tornou-se subitamente hostil. — Portanto, cabe *a mim* decidir a quem devo contar. Não reconheço Ed Bayard nessa transação... apenas você. E o que dirá a ele depois é da sua conta.

— Está sendo tolo e obstinado.

— Não, minha cara! — Era Bayard outra vez, controlado e cortês. — Max está sendo perfeitamente razoável. Foi um erro a minha vinda. Eu lhe telefonarei pela manhã, na galeria. — Ele largou o copo e encaminhou-se para a porta. — Devo dizer, Max, que você mudou desde a primeira vez em que nos encontramos.

— Tem sido um processo doloroso. — O sorriso de Mather não tinha quase humor. — Sou do tipo que tem um desenvolvimento tardio.

A porta mal se fechara à saída do convidado indesejável quando Mather perdeu o controle e virou-se bruscamente para Anne-Marie.

— O que você estava tentando, trazendo-o aqui sem aviso, sem a minha permissão? Esta é a minha casa, pelo amor de Deus! Você é uma convidada. Uma amiga que tento ajudar... Bayard é problema difícil. Você pode estar presa a ele, mas eu quero mantê-lo a distância.

— Ele queria apenas se desculpar...

— Nada disso! Queria saber o que descobri em Amsterdam, o que há nos documentos de Madeleine, em que tipo de confusão se encontra... Não há a menor possibilidade! Ele fixou as regras quando se recusou a levantar um dedo

para me ajudar a encontrar um advogado para Leonie Danziger... Queria manter uma posição distante. Pois é o que conseguiu... E, agora, você poderia nos preparar um drinque, enquanto eu providencio o jantar.

— Não quero jantar. Quero conversar com você.

— Pois então comerei sozinho. Pode falar enquanto cozinho.

— Max, a situação é séria demais para brigarmos.

— Tem toda razão. É morte e desastre. Então por que trouxe Ed Bayard para a minha sala? Só para agravá-la?

— Desculpe. Apenas me pareceu natural e útil na ocasião. Por favor, Max, não me censure mais. Não pode imaginar como tem sido, com Hugh morto e você ausente, todo o peso de tudo a me sufocar... Hoje, por exemplo. Tudo parecia estar correndo bem. Eu já tinha feito uma porção de coisas... seu material de Tolentino foi despachado, os convites para a inauguração expedidos. E achei que me saí muito bem com a imprensa. Resolvi dar uma volta pelo prédio, de alto a baixo... Ficou ótimo, Max. Os operários fizeram um bom trabalho, um trabalho limpo. Seu apartamento está uma beleza... E foi quando eu estava lá que o horror me atingiu. Foi lá que tudo aconteceu... O lugar pareceu mudar diante de meus olhos. Era como se Madeleine estivesse ali, me agarrando, tentando me dizer alguma coisa. Entrei em pânico. Desci a escada correndo e liguei para Ed. Ele prometeu que iria imediatamente. Fui para o Negronis e fiquei esperando. Circulamos por todo o prédio e tudo parecia normal outra vez... Assim, quando ele sugeriu me acompanhar até aqui para falar com você, pareceu a coisa mais natural do mundo... Estou cansada, Max. Apavorada com tudo. Poderia me vender a Ponte do Brooklyn se me falasse gentilmente.

— Está bem, está bem... Prepare os drinques. Sente-se neste banco e me faça companhia... Terei uma conversa doce e terna...

O que não foi uma promessa fácil de cumprir, quando a primeira pergunta de Anne-Marie foi básica e brutal:

— Como meu pai morreu?

— Ele tinha câncer terminal. Não podia enfrentar um final doloroso. Optou por uma morte misericordiosa numa clínica holandesa. Ofereci-me para ficar a seu lado. Ele preferia ficar a sós com o médico holandês que providenciou tudo.

— Como foi feito?

— Uma injeção.

— Posso compreender por que ele não me queria lá... O que ele escreveu para a polícia?

— Não sei. Tenho a impressão que deve ser muito parecido com a história que me contou.

— Preciso saber, Max.

— Deve ser paciente, enquanto explico os antecedentes, o tipo de vida que Madi levava, o mundo particular que criou em seu estúdio...

Mather trabalhava enquanto falava. Os processos mecânicos de preparação, lavar, cortar, misturar, proporcionavam uma distração da linha sombria da narrativa; por mais que tentasse, no entanto, não pôde evitar uma sinistra conclusão: Hugh Loredon denunciara Leonie Danziger por um assassinato que ele mesmo cometera. Não se atreveu a pôr em palavras, mas teve o estranho pressentimento de que Anne-Marie já compreendera.

Era uma cena estranha: Mather com um avental de açougueiro atrás do balcão, empunhando um facão, Anne-Marie empoleirada num banco no outro lado, pálida e imóvel, como uma escultura de pedra. Ela acabou dizendo, numa voz sumida e distante:

— Escuto o que me conta, Max, mas não posso... não posso absorver tudo. Bem que desejo, mas não posso... Permite que eu tome outro drinque?

— Claro. E pode também servir outro para mim.

Ela fez uma pausa com a garrafa na mão e o copo ainda vazio para perguntar:

— Isso é tudo... isto é, vai dizer tudo isso no tribunal?

— Devo.

— Então você é o verdadeiro carrasco, não é mesmo? É a pessoa que segura o cutelo, porque ninguém mais sabe tanto quanto você.

— Espera que eu deixe uma mulher inocente ir para a prisão?

— É esse o problema, Max. Ninguém é inocente. Todo mundo teve uma participação na morte de Madeleine... Bayard, Hugh, a própria Madi e todos aqueles amantes anônimos. Todo mundo, Max, exceto você e eu. Mas agora, porque estou vendendo os quadros de Madi, remexi toda a lama outra vez. E porque meu pai lhe disse verdades e mentiras ao mesmo tempo, você é o homem com o poder de vida e morte.

— Mas não sobre seu pai. Ele caiu fora agora.

— O que acha que vai acontecer com Ed Bayard?

— Não sei. Não consigo entender por que Hugh não apontou o dedo para ele também. Era tão contrário a seu casamento com Bayard que seria capaz de fazer qualquer coisa para impedi-lo.

Anne-Marie serviu os dois drinques e entregou o de Mather. Ainda parecia absorvida num devaneio perplexo.

— Ed Bayard é um homem triste. Não tem jovialidade, não há riso nele. Estar perto dele é como ficar do lado de fora de uma prisão e observar um rosto... um rosto bondoso e gentil... que espia entre as grades e depois desaparece... Mas é meu pai quem escapa totalmente à minha compreensão... Eu o conhecia e amava como o homem vistoso, descontraído e romântico que subia

no palanque e vendia coisas no valor de milhões de dólares na batida de um martelo. Comprava-me presentes extravagantes e fazia-me compreender o que significava ser adulada e cortejada como mulher... Se você é mulher, é para isso que os pais servem, Max... Mas esse outro lado de Hugh, o assustado, o sinistro, vingativo, intrigante, esse eu jamais conheci... Não sei como situá-lo em minha vida.

— Não tente — aconselhou Mather, firmemente. Ele recomeçou a trabalhar na comida, aparando a vitela, achatando-a com um malho, fazendo gestos deliberadamente exuberantes. — Tem seu futuro para pensar e ele está vinculado à galeria. Nós dois vamos conquistar esta cidade, a imprensa, os críticos, os compradores. Vamos converter esses lamentáveis desastres num triunfo. Estarei presente na denúncia amanhã. Depois disso, ficarei disponível em tempo integral para trabalhar com seu pessoal de publicidade e relações públicas, cuidar das entrevistas para a imprensa... Ambos temos mortos para enterrar. Vamos pô-los debaixo da terra, dizer uma prece e deixá-los entregues a Deus.

— E o que me diz dos vivos, Max? O que fazer com Ed Bayard?

— É por você que Bayard está apaixonado. Como se sente em relação a ele?

— Protetora, agradecida... impaciente!

— Não escutei ansiosa, apaixonada, sensual...

— Claro que não!

— Quer dizer que está fazendo um jogo, não é mesmo? Usa-o como uma balsa de salvamento. Ele não se contentará com isso para sempre. Já passou pela mesma coisa antes com Madeleine... E lembre-se de que a última mensagem que seu pai me transmitiu foi o pedido para nunca deixá-la se casar com ele... O que mais posso dizer? Você já é bem crescidinha...

— Poderia dizer que me amava e que seria ótimo estar de volta a Florença neste momento, tomando coquetéis no terraço e contemplando o sol se pôr atrás dos campanários.

— Poderia... mas não seria verdade. Estou pensando em me casar.

— Essa não! — Anne-Marie se engasgou com o drinque. — Incrível! Max Mather casando! Quem é ela, Max? Só pode ser rica! Quantos anos tem... eu a conheço?

E, de repente, ela desatou a chorar, incontrolável; quando ele tentou abraçá-la, Anne-Marie bateu em seu peito com os punhos, empurrou-o e correu para o quarto, trancando a porta.

Mather estava chocado pela explosão emocional. A noção de seu próprio valor fora tão diminuída e erodida pelo tráfego casual de ligações, até mesmo pela naturalidade afetuosa daquele, que aceitava e esperava ser encarado apenas como mais uma peça de móveis e utensílios na vida de Anne-Marie. Ela podia

mudar de lugar, doar, vender, não haveria queixas. Lembrou o verso de Browning "sobre uma Tocata de Galuppi"... "*o que restou da alma, eu me pergunto, quando o beijo teve de parar*".

Pela primeira vez, Mather começou a compreender realmente o que acontecia entre ele e Gisela. Não era algo fulminante como um raio. Em vez disso, era um lento e firme desabrochar de um tipo de amor novo para ele. Gisela estava lhe exigindo mais do que qualquer outra mulher jamais o fizera. O beijo e a paixão eram ótimos, mas não o suficiente. Ela se projetava muito além, para as suas profundezas, alcançando e conquistando seu coração e vontade.

Por seu turno, Mather estava consciente de novas dimensões em si mesmo. Era combativo em relação à mulher. Sentia ciúme da atenção que outros homens lhe dispensavam. A mente dura e refinada de Gisela o desafiava a níveis mais altos de realização pessoal... e, ele tinha de admitir, deixava-o envergonhado por sua consciência tão indiferente em relação à vida e ao amor.

Gostava de Anne-Marie. Detestava vê-la magoada ou ameaçada. Mas com Gisela era um amante, um homem apaixonado, um pretendente ansioso em provar seu valor. Quando ele chamou Anne-Marie para o jantar, uma hora depois, ela estava calma de novo, os cabelos arrumados, as lágrimas enxugadas. E estava pronta para depreciar a explosão.

— Eu precisava daquilo, Max. Compreende, não é mesmo?

— Claro.

— Ainda não me falou sobre sua futura esposa.

— Por um bom motivo. Ainda não a pedi em casamento.

— Quem é ela?

— Minha advogada em Zurique. É jovem, inteligente, bonita. Também dá aulas de direito na universidade. Despertou tanto meu coração quanto minha consciência adormecida. O que mais posso dizer?

— Acho que isso diz tudo. Ela sabe de seu passado terrível?

— Não lhe ofereci um relato completo, mas ela sabe.

— Onde pensa em se fixar?

— Na Europa. Zurique ou Florença.

— O que significa que poderemos continuar a trabalhar juntos.

— Claro.

— Fale-me sobre esse seu grupo de compra.

Mather explicou tudo. Depois, ela falou sobre o pedido de Bayard para uma

exposição de Cornelis Janzoon. Mather ficou furioso.

— Mas que coisa! Como detesto ser manobrado dessa maneira! Que nem um matungo de escola de equitação! Trote, cânter, galope. Não quero participar desse absurdo... Por outro lado, aconselho-a a fazer uma oferta por Janzoon. Ele está na tradição dos grandes mestres holandeses.

— Não posso assumir mais nenhuma despesa neste momento, Max. Estamos absolutamente dependentes da exposição de Bayard.

— Sendo assim, vamos conversar sobre a campanha. O que aconteceu ontem com a imprensa?

— Foram telefonemas na maior parte... pessoas tentando obter alguma novidade numa história que já tem doze meses. Mandei que ligassem para Ed Bayard, que tem um ótimo sistema de defesa no escritório. No que nos diz respeito, falei que daríamos uma entrevista coletiva assim que você voltasse e faríamos uma mostra especial para a imprensa, em que outras perguntas poderiam ser respondidas... Terá de assumir essas funções, Max!

— Não será tão fácil assim. Podem nos interrogar sobre seu pai e a ligação dele com Madeleine Bayard. Como você responderia?

— Meu pai tinha sua própria vida. Eu tenho a minha.

— Muito bom. E agora nos diga, Srta. Loredon, onde Ed Bayard se enquadra em sua vida?

— Ele é meu locador. Estou vendendo os quadros de sua falecida esposa. E representando sua coleção pessoal.

— Não há um relacionamento especial?

— Nenhum.

— Ele diz que se casaria com você sem a menor hesitação.

— É preciso dois para fazer um casamento. Ed Bayard é um bom amigo e eu sou, como espero que ele lhes diga, uma competente *marchande*... Como estou me saindo, treinador?

— Muito bem. Basta manter essa linha.

— E qual será sua contribuição para a entrevista, Max?

— Eu entro com as informações de mercado: grande interesse no exterior, oferta de novos artistas e, obviamente, Niccolò Tolentino. Gostaria que você considerasse a possibilidade de deixá-lo abrir o espetáculo.

— Com todos esses tubarões de Manhattan? Eles o devorariam vivo!

— Não conte com isso. Trata-se de um homem excepcional, que passou toda a sua vida com os grandes mestres e ainda é capaz de chorar ao contemplá-los. Não creio que os tubarões cheguem a sequer abocanhá-lo.

— Deixe-me pensar a respeito. As pessoas esperam a rotina normal numa inauguração.

— Sei disso. Pegue um drinque, um canapé e um catálogo, circule com uma cara de entendido, fazendo comentários espertos, na esperança de que alguém esteja olhando para você e não para os quadros. Vamos oferecer algo um pouco diferente... E, quer você goste ou não, será diferente de qualquer maneira.

— Estou com medo de ser ignorada, Max.

— Não vamos permitir que isso aconteça. Podemos ter pessoas lá pelos motivos errados, mas haverá muita gente. Como está sua situação financeira?

Ela lançou-lhe um olhar rápido e inquisitivo.

— Não esperava essa pergunta de você, Max. Por que quer saber?

— Tenha um pouco de paciência que já vou explicar. Seu pai tinha um seguro de vida?

— Tinha. No valor aproximado de meio milhão de dólares.

— E presumo que você é a beneficiária?

— Foi o que me informaram. Por quê?

— Porque se a maneira como seu pai morreu algum dia se tornar pública, a companhia seguradora pode... apenas pode... entrar com uma ação judicial, alegando que foi suicídio e que assim você não tem nenhum direito.

— Há algum motivo para que se torne pública?

— Eu sou o motivo. Serei testemunha de defesa no julgamento de Danny Danziger. Devo responder a todas as perguntas que me fizerem. Esta pode não surgir; mas, se for formulada, você será prejudicada.

— Mesmo assim, não seria o fim do mundo. É surpreendente, mas existe um fundo que investimos no valor de um quarto de milhão de dólares. Não sabia de sua existência até dois dias atrás, quando recebi uma carta de Lutz & Hengst, os advogados que administram o fundo. Tenho direito aos rendimentos. O principal só pode ser retirado com o consentimento deles. Mas é uma garantia, se eu vier a precisar.

— Acho que talvez você tenha de reservar recursos maiores para publicidade e relações públicas.

— Tenho pensado nisso. E estou disposta a gastar, se for necessário.

— Quem instituiu o fundo?

— Meu pai. Há cerca de doze meses. Deve ter sido mais ou menos na ocasião em que soube pela primeira vez que estava ameaçado. Você e eu nos encontrávamos então na Europa. Sua Pia deve ter caído doente na mesma época.

— Tem razão.

— Ainda pensa nela agora, Max?

— Às vezes.

— Como?

— Com muita ternura.

— É bom saber disso.

— É estranho... Um dia, já nos momentos finais, tão terríveis, ela disse: "Sabe, Max, eu não poderia lhe causar maiores problemas se fosse sua esposa!" Rimos muito; mas ela estava certa. Aqueles foram os tempos em que fomos mais íntimos... mais próximos, eu acho, de um casamento.

— Você é um homem estranho, Max.

— Posso me tornar mais estranho.

— Como?

— Amanhã, com um pouco de sorte, Danny Danziger será solta sob fiança. E vou levá-la à inauguração da galeria.

Anne-Marie ficou boquiaberta, em total incredulidade.

— Não pode fazer isso!

— Posso e farei.

— Pelo amor de Deus, Max! A galeria é minha. O prédio é de Bayard. Estamos expondo os quadros de sua falecida esposa... e você pretende entrar com a mulher acusada de matá-la! O que está tentando fazer comigo?

— Fazer com que sua exposição seja um sucesso absoluto de venda, em vez de um fracasso. Será o sucesso mais escandaloso da década. Haverá filas dando voltas no quarteirão e uma cobertura total dos meios de comunicação. A dúvida é só uma: você tem coragem de executar esse plano?

— Você me conhece... Aninha, a Órfã. Sempre me lancei de frente em tudo. Mas qual será a reação de Ed Bayard?

— A mesma pergunta. Ele consegue se controlar ou você é capaz de controlá-lo?

Um longo tempo se passou antes que ela falasse, e mesmo então não foi uma resposta, mas uma pergunta sombria:

— Por que, Max, somos tão bons amigos e ainda assim você está subitamente me ameaçando?

*

A denúncia de Leonie Danziger foi rigorosamente um não-acontecimento. A imprensa deixou aos cuidados dos repórteres setoristas do tribunal, que dispensaram atenção mínima, sob o princípio de que a prisão já fora coberta e que os fogos de artifício só surgiriam mais tarde. As únicas pessoas do público presentes eram Harmon Seldes, Max Mather, uma jovem feia e gorducha num *training* de corrida, que se apresentou como Carol, e meia dúzia de curiosos, que entraram no tribunal mais para aproveitar o aquecimento.

O promotor leu a acusação. George Munsel alegou que a cliente era inocente, prometeu uma defesa vigorosa e solicitou que a acusada fosse solta por fiança sob sua custódia. Ressaltou que ela não tinha antecedentes criminais, tinha um trabalho bem remunerado numa revista respeitável, possuía um apartamento em Manhattan e nunca solicitara um passaporte. A promotoria não levantou objeções. A fiança foi fixada em cinco mil dólares. Foi marcada uma audiência para três meses depois.

Leonie Danziger parecia atordoada. Abraçou Max Mather, agradeceu a Munsel e Seldes, depois entregou-se à jovem Carol como uma convalescente à enfermeira. Ao saírem do prédio, George Munsel deu uma série de instruções incisivas:

— Carol, você atende ao telefone. Danny não está disponível... repito, não está disponível... para nenhum repórter. Quero Max e Danny em meu escritório amanhã de manhã, às dez em ponto. Calculem pelo menos duas horas para nossa conversa. Max, quero que você leve os documentos que discutimos ontem. Quero também um relato completo de todas as suas conversas em Amsterdam... Isso é tudo.

Ele se afastou, um vulto alto e desajeitado, pairando muito acima dos pigmeus locais. Carol anunciou, de maneira firme e decidida:

— Levarei Danny para casa.

Ela assoviou para um táxi que passava, empurrou Danny para o interior e partiu sem um aceno.

— A mamãe galinha com seu novo pintinho — comentou Harmon Seldes. — Achei que a nossa Danny estava um tanto abatida.

— Está em choque... duas noites numa cela não é nada divertido.

— Nossa Danny é mais dura do que parece. — Seldes soltou uma risada. — E você também, Max, diga-se de passagem. Eu o subestimei.

— Queria falar sobre os Rafaéis.

— Isso mesmo.

— Quanto Berchmans lhe contou?

— Que você descobriu duas cópias no Brasil e que é agora o agente reconhecido da família Palombini para negociar a recuperação dos originais. Não estou a par de detalhes, claro.

— A representação foi o resultado de uma coincidência. Palombini e eu nos encontramos em St. Moritz. Ele fez a sugestão. Não me mostrei muito interessado; estou ocupado com meus negócios particulares. Ele insistiu, apresentou uma boa oferta. Aceitei... é só isso.

— Mas as cópias no Brasil... cópias do quê?

— Dos dois retratos. Os desenhos ainda são uma dúvida.

Enquanto relatava a história agora familiar, Mather acrescentou detalhes e incidentes intermináveis, com a intenção de desviar Seldes da questão fundamental: como as cópias podiam ser consideradas como tais sem a comparação com os originais? Mas Harmon Seldes era muito esperto para essas manobras infantis. Inevitável como a morte, a pergunta acabou surgindo. Mather respondeu com um cuidado deliberado:

— Niccolò Tolentino foi a chave. Era jovem na ocasião, claro. Recebeu a incumbência de Luca de copiar os dois retratos. Entregou os originais e as cópias a Luca... Acredita que as cópias foram levadas para o Brasil. Parece natural que Luca quisesse ficar com os originais. Mas Tolentino tem um método infalível de identificar sua própria obra... um sinal pessoal, inserido no próprio quadro.

— E sabe que sinal é esse, Max?

— Sei.

— Como pode, se nunca viu as cópias ou os originais?

— Oh, homem de pouca fé! — escarneceu Mather. — Estou falando do homem que copiou as obras! Semanas e meses de trabalho! Ele desenhou-os para mim de memória, mostrou exatamente como identificar o sinal e onde encontrá-lo.

— Pode me mostrar?

— Mostrarei a ambos, a você e a Berchmans, quando os quadros chegarem do Brasil... Mas não está esquecendo o ponto principal, Harmon? Somos ambos *scholars*, empenhados em divulgar tudo sobre o assunto; e até agora nossas teorias estão sendo confirmadas.

— O que eu detestaria que acontecesse é nós dois provarmos as teorias e Henri Berchmans sair com a recompensa — comentou Seldes, não muito feliz.

— Não posso falar por Berchmans; mas não entendo por que eu seria alguma ameaça para você. Só serei pago diretamente pela família se e quando os quadros forem recuperados. Não conheço os detalhes de seu acordo com Berchmans, mas parece-me que deve ter sido no nível de um *marchand* ou leiloeiro... Nesse caso, não vejo onde haja conflito de interesses entre você e eu.

— Só uma coisa, Max: as belas-artes, a arte da Renascença, é a minha disciplina. Tem sido toda a minha vida. Sou melhor nisso do que você jamais poderá se tornar. Foi meu nome que conferiu autoridade a sua matéria na *Belvedere*. Além do mais, fui eu quem lhe abriu as páginas da revista. Apresentei-o a Berchmans. Aceitei sua matéria sobre Madeleine Bayard... e não tive qualquer participação nisso...

— Não contesto nada disso. — Mather era a suavidade em pessoa. — Mas diga logo o que quer, por favor! Está me pedindo um percentual do que Palombini pagar... se algum dia me pagar alguma coisa? Está pedindo alguma

recompensa, bonificação ou qualquer outra coisa pela situação de Madeleine Bayard? Não tenho poder decisório na questão e você sabe disso. Mas é evidente que não está nada feliz. O que posso fazer para que se sinta melhor?

— Em suma, Max, para um homem de realizações modestas, você está indo muito alto! É um arrivista!

— Lamento se parece assim.

— E parece mesmo, pode estar certo! Tenho negociado com Berchmans por toda a minha vida. Gastei milhões das galerias com ele. Mas agora é a você que ele procura e não a mim. E você faz um grande estardalhaço com um copista do Pitti. Oh, Deus! Tenho conhecido, comprado e vendido os maiores nomes de nosso tempo... Pensava que seria um mínimo de cortesia indicar meu nome aos Palombini...

— Acalme-se, Harmon. Fique calado e relaxe, antes de dizer o irretratável. É um grande estudioso da Renascença. Reconheço. Sem a menor dúvida. Sou um animal muito mais humilde, um paleógrafo, pelo menos razoável. Mas uma das coisas em que sou muito bom é no método... Não se pode exercer meu ofício sem isso. Não haveria o menor sentido em mencionar seu nome, o de Berchmans ou dos seus colegas suíços com os quais fiz uma boa amizade. O que qualquer um de vocês representaria para Palombini a esta altura? Nada, exceto nomes dispendiosos... pessoas que no futuro cobrariam altas comissões! Não se esqueça de que ele é um negociante. Vive e respira lucros e perdas. A mim, ele compreende. Sou um antigo servidor da família, um antigo mito da família. Ele sabe onde me enquadro, o que faço, como negocio... Em suma, ele confia em mim. Também confiará em mim quando ou se... sabendo onde os Rafaéis se encontram, como podem ser obtidos e vendidos no mercado... eu lhe disser que está na hora de chamar peritos como você e Berchmans, talvez Hürliman, de Zurique... Mas esse momento ainda não chegou, Harmon. Ainda nem sequer falei com ele sobre Eberhardt e Dandolo, sobre os quadros no Brasil... E há um motivo muito bom para isso também, mas não tenho autorização para discuti-lo... Isso é tudo, Harmon... só resta repetir que conheço Palombini e ele me conhece, estou convencido de que essa é a melhor maneira de lidar com ele... Se isso me torna um arrivista, então lamento muito.

— Por favor! As expressões são intemperadas. Mas tenho certeza de que compreende minhas ansiedades...

— Claro. Vamos esquecer as divergências e conversar sobre uma continuação para a matéria dos Rafaéis.

— Desta vez eu farei a matéria — declarou Seldes. — Isso me dará liberdade para especular de uma maneira como você, representando a família, pode não querer fazer.

— Você é o editor-chefe, distribui as tarefas. Quer ver minhas anotações sobre outro assunto, Arte e Criminalidade?

— Quero, sim. Avise-me quando ficarem prontas. Conversaremos... E agora tenho de voltar ao escritório. Quer dividir um táxi comigo?

— Não, obrigado. Vou andar mais um pouco. Você me deu muito em que pensar...

E o que assomava maior e mais sinistro em sua mente era o pensamento de que Harmon Seldes, com seus conhecimentos afrontados, a vaidade ferida e a ganância evidente, poderia tornar a vida muito complicada para Max Mather. Era preciso bem pouca imaginação para perceber que, assim que Seldes começasse a se intrometer com os delicados mecanismos de informação e negociação que ele acionara, toda a máquina se desintegraria.

Mather remoeu o pensamento por meia hora. Tomou dois cafés, comeu um sonho encharcado e depois foi para seu apartamento, a fim de telefonar para Gisela Mundt e Alois Liepert.

15

— Anotou tudo, Alois?

— Até a última palavra.

Liepert começava a parecer cansado. A ligação já durava vinte minutos.

— Leia mais uma vez para mim, por favor.

— Item um: como uma precaução contra qualquer movimento possível para confiscar ou apreender as obras de arte, os retratos e os desenhos devem ser colocados em três depósitos separados.

"Item dois: os desenhos irão para Gisevius, na Basileia, a fim de serem autenticados e depois ficarem sob custódia e cuidado temporários do museu, à nossa custa. Seremos os responsáveis pelo seguro. O que, neste momento, não podemos custear.

"Item três: se Gisevius aceitar a custódia, então você fica com um dos retratos em seu próprio cofre. Aceitamos a custódia do outro.

"Item quatro: ligarei para Claudio Palombini e direi a ele que achamos que você está na pista das obras. Pedimos a ele para se manter de prontidão, a fim de responder a um chamado seu para uma reunião, nos Estados Unidos, Londres ou Europa.

"Item cinco: eu informo a Palombini que você providenciará autenticação para as obras e conduzirá negociações com os atuais possuidores. Também conduzirá discussões iniciais com Berchmans em Nova York, Hürliman em Zurique, Christie em Londres e quaisquer outras pessoas que possa julgar conveniente, com o objetivo de lançar as obras no mercado, assim que forem devolvidas. No momento apropriado, introduzirá Palombini nessas discussões, mas só depois que for definida uma posição de negociação satisfatória.

"Item seis: eu comunico a você com urgência os progressos e problemas. Sacarei fundos para despesas e honorários."

— Esse último é uma interpolação, Alois.

— Mas tenho certeza que vai querer que eu coma, meu caro Max!

— Claro que quero, mas nunca em excesso.

— Talvez agora possa me explicar por que está complicando sua vida e a nossa.

— Porque» se sofrermos alguma espécie de ameaça... à revelia, por quebra do contato... estaremos com um seguro na mão. Tratamos com um objeto de cada vez.

— Por que está subitamente tão preocupado?

— Provavelmente porque voltei a Nova York. Esta é uma cidade litigante. O clima contagia muito depressa.

Era a metade do motivo; depois que Mather desligou, a outra metade aflorou e não era lá muito agradável de contemplar. A voracidade o dominava agora. Estava tão irritadiço e sensível quanto um sabujo faminto, temendo que alguém pudesse arrebatar sua tigela de comida. Precisou de uns poucos minutos de conversa amorosa com Gisela para se tornar humano outra vez: o fluxo de emoção dela, a confissão meio risonha, meio chorosa.

— Não pude acreditar, Max. No momento em que você partiu lá estava aquele buraco enorme e negro em minha vida...

— Não há nenhum buraco na minha. Há apenas este quarto comigo e um espelho que não gosto de olhar, uma porção de pessoas que torço para não aparecerem, mas que continuam vindo. Gostaria que você estivesse aqui a meu lado.

— Não posso. Portanto, você tem de vir para mim. Conte-me o que está acontecendo.

Ele contou; mas a narrativa carecia de realidade, porque se tornara subitamente consciente da insegurança das linhas telefônicas, o perigo de uma intromissão fortuita em seus valiosos segredos. Gisela pareceu compreender e advertiu-o:

— Temo por você, Max. Já conversamos sobre isso antes. É muito impaciente. Acha que cada ação de outra pessoa exige uma nova resposta sua. O que o torna extremamente vulnerável. Fique quieto, controle-se, espere...

— Tentarei.

— Creio que está agindo certo ao separar as obras... e mantê-las sob custódias diferentes. Se for necessário, posso cuidar de uma pessoalmente... e se você precisar de alguém para ser intermediário...

— Você será a primeira pessoa na minha lista. Eu amo você, Gisela...

— Eu também amo você, Max. Volte a me ligar o mais depressa possível.

— Prometo.

O resto do dia estendia-se à sua frente, desprovido de conforto mas repleto de exigências movimentadas e vorazes. Ele ligou para George Munsel e apanhou-o no momento em que saía para o almoço. Relatou a conversa noturna com Anne-Marie Loredon e fez uma sugestão:

— Primeiro, pode verificar se alguma seguradora americana recusou ou protelou o pagamento por mortes de eutanásia na Holanda. Segundo, Anne-Marie informa que há um fundo de investimentos instituído pelo pai há cerca de doze meses e administrado por Lutz & Hengst. Ocorreu-me que poderia fazer

uma indagação de advogado para advogado sobre as consequências de qualquer testemunho de eutanásia que eu venha a apresentar e depois descobrir quem criou esse fundo e de onde vieram os recursos. Conhecendo o estilo desenfreado de Hugh Loredon, duvido muito que ele um dia tenha conseguido acumular duzentos e cinquenta mil dólares, em toda a sua vida...

— Tem algumas ideias muito originais sr. Mather. — George Munsel parecia divertido. — Mas pode deixar que vou verificar. Estou contente que tenha ligado. Depois de nossa conversa amanhã de manhã, teremos uma reunião com os dois investigadores que trabalham no caso. Tenho seus nomes anotados... Hartog e Bechstein. Deveremos acabar por volta de uma da tarde. Depois disso, pensei que você poderia gostar de me pagar o almoço.

— Terei o maior prazer.

— Então está combinado. Também recebi do gabinete do promotor um sumário das provas no caso Danziger. À luz do que tenho, seu registro das conversas em Amsterdam e a interpretação dos diários adquirem uma importância vital.

— Estarei pronto com as anotações das conversas. Os diários exigirão um trabalho mais lento e cuidadoso.

— Terá tempo para isso. O julgamento só será daqui a três meses. Até amanhã às dez, Sr. Mather.

Ele foi a pé para o Gino's em seguida, para uma conversa no bar e um almoço de um só prato, depois deu um pulo à Bloomingdales para comprar algumas roupas informais, pois ainda faltavam três meses para o calor do verão. Pela primeira vez, desde que podia se lembrar, estava sem uma mulher e constrangido de procurar alguma. Recordou um longo crepúsculo, sentado com o pai na varanda, o jovem-velho a lhe dizer:

— Você chega ao mundo sozinho, filho. E vai embora sozinho. Durante toda a sua vida, tenta escapar à solidão. Jamais consegue, até aceitá-la. Um dia senta sozinho num lugar sossegado, começa a assoviar uma melodia ou cantarolar para si mesmo, talvez recitar cantigas de roda, a fim de se animar. E de repente descobre que não está mais sozinho. Há pessoas, tão solitárias quanto você, escutando a música, acompanhando, aderindo ao ritmo. Você se afasta. Elas o seguem. Não ajuda muito, porque suas cabeças ainda fervilham, como também acontece com a sua, com os próprios problemas. Mas você não está mais sozinho... Pode continuar solitário, mas não está mais sozinho... Faz sentido?

Talvez não fizesse na ocasião... mas fazia agora? Seria agradável pagar agora ao velho um drinque e um prato de massa no Gino's.

De volta ao apartamento, Mather telefonou para Berchmans et Cie. Esperou dez minutos para confirmarem que o Sr. Berchmans já chegara a Nova York; que

o Sr. Berchmans estava aguardando uma ligação dele; e que o Sr. Berchmans seria informado de seu recado assim que voltasse do almoço. Enquanto aguardava, Max Mather pegou um bloco de anotações e começou a reconstituir, frase por frase, seus diálogos em Amsterdam com o falecido Hugh Loredon.

Henri Berchmans ligou às quatro horas da tarde. Ficaria na galeria até seis horas. Se o Sr. Mather quisesse visitá-lo, teria o maior prazer em recebê-lo e mostrar lindas coisas. O que só podia significar os quadros enviados do Rio por Camões e que haviam deixado Berchmans muito satisfeito. Mather encerrou a última página dos diálogos de Amsterdam, vestiu uma calça cinza, blazer azul e gravata, depois seguiu pela Madison, olhando as vitrines, procurando se acalmar e controlar os nervos sensíveis.

Aquela reunião seria crucial: o primeiro encontro com o grande tubarão branco, quando todas as suas forças seriam testadas ao limite e todas as suas fraquezas exploradas sem misericórdia. Ele passou por uma pequena loja que vendia material ótico refinado. Num súbito impulso, entrou e comprou uma lupa. Um quarteirão adiante entrou numa loja de novidades e comprou um canivete em miniatura, que pendurou no chaveiro. Depois, como uma saudação ao sentimento simples, entrou num florista, encomendou um arranjo dispendioso para ser enviado a Gisela em Zurique e uma pequena planta para interiores como um gesto de recepção a Leonie Danziger por sua volta ao lar. Como gesto final de desafio, comprou uma rosa vermelha para sua lapela; e depois, com uma vivacidade que não sentia, subiu os degraus para a galeria de Berchmans, numa mansão antiga na Rua 73, entre a Madison e a Quinta Avenida.

Um porteiro uniformizado recebeu-o solenemente. Uma jovem bonita acolheu-o com um sorriso e subiu em sua companhia, num elevador pequeno e todo ornamentado, para o segundo andar, onde Berchmans o aguardava numa galeria comprida, da qual todas as telas haviam sido removidas e onde se encontravam dois cavaletes, cobertos por um veludo.

— Ora, ora, meu jovem amigo! Como sempre, sua escolha do momento é excelente. Esta manhã nossas damas chegaram do Brasil. E à tarde você se apresenta... Vamos contemplar estas beldades juntos. Depois conversamos.

Berchmans descobriu os quadros com um floreio e conduziu Mather para o ponto da galeria em que poderiam ser contemplados com maior proveito. Mather ficou olhando em silêncio por bastante tempo. Berchmans virou-se para fitá-lo.

— Pode lhes atribuir nomes?

— A da esquerda é Donna Delfina, a da direita é a filha, a donzela Beata. Com licença.

Usando a lupa, Mather examinou o retrato de Donna Delfina. No canto superior direito havia um conjunto de edificações, dominado por uma praça, uma

torre ameiada, cujas paredes estavam povoadas por janelas românicas arqueadas. Na janela superior, minúsculo mas inequívoco, podia-se ver o monograma de Tolentino.



Mather passou a examinar o retrato da jovem e encontrou o mesmo símbolo, na sombra da dobra inferior do vestido.

— O que está procurando? — indagou Berchmans, intrigado.

— Ainda não acabei. Segure este quadro para mim, por favor.

Como vira Tolentino fazer em Zurique, ele raspou uma pequena área atrás de cada painel, apenas o suficiente para distinguir a granulação e textura da madeira. Era puro gesto teatral. Ele próprio não conhecia o suficiente para distinguir freixo de bétula, carvalho ou um buraco no chão; mas os monogramas lhe diziam o que queria saber. Repôs os quadros nos cavaletes. Berchmans disse, relutante:

— Foi uma performance interessante, Sr. Mather. Agora, gostaria que me explicasse o que significa.

Mather entregou-lhe a lupa e indicou os lugares que deveria verificar nos quadros.

— O que estou procurando?

— Diga-me primeiro o que vê.

Berchmans levou muito tempo para focalizar a lupa e examinar cada quadro. Repetiu o processo. E, depois, comentou:

— Você raspou atrás de cada quadro para determinar que tipo de madeira foi usada.

— Isso mesmo.

— Eu poderia lhe dizer ao olhar. É carvalho.

— E agora me diga o que viu nos quadros.

— Parece uma espécie de monograma.

— Exatamente. — Mather tirou um cartão do bolso e desenhou-o. — É assim?

— É, sim. O que significa?

— É o sinal pessoal do homem que copiou esses quadros dos originais, os quais, diga-se de passagem, foram pintados em cedro, não em carvalho. Seu

nome é Niccolò Tolentino.

— Pode confirmar isso?

— Poderá confirmar pessoalmente, Sr. Berchmans. Trarei Tolentino a Nova York em meados de abril.

— Enquanto isso, Sr. Mather, creio que nós dois devemos começar a falar de negócios muito a sério.

— Justamente o que eu penso, Sr. Berchmans.

— Vamos para o meu escritório.

Berchmans já ia cobrir de novo os quadros com o veludo quando fez uma pausa e comentou, suavemente:

— Esse Tolentino é um excelente pintor por si mesmo. Deverá se dar muito bem com ele em Nova York.

— Ele impõe respeito — respondeu Mather. — E me leva a examinar minha consciência.

— Um exercício incômodo — disse Berchmans, secamente. — Vamos conversar sobre os negócios.

Pela primeira vez, em seu conhecimento irregular, Berchmans mostrou-se à vontade para tratá-lo pelo primeiro nome e convidá-lo à sua sala particular, onde dispensava hospitalidade e conselho aos clientes ricos. Era uma sala pequena, revestida com freixo branco, em cujas paredes estavam expostos um Gauguin, um Manet e dois Cézannes, uma natureza-morta de ameixas e pêssegos e uma versão dos rochedos de Estaque que Mather nunca vira antes. Berchmans ofereceu-lhe uísque. Mather contentou-se com água mineral. Berchmans perguntou:

— Como vai o nosso escândalo, Max?

— Danny Danziger foi solta sob fiança. Munsel parece um advogado competente. Não há como evitarmos que os diários de Madi sejam apresentados como provas. Contudo, posso lhe providenciar cópias fotostáticas dos trechos que se referem a você. Pelo menos estará preparado.

— Ficarei grato.

— Poderá então fazer uma coisa por mim.

— Se estiver ao meu alcance, claro. Qual é o problema?

— Harmon Seldes. Disse-me que ele estava com ciúme. Seldes acha, e me disse isso, que sou um arrivista, invadindo suas reservas e usurpando seu relacionamento com você, que suponho ter alguma base financeira.

— Tem, sim.

— Ele acha que sou uma ameaça a isso. Não sou. Ele também se propõe escrever um artigo de continuação sobre os Rafaéis. Tem todo direito a isso. Mas pode muito bem bancar o tolo... e levar você de roldão.

— E o que espera que eu faça?

— Diga a ele o que estou prestes a lhe falar... ou tanto quanto julgar prudente.

— Devo presumir que tem uma proposta para mim, Max?

— Não, Henri. Apenas lhe darei uma informação. E você me dará um conselho. É bem possível que desse intercâmbio resulte uma situação proveitosa.

— Proveitosa para você ou para mim?

— Para você. Meu contrato é direto com os Palombini. Eles me pagam. Não posso aceitar comissões, bonificações ou compensações de qualquer tipo de qualquer outra pessoa.

— Em suma — comentou Henri Berchmans, com uma insinuação de escárnio —, uma situação da mais pura moralidade.

— Não exatamente. — Mather soltou uma risada. — Uma situação com certas falhas e que exige por isso um tratamento legal.

— Estou intrigado. Continue, por favor.

— Primeiro, sou o agente da família, credenciado por um contrato escrito, com a missão de encontrar os Rafaéis e negociar sua venda. Não posso, no entanto, fechar o contrato final da venda. Eles é que devem cuidar disso. Entrarão em cena depois que houver uma base de negociações. Estou sendo claro até aqui?

— E de forma admirável — respondeu Henri Berchmans. — Já não é tão claro o motivo pelo qual uma antiga família de mercadores o escolheria para agente, em vez de cuidar de tudo diretamente.

— Há vários motivos. Esta geração Palombini não tinha conhecimento dos Rafaéis até que descobri a referência no arquivo. Também desconheciam... e preferem permanecer na ignorância por motivos políticos... as muitas transações do patriarca da família durante a guerra, Luca *l'ingannatore*. Luca sobreviveu por todos os tipos de estratagemas, alguns não muito recomendáveis hoje em dia. O negócio com o alemão Eberhardt é um exemplo... Portanto, ninguém quer desencavar os segredos da família. Preferem deixá-los enterrados. Contudo, eu sou um dos segredos da família; fui amante da última matriarca, Pia. Comigo, a família não tem medo de chantagem. Organizei uma iniciativa que foi muito bem acolhida pelo governo italiano: a doação do arquivo Palombini à Biblioteca Nacional em Florença. Ainda por cima... e isso é muito importante para eles... não desejam provocar uma polêmica com a Belle Arti sobre a exportação ilegal de tesouros nacionais. Portanto, sou um emissário útil. Limpo as ruas antes da passagem da procissão.

— Posso compreender. — Berchmans balançou a cabeça em solene concordância. — Faz sentido, embora seja um tanto insidioso. Mas por que eles

já estão pensando na venda, antes mesmo de saberem onde se encontram as obras?

— Essa é a mais simples de todas as respostas — disse Mather, com um sorriso pesaroso. — Eles foram atingidos pelo colapso do mercado em outubro. Estão no vermelho em vinte milhões de dólares e terão de cobrir os prejuízos em junho. Escrevi-lhes, comunicando o que encontrara no arquivo. Não se mostraram muito interessados. Mais tarde, quando nos encontramos por acaso na Suíça, mudaram de ideia. E agora torcem para que os Rafaéis se transformem em sua tábua de salvação.

— Desde que sejam encontrados a tempo. Mas se a família está falida, como espera obter dinheiro para recuperá-los? E depois revender com lucro? Quem quer que os possua, deve estar a par de seu valor e deve ter providenciado algum título de posse.

— Estou apenas adivinhando. — Mather não fez o menor esforço para refutar o argumento. — Esse título pode ser inexistente, fraco ou, na melhor das hipóteses, contestável. Sabe muito bem que houve diversos casos recentes em que tribunais dos Estados Unidos ordenaram a devolução de obras de arte alienadas durante a ocupação nazista... Seja como for, é a melhor hipótese que tenho a oferecer.

— Até agora, isso é tudo o que tem, não é mesmo, Max?

— Não é bem assim. — Max Mather sorriu. — Sei onde está um quadro... o de Donna Delfina. Mais do que isso, tenho certeza que posso fechar um negócio para adquiri-lo... ou, mais corretamente, garantir sua devolução à família.

— Que no mesmo instante o porá à venda.

— Isso mesmo.

— Como eles provarão que é autêntico?

— Já verifiquei isso com Tolentino. É o quadro do qual ele fez a cópia que você tem lá embaixo.

— E o que você quer de mim?

— O mesmo conselho que estou pedindo a uma pequena lista de leiloeiros e *marchands*: a melhor proposta para lançar os Rafaéis no mercado. Quando eu fizer minhas recomendações sobre essas propostas, Claudio Palombini decide quem ficará com o contrato de venda.

— E quem são os meus concorrentes nessa loteria tão curiosa?

— Um outro *marchand*: Landsberg, de Zurique.

— Eu o conheço. Um bom homem para esse período.

— Dois leiloeiros: Christie em Londres, Hürliman em Zurique. Em Nova York, você.

— Por que escolheu os dois candidatos suíços, Max?

— Porque, segundo minhas informações, possuem uma boa clientela e são muito discretos em suas transações. A única sombra que ainda paira sobre a operação é a Sovrintendenza delle Belle Arti da Itália. Não quero que aleguem que os quadros devem ser levados de volta ao país, como um tesouro nacional. Afinal, os Palombini vivem lá. A última coisa que eles querem é uma longa disputa judicial com o governo... Por isso, estou disposto, da mesma forma que os Palombini, a ter uma proveniência um tanto turva.

— O que não ajuda quando se quer um bom preço num leilão.

— Mas não precisa ser um empecilho numa venda particular... o tipo de transação em que você e Landsberg são peritos. Portanto, Henri, vamos às minhas perguntas. Estaria interessado em negociar particularmente para nós?

— Claro.

— A que porcentagem?

— Preciso estudar esse caso.

— Lembrando, é claro, que se formos a leilão, a comissão é de vinte por cento...

— Mas lembrando também que o leiloeiro estará vendendo a mim e a pessoas como eu, que negociam para grandes instituições como o Getty e o Metropolitan e que, às vezes, com peças únicas, há um acordo para manter os preços em limites razoáveis.

— Em outras palavras, um conluio.

— Isso é uma injúria, meu caro Max!

— Tem toda razão. O que estou querendo dizer é que a comissão do vendedor deve ser competitiva e que tem de haver um preço mínimo para proteger os interesses do meu cliente.

— Para objetos desse valor e raridade, talvez seja aconselhável uma associação de *marchands*. Cada um possui a sua própria lista de clientes exclusivos. Poderá assim se comunicar com um mercado mais amplo, sem a publicidade de um leilão. Mas tudo isso se baseia em três exigências. Um: que você possa apresentar um direito evidente ao quadro. Dois: que possa ser autenticado. Três: que quem quer que obtenha o primeiro quadro e providencie um mercado satisfatório, terá prioridade sobre as outras peças, quando se tornarem disponíveis.

— Eu aconselharia Palombini a aceitar essas condições... desde que a primeira comissão seja razoável.

— Tem alguma ideia do que essa comissão paga, Max?

— Acho que sim. — Max Mather mostrava-se extremamente respeitoso. — Para citar Whistler, "*a experiência de uma vida inteira, o crédito de uma vida inteira*". Pode ter certeza de que não estou subestimando. Gostaria de ter um dia

apenas uma fração dessa experiência e crédito; para isso, no entanto, devo agir como estou fazendo agora, protegendo os interesses do meu cliente. Sou insignificante, Henri. Desperdicei muitos anos brincando. Mas não estou brincando agora... Estou me esforçando ao máximo para aprender com um mestre...

— Eu diria que está aprendendo muito depressa. — Era difícil determinar se ele fazia um escárnio ou um elogio. Max Mather esperou pelo resto. — Contudo, não aceito discípulos ou aprendizes. Tenho dois filhos que herdarão o negócio. Só uso gente de fora para servir a meus propósitos. Aqueles a quem uso, no entanto, devem merecer minha confiança.

— Então nos compreendemos. Você tem 24 horas para responder sobre o total da comissão. Se não me disser nada, concluirei que não está interessado. Há uma outra condição: garantias satisfatórias para a transferência dos recursos e a entrega das obras.

— O nome Berchmans geralmente é suficiente.

— A assinatura nos quadros de Rafael lá embaixo é perfeita.. e mesmo assim não é genuína.

— E como sabe que é perfeita, Max?

— Vi o original. Estive com ele em minhas mãos. Durante o período de acerto de contas, ficará em meu cofre particular no banco. Deve entender agora por que levantei a questão.

— E também entendo que está muito mais adiantado do que eu imaginava — disse Henri Berchmans, lentamente. — Nesse caso, minha comissão será de vinte por cento.

— Estaria disposto a uma operação coletiva?

— Só com muita relutância. E pode muito bem ser desnecessária. As duas cópias lá embaixo são esplêndidos acessórios de venda... É bem possível que eu o procure com uma oferta muito em breve.

— Nesse caso, tenho uma sugestão a lhe fazer, uma coisa para acrescentar um pouco de estilo à transação, uma pequena ostentação antiquada.

— Em que tipo de encenação está pensando, Max?

Levou algum tempo para explicar, mas Henri Berchmans escutou cada palavra com a maior atenção e ao final Mather teve a impressão de divisar um brilho nos olhos escuros e astutos. Por outro lado, podia ser apenas um reflexo de luz no granito.

*

Ao deixar Berchmans, a fadiga atingiu Mather como um golpe de martelo. Manhattan era o seu campo de batalha agora. Cada hora representava uma nova incursão, uma nova escaramuça. Não havia mais nenhuma mulher a quem pudesse recorrer em busca de força ou conforto. Ele comeu uma refeição rápida e insossa numa lanchonete, depois foi para o apartamento, acomodou-se na banheira com água quente, vestiu um pijama e um chambre, sentou para outra análise dos diários de Madeleine Bayard. Desta vez resolveu analisar os relatos de todas as pessoas na vida de Madeleine e comparar as versões dela com sua experiência pessoal. Ed Bayard era o primeiro na lista, não apenas por ser o marido, mas também porque cada registro diário baseava seu tom no último encontro entre os dois...

Nem todos eram hostis ou mesmo conflitantes. Havia momentos de serenidade, mais raramente de ternura. O mais estranho era o fato de as confrontações conflitantes serem acompanhadas por anotações animadas, até mesmo alegres, enquanto os encontros gentis eram sucedidos por explosões de raiva e frustração.

> *A noite de ontem foi tão simples, tão agradavelmente burguesa, que quase se tornou cômica. Ed trabalhava num processo, eu desenhava e escutava Claudio Abbado tocar um concerto para piano de Mozart. Fiquei me dizendo, espero que nada aconteça para estragar isso. E nada aconteceu. Fomos para a cama, fizemos amor, adormecemos. Mas esta manhã eu mal podia esperar para sair de casa! Sinto-me sufocada pelo tédio. Pesa como uma capa de chumbo, a me oprimir. Olho para os desenhos que fiz ontem à noite. Insípidos, banais e acadêmicos. É somente quando me encontro neste espaço vazio que pego fogo. ...Ontem à noite eu olhava para Ed com amor e ternura. Esta manhã, à mesa do desjejum, mal consegui ser cortês com ele. Gostaria que ele fizesse alguma coisa para me deixar indignada. Mas não, ele se desfez, como um escultor tentando esculpir um anjo de um bloco de granito impossível... Tudo o que ele consegue fazer é conjurar o demônio. Chamei Peter para modelo esta manhã. Eis aí outro tipo de demônio: indiferente, estúpido, vaidoso, cruel... mas seu corpo é perfeito e enquanto eu pago ele é todo meu. Aprendi a domá-lo com o desprezo, porque posso comprar vinte iguais e ele sabe disso.*

Poucos dias depois, o tom emocional inverteu por completo.

> *Sempre que Ed está preocupado com os negócios exige de mim um*

envolvimento instantâneo. Devo compreender no mesmo instante as complexidades do problema, as personalidades em conflito. Devo cumulá-lo de simpatia e solicitude. Digo-lhe que não posso fazer isso. Minha mente e emoções não funcionam assim. Não esperaria que ele me acalentasse como uma criança cada vez que eu tivesse problemas com uma tela. Se precisa desse tipo de conforto, Ed pode comprá-lo numa casa de massagens ou com uma call girl*. Eu não me importaria. Mas me importo e me ressinto muito por ele me pressionar desse jeito, jogando-me de um lado para outro, como se eu fosse uma boneca de trapo. Mas fico calma no momento em que volto para cá. Ligo para Danny. Ela diz que virá e posará para 'A Mulher na Janela'. Conversamos enquanto ela posa. Danny me conta todos os seus problemas, com mulheres e com homens. Eu a tranquilizo com uma conversa gentil. Experimento um prazer intenso ao ver os músculos tensos relaxarem e o corpo branco começar a transmitir sua imagem fluida para a tela. Quando acaba, trocamos alguns beijos, bebemos um pouco, fazemos um amor consolador.*

Havia menção, em outro lugar, ao aspecto obsessivo do caráter de Bayard:

Ele não se entrega à violência bruta. Não agride nem quebra as coisas. Penso às vezes que seria mais saudável se ele o fizesse. Em vez disso, sua raiva se volta para dentro e se traduz em outra coisa — uma ameaça estudada, como a de um vilão na alta tragédia. Só que isto não é um drama, mas a realidade, e confesso que me assusta profundamente. É como contemplar o rosto de Siva, o destruidor. Tentei captar a imagem num desenho, esperando exorcizá-la com a passagem para a tela, mas as mãos ficaram paralisadas e a memória apagou. Não posso enfrentar o estúdio sozinha hoje. Devo sair, mas isso representaria uma derrota para Edmund. Em vez disso, decido chamar Hugh Loredon. Ele vem, como sempre, ao estalar dos meus dedos — mas sei que reagirá da mesma maneira a qualquer mulher atraente. Hugh não representa um triunfo para mim. Posso chamá-lo como um bobo da corte, certa de que me fará rir — de mim mesma e dele. Mas quando lhe falo sobre Ed e suas iras sinistras, ele sacode a cabeça desesperado e me diz: 'Se não escaparem um do outro, um de vocês acabará sendo morto... anote as minhas palavras, Madi. Não sei como você atura essa vida. É como o caldeirão das feiticeiras, fervilhando e borbulhando sobre o fogo.' Digo-lhe que exagera; mas lá no fundo sei que ele está dizendo a verdade. Gostaria que Hugh me fizesse amor, mas ele está com pressa de partir — para uma exposição, ele alega. Sei que está

se guardando para uma de suas clientes. Segurá-lo é como tentar segurar o mercúrio.

A única área da vida deles que parecia a salvo da profanação era a paixão comum por colecionar arte. Os comentários de Madeleine sobre uma excursão de compra eram esclarecedores:

É como trocar de parceiro no meio de uma dança. No momento em que ele vê alguma coisa de que gosta — neste caso, um Georgia O'Keeffe, rochas descoradas e uma flor de cacto, gigantesca, num deserto — torna-se subitamente transformado. É como um exorcismo; os demônios são removidos, o homem fica vazio, inocente e trêmulo... Vira-se para mim e diz: 'Adoro isto. Pode conviver com este quadro? Diga-me.' Sempre concordo. Seria monstruoso agir de outra forma, porque seu instinto é muito seguro. Também admiro a obra, mas entre eu e ela há todas as barreiras de conhecimento e — tenho de ressaltar — todos os ciúmes de uma artista invejando os talentos de outra. Tentei explicar isso a Henri Berchmans quando ele veio passar algumas horas comigo. Ele riu e me disse: 'Vocês, artistas plásticos, são as crianças mimadas de Deus. Ele deixa que vocês deem uma espiada no paraíso. Mas ainda querem fazer bolos de lama no inferno!' Depois, ele me fez amor, como um camponês num paiol, rápido e brutal. Contudo, ele também me faz rir e de uma estranha maneira ajuda a perdoar a mim mesma. Esse é o problema com Edmund. Quando o exorcismo termina e a casa fica calma e vazia, os demônios voltam, mais numerosos do que antes, terrivelmente implacáveis.

E aí, pareceu a Mather, estava a chave para a tragédia: duas pessoas que nunca podiam perdoar uma à outra por serem o que eram. Madeleine era tão implacável quanto o marido. Até mesmo o ato de amor se tornava um ato de vingança. Os quadros que ela pintava eram todos de pessoas cativas, tentando em vão escapar. Era estranho que as únicas peças realmente felizes fossem as fantasias eróticas em que os participantes eram como companheiros em algum Éden primitivo. Mas até mesmo essa ilusão se mostrava frágil demais para algum conforto.

Sei que Edmund compra o sexo que lhe recuso; assim como eu compro, ordeno ou seduzo os amantes de que preciso no seu lugar. Henri Berchmans está certo. Somos ambos filhos mimados de Deus. Estamos cheios de dádivas que não sabemos como partilhar. Hugh Loredon procurou-me hoje. Disse que tinha um câncer e que o prognóstico não era bom. Eu sabia que

ele precisava de conforto. Subitamente, nada tinha a lhe oferecer. A presença da doença me repugnou. Estremeci ao seu contato. Ele ficou profundamente magoado. Nunca vi ninguém tão cheio de raiva, com tanto ódio. Contudo, não pude evitar. Hugh, pela primeira vez desde que o conheci, nada tinha a dizer. Havia uma tela inacabada no cavalete. A modelo era uma jovem do Negronis, uma bailarina. Hugh olhou para o quadro em silêncio, depois pegou um pincel e riscou a imagem com pinceladas longas. E disse: 'Alguém matará você um dia, Madi. Talvez eu me proporcione esse prazer, antes de morrer.' De um homem como Hugh, parecia uma maldição bíblica. Depois que ele foi embora, tirei a tela da moldura e iniciei uma obra completamente nova.

Mather assinalou a passagem, sabendo ao fazê-lo que era uma explicação muito fácil e tentadora para a morte de Madeleine. Hugh Loredon a teria lido de qualquer jeito, e podia muito bem tê-la usado como uma deixa para sua ficção. Era meia-noite. Os olhos de Mather ardiam. Já ia fechar o diário quando outra passagem atraiu sua atenção.

Os rapazes e moças do Negronis estão sempre experimentando drogas, de um tipo ou outro. Impus a regra que dentro das minhas portas nada será usado. Peter, o estúpido, tentou me desafiar. Fuma maconha, funga coca. Esta manhã ele fez uma grande demonstração, enquanto Danny e Paula se encontravam aqui. Mandei que saísse. Ele se recusou. Fui ao telefone e liguei para a polícia. Ele tentou arrancar o fone da minha mão. Peguei a adaga que uso para cortar papel e encostei a ponta em sua virilha. Ele largou e se afastou. Eu lhe disse para nunca mais voltar. Isso e o incidente do estupro foram demais. Paula partiu logo depois, mas Danny ficou. Estava muito zangada. E me censurou em palavras amargas: 'Eu amava você, Madi. Faria qualquer coisa no mundo por você, confiava em você. Participava de seus jogos porque acreditava que tinham um sentido para nós duas. Achava que era a mulher mais linda e talentosa do mundo. Mas olhe para você agora! Está destruindo a si mesma e a todos os outros. Parece uma vagabunda; há semanas que não faz um trabalho decente.' Fiquei furiosa, porque sabia que tinha razão. Avancei para ela e esbofeteei-a. Ela pegou a arma e avançou para mim... Baixei os braços e fiquei imóvel. Ela parou abruptamente; depois, jogou a adaga na mesa. Supliquei que ficasse e tomasse um drinque comigo. Começaríamos tudo de novo — novos quadros, novos amigos. Ela sacudiu a cabeça e foi embora. Peguei uma tela em branco na prateleira e comecei a preparar o fundo

para um quadro de tempestade. Cerca de meia hora depois, Edmund apareceu. Era a primeira vez que ele chegava sem anunciar. E disse: 'Tive o estranho pressentimento de que você podia estar em perigo. E achei que seria melhor vir buscá-la e levá-la para casa.' Agradeci, disse que me sentia satisfeita por ele ter vindo e que estava pronta para ir embora.

Mather fechou o diário e guardou-o em sua pasta, junto com o resto dos documentos, à espera da reunião pela manhã com Munsel e o encontro posterior com a polícia. Sentia-se exausto, mas a mente girava vertiginosamente como uma serra circular, depois da leitura. Serviu-se de um uísque, ligou a televisão para ver um filme de faroeste e recostou-se para relaxar. Foi então que o porteiro ligou. Era inglês, um migrante recente, fazia o melhor possível para dar um pouco de classe a Manhattan. Um certo Sr. Bayard estava no saguão. O Sr. Mather se encontrava em casa?

— Mande-o subir — disse Max Mather, cansado.

Bayard estava meio embriagado, mas parecia ter saído do banho, recendendo a sabonete ordinário e óleo de massagem.

— Sei que estou me intrometendo — ele disse —, mas é um conselho bi... bíblico: "Nunca deixe que o sol se ponha sobre a sua raiva..." O sol se pôs, mas a lua surgiu... Ficamos ambos com muita raiva ontem à noite.

— E agora estamos apenas cansados. Não vamos prolongar a agonia, Ed. O que posso fazer por você?

— Anne-Marie telefonou. Disse que você queria levar a mulher Danziger à inauguração.

— É verdade.

— Eu só queria que você soubesse que concordo... essa é a palavra. E concordo com o maior entusiasmo.

— Fico contente que pense dessa maneira.

— A única maneira possível, Max! Inocente até que seja provada a culpa... que se faça justiça... tudo isso. Muito apropriado. Bem que estou precisando de um café. No lugar que costumo usar as mulheres são caras, mas as bebidas gratuitas. Bebi demais e por isso meu desempenho foi um tanto inibido. Entende o que estou querendo dizer?

— Vou providenciar o café.

Bayard seguiu-o para a cozinha, ainda falando.

— Concordo com sua política para a exposição, Max. A gordura já está no fogo. Vamos deixá-la chiar. Pegar fogo. O que temos a perder? Nada. O que temos a ganhar? Nada, a não ser dinheiro. Por isso eu disse a Anne-Marie: aproveite tudo o que puder!... sem açúcar, sem leite, apenas café puro e bem

forte! Outra coisa que eu queria dizer, Max...

— Vamos voltar para a sala com o café?

— Claro. Eu queria dizer mais uma coisa, Max. Fico contente por não sermos mais rivais.

— Até onde eu sei, nunca fomos.

— Eu pensava que éramos... o que dá no mesmo. E agora descubro que vai se casar com uma suíça.

— E daí?

— E daí, meus parabéns.

— Obrigado.

— E eu vou pedir a Anne-Marie para casar comigo, logo depois da exposição.

— Provavelmente é mais sensato deixar para depois; ela se encontra sob muita tensão neste momento.

— Mas a sua volta é uma grande ajuda, Max, uma grande ajuda. Bem, agora vamos falar sobre aquela outra pobre mulher. Danziger...

— O que há com ela, Ed?

— Não foi ela.

— Sei que não foi, Ed, mas isso tem de ser provado para o júri, num tribunal em Nova York... Se sabe de alguma coisa que possa ajudar na defesa...

— Sei que não foi ela.

— Já disse isso. Como sabe?

— O golpe, Max. A arma. Tudo errado para uma mulher, especialmente aquela mulher.

— Então por que me espinafrou quando telefonei de Zurique?

— Porque não tive tempo de pensar a respeito. Foi como levar uma porrada com um bastão de beisebol nos dentes...

— Está disposto a prestar depoimento no julgamento?

— Max! Max! Você parece obtuso demais esta noite! O que tenho é uma opinião, não uma prova. O que é mais do que inútil no tribunal. Mas se aparecer mais alguma coisa, pode ter certeza de que entrarei em contato...

— Já é muito tarde, Ed, há muito que passou minha hora de deitar. O que realmente o trouxe aqui?

— Ah, isso! Diversas coisas. — Ele começou a contá-las nos dedos. — Primeiro, um café puro, que está me fazendo muito bem. Segundo, falar sobre Anne-Marie e eu. Terceiro, dar-lhe os parabéns por seu casamento próximo. Quarto, dizer que prefiro não ter o seu amigo florentino apresentando os quadros de Madi. Lebrun fará isso muito bem. E quinto... o que era mesmo o quinto? Ah, sim! Convidá-lo para jantar em meu apartamento, na próxima quarta-feira. É

uma espécie de pré-estreia da exposição, com a nata dos *connoisseurs* de Manhattan. Vinte pessoas, a rigor. Anne-Marie será minha anfitriã. Estarei fazendo par com a Sra. Lois Heilbronner. Ela me diz que vocês se conheceram outrora, e muito bem.

"Oh, Deus!", Max Mather rezou em silêncio. "Por que agora? Por que eu?"

Mas ele já sabia a resposta. Deus era um gozador que cuidava dos bêbados e loucos como Bayard, mas não tinha a menor misericórdia com os Casanovas talentosos como Max Mather.

16

Por favor, sente-se à cabeceira da mesa, Srta. Danziger. — George Munsel estava armando o cenário para a reunião da manhã. — Max ficará num lado, um pouco afastado. Eu ficarei em frente a ele. Para todos os efeitos, estará isolada como se fosse no tribunal, o que acontece com as testemunhas. Será um teste de coragem e concentração. Esta manha, no espírito do exercício, nem Max nem eu somos seus amigos. Não passamos de inquisidores antiquados, interrogadores empenhados apenas em descobrir a verdade. Cada um de nós dispõe de informações que você ignora. Portanto, o que nos disser será comparado com o que já sabemos. Entendido?

— Entendido.

— Não haverá concessões no interrogatório... nenhuma polidez. Está preparada para isso?

— Estou.

— Se eu resolver apresentá-la como testemunha no julgamento... e ainda não tomei essa decisão... estará sob juramento. Uma resposta falsa será perjúrio. Responderá agora como se estivesse sob juramento. Concorda?

— Concordo.

— Há quanto tempo conhecia Madeleine Bayard?

— Há cerca de dois anos.

— Como a conheceu?

— Eu trabalhava numa matéria para Belvedere intitulada "Artistas e Modelos". Seldes desencavara algumas fotografias e gravuras antigas de Montparnasse, Via Margutta em Roma e Café de Paris em Londres. Queria mostrar a continuidade com o SoHo e o Village hoje. Um dos lugares que visitei foi o Negronis. Uma das pessoas que ali encontrei, e com quem conversei, foi Madeleine Bayard.

— Tornaram-se amigas.

— Isso mesmo.

— Posava para ela ocasionalmente?

— Sim.

— Quanto tempo passou antes que se tornassem amantes?

— Acho que uns dois meses.

— Suas preferências sexuais são exclusivamente pelas mulheres?

— Não eram naquele tempo. São agora.

— Por que a mudança?
— Acho que é porque não mais tento ser o que não sou.
— Seu relacionamento com Madeleine Bayard era exclusivo?
— Não. Ela tinha outras pessoas como amantes.
— E você?
— Seguia o exemplo dela.
— Gostava da variedade?
— Não. Achava que... Não era feita para isso.
— Pode explicar a resposta?
— Tinha a sensação de que estava me cortando em fatias, como um bolo de casamento, distribuindo-me para ser devorada. E temia que os pedaços nunca mais pudessem ser reunidos. Precisava e preciso da segurança do relacionamento com uma só pessoa.
— Em outras palavras, é muito possessiva?
— Sou, sim.
— Ciumenta?
— Também.
— Ciumenta até que ponto? Muito, loucamente, irracionalmente?
— Muito.
— O suficiente para matar alguém?
— O suficiente para especular se seria capaz de matar alguém.
— Contudo, participava voluntariamente de uma variedade de atividades sexuais com pessoas dos dois sexos. Essas diversões eram organizadas e orientadas no estúdio por Madeleine Bayard.
— Eu participava. Nem sempre voluntariamente.
— Protestava?
— Na maioria das vezes me ressentia em silêncio.
— Quando protestava?
— Quando era forçada por um homem de quem não gostava a fazer coisas que não queria.
— Enquanto Madeleine observava?
— Isso mesmo.
— E ela encorajava o desempenho?
— Isso mesmo.
— O que acontecia quando protestava?
— Ela mandava parar.
— E como você se sentia então?
— Eu a odiava.
— Mesmo depois?

— Não. Não tenho esse talento também... Não posso amar ou odiar por muito tempo ou muito profundamente.

— Com sua permissão, George — interveio Max Mather. — Eu gostaria que Danny comentasse algumas anotações que eu trouxe. São reproduções literais dos diários de Madeleine. Sabia que ela mantinha um diário, Danny?

— Sabia. Mas ela nunca deixou que eu ou qualquer outra pessoa lesse.

— Deixe-me ler alguns trechos para você... "Paula e Danny sentem ciúme uma da outra. Eu me afasto e as ponho para fazerem amor com Lindy. Depois, mando Peter entrar em cena. Explico muitas vezes que o amor deve ser diversão, não fúria..." Isso se refere à ocasião que você acaba de mencionar.

— Acho que sim.

— Diria que é um relato acurado do que aconteceu?

— Claro que não. Dá a impressão de que foi uma brincadeira despreocupada, tendo Madi como... como mestre de cerimônias. Não foi absolutamente assim. Foi brutal, cruel e... e perigoso!

— Agora, escute isto. — Mather leu o longo relato do episódio das drogas e o ataque de Danny a Madeleine com a adaga. — O relato é verdadeiro?

— Não é, não. Em primeiro lugar, Paula não estava presente... apenas Peter, Madi e eu. Madi mente quando diz que não permitia drogas no estúdio. Nunca poderia encenar suas festas sem drogas. Mas nunca as consumia. Tinha muito medo do que poderiam fazer com seu trabalho... que era a única coisa que ela respeitava. Mas a verdade é que a turma do Negronis levava drogas para o estúdio... e nessa ocasião Peter me ofereceu cocaína. Recusei. É um risco grande demais para mim também. Vivo do meu talento. E depois Peter começou a se tornar difícil. Ele tinha uma espécie de rotina... Primeiro tentava persuadir, depois se tornava jocosamente cruel e logo bem violento. Madi limitou-se a ficar olhando. Peguei a adaga com uma das mãos, um pote de terebintina com a outra. Joguei a terebintina no rosto de Peter. Ceguei-o. Saí correndo, deixando Madi para endireitar tudo com ele... Não sei qual é a data do registro, mas não voltei ao estúdio até que Madi me telefonou, no dia de sua morte.

— Ou seja, está dizendo que o diário de Madeleine é um documento que não merece confiança — comentou George Munsel, retomando o interrogatório.

— Estou dizendo que não é um documento. É uma história que ela inventava a cada dia, a fim de ser possível conviver consigo mesma... Madi sabia da minha fraqueza em relação a ela. Sabia da minha indecisão sobre uma identidade sexual. Mas me alcovitava com aquele homem, aquele rufião musculoso chamado Peter... E depois, como não podia deixar de acontecer, a coisa escapou ao controle. Eu poderia tê-lo matado... ou ele poderia me deixar toda machucada.

— Você poderia ter matado Madeleine?

— Às vezes tive vontade.

— E matou?

— Não.

George Munsel consultou suas anotações e depois continuou na inquisição, no mesmo estilo seco e isento.

— O crime foi cometido em 18 de fevereiro. Conte-me exatamente o que fez nesse dia.

— Não posso contar exatamente. A manhã está bem clara. A tarde é vaga.

— Conte-me o que recorda.

— Levantei às sete e corri até oito. Subi pela Quinta até a rua 70, atravessei para a Madison, desci a Madison até a Grand Central, voltei para casa.

— Como estava o tempo?

— Claro, mas muito frio.

— E depois?

— Tomei um banho de chuveiro, preparei o desjejum, fui à biblioteca municipal para procurar uma referência.

— Sobre o quê?

— Falsificação de Michelangelo.

— Não estou a par desse assunto.

— Michelangelo envelheceu de maneira espúria uma estátua de um Cupido adormecido para um *marchand* milanês, que a vendeu como antiguidade autêntica ao cardeal San Giorgio.

— Muito bem, encontrou a referência. E depois?

— Parei numa papelaria para comprar envelopes pardos e etiquetas adesivas... Tomei um café.

— Onde?

— Em algum lugar da rua 47. Peguei um táxi e fui para casa. Havia um recado de Madi na secretária eletrônica. Pedia que eu ligasse para ela.

— E você ligou?

— Não imediatamente. Passara algum tempo livre de Madi. E não queria me envolver de novo.

— Então por que acabou telefonando?

— Havia alguma coisa em sua voz que me deixou perturbada. Estava engrolada e hesitante, como se ela estivesse bêbada. Especulei se não teria sofrido um derrame... Já vira isso acontecer com uma tia. Lembrava nitidamente.

— E acabou ligando?

— Isso mesmo.

— E Madeleine atendeu.

— Atendeu.

— Como ela lhe pareceu então?

— Melhor, mas ainda esquisita. Perguntei o que ela queria. Madi disse que não se sentia bem, se eu não poderia ir ao estúdio e almoçar com ela. Perguntei se estava sozinha. Ela respondeu que sim. Concordei em ir até lá.

— A que horas foi isso?

— Por volta de meio-dia.

— Antes ou depois?

— Logo depois.

— Como sabe?

— Liguei o rádio ao entrar no apartamento. O noticiário do meio-dia estava começando.

— Como foi para o estúdio?

— De táxi.

— A que horas chegou?

— Por volta de dez para uma.

— Como entrou?

— Pela porta da frente. Toquei a campainha. Madi abriu a porta.

— Como ela estava vestida?

— Como sempre, estava num dia de trabalho. Uma bata por cima de um blusão e uma calça comprida.

— O que ela fazia quando você chegou? Pintava, desenhava, escrevia... o quê?

— Pintava. Havia uma tela inacabada no cavalete.

— Mas você disse que ela não estava bem.

— Não. Falei que ela não parecia bem, e que Madi assim me disse. Estava lívida, o rosto inchado, a fala não era absolutamente normal.

— O que aconteceu em seguida?

— Perguntei qual era o problema. Ela contou que o médico receitara sedativos. Queixou-se de que eram muito fortes e prejudicavam seu trabalho. Vi a garrafa de uísque e o copo. Adverti-a que não deveria beber enquanto tomava sedativos. Ela disse que só tomara uma dose pequena. Fiz com que tirasse a bata e os sapatos e deitasse. Cobri-a e sentei na beira da cama, fiquei falando até que ela pegou no sono... Não sabia o que fazer. Não queria ficar ali. Não queria deixá-la sozinha. Acabei descendo e pendurei o aviso de "Só volto às cinco e meia" na porta. Liguei para o escritório do Sr. Bayard. Disseram que ele saíra para o almoço; eu não queria deixar recado? Achei melhor não deixar. Tentei falar com Hugh Loredon. Sabia que eles haviam tido uma briga por algum motivo, mas Hugh sempre se mostrara muito protetor em relação a Madi... e a mim também, diga-se de passagem. Fizéramos amor algumas vezes; não chegou

a ser sensacional, mas também não foi ruim... Hugh estava no escritório. Disse-me que não precisava esperar no estúdio, bastava me certificar se Madi estava coberta e os aquecedores ligados. Chegaria em quinze ou vinte minutos... Senti-me contente por ir embora. Desde o episódio com Peter que me mantinha cautelosa com a turma do Negronis. Saí pela porta dos fundos, andei meia dúzia de quarteirões e depois peguei um táxi...

— Com sua permissão, George — Mather interveio de novo. — Eu gostaria de indagar sobre os aquecedores. Aquele lugar é enorme. Tivemos de instalar ar-condicionado para torná-lo habitável. O que Madeleine Bayard usava?

— Aquecedores a gás — respondeu Leonie Danziger. — Do tipo ligado a um bujão de gás, num carrinho. Pode-se deslocá-los de um lugar para outro, ajustar a altura, focalizar o calor. Havia três no segundo andar e seis no último, porque não dispunha de isolamento sob as vigas e o lugar esfriava muito depressa.

— Acaba de nos contar sua história — disse George Munsel. — E agora vou dizer qual é a história que o promotor apresentará ao júri, com algumas provas em confirmação. E depois Max vai falar de outras variações sobre o mesmo tema. Antes de chegarmos a isso, no entanto, Max tem outra pergunta para você.

— Enviou para mim em Zurique um sumário das informações da polícia e imprensa sobre o caso. Enviou também algumas fotos. Não mencionou nenhum dos fatos que acaba de revelar agora. Por quê?

— Porque não tinha a menor ideia de que era suspeita. Não vi motivo para complicar minha vida com revelações desnecessárias. E nosso relacionamento... seu e meu, Max... era estritamente numa base limitada.

— Está bem claro. Obrigado. Pode continuar, George.

— A exposição da promotoria, como vai ouvi-la no tribunal, será a seguinte. Primeiro, a hora. Uma testemunha que estava tomando café no Negronis vai declarar que viu você entrar pela porta da frente do estúdio às duas e dez. Hugh Loredon... o falecido Hugh Loredon... testemunha num depoimento autenticado pouco antes de sua morte, que você lhe telefonou por volta de quinze para as três, dizendo que Madeleine estava morta. Ele mandou que você pegasse a arma, deixasse o estúdio pela porta dos fundos e caminhasse por alguma distância antes de pegar um táxi e voltar para casa... Ele cuidaria do resto. Mais tarde, no mesmo dia... essa parte do dia que não está muito clara para você... Loredon foi ao seu apartamento, onde você lhe contou como tudo acontecera e ele disse para ficar calma, não dizer nada e tudo acabaria bem... Portanto, o promotor vai perguntar: não prefere essa versão, Srta. Danziger?

— Não é verdade! Absolutamente não é verdade!

— Mas como prova isso? Foi vista entrando no estúdio mais de uma hora depois do momento em que disse ter chegado. Admite que ligou para Hugh

Loredon. Ele diz que você ainda estava lá quando chegou e que admitiu ter matado Madeleine. Conhecia a arma do crime. Segundo os diários, já ameaçara Madeleine com ela. Mesmo em sua versão, ameaçou Peter. Diz que ligou primeiro para Ed Bayard, mas não deixou recado. Portanto, não há registro do telefonema. O depoimento de Hugh Loredon diz que ele foi ao seu apartamento mais tarde. Você diz que se lembra muito pouco do que aconteceu naquele fina! de tarde. Por quê?

— Fui ao Roxanne's.

— E o que é o Roxanne's?

— É um clube... um clube de mulheres. Chamam-no de Spa Sáfico. Encontrei algumas amigas. Tomamos uns drinques... drinques demais. Algumas decidiram andar um pouco para ficar sóbrias. A caminhada acabou se transformando numa ronda de bares. A única coisa de que me lembro nitidamente é de chegar bem tarde e ter que pedir dinheiro emprestado ao porteiro para o táxi...

— E não tem a menor lembrança da visita de Hugh Loredon?

— Nenhuma.

— Vamos voltar a Madeleine. Diz que a pôs na cama com todas as roupas?

— Isso mesmo.

— A polícia alega que ela estava nua e as roupas dobradas numa cadeira, de maneira impecável. A sugestão, obviamente, é de que ela recebera uma amante... uma mulher, já que não havia qualquer indício de intercurso com um homem. Vocês duas não tiveram relações assim no passado?

— Tivemos.

— E às vezes, como nos contou, tais encontros terminaram em discussões.

— É verdade.

— Foi o que aconteceu com este?

— Não fizemos amor! Tudo ocorreu exatamente como falei!

— Se você não matou Madi, quem foi então?

— A pessoa que estava vigiando no Negronis. O próprio Hugh Loredon. Como vou saber?

— Quem estava vigiando no Negronis?

— Só pode ter sido Peter. Ele me odiava o bastante para armar tudo isso.

— Mas como ele podia adivinhar que você estaria lá?

— Pode ter convencido Madi a me chamar. Já fizera isso antes. Madi trabalhava numa figura de homem. É possível que ele fosse o modelo.

— Pense em outro possível... Hugh Loredon. Pode imaginá-lo como o assassino?

— Nunca pude entender Hugh direito. A princípio, gostava dele, todo mundo

gostava. Ele... ele foi muito bom para mim, emocionalmente, numa situação muito difícil. No começo foi uma grande ajuda, mas nunca depois. — Ela soltou uma risada breve e trêmula. — Você é muito melhor nisso, Max! Havia um lado sinistro em Hugh, e às vezes penso que Madeleine o despertou.

Mais uma vez, Mather interveio no diálogo. Levantou os cadernos de desenho para George Munsel, que acenou com a cabeça, num assentimento silencioso. Mather explicou a Danny Danziger.

— Estes cadernos de desenho acompanham os diários. Já os tinha visto?

— Acho que não.

— Pois então se prepare para um choque. Depois de examiná-los, quero que atribua um nome a cada pessoa que puder identificar nos desenhos.

Ele estendeu os cadernos para Danny. Os dois homens observavam-na atentamente, enquanto ela absorvia o primeiro choque, depois passava a virar as páginas, com um cuidado determinado. Por fim, ela fechou os cadernos, levantou os olhos e disse, friamente:

— São como os diários; pensamento desejoso, paixão lembrada muito depois que a paixão foi consumida. São como os desenhos de Beardsley, refinados, sem redundâncias, sem passos em falso... Mas se observassem os primeiros traços de Madi ao iniciar um tema, o gênio, a mestria descontraída... Onde estão estes desenhos agora? Sei que existiam, pois estava presente quando alguns foram feitos.

— Talvez ela própria os tenha destruído, antes de traduzi-los para a forma que está agora à sua frente — sugeriu Munsel, suavemente.

— É possível...

Ela parecia em dúvida.

— Mas vamos voltar aos desenhos — decidiu Munsel. — Ponha um nome em cada rosto que conheça.

Depois que isso foi feito, Max Mather fez outra incursão na conversa.

— Há uma coisa que me incomoda... Podemos aventar um motivo para Hugh Loredon assassinar Madi. Mas por que ele armaria tudo para incriminá-la?... Não, não diga nada por um momento... Quero que ouça o que ele me disse em Amsterdam. Não é completamente literal, mas quase isso: "Fui seu primeiro homem... do que muito me orgulhei... um tipo especial de vitória. Oh, Deus, como fui ingênuo! O encontro foi lamentável para ambos.” É verdade ou mentira, Danny?

— Verdade. — Ela exibia uma fúria fria. — Foi terrível... um episódio difícil, humilhante. Ele descartou o problema com uma risada. Era o seu jeito. Fiquei machucada, por dentro e por fora. Odiei-o por isso... Por que ele me incriminaria? Teria incriminado a própria mãe, se isso lhe fosse conveniente.

Mas onde tudo isso me deixa? Madi e Hugh estão mortos. Quem fala por Danny Danziger?

— Eu falo. — George Munsel sorriu pela primeira vez. — E Max está fazendo um esplêndido trabalho de me pressionar. Você aguentou muito bem um interrogatório implacável e por isso acho que está bem amadurecida para ouvir uma conversa franca... com a advertência de que não deve desenvolver falsas esperanças... O fato é que não quero que este caso sequer entre em julgamento. Ninguém sairá limpo de tal julgamento. Muitas pessoas ficarão maculadas pelo resto da vida; a imprensa terá um prato cheio e não se fará justiça. Neste momento, o caso da promotoria não é dos mais fortes; mas o nosso também não é. Daqui até a data do julgamento temos que reunir provas suficientes para que eu possa apresentá-las ao promotor e dizer-lhe que seria um idiota se insistisse no julgamento... Quero ressaltar que não é fácil, não podemos contar com isso, mas vamos tentar.

— E o que faço até lá?

— Continue a trabalhar. Leve uma vida normal. Mantenha-se discreta, longe de lugares como o Roxanne's, não discuta o caso com mais ninguém, a não ser comigo.

— Nem mesmo com Max?

— Nem mesmo com ele. Max é testemunha. Eu sou seu advogado. Isso significa...

— Isso significa Moisés descendo da montanha com os raios! — exclamou Mather, sorrindo.

— Também significa que a Srta. Danziger lhe dá agora um cheque de dez mil dólares — acrescentou George Munsel — o pagamento pelos honorários que você me adiantou.

— Tem condições, Danny?

— Tenho, sim. Mas ainda ficarei lhe devendo, Max. Nunca poderei lhe agradecer o suficiente.

Mather sacudiu a cabeça. Estendeu a mão para a dela.

— Sem dívidas. Estamos quites agora. Podemos ser amigos. Além do mais, temos um trabalho a fazer juntos.

— Agora vá para casa — disse George Munsel, incisivo. — Max e eu ainda temos muito o que fazer.

Depois que ela se retirou, Munsel passou a tratar de outro assunto:

— Morte misericordiosa a pedido do paciente, em outra jurisdição... Não houve até agora nenhuma ação judicial de companhias seguradoras dos Estados Unidos para classificar isso como suicídio. Se o atestado de óbito emitido pela jurisdição em que a morte ocorreu estiver em ordem, o falecimento será aceito

como normal e o seguro pago... Portanto, não devemos ter escrúpulos sobre a revelação à polícia da maneira como Hugh Loredon morreu... Pergunta seguinte: o fundo de investimentos de um quarto de milhão de dólares instituído por Hugh, administrado por Lutz & Hengst, em benefício de Anne-Marie Loredon. O capital inicial foi de duzentos mil dólares; o resto é o acréscimo de juros. Quem instituiu o fundo foi mesmo Hugh Loredon...

— O que não nos ajuda muito, não é mesmo?

— Espere um instante, meu amigo tão ansioso! Espere! O fundo foi aberto com uma ordem de pagamento contra o Citibank... paga com um débito na conta pessoal de Edmund Justin Bayard. A operação foi efetuada em 25 de fevereiro.

— Uma semana depois da morte de Madeleine.

— Exatamente.

— E isso nos diz...

— Não nos diz nada. — George Munsel levantou a mão em advertência. — Leva-nos a formular uma pergunta: o que Hugh Loredon, um notório perdulário, tinha a oferecer a Edmund Bayard em troca de duzentos mil dólares?

— Há mais de doze meses — lembrou Mather —, quando Anne-Marie ainda vivia no exterior, mas quando Hugh Loredon já recebera as primeiras indicações de uma sentença de morte.

— Vamos meditar a respeito — sugeriu George Munsel. — Daqui a pouco você terá de enfrentar nossos dois investigadores de homicídio, Hartog e Bechstein... Sua posição é de cooperação total, sob a minha orientação. Como está sendo apresentado como testemunha técnica, eles terão de ser cautelosos e você poderá se mostrar tão amistoso quanto determinar sua natureza jovial.

— Minha natureza jovial precisa de um café.

— Já que estamos falando a respeito, Max, pense na seguinte teoria... Hugh Loredon está com câncer terminal, uma sentença de morte. Ed Bayard cumpre uma sentença de prisão perpétua, com uma esposa brilhante, mas terrível. Hugh Loredon também teve problemas com a mesma mulher. Assim, ele propõe um acordo benéfico para os dois. "Eu a liquidarei, se você me proporcionar um pé-de-meia para minha querida filha." ...Leite e açúcar?

— Puro, por favor.

Quando Munsel voltou com o café, Mather leu para ele os trechos do diário descrevendo o anúncio de Loredon: *Estremeci ao seu contato... Nunca vira ninguém tão cheio de raiva e ódio... Ele disse: “Alguém a matará um dia, Madi. Talvez eu proporcione esse prazer a mim mesmo”*.

Munsel contraiu os lábios em dúvida, depois converteu a dúvida em palavras.

— Não pode ter as duas coisas, Max. Se disser que os diários são em parte

invenção, não pode subitamente convertê-los em prova concreta.

— Pois então escute isto, George. — Mather consultou suas anotações. — Tive várias conversas com Bayard, uma durante um jantar em sua casa. Falávamos sobre Hugh Loredon. Bayard disse: "*Não o culpo por coisa alguma. Não posso culpar qualquer dos homens de Madi por aceitar o que ela oferecia*." Pergunta: por que Bayard foi tão tolerante com um homem que o corneara?

— Não é suficiente para basear nossa argumentação, Max.

— Mas vamos tentar, irmão George! Vamos tentar!

— E como você tenta! Mas agora vamos atravessar o corredor e ver como você se sai com uma dupla dos melhores detetives de Nova York.

Hartog e Bechstein formavam uma dupla experiente e eficiente. Mather apresentou-se como uma testemunha cooperativa. George Munsel fixou as regras básicas como um árbitro sensato.

— O Sr. Mather está aqui por sua livre e espontânea vontade para ajudá-los de qualquer forma possível. Como ele será uma importante testemunha de defesa, devo instruí-lo de vez em quando sobre suas respostas. Entendido, senhores?

Entendido. Sam Hartog abriu o diálogo.

— Qual é o seu relacionamento com a acusada, a Srta. Danziger?

— Ela é a editora que me foi designada por *Belvedere*, a revista para a qual trabalho. É muito competente em seu serviço. Nossas relações são amistosas e produtivas.

— E seu relacionamento com o falecido Hugh Loredon?

— Derivou de um relacionamento anterior com sua filha, a quem conheci na Itália e com quem trabalho agora. Foi ela quem me apresentou a Hugh Loredon.

— Teve um relacionamento íntimo com ele?

— Não. Ele sabia que eu era um grande amigo de sua filha. E me considerou num... papel protetor.

— Para protegê-la do quê? — Foi Bechstein quem fez a pergunta.

— De erros nos negócios. Ela iniciava um empreendimento arriscado.

— Sabia que ele estava doente?

— Só fui descobrir depois que falei com ele em Londres, antes de ir encontrá-lo em Amsterdam.

— Ele entregou-lhe uma maleta antes de deixar Nova York.

— É verdade.

— Contendo o quê?

— O que mais tarde descobri serem diários, cartas, cadernos de anotações e de desenhos que outrora pertenceram a Madeleine Bayard.

— Não sabia que isso era material de prova num caso de homicídio?

— Não me foi apresentado como tal. O crime ocorreu há mais de um ano, quando eu trabalhava na Itália. Encarei o material como uma base valiosa sobre a vida e obra de uma pintora cujos quadros teriam em breve uma exposição póstuma.

— Na verdade — interveio George Munsel —, a investigação tendo emitido uma prisão e indiciamento, esse material será usado como prova da defesa e apresentado à promotoria na ocasião oportuna.

— O que tem a dizer sobre seu encontro com Hugh Loredon na Holanda? — indagou Bechstein.

— Quando falei com ele em Londres, Hugh Loredon me disse que estava nos estágios terminais do câncer. Ia à Holanda para morrer. Não queria que a filha soubesse ou estivesse presente. Por isso me chamou.

— Para fazer o quê?

— Segurar sua mão, ouvir sua última confissão.

— Como um padre?

— Mais ou menos isso.

— E o que ele contou?

— Uma história absurda sobre a maneira como Danny Danziger assassinara Madeleine Bayard e depois telefonou para ele, que lhe disse para sair de lá, indo em seguida ao estúdio para arrumar tudo antes da chegada da polícia. Essas são as linhas gerais. Tenho anotações detalhadas.

— Mas não dirá mais nada neste momento — advertiu George Munsel.

— E qual foi sua reação a essa informação? — Foi Hartog quem fez a pergunta. Bechstein estava vigilante como um gato.

— Eu lhe disse que era um tremendo mentiroso — respondeu Max Mather. — Que sua história tinha tantos buracos quanto um queijo suíço.

— E o que ele disse?

— Admitiu que era isso mesmo.

— Por que não nos comunicou? Sabia que tínhamos uma investigação em andamento.

— Porque eu sabia que Hugh Loredon estaria morto no dia seguinte. Ele providenciara uma morte misericordiosa, ao estilo holandês. Que prova eu tinha de uma conversa pessoal? O que eu não sabia, é claro, é que Loredon escrevera para vocês, denunciando Danny Danziger como a assassina.

Bechstein levantou os olhos abruptamente.

— É uma palavra estranha, Sr. Mather.

— Vivi muito tempo na Itália e o verbo que se usa lá é denunciar. Nos velhos tempos, em Veneza, deixava-se um bilhete anônimo na boca de um leão. Depois disso, o Conselho dos Dez assumia.

— É uma metáfora interessante — comentou George Munsel. — O que temos, senhores, é uma acusação escrita em *articulo mortis* por um homem que está pagando para ser morto... e uma declaração perjura de uma testemunha no Negronis.

— Como sabe quem é nossa testemunha?

Sam Hartog estava visivelmente abalado.

— Posso lhes mostrar um retrato. — George Munsel era a suavidade em pessoa. — Ainda não, é claro, mas quando estivermos um pouco mais adiantados. Agora, tenho de aconselhar o Sr. Mather, dizendo-lhe que já respondeu às suas perguntas principais e que deve reservar o resto de suas informações para o tribunal. Isto é, se chegarmos ao tribunal.

— O que isso significa?

Bechstein, um bom cão de caça, ficou alerta no mesmo instante.

— Os tribunais andam muito ocupados, todo o sistema judiciário sofre um excesso de trabalho. Vocês têm bandidos e assassinos à solta nas ruas. Se realmente querem que se faça justiça, falarei com o chefão e direi que não dispõe de provas, terei o maior prazer em lhe demonstrar em particular, antes que venha a bancar o idiota em público.

— Se quer propor um acordo...

— Nada de acordo! — George Munsel tornou-se subitamente inflexível. — Suas fontes estão prejudicadas. O caso é o pior possível. Estão sentados num barril de pólvora.

— Nós falaremos com o chefe — declarou Bechstein.

— Ele não vai gostar — acrescentou Hartog.

— Ele não gosta como está agora — disse Bechstein. — Mas isso não significa que mudará de ideia. É como um bode, ponha-se um muro de pedra na sua frente e tentará derrubá-lo com marradas.

— Podem servi-lo um pouquinho de cada vez — sugeriu George Munsel, jovial.

Depois, quando se encaminhavam para o almoço, ele apresentou uma proposição um pouco diferente a Mather.

— Falamos a verdade, mas isso não é suficiente, porque a lei não funciona assim. Os detetives sabem que têm um caso falho e o mesmo acontece com o promotor. Mas ele também sabe que não queremos orgias, amores lésbicos e casamentos arruinados sendo divulgados pelos tabloides sensacionalistas...

Assim, o que vai calcular é se vale a pena ser derrotado no tribunal para promover uma caça às bruxas ao estilo antigo... sexo no SoHo e todo o resto. Levará algum tempo para definir a matemática: justiça elementar ou um sacrifício humano bem encenado...

*

Dois dias depois, Max Mather passou por sua própria forma de ritual da morte — a mudança para o apartamento no SoHo. Contratou os "bons rapazes judeus" que anunciavam numa revista, garantindo preservá-lo e a seus pertences de todo mal e deixá-lo relaxado no conforto ao final do dia.

Não foi culpa deles que chovesse, que houvesse engarrafamentos nas principais ruas da cidade, que os caminhões se atrasassem, que dois carregadores estivessem com problemas nas costas e outro com dificuldades conjugais. Não foi culpa dele que já passasse de meia-noite quando Max Mather largou o último saco de lixo no ponto de coleta, removesse com o aspirador a última penugem do carpete novo e se descobrisse sozinho, como um animal perdido num território desconhecido.

Abaixo havia dois andares vazios, recendendo a tinta fresca. As grades do elevador reluziam com latão polido e ferro preto. As portas do primeiro andar estavam fechadas e trancadas, as janelas bloqueadas por barras de aço. A linha do horizonte lá fora era estranha, tribos desconhecidas percorriam ruas hostis. Sua única companhia para a noite era o fantasma frágil e sereno de Madeleine Bayard.

Tentava ler para dormir quando o telefone tocou. Anne-Marie estava na linha.

— Max?... Onde você está?... Lamento ter corrido tudo mal com a mudança. E desculpe não ter podido ajudar, mas passei o dia inteiro correndo de um lado para o outro. ...Sofri por você. Não suporto a ideia de você passar sua primeira noite sozinho nesse enorme estábulo... Acabo de pegar um jantar com champanhe no Chantilly. Teremos uma festa de recepção particular. Não se preocupe, estou com uma limusine. O motorista ficará esperando na porta até você abrir. Não durma até eu chegar aí!

Não era o fruto proibido, Mather disse a si mesmo, sem muita convicção, mas um presente não solicitado que seria uma grosseria recusar. Num mundo implacável, era preciso agradecer as pequenas dádivas e manter sempre um tapete de boas-vindas para a visita inesperada.

Foi uma espécie de banquete amoroso, tornaram-se sentimentais com as

lembranças partilhadas — o clamor dos sinos dominicais em Florença, drinques no Harry's Bar no Lung'arno, passeios de barco a vela no verão em Porto Santo Stefano; todas as esperanças partilhadas que agora, de uma maneira estranha e tortuosa, se convertiam em realidades. Comeram caviar e tomaram champanhe, circularam juntos pelo prédio vazio, planejando onde pendurar este ou aquele quadro, como fazer o auditório parecer um ponto de encontro para *scholars* e seus discípulos... Subiram no elevador, arrumaram as coisas do jantar e, como não havia outro meio de encerrar a noite e coroar a nostalgia, aninharam-se juntos na cama grande, apagaram as luzes e ficaram contemplando a enorme lua amarela se pôr além dos telhados. Fizeram amor, rindo no escuro, enquanto recordavam antigos encontros e hábitos na cama. Mas, depois, veio a tristeza lenta e insidiosa, o silêncio de segredos não revelados. Anne-Marie aconchegou-se e murmurou:

— Fico contente que tenhamos feito isso, Max. Não acha que foi uma boa maneira de encerrar uma era?

— A melhor, minha cara, a melhor. Proporciona a ambos um começo limpo.

— Ainda não, Max. Sei que está tentando cuidar de mim durante a exposição. Sei que vai embora quando tudo acabar, seremos apenas amigos e colegas. Mas não será tão fácil assim, Max. Não pode me deixar andando no meio de um campo minado, sem saber quando alguma coisa vai me explodir na cara. Tem que me contar tudo agora, caso contrário este lugar será um território inimigo pelo resto da minha vida.

— Está me pedindo para magoá-la... e magoá-la fundo.

— É melhor agora, Max, melhor aqui, do que mais tarde, com outro homem, que não compreenderia.

Ele a enlaçou e depois, sem brilho nem desculpa, contou tudo; sobre o pai, Madeleine Bayard, Edmund e Leonie Danziger, até mesmo a suspeita final e sinistra que pairava sobre o fundo de investimentos. Anne-Marie não disse nada durante todo o relato. Sua única reação foi derramar lágrimas no peito de Mather e o tremor, enquanto ela absorvia cada choque em separado, como um pugilista sob uma saraivada de golpes mortíferos.

Quando a longa e lamentável história terminou, ela aninhou-se contra Mather como se o menor movimento pudesse expô-la a um novo sofrimento. E as primeiras palavras que pronunciou tinham um estranho tom profético:

— Lembra do velho Guido Valente, em Florença? Ele costumava ler minha mão ao jantar. Dizia que tudo o que estava escrito ali era o grafite de Deus e que éramos muito estúpidos por ler.

— Claro que lembro. Guido virá para a inauguração.

— Não tenho certeza se serei capaz de enfrentar tudo, Max.

— Claro que será capaz. E fará o que for necessário. O pior já passou.

— Não para Ed. Ele perdeu tudo, não é mesmo? Inclusive a mim. Vai me pedir em casamento. Você sabe disso.

— Espere até ele pedir e diga-lhe gentilmente: não, obrigada! Isso será o ponto final. E agora trate de dormir. Estará amanhecendo em breve!

17

A manhã trouxe um telefonema de Alois Liepert, de Zurique. Tudo transcorria de acordo com o plano. Gisevius, na Basileia, fora especialmente atrativo com os desenhos. Ficara tão satisfeito por tê-los sob os seus cuidados, mesmo que em caráter temporário, que os incluíra em sua própria lista de seguro, sem cobrar nada, para estimular, em suas palavras, a ideia de uma exposição posterior. Palombini estava de sobreaviso para uma reunião. Também se tornava cada vez mais irrequieto e curioso. Liepert tivera de lembrar as disposições rigorosas do contrato para aquietá-lo. E depois deixara escapar que suas ansiedades haviam sido exacerbadas por um telegrama de Harmon Seldes, pedindo uma entrevista especial exclusiva para a revista *Belvedere*. Mather explodiu:

— Filho da puta! Essa é a última coisa de que precisamos!

— Justamente o que eu disse a Palombini, que enviou uma recusa brusca e orientou-o que tratasse de qualquer coisa apenas por seu intermédio.

— Ele terá mais do que uma recusa brusca de mim!

— Controle-se, Max. Tudo vai bem por aqui. Onde você quer se encontrar com Palombini?

— Em Zurique. Preciso de você aí. Ligarei amanhã para marcar uma data. Como está Gisela?

— Muito bem... e ansiosa em ouvir notícias suas.

— Avise a ela que ligarei amanhã de manhã, bem cedo, horário de Zurique.

— Isso significa que ficará acordado até tarde em Nova York, Max?

— Acabo de me mudar para o novo apartamento. Ainda estou tentando encontrar o caminho por aqui. Outra coisa. Ligue para seu amigo na galeria e diga-lhe que esperamos boas transações na exposição. Se ele quiser reservar alguns quadros, pelas transparências que enviamos, deve me informar por telex e providenciarei tudo. Mande também um recado para Hürliman, dizendo que talvez eu queira conferenciar com ele quando voltar. Não mencione Palombini por enquanto.

— Fala como se estivesse muito ocupado, Max.

— E estou mesmo. Temos a inauguração iminente. Temos Danny Danziger em liberdade sob fiança, mas talvez ainda tenhamos de lutar muito para evitar sua condenação.

— Sem querer ofender, Max, mas isso deve dobrar as vendas.

— Você tem a moral de um ladrão de sepulturas, Alois.

— É o negócio de arte, Max. Parece atrair escroques e vagabundos... Do que mais você precisa?

— Entre em contato com Tolentino. Providencie para que ele tenha o visto e a passagem; avise-me de sua chegada e irei buscá-lo no aeroporto. Ligue também para a Biblioteca Nacional, em Florença, e veja se podem informar onde encontrar Guido Valente em Washington. Se ele estiver nos Estados Unidos, gostaria que também comparecesse à inauguração.

— Vai chamar Gisela?

— Claro. Mas ela ainda não sabe.

— É melhor definir tudo com as outras mulheres antes de Gisela chegar aí, Max. Ela é devotada a você, mas se o pegar olhando para outra mulher vai descobrir que tem olhos de esmeralda e serpentes nos cabelos!

— Não esquecerei. — Mather soltou uma risada. — Obrigado pela ajuda. Ficarei em contato.

Ele ligou em seguida para Henri Berchmans e falou da indiscrição de Seldes. Berchmans praguejou, furioso. Mather acrescentou alguns comentários:

— Palombini enviou-lhe um telegrama, dizendo para tratar de tudo só por meu intermédio. Se eu ligar para ele, sei que perderei o controle e lhe darei uma desculpa para me despedir. Não preciso do dinheiro, mas minha posição na *Belvedere* é útil para todos nós neste momento. Útil para Seldes também, só que ele é estúpido demais para perceber.

— Deixe-me ver se consigo explicar a ele. — Berchmans estava controlado e suave. — Aquela ocasião... aquele negócio que discutimos. Teria alguma objeção em lhe dar uma participação... algo para contentar sua vaidade ferida?

— Absolutamente nenhuma. Contanto que ele faça o que lhe mandarem.

— Deixe-me conversar com ele, convencê-lo a consentir em fazer o que for pedido.

— Estou reprovado. — Mather soltou uma risada curta e amarga. — Mas obrigado, Henri.

— É novo neste negócio. — Berchmans se mostrava tolerante como um mestre-escola. — E sofre dos nervos da estreia.

⁂

Os nervos de Mather estavam ainda mais abalados quando desceu para o segundo andar, a fim de enfrentar a entrevista coletiva que Anne-Marie e seu pessoal de relações públicas havia marcado para ele. Anne-Marie parecia

cansada. Estava com olheiras, mas muito controlada, havia uma nova e distante dignidade em seu porte e fala. Mather pegou-a pela mão e levou-a para um canto da sala grande, fora do alcance dos ouvidos dos jornalistas que começavam a ocupar as fileiras de cadeiras. E perguntou:

— Como está, minha cara?

— Muito bem, Max. Estou controlada agora. Os fantasmas não me assustam mais.

— Alguns vão ressurgir dentro de poucos minutos.

— Não estou assustada... apenas machucada.

— Qual é o nome da mulher de relações públicas?

— Chloe Childers.

— Essa não! Não dá para acreditar!

Chloe — grande, brusca e impetuosa — agarrou-o para as instruções finais.

— Aqui estão os veteranos das seções de arte, mas a maior parte do pessoal é do noticiário geral. Todas as emissoras de TV estão presentes e também muitas de rádio. Vou presidir e controlar a reunião. Você escora as perguntas. Certo?

— Os cristãos aos leões — disse Max Mather. — Vamos lá!

Foi somente quanto se postou na frente dos repórteres, sem uma única anotação, que ele compreendeu como era uma piada de mau gosto. Ali estavam os predadores: jovens, rápidos a se levantarem e vorazes por carne crua. A primeira pergunta deu o tom da entrevista.

— Sr. Mather, qual é a sua ligação com a Galeria Liberation?

— Eu a represento, como comprador e vendedor, especialmente no mercado europeu, onde já existe um intenso interesse por esta exposição.

— Intenso até que ponto, senhor?

— Acabo de deixar o telefone. Aguardo a confirmação de vários pedidos de um *marchand* suíço.

— Madeleine Bayard foi assassinada neste prédio.

— É verdade... no andar de cima.

— Podemos ver o lugar?

— Infelizmente, não será possível. É agora meu apartamento particular.

— É mal-assombrado?

A pergunta provocou risos. Mather decidiu levá-la a sério.

— É, sim. Todo este prédio é assombrado pela memória de uma mulher trágica, de enorme talento. Dentro de poucos dias o primeiro andar estará ocupado por suas criações, algumas ilustradas nas fotografias que foram distribuídas. É muito vulgar pensar em assombração apenas em termos de terror. Também somos assombrados pela beleza... e pelo que Wordsworth chamou de "insinuações de imortalidade".

— O que pode nos dizer da morte de Madeleine Bayard, Sr. Mather?

— Nada. — Mather foi brusco. — Se precisarem dessas informações, poderão encontrá-las em seus próprios arquivos.

— E o que tem a dizer sobre a mulher que foi acusada de matá-la, Leonie Danziger?

— Ela alegou inocência e foi solta sob fiança. O caso está *sub judice* e não tenho comentários a fazer, exceto que ela estará aqui na noite da inauguração, como convidada da galeria, com o pleno conhecimento e consentimento do Sr. Edmund Bayard.

Os jornalistas gostaram disso. Era o pedaço de carne crua de que precisavam. Começaram a demonstrar algum respeito pelo homem que o lançara com um desdém que não podia esconder. E, agora, a pergunta partiu de uma mulher:

— Sr. Mather, dizem que Madeleine Bayard levava uma vida movimentada... uma vida sexual promíscua. O que tem a dizer sobre isso?

— Primeiro, madame, apesar da minha juventude óbvia, sou um homem antiquado. Fui criado para nunca beijar e contar, nunca falar mal dos mortos, que não podem se defender. Há também a questão dos vivos, os quais, como sabe muito bem, podem processar por difamação...

— Mas não acha, Sr. Mather...

— Por favor, madame. Já fez a pergunta, deixe-me respondê-la. Num sentido muito concreto, a moral de Madeleine Bayard é irrelevante. Quando contempla o esplendor da Capela Sistina, incomoda-a saber que Michelangelo era um homossexual angustiado? Quem se lembra ou se importa se Caravaggio foi um homem turbulento e belicoso, que matou um homem numa briga e morreu em decorrência da violência? É o tipo de coisa que se usa nos jogos de *trivia*... e estamos numa galeria de arte, não num bar. O que temos o privilégio de vender é o material de sonhos, o que, no final de contas, é tudo o que temos para deixar.

— Por falar em sonhos... — Era o repórter do *New York Times*, sussurrou a agente de relações públicas. — ...parece ter também alguns seus, Sr. Mather. Soube que tenciona promover uma série de seminários na galeria.

— Nesta sala — disse Max Mather. — Nosso primeiro convidado será Niccolò Tolentino, reconhecido como um dos maiores restauradores da Itália. Fará uma série de doze conferências, sob a forma de um curso, abordando todos os aspectos de seu ofício.

— E acha que haverá um público para esse tipo de coisa?

— Parece que sim. Desde que as primeiras notícias foram divulgadas, já recebemos mais de uma centena de pedidos de matrícula... mais ou menos a metade de estudantes em nível superior, o resto de funcionários de várias instituições.

— Sr. Mather, o senhor publicou este mês na *Belvedere* um ensaio em que há referências a obras de Rafael, agora perdidas... Já houve alguma resposta?

— Por mais surpreendente que possa parecer, já, sim. Cópias dos dois quadros... isto é, uma cópia de cada... já foram descobertas e identificadas.

— Está querendo dizer que eram falsificações?

— Não. São exatamente o que eu disse... cópias. Não posso dizer mais nada neste momento, porque o assunto é confidencial, mas podem esperar novos anúncios a respeito em breve.

— Sobre os originais?

— Esperemos que sim.

Houve uma pausa momentânea nas perguntas, mas era apenas a calmaria antes da tempestade. Uma mulher nos fundos levantou uma folha de papel de desenho.

— Isto, pelo que estou informada, é um desenho feito por Madeleine Bayard em seu estúdio. É muito erótico. Alguns poderiam até chamar de pornográfico. Algum comentário a respeito, Sr. Mather?

— Eu lhe daria um conselho Não o perca; será bem valioso muito em breve.

— Madeleine Bayard era pornógrafa, Sr. Mather?

— Se está me perguntando se ela pintou ou desenhou estudos eróticos, tenho certeza que sim. Infelizmente, não temos nenhum em nossa exposição e até o momento nenhum foi oferecido à galeria... Mas não posso entender aonde está querendo chegar. J.M. Turner era um *voyeur* que costumava visitar os bordéis de Londres para desenhar as cenas que testemunhava. John Ruskin, que não era muito bom no departamento de sexo, decidiu destruí-los. Perda ou lucro? Importante? Ou apenas mais uma anotação de pé de página para o legado de um grande pintor? Cabe a vocês decidirem.

— Sr. Mather... — Uma voz queixosa, do meio da sala. Pertencia a uma mulher alta e magra, de idade indeterminada, mas com um queixo projetado para a frente num jeito determinado. — Parece-me que está nos fazendo um sermão. Por quê?

Subitamente, toda a tensão de Mather se dissolveu. Ele sorriu, deu de ombros, fez um gesto eloquente de correção.

— Por quê? Porque sou novo nisso e quando alguém me empurra tenho que reagir. Mas o verdadeiro motivo está diante de vocês.

Ele recuou, puxou o pano branco que cobria o cavalete e revelou a peça central da exposição.

— Deem uma boa olhada, senhoras e senhores, depois decidam o que é relevante e o que não é.

Enquanto ele descia, houve alguns aplausos dispersos e depois um

movimento coletivo para examinar o quadro, com os cinegrafistas abrindo caminho para fazer suas tomadas. Chloe, a mulher de relações públicas, fez-lhe um sinal discreto com o polegar para cima. Anne-Marie apertou-lhe a mão e sussurrou um agradecimento.

Assim, para o melhor ou para o pior, estava feito. Mather ficou por mais algum tempo, para fotografias com Anne-Marie, cenas para a TV e perguntas insossas de colunistas; depois, retirou-se para seu apartamento, ligou para George Munsel e fez a confissão:

— Deve saber que tive uma longa sessão com Anne-Marie Loredon. Ed Bayard vai pedi-la em casamento. Achei que ela devia conhecer toda a história.

A reação de Munsel foi mais suave do que ele esperava.

— Duvido que tenha sido prudente, mas concordo que provavelmente era necessário. Como ela recebeu?

— Muito bem, acho.

— O que ela vai fazer em relação a Bayard?

— Recusar, com agradecimentos.

— Surge a pergunta seguinte: o que vamos fazer em relação a ele?

— Em que sentido?

— Avisá-lo ou jogar tudo em cima dele de repente? Estamos de volta, como percebe, à omissão de um crime. Sempre constrangedor, na maior parte indefinido. Você não precisa se preocupar muito. Só quero que saiba que eu é que terei os pesadelos.

— Para que os clientes lhe pagam, George? Sou apenas uma testemunha, servindo à causa da justiça. Além do mais, acabei de sair de uma entrevista coletiva extenuante.

— Espero que tenha sido discreto.

— Fui.

— Estou muito interessado em ver o que farão com você.

— Cortar-me em picadinho, imagino.

— Antes que isso aconteça, quero que termine a análise dos diários. Se precisar de ajuda de computador, posso oferecer.

— Obrigado, mas farei à maneira antiquada: canetas coloridas e colunas pautadas. Não sou muito instruído, George.

— Sei disso. Possui uma astúcia natural. É um risco terrível. Tenha um bom fim de semana.

Isso levou Mather a pensar. Era sexta-feira. Não tinha o menor desejo de passar um fim de semana solitário no SoHo. Olhou para o relógio. Era quase meio-dia, seis da tarde em Zurique. Ele ligou para Gisela e disse:

— ...Vou acabar enlouquecendo se passar o fim de semana aqui. Tentarei

pegar um voo noturno para chegar a Zurique amanhã de manhã. Podemos passar o fim de semana juntos. Vou lhe dar o telefone de Claudio Palombini. Localize-o, onde quer que ele esteja. Diga-lhe que é uma questão de vida ou morte, preciso vê-lo em Zurique na segunda-feira... em meu apartamento e a sós. Comece a procurá-lo imediatamente, está bem, querida? Tornarei a ligar para você dentro de duas horas. Isso mesmo... claro que vou de qualquer maneira. Você tinha razão. Esta cidade é cheia de tentações para um garoto do interior... Ah, sim, a última notícia é que você virá a Nova York para a inauguração da galeria... Alois lhe dará uma licença. E pode faltar a uma aula na universidade... Ora, fique doente ou qualquer coisa assim! Não vou deixar que seja de outra maneira... Sei que estou gastando dinheiro como um marinheiro bêbado, mas depois da segunda-feira estarei rico ou na cadeia.

Quando comunicou a viagem a Anne-Marie, ela teve um pequeno sobressalto de surpresa e depois assentiu.

— Eu compreendo. Mas estará de volta para o jantar de Ed na quarta-feira? Eu não poderia enfrentá-lo sem você.

— Eu também não poderia enfrentá-lo sem você.

Mather falou-lhe sobre o fantasma de seu passado de mau gosto, a Sra. Lois Heilbronner. Ficou deliciado ao ouvi-la rir.

— Esse é o Max que eu conhecia. Receava tê-lo perdido por completo. Você foi formidável com a imprensa esta manhã! Sensacional!... Eles não estavam preparados para o que lhes ofereceu. Chloe diz que alguns repórteres podem crucificá-lo, mas a galeria terá uma boa divulgação e os segmentos na TV ficarão ótimos.

— Esse é o jogo. — Mather deu de ombros. — Eles acham que podem promovê-lo ou destruí-lo. Podem mesmo, mas apenas se você deixar. Ao final, o que conta é o que está pendurado nas paredes. O material de sonho é muito durável.

Ele teve a virtude de compreender que a frase soava estranha nos lábios de um homem que jogava por cem milhões de dólares em Rafaéis. Enquanto se preparava para a viagem — roupas, documentos, os diários de Madeleine Bayard, cada papel relevante — um pequeno dedo frio de medo cutucava seu coração. Uma coisa era jogar com apostas de publicidade em Manhattan; mas se lançar à luz dos refletores e jogar de verdade e em consequências com os magnatas era outra muito diferente.

O voo noturno de Nova York chegou a Zurique às nove da manhã. Gisela — abençoada fosse sua meticulosa alma suíça — estava ali para recebê-lo e conduzi-lo a seu apartamento para tomar um banho, fazer amor e almoçar, nessa ordem, sem muita pressa. Foi uma admissão tardia mas sincera de que uma das

coisas de que mais sentira falta na vida fora a sensação de voltar para casa, de estar, após uma ausência por mais longa que fosse, entre os seus. O lar podia ser um lugar móvel, mas as divindades e a figura matronal que mantinham as luzes acesas definiam a essência do viver.

Gisela organizara o fim de semana com uma certa precisão suíça, anunciando:

— O sábado está livre para nós, só para nós. No domingo pegamos o carro e saímos para o campo, passamos o dia no lugar em que nasci e que é agora meu dote... Não sabia que eu era uma proprietária de terras, não é mesmo?... O casal que cuida da propriedade nos servirá o almoço. Alois Liepert e a família se encontrarão conosco, porque acho que deve conversar com Alois antes de se encontrar com Palombini na segunda-feira. Ele chega às dez horas e virá direto para cá. Alois sugere um almoço com vocês dois no Jägersverein. A noite de segunda-feira será para nós dois. Já reservei a passagem de volta a Nova York na terça-feira... E agora me conte tudo o que fez...

Foi um relato longo e muitas vezes desconexo, mas levou no fim a uma pergunta de Gisela.

— O que quer realmente fazer com sua vida, Max?

— Não é fácil de responder. Deixe-me tentar definir alguma coisa com você, porque estou apenas começando a assumir. Já falei sobre meu pai e mãe, o conflito permanente entre eles. Eu não poderia enfrentar esse tipo de batalha em minha vida conjugal. Portanto, a solução simples foi jamais casar e sempre manter a liberdade de me afastar de um relacionamento insatisfatório... Ótimo! Mas o que era mesmo satisfatório para mim? Apesar de tudo, não sou um mau *scholar*. Tenho uma boa base. Minha tese de doutorado não foi das piores... herdei tudo isso de meu pai... um respeito fundamental pelo saber. De minha mãe herdei uma porção de desejos irrealizados e a noção de que o mundo me devia uma vida melhor do que tinha... E, para ser franco, eu me dispus a cobrar! Pergunta o que pretendo fazer com minha vida. Duas coisas. Quero reparar as falhas em meus conhecimentos... e ao mesmo tempo pagar meu sustento e o seu com a minha competência. Gosto do que estou fazendo agora... a confusão, movimentação, negociação. E sou melhor quando acredito no que tenho... como a coleção Bayard. Compreendo Niccolò Tolentino e Guido Valente. Acho que compreendo você; mas tenho certeza de que a amo. É o tipo de pessoa que mantém pessoas como eu na honestidade. Portanto, num mundo ideal, o que eu gostaria de fazer? Ganhar muito dinheiro com o que faço para me casar com você e criar uma família. Dispor de lazer suficiente para aceitar a bolsa com que Guido Valente me acena e começar a pôr em ordem minha mente acadêmica... — Mather parou de falar, rindo um pouco de si mesmo, apreensivo. — Esse é o

plano. Só Deus sabe se poderei fazer com que dê certo.

— Tenho certeza que pode, meu amor. — Gisela pôs a mão fria em seu rosto. — Mas nada disso acontecerá até...

— Até que o dote pela noiva seja pago e eu purificado no sangue do cordeiro! Não é o que está tentando me dizer?

— Não, Max! Isso é cruel demais! Com você mesmo e comigo!

Os olhos de Gisela ficaram cheios de lágrimas. Ele abraçou-a e apertou-a por um longo tempo, olhando por cima de seu ombro para um futuro incerto.

Claudio Palombini chegou ao apartamento no Sonnenberg às 10h45 da manhã de segunda-feira. Max Mather esperava-o com um café fresco e uma pilha pequena e ordenada de anotações e documentos. Serviu o café e depois, sem qualquer preâmbulo, efetuou o movimento de abertura.

— Claudio, estamos muito perto do sucesso. Pedi que viesse aqui porque os próximos movimentos são cruciais e deve haver uma completa compreensão dos dois lados antes que sejam feitos. Qualquer coisa que se diga nesta sala é particular e nunca poderá ser provada num tribunal. Estou sendo claro?

— O que está dizendo é bem claro, Max. O motivo para isso ainda é um mistério. Temos um contrato, assinado e legalizado. Posso confiar em que não há nenhuma exigência de alterá-lo?

— Nenhuma — confirmou Max Mather. — Esse é o nosso ponto de partida. E agora dê uma olhada nisto.

Ele espalhou na mesa as fotos dos dois retratos e cinco desenhos. Palombini olhou, aturdido.

— Quer dizer...

— Esta é sua ancestral, Donna Delfina. Esta é sua filha, a donzela Beata. Estes são os cinco desenhos de um retábulo para a capela votiva de São Gabriel, que existia nos limites da *villa* Palombini.

— Nunca ouvi falar dessa capela.

— Mas existiu. Foi o cenário do estupro e assassinato de uma camponesa. Por isso, foi desconsagrada e destruída, no século XVII.

— E sabe onde estão as obras?

— Sei. Já as vi. E pude autenticá-las. Vi até cópias dos dois retratos. Mas refresque sua memória da família com isto.

Ele entregou a Palombini a carta que recebera semanas antes de Guido Valente. Palombini leu devagar, depois devolveu-a e disse suavemente:

— Comentei há muito tempo que o havia subestimado, Max. Por favor, continue.

— Eberhardt morreu no Brasil. Enquanto estávamos ambos em St. Moritz, eu soube que Camilla Dandolo voltara à Itália e vivia em Milão. Fui procurá-la. Mostrei as fotografias. Ela reconheceu os dois retratos como sendo os quadros que o marido adquirira de Luca Palombini durante a guerra. Depois de sua morte, eia vendeu-os a um *marchand* brasileiro. Estão agora em Nova York, oferecidos a Henri Berchmans, de Berchmans et Cie., de quem certamente já ouviu falar.

Palombini ficou desesperado.

— Então os perdemos!

— Não. Confirmei pessoalmente, na presença de Berchmans, que são cópias. O sinal do copista está pintado nos dois quadros e a madeira é carvalho, não cedro. E, agora, leia isto.

Mather estendeu uma cópia do depoimento de Niccolò Tolentino após examinar os retratos. Palombini leu e bateu na cabeça com a palma da mão.

— Estúpido! Estúpido! Estúpido! Tudo isso em nossa própria cidade, debaixo do meu focinho idiota, e não percebi coisa alguma... Pela primeira vez, começo a perceber o que estou pagando. Agora, a grande pergunta: onde estão as obras neste momento?

— Todas sob custódia segura, em locais separados. Os desenhos encontram-se sob cuidados especiais, em condições de museu.

— Quem os possui?

— Uma companhia que negocia com obras de arte... e outras coisas.

— Estão dispostos a vender? Aceitariam a cifra que você especificou no contrato... dez por cento como honorários de recuperação?

— Tenho motivos para acreditar que sim.

— Então o que estamos esperando?

— A solução para um problema... dois problemas, para ser mais preciso, embora um esteja subordinado ao outro. O primeiro problema é título e proveniência. Vamos supor que você adquirisse os quadros agora e quisesse negociá-los no mercado... uma transação legítima, não com o desconto do mercado negro. Teria de apresentar seu direito inequívoco. Pode prová-lo com o documento original de 1505. Pode provar de maneira aceitável que pertenciam à família até Luca, durante a guerra. Depois disso, há um hiato enorme, mais de quarenta anos. Mesmo numa venda particular, sem a publicidade de um leilão, isso será um motivo de preocupação para um comprador. Ele nunca terá certeza se sua propriedade ficará incontestada. O segundo problema, que é menor, porque as peças estão de fato fora da Itália, é a questão da exportação de

tesouros nacionais; mas com um hiato de quarenta anos na história esse problema poderá ser provavelmente contornado.

— O que me diz que você já encontrou uma solução — comentou Claudio Palombini, com um longo aceno de cabeça em aprovação.

— É a melhor que você jamais terá.

— Começa a me assustar, Max. Lembre-se de que ao final de junho estarei falido se não houver uma solução até lá.

— Tenha um pouco de paciência, Claudio.

Mather começou a espalhar os documentos pela mesa.

— Item um: a carta de Valente, o depoimento de Tolentino, tudo aponta obviamente para um tráfico de exportação durante a guerra promovido por Luca Palombini... A família tinha uma presença comercial na Suíça há muito tempo. Isso resolve mais ou menos o problema da exportação.

"Item dois: Pia e eu éramos amantes. Ela me dava presentes caros de vez em quando. Aqui estão os cartões, com sua própria letra... E aqui estão dois dos seus presentes... um relógio antigo, avaliado em pelo menos cem mil dólares americanos, uma caixa de confeito, Luís XIV, avaliada em muito mais.

"Item três: a cópia fotostática do documento hológrafo de Pia, que você me deu no dia em que foi lido na *villa*. Vai constatar que entre os legados para mim há um objeto dos arquivos, desde que não seja um manuscrito e não prejudique a sequência da história da família...

"Item quatro: este é o objeto que escolhi... um saco de lona, lacrado com cera, costurado com fio de sapateiro, que tirei do país, sem abrir. Ninguém, nem mesmo você, Claudio, deu-se ao trabalho de me perguntar o que escolhera. Estavam completamente dispostos a alienar todo o arquivo da família para a Biblioteca Nacional e este saco poderia ir junto.

"Item cinco: os procuradores legais da companhia que agora possui as obras de arte farão exatamente o que os acionistas determinarem.

"Portanto, se quiser usá-los, aí estão seu título e proveniência. Se quiser contestá-los, poderá fazê-lo, mas indo contra os seus próprios interesses, já que tornaria impossível qualquer negociação dos quadros e a mácula do litígio persistirá por décadas."

Claudio Palombini continuou sentado em silêncio por longo tempo, olhando para os documentos e fotografias espalhados à sua frente. Mather tornou a encher sua xícara de café e estendeu-a. Palombini tomou um gole do líquido morno, depois enxugou os lábios com um lenço de seda. Finalmente disse, a voz fria e implacável:

— Tudo isso está coberto pelo contrato original? Se não, quanto mais vai me custar?

— O contrato diz quinze por cento do que você receber; ou seja, depois das comissões do leiloeiro ou *marchand*.

— É verdade.

— Sabe que eles levarão vinte por cento.

— Isso mesmo.

— Tendo menos trabalho do que eu. Sem minha intervenção, Claudio, estas obras sairiam completamente de suas mãos. Já soube que estes documentos proporcionam, dentro ou fora da Itália, uma reivindicação defensável das obras. Um testamento hológrafo é um instrumento da maior importância, como sabe. O nível dos presentes de Pia sempre foi elevado... Não fui apenas seu amante, fui também um fiel servidor...

— Você é um *mascalzone*, Max, um patife!

Mather sorriu e deu de ombros.

— Eu posso dizer isso, Claudio. Você não pode, porque os documentos dizem o oposto. Sou um mercador, como você... um mercador astuto, mas sempre um passo dentro da lei ou meio passo fora, como *Luca l'ingannatore*, não é mesmo?

— Ora, pelo amor de Deus! Vamos acabar logo com essa comédia. Indique o preço.

— Cinco por cento.

— O que dá um total de vinte... só para você.

— Reconheço que é alto, mas sem mim você não teria coisa alguma, não é mesmo?

— Não vamos mais discutir. Como acertamos tudo?

— Primeiro — Mather era a suavidade em pessoa —, vamos ao Jägersverein para almoçar com Alois Liepert. Depois iremos ao escritório dele, onde alguns documentos aguardam sua assinatura. O primeiro reconhece que os Rafaéis passaram para mim, em parte como presente e em parte como legado de Pia. O segundo documento é uma nota de venda, pela qual lhe vendo os Rafaéis por cinco milhões de dólares. O terceiro é uma declaração de renúncia, reconhecendo que não haverá mais reivindicações de nenhuma das partes. O custo total para você é de cinco por cento do preço do mercado, apenas um terço do que estaria obrigado a me pagar pelo contrato existente.

Claudio Palombini fitou-o na mais absoluta incredulidade.

— Não posso acreditar. Está desistindo de dez milhões de dólares. Por quê?

— O problema está no que acontece se não chegarmos a um acordo. Com base nos documentos, tenho um direito melhor do que o seu. Escreveu-me até uma carta negando qualquer conhecimento dos Rafaéis... está lembrado? Além disso, não estou sujeito ao governo italiano. Você está... Mesmo assim, meu

direito poderia ser contestado, toda a transação terminar no limbo. Do meu ponto de vista, acho que mereço o que estou pedindo, porque você nunca poderia fazer tudo o que fiz e projetar os Rafaéis com uma alta cotação no mercado. *D'accordo*?

— *D'accordo*! — Uma pausa e Claudio Palombini acrescentou: — Mas há um problema. Não tenho quinhentos *mil* dólares para gastar, muito menos cinco milhões.

— Isso é fácil de resolver. — Mather soltou uma risada. — Ficamos com os quadros até que sejam vendidos no mercado. Alois Liepert fica com os documentos e os apresenta à medida que forem necessários. Só mais uma coisa... você terá de decidir quem vai lançar as peças no mercado e onde. Tenho algumas sugestões... e uma delas é de que faça uma viagem aos Estados Unidos.

— Vamos deixar essa parte para o almoço — disse Claudio Palombini. — O que preciso neste momento é de um bom drinque.

— Somos dois.

Enquanto ele servia os drinques, Claudio perguntou:

— Por que, Max? Podia escapar impune. Mas volta e faz um péssimo negócio como esse. Por quê?

— Li meu Dante. — Mather sorriu por cima do copo. — O *dignitosa coscienza e netta*. Acabei de descobrir a minha!

Pela primeira vez, Claudio retribuiu o sorriso e levantou o copo em saudação.

— Os Palombini pertencem a outra era. Aprendemos com Maquiavel.

O almoço no Jägersverein foi acompanhado por uma visita ao banco para examinar o retrato de Donna Delfina, que era o único dos Rafaéis que se encontrava ali agora. A reação de Palombini foi quase igual à de Tolentino. Ele levantou o quadro à distância dos braços, contemplando-o com lágrimas nos olhos. Virou-se em seguida com um sorriso trêmulo.

— Deve me perdoar, mas no momento ela parece como um ícone milagroso, a Madona do Perpétuo Socorro... Não dá para descrever como me senti nos últimos meses, vendo as empresas que meus ancestrais construíram se desfazerem... Devo lhe pedir desculpas, Max. Chamei-o de um nome terrível... Contudo, esta é a segunda vez que você presta socorro a minha família.

— Sou um contato fácil, Claudio.

— Devemos todos ser tão fáceis assim — comentou Alois Liepert. — E agora vamos voltar ao escritório e assinar os documentos.

— Vá com Claudio. Vou mais tarde. Preciso agora comprar um anel de noivado.

— Vá ao Barzini's — disse Claudio. — Fica a poucas portas daqui, à

esquerda. Mostre este cartão e lhe darão um bom desconto. Possuímos o lugar... ou possuiremos, depois que Mestre Raffaello de Urbino saldar nossas hipotecas!

Naquela noite, no jantar, Mather enfiou o anel no dedo de Gisela e anunciou, com alguma intensidade na emoção:

— Eu gostaria que soubesse, meu amor, que é a mulher mais cara que já comprei. Custou-me hoje dez milhões de dólares!

Ao que ela respondeu, em seu inabalável jeito rural:

— Tenho certeza de que vai descobrir que valho até o último centavo... e tenho certeza também que vou durar muito mais do que as outras.

18

Assim que chegou ao aeroporto Kennedy, Mather telefonou para Henri Berchmans e marcou um encontro na galeria, a caminho do centro. A conversa foi objetiva.

— Palombini tem agora o direito às peças de Rafael, na dependência do pagamento a mim. Portanto, ainda mantenho o controle da situação. A proveniência é perfeita e documentada, embora prefiramos não publicá-la.

— E todos os documentos são limpos?

— Absolutamente. Um testamento hológrafo, bilhetes de doação, nota de venda...

— E minha posição?

— Palombini virá para a exposição Bayard, mas principalmente para conversar com você. Já o pus em contato com seus colegas suíços, porque espero fazer negócios com eles mais tarde, assim como também quero fazer com você. Minha sugestão foi a de um esforço conjunto para as três obras ou a divisão das obras entre vocês. Seu encontro com Palombini pode produzir outras soluções. Fiz o que prometi. Agora, tudo dependerá de você.

— Agradeço o que tem feito. Está sendo muito preciso.

— Há mais. Palombini trará o Donna Delfina original. Terá seus próprios guardas no avião. Precisará de seu pessoal de segurança quando chegar aqui, um depósito seguro em seus cofres e proteção extra na mostra. Você pode aproveitar a ocasião para interessar um comprador... especialmente com Tolentino aqui. Estamos de acordo quanto às normas da exposição?

— Claro.

— Haverá uma referência ao seu generoso empréstimo das primeiras obras de Bayard.

— Obrigado. Vou corar de prazer.

— Harmon Seldes fará a apresentação de Tolentino no auditório?

— Ele relutou muito a princípio. Ainda está bastante zangado com você. Mas agora que fareja dinheiro, ele se tornará dócil outra vez... Por falar nisso, para uma dupla de neófitos até que você e a Srta. Loredon não se saíram muito mal com a imprensa... e as cenas da mulher na igreja que apareceram na televisão foram esplêndidas. Já reservei esse quadro para mim.

— Então acho que está tudo tão acertado quanto podemos conseguir por enquanto.

— E até que ponto o resto está acertado, Max? A polícia, a garota Danziger, o próprio Bayard?

— Ainda restam muitas minas enterradas pelo caminho. Só espero que nenhuma estoure antes da exposição. Ah, eu ia quase esquecendo! Aqui estão as fotostáticas dos trechos dos diários de Madeleine que se referem a você... e aqui estão dois desenhos que podem ser úteis na propaganda!

Berchmans examinou-os rapidamente e depois soltou sua risada áspera.

— Pelo menos ela me concede pleno crédito na potência. Por Deus, que atestados!

— Fico contente que isso o deixe feliz.

— Veja da seguinte maneira, Max: não terei de gastar qualquer dinheiro para abafá-los!

— Aqui está o número do voo de Palombini e o horário previsto da chegada. Se enviar a limusine e os guardas, passaremos por aqui primeiro, depois poderá levá-lo ao Pierre... Tenho de ir agora. *À bientôt*.

— *À bientôt*. E, mais uma vez, meus cumprimentos. Uma mente muito precisa e ordenada.

— Um lembrete, Henri.

— O que é?

— Palombini livrou-se da crise agora. Portanto, não tente espremê-lo com muita força.

— Você é sábio além dos seus anos. — Henri Berchmans acompanhou-o até a porta. — Vá ensinar o padre-nosso ao vigário!

Anne-Marie estava ocupada, desgrenhada e mais feliz do que ele a vira em muito tempo. Tinha agora uma assistente no escritório, jovem, com um sorriso simpático e uma atitude expansiva. Anne-Marie mostrou-lhe os primeiros recortes da imprensa, que se espalhavam por oito páginas de um álbum. A maioria era bem-humorada, uns poucos bastante lisonjeiros e todos mencionavam o súbito efeito teatral da revelação de A Dama da Igreja.

— Não poderíamos esperar melhor, Max... E já vendemos cinco peças. Seus amigos suíços reservaram três. Berchmans quer A Dama da Igreja e uma das pessoas na entrevista coletiva é um editor de arte que é também colecionador. Comprou uma das telas menores... o Menino no Pombal... Parece que nossa sorte começa a melhorar, Max.

— E tenho certeza que continuará assim. Tem notícias de Ed Bayard?

— Não muita coisa. Ele me enviou uma lista dos convidados para o jantar. São todos das grandes instituições colecionadoras... MOMA, Metropolitan, Whitney, Guggenheim... e uns poucos grandes *marchands*. Notei que ele não convidou Berchmans. Por quê?

— Não pergunte... Houve mais alguma conversa de casamento?

— Não diretamente. Ele continua a falar em conversar para determinar em que ponto estamos... depois da exposição, claro. Quer desesperadamente sua aprovação, Max. Agora que sabe que você está comprometido com outra mulher, parece considerá-lo como uma espécie de irmão mais velho ou figura de pai para mim... Além disso, ele me contou que a polícia o procurou outra vez. Eu me sinto horrível, sabendo o que estou fazendo...

— Não pense! Não sinta! — Mather foi incisivo. — Prometeu ficar de boca fechada. Agora deve fazê-lo e continuar com seu trabalho.

— Por que você se mostra tão brutal em relação a ele, Max?

— Não é com ele que me preocupo, mas com você. A compaixão pode ser tão fatal quanto a cicuta para Anne-Marie Loredon. E agora vamos subir. Enquanto arrumo minhas coisas lhe darei algumas boas notícias. Teremos a melhor noite de inauguração que Nova York já viu em muitos anos. Uma dupla exposição...

— Não, Max, por favor!

— Pare com isso, mulher! Espere até ouvir o que tenho a lhe dizer.

Ela escutou, protestou, argumentou, mas acabou concordando. Haveria uma atração dupla. Depois que os convidados efetuassem os circuitos rituais da exposição e parecesse que não haveria mais pedidos de reserva, todos subiriam para a área de conferências no segundo andar e seriam apresentados a Niccolò Tolentino, que faria uma exposição sobre seu seminário.

Era um risco. A audiência estaria sonolenta com champanhe, canapés e diarreia crítica; e os aficionados de arte de Manhattan nunca haviam sido notórios por sua tolerância ou boas maneiras. Ainda assim, Anne-Marie declarou, depois de dois drinques:

— Ora, estamos numa maré de sorte! Vamos aproveitar ao máximo, antes que mude!

E depois, como uma lembrança irônica, ela levantou seu copo num brinde.

— Então o meu Max foi finalmente fisgado! Odeio a sua Gisela antes mesmo de conhecê-la, mas desejo aos dois a maior felicidade... com toda sinceridade, Max!

*

O jantar de Edmund Justin Bayard foi uma metáfora para o próprio homem: formal, meticuloso, recendendo a dinheiro, antigo e novo. A conversa foi íntima e exclusivista; o foco de interesse sempre estava em algum lugar por cima do

ombro do interlocutor. Houve uma novidade favorável no caso da Sra. Lois Heilbronner, porque ela se concentrava agora num novo e jovem *marchand* da rua 57, ignorando Max Mather, a quem relegou à categoria honrosa de "amigos queridos e pessoas inteligentes".

E, no entanto, a reunião foi organizada com extrema habilidade. Havia quatro importantes *marchands*. Os demais eram diretores de instituições e suas mulheres, as que presidiam comités de levantamentos de fundos e grupos de guias voluntários, promoviam campanhas para o recrutamento de novos associados. Eram os árbitros do bom gosto, se não mesmo da moda. O que compravam hoje seriam as ações quentes da Bolsa amanhã; embora só o tempo pudesse dizer o que haveria de ficar e o que o próprio tempo desgastaria.

O ritual da noite foi uma cópia razoável do procedimento diplomático. Bayard e Anne-Marie receberam os convidados, os garçons ofereceram champanhe e canapés, foram conduzidos discretamente ao salão onde estava pendurada a coleção pessoal do dono da casa. Era bastante grande e variada para dispersar os convidados e proporcionar temas de conversas e bases para alguns comentários maliciosos. Não havia nada tão vulgar como um crachá de nome à vista. Era a autêntica família de dignitários e Max Mather tratou a todos com cortesia.

— Ainda não nos conhecemos. Meu nome é Max Mather. Trabalho com Anne-Marie.

Se tinha sorte, isso produzia um pouco de conversa; se não tinha, havia apenas um murmúrio polido, que o deixava livre para se retirar para a obscuridade, com um novo copo de champanhe.

O jantar foi servido na enorme sala em que os quadros de Madeleine Bayard estavam expostos pela última vez — uma manobra teatral que arrancou murmúrios de aprovação até mesmo dos *cognoscenti* mais calejados. A atenção se dividia constantemente entre os pratos e os quadros e havia entusiasmo genuíno nos cumprimentos transmitidos a Bayard numa extremidade da mesa e a Anne-Marie na outra. Era evidente que havia necessidade de algumas palavras — se não mesmo de um discurso; e Ed Bayard acabou falando, entre a sobremesa e os queijos:

— Meus caros amigos, obrigado por partilharem esta noite comigo, a última noite que passarei, nesta sala, com as telas de Madeleine. Amanhã serão transferidas para a galeria da Srta. Loredon, a fim de serem postas em exposição pública e oferecidas à venda... Para mim, isto representa o final de uma vida. Espero que possa assinalar o início de outra melhor. Somos todos amigos aqui. Não é segredo que Madeleine e eu nunca conseguimos ter um casamento feliz; por mais estranho que possa parecer, no entanto, foi um casamento estável e dele

derivaram, como papoulas crescendo num campo de batalha, as obras maravilhosas, realmente maravilhosas, que os cercam agora. Este brinde que agora proponho é minha saudação à mulher que as pintou e meus agradecimentos à corajosa jovem que arriscou tudo o que tem para expô-las em sua nova galeria... Reúno as duas neste brinde porque o artista não pode viver sem um patrono para apresentá-lo e o patrono, sem o artista, fica com uma sala vazia... Para Madeleine, salve e adeus. Para Anne-Marie, seja bem-vinda!

Até mesmo para Max Mather, que conhecia tantos segredos foi um desempenho comovente. Várias mulheres choraram abertamente. Os homens assoaram o nariz e ecoaram o brinde um pouco alto demais. Mather lançou um olhar para Anne-Marie. Ela estava pálida, as mãos cruzadas sobre a mesa, olhando fixamente para as articulações esbranquiçadas. Houve uma pausa prolongada. Mather sentiu-se tentado a levantar e fazer um curto discurso de agradecimento por Anne-Marie, mas concluiu que era melhor não tomar a iniciativa. Aquela era a convenção pessoal de Bayard; que ele cuidasse de tudo à sua maneira. Finalmente, o homem do Whitney levantou-se, ofereceu uma resposta curta e adequada e sentou-se sob aplausos bem-educados.

O resto, assim pareceu, foi epílogo. O café foi servido, licores oferecidos. Ninguém quis fumar. A festa declinou para um encerramento decoroso. Para surpresa de Mather, Anne-Marie foi uma das primeiras pessoas a se retirar, levada para casa pelo criado de Bayard. Não lhe ofereceu uma carona, mas disse num sussurro apressado, antes de sair para a noite:

— Ligue-me assim que chegar em casa.

Quando Mather foi se despedir, Bayard deteve-o.

— Não vá ainda, por favor. Preciso conversar com você. Espere um pouco no meu escritório. Há café e conhaque.

Não havia um bom motivo para recusar. Mather fez o que lhe fora pedido. Bayard entrou poucos minutos depois. Parecia bastante sóbrio, mas estava cansado e tenso.

— Anne-Marie ficou aborrecida com meu discurso. Furiosa e embaraçada, para repetir suas palavras. Ela me disse que precisava ficar sozinha por algum tempo. Eu disse alguma coisa ofensiva?

— Ofensiva, não. Achei que foi um discurso muito apropriado e distinto. Mas foi um pouco sem tato juntar as duas mulheres no mesmo brinde.

— Oh, Deus, não pensei nisso! Falei sério.

— Isso foi evidente.

— Especialmente sobre o novo começo. Acha que é possível?

— De um modo geral, é sempre possível.

— E para mim em particular?

— Essa é uma pergunta injusta, Ed, O que posso saber? Como posso dizer quais são as suas necessidades, o que seria um novo começo para você?

— Sabe de uma coisa... o casamento com Anne-Marie.

— Sei que você quer casar com ela, mas essa não é a questão, não é mesmo? Vamos, Ed! Já é tarde... — Mather tentou gracejar a respeito. — Não estou no mercado de casamento. Afinal, sou um homem comprometido agora e acabo de comprar um anel muito caro para minha Gisela, a quem você conhecerá na inauguração.

— Espero que ela não seja uma pintora.

— Não é, não. É advogada, como você. E dá aulas de jurisprudência em Zurique.

— Então você tem uma chance. — O controle de Bayard começou a desmoronar. Havia uma intensidade obsessiva em seu olhar e fala. — Madi e eu não tivemos nenhuma... absolutamente nenhuma... Os artistas são diferentes de nós, Max. Pertencem a outro plano da existência. São sagrados, mágicos... como as prostitutas do templo ou as virgens vestais... Isso não significa que sejam bons ou maus. São diferentes. Não precisam de nós. Quando estão tristes, alegres ou assustados, não se viram para nós; sobem para sua torre de silêncio e contemplam paisagens que jamais conheceremos. Ao descerem, estão purificados e revigorados, trazem suas obras como um talismã de conforto... Mas não para nós, Max. Ainda lamentamos por eles e por nossa perda. Com Madi, não foram as infidelidades, as perversidades. Eu poderia aguentá-las. E aguentei. Mas nunca pude suportar o apartamento, a diferença, o fato de jamais partilhar... Conhece alguma coisa de mitologia, Max?

— Um pouco. Por quê?

— Nêmesis, Max. Nêmesis era mulher. Era a Filha da Noite, a vingadora dos que eram insolentes com os deuses, que deixavam de compreender e respeitar a ordem das coisas... Madi foi minha Nêmesis. Pensei que poderia mudar o que estava gravado no granito desde o primeiro dia da criação. Tentei transformar o sagrado em comum, o mágico em banal... Esta noite tentei reverter o ato, restabelecer a magia, elevar de novo os sinais sagrados. Mas não deu certo... Assim, a Filha da Noite me espreita para cobrar a retribuição.

— Ed, meu amigo, já é tarde. Estamos cheios de comida e vinho, esta é uma conversa pesada. Vamos encerrar a noite, está bem?

— Desculpe. Vamos, sim. Devemos. Mas preciso de uma resposta sua, Max... só uma.

— Vamos ouvir a pergunta.

— Se eu pedir a Anne-Marie para casar comigo, ela dirá sim ou não?

— Não posso responder a essa pergunta, Ed. Tem de falar com ela.

— Tentei, esta noite. Ela interrompeu e pediu-me que mandasse o motorista levá-la em casa.

— Não pode culpá-la por isso. Seu discurso foi muito emocional. Abalou muitas pessoas. Imagino como a deixou.

— Não pode imaginar o que isso está fazendo comigo? Estou de joelhos, Max. Suplicando. É demais pedir para ser poupado de novas humilhações? Você sabe como ela pensa, Max. A própria Anne-Marie me disse isso. "Max compreende. Com Max, não preciso de longas explicações. Max aceita..." Portanto, Max, quero que me diga. Tenho uma chance? Vale a pena esperar?

Houve um silêncio súbito e gelado na sala. A única coisa que Mather podia ver claramente era Anne-Marie, pálida e transtornada, sentada no lugar de Madeleine à mesa de jantar. Sua boca estava seca. Teve de fazer um grande esforço para formular as palavras.

— Não, Ed, você não tem a menor chance. Ela nunca se casará com você.

— Ela disse por quê?

— Você e eu sabemos qual é o motivo, Ed.

— Tem razão. — Subitamente, Bayard estava calmo. A transformação era fantástica. — Tem razão, acho que sabemos. — Ele levantou-se e estendeu a mão. — Obrigado por ter vindo, Max. Obrigado por ser franco comigo. Pode dizer a Anne-Marie que ela não será mais incomodada. Tornarei a vê-la na exposição. Poderá me apresentar a sua dama suíça...

— Não vai supervisionar a colocação dos quadros?

— Não. Isso seria impróprio. Está fora do meu poder agora. Tudo escapou ao meu controle. Ah... gostaria que eu pedisse ao meu motorista para levá-lo em casa?

— Não, obrigado. Andarei um pouco e depois pegarei um táxi. Mais uma vez, obrigado pela noite.

— O prazer foi meu. Boa noite, Max.

Mather não foi direto para casa; em vez disso, passou primeiro pelo apartamento de Anne-Marie. Ela estava de chambre e chinelo, sentada na frente da televisão, com em drinque ao lado. Ofereceu-lhe conhaque. Mather recusou e perguntou:

— O que aconteceu esta noite? Por que saiu correndo daquele jeito?

— Foi o discurso, Max. Foi muito estranho. Era como se, na presença de todas aquelas pessoas, ele estivesse me atraindo para uma teia. E eu sabia que nunca mais poderia sair depois que ficasse presa. E depois, enquanto todos conversavam ao tomarem o café, Bayard levou-me para o escritório e ofereceu-me o que chamou de um presente de sorte para a inauguração. Era o anel de noivado de Madi. Foi a gota d'água. Eu tinha de ir embora ou começaria a gritar

num ataque histérico. Estou temendo pelos próximos dias.

— Não precisa mais se preocupar. Falei por você. Disse-lhe que você jamais se casaria com ele.

— Como ele recebeu? Ficou zangado? Magoado?

— Estava um tanto obsessivo quando começamos a conversar, mas depois se acalmou. Está feito, menina! Não volte atrás, tentando aparar as rebarbas, fazer com que tudo se torne perfeito e acertado. Não é assim, a confusão é terrível... mas você está fora. Permaneça fora! Está me entendendo?

— Estou, sim. Não quer passar a noite aqui? É uma longa viagem até o estúdio.

— É melhor eu ir; mas, de qualquer forma, obrigado.

— Isso significa que é um homem reformado, Max?

— Significa que tento ser. Estou com sorte. Consegui escapar por um triz. Se estragar tudo agora, posso não ter outra chance. *Sogni d'oro, bambina*!

Niccolò Tolentino chegou no dia seguinte e foi alojado no quarto de hóspedes do apartamento de Mather. Passaram umas duas horas revisando o protocolo da noite de inauguração e discutindo o conteúdo das conferências do seminário. Depois, Mather entregou-o a Anne-Marie, para oferecer uma opinião crítica sobre a colocação dos quadros de Madeleine Bayard. O velho acenou com a cabeça em aprovação pelo que viu e lançou-se ao louvor eloquente de um talento interrompido tão cedo.

Mather seguiu para a primeira reunião com Palombini e Henri Berchmans; negociantes implacáveis, piratas experientes, eles esgrimiram com cuidado e respeito, até que o *Donna Delfina* foi desempacotado e exposto sob as luzes. Ficaram então em silêncio. Palombini fez o sinal-da-cruz. Berchmans balbuciou o que parecia ser uma oração.

— *Mon Dieu! Quelle merveille*!

Quando recomeçaram a conversar, não havia mais uma competição, apenas uma avaliação quase reverente da maneira como aquela sobrevivência milagrosa deveria ser apresentada aos compradores. Mather, sua missão concluída, deixou-os e foi para o escritório da *Belvedere* a fim de fazer as pazes com Harmon Seldes.

O gesto teve um efeito imediato — para o que contribuiu o fato de que Seldes partilhava agora de uma transação muito lucrativa de Berchmans. Ele também ficou lisonjeado pelo convite para apresentar Niccolò Tolentino — e

ainda mais interessado na sugestão de Mather de que a *Belvedere* deveria patrocinar o seminário como um projeto permanente. A combinação dessa proposta com a descoberta dos Rafaéis proporcionava-lhe um acesso imediato à alta administração e ele prometeu uma resposta breve, que seria anunciada na noite da inauguração, se fosse favorável. Quanto ao próprio Max, obviamente diante de tudo o que acontecera, poderia ser cogitada uma revisão de seu contrato, se Max estivesse disposto a continuar na revista.

Max estava disposto. Sua sorte corria. Não tinha alternativa a não ser acompanhá-la. O único fator negativo — muito grande, em sã consciência — foi a informação de George Munsel sobre o primeiro encontro com o pessoal da promotoria.

— Até agora, eles estão resistindo. Juram que têm um bom caso e estão dispostos a lutar até o fim. Concordarão se quisermos alegar uma culpa menor, mas isso é o máximo que concederiam neste momento. Contudo, ainda é cedo. Fez mais algum trabalho de análise dos diários?

— Ainda não. Ando muito ocupado, com coisas demais nas mãos.

— E eu tenho nas mãos a vida e a liberdade de uma mulher.

— Sinto muito, George. Assim que a exposição for inaugurada, você passará a ter minha atenção total. O que me lembra de uma coisa. Estou trazendo Gisela para a inauguração. Você poderia buscar Danny Danziger e levá-la? Provavelmente é uma dupla das mais apropriadas... advogado e cliente.

— Muito apropriada — concordou Munsel. — E agora me fale sobre o jantar de Bayard.

Ele escutou atentamente, enquanto Mather relatava os acontecimentos da noite, depois pediu uma repetição do discurso e da conversa final no escritório. Seu comentário foi ansioso:

— O problema de Bayard é ser um sentimental.

— Como assim, George?

— É uma frase que está gravada em minha mente há vinte anos... George Meredith... Será que alguém ainda o lê hoje em dia?

— O que tem isso a ver com Bayard?

— Em algum lugar, creio que em Sandra Belloni, ele escreveu: "O desespero é uma atitude intencional... natural ao sentimental de primeira ordem."

— É uma frase muito pretensiosa, George.

— É possível. — George Munsel ficou pensativo. — Como quer que se defina, o desespero é um evento terminal. Os antigos sacerdotes costumavam chamá-lo de pecado contra o Espírito Santo... Mas vamos ver. É melhor eu telefonar agora para Danny Danziger e encenar meu ato de Príncipe Encantado.

— Teria mais esperanças como uma princesa, George.

— Sei disso, mas não faz meu gênero.

Até agora, era tudo tempo de ensaio, com os nervos abalados e as pessoas brigando umas com as outras sem qualquer motivo. Niccolò Tolentino ausentou-se com um caderno de desenhos e uma caixa de tinta para registrar suas primeiras impressões da Pequena Itália. Guido Valente telefonou de Washington para avisar que chegaria atrasado, mas com toda certeza estaria presente... Houve um problema temporário na iluminação, mas foi logo consertado, os quadros estavam ótimos contra os painéis neutros. Mather foi ao aeroporto Kennedy para buscar Gisela, que estava excitada como uma colegial à primeira visão de Manhattan. Anne-Marie ofereceu-lhe uma recepção mais generosa do que Mather esperava e sussurrou para ele:

— Bom trabalho, Max. Meus parabéns.

Três horas depois, começou a abertura. Um caminhão da Brinks parou diante da galeria. Um pequeno exército de seguranças espalhou-se pelos acessos e em cada andar do prédio. Dois homens de Berchmans carregaram dois pacotes para o interior, abriram-nos no segundo andar, puseram em cavaletes iguais e cobriram com lençóis de linho. No apartamento de Mather, Anne-Marie e Gisela vestiram-se num quarto, enquanto no outro Mather deu o laço na gravata-borboleta de Tolentino e atrapalhou-se com os botões de madrepérola de sua antiquada camisa engomada com peitilho. Às seis e meia os guardas estavam em posição, armados e vigilantes, os garçons prontos com as bandejas de drinques e canapés. O livro de visitantes estava aberto, com uma caneta de ouro presa por uma pequena corrente, também de ouro. Um funcionário estava de prontidão para registrar as vendas. Anne-Marie, Ed Bayard e Max Mather ocuparam seus lugares na fila de recepção, enquanto Niccolò Tolentino pegava Gisela pelo braço e a conduzia para uma distância segura da entrada, orgulhoso como um tio italiano. Como se surgissem do nada, Hartog e Bechstein chegaram, Hartog garboso como um figurino, Bechstein amarrotado e desconfortável num colarinho duro de ponta virada. Depois, subitamente, veio o momento da cortina e começou a tragicomédia de uma nova estreia em Manhattan.

Anne-Marie tivera medo de ser ignorada. Em vez disso, tiveram quase um tumulto. Cada pessoa da lista de convidados compareceu. A rua ficou atulhada de curiosos e penetras em potencial, atraídos pelo espetáculo insólito de uma festa de gala naquela área, com seguranças em quantidade suficiente para reprimir um motim. O cerimonial de inauguração estava marcado para sete

horas, mas já eram sete e quinze quando as portas foram fechadas e Max Mather encaminhou-se para o microfone.

— A Srta. Loredon pediu-me para falar por ela esta noite, a fim de dar as boas-vindas a todos a esta primeira exposição da Galeria Liberation. Há razões para sua escolha: trabalho aqui, tenho de fazer alguma coisa para garantir meu sustento; sou mais alto do que ela e minha voz é mais forte, embora não seja tão atraente; e, finalmente, ela não quer falar sobre a exposição. Está convencida de que fala por si mesma. Contudo, a Srta. Loredon e o Sr. Bayard acharam que seria apropriado que a exposição fosse formalmente inaugurada pelo homem que foi o primeiro em Nova York a comprar uma tela de Madeleine Bayard... Sr. André Lebrun!

Antes de passar o microfone para Lebrun, no entanto, ele queria pedir a atenção de todos para um singular evento no programa. Às oito horas, depois que todos tivessem a oportunidade de desfrutar os quadros de Madeleine Bayard, uma campainha soaria e seriam convidados a subir, de maneira ordenada, a fim de testemunharem um acontecimento excepcional e histórico no mundo da arte. Fora organizado pela cortesia da família Palombini e do Sr. Henri Berchmans, que tivera a gentileza de emprestar suas próprias obras de Madeleine Bayard para ornamentar a exposição. Seria apresentado pelo Sr. Harmon Seldes, editor da revista *Belvedere*, patrocinadora do iminente seminário de Niccolò Tolentino. Agora, sem mais cerimônias, ele chamaria o Sr. André Lebrun para inaugurar a exposição...

Lebrun foi um erro, mas ficou longe de um desastre. Estava excitado. Foi prolixo. O sotaque foi distorcido pelo microfone. Mas não havia como duvidar da sinceridade de seu louvor e do patético por trás da história que ele não podia contar. A audiência ofereceu-lhe aplausos firmes e depois se dispersou para continuar a ronda da exposição.

Henri Berchmans bateu no ombro de Mather e resmungou sua aprovação:

— Foi muito bom. Breve e objetivo. *Olhem para os quadros*. Não os ofereceu. Espero-o lá em cima.

Anne-Marie transmitiu as notícias dos bastidores.

— Já temos quinze reservas e o pessoal continua ocupado. Mantenha os dedos cruzados.

— Como está Ed Bayard?

— Muito bem, eu acho. Trocamos umas poucas palavras. Isso foi tudo.

— Berchmans aprova.

— Sei disso. Ele já confirmou a compra da *Dama da Igreja*.

— Ótimo.

— Estou ouvindo os melhores comentários.

— Eu também. Está lançada, meu amor.

— Deus abençoe este navio...

— E todos que navegam nele.

Eles tocaram os copos e beberam. Edmund Bayard aproximou-se nesse momento, sorridente e relaxado.

— Podemos repetir esse brinde? Eu gostaria de bebê-lo com vocês.

Eles tornaram a beber. Bayard acrescentou.

— Meus cumprimentos, meus agradecimentos a ambos. Esta é uma noite esplêndida. Nunca imaginei que pudesse achar sequer a metade tão boa.

— É o material de Madi, Ed.

— Além do muito cuidado dedicado a ele... As vendas parecem estar indo bem.

— E muito.

— Não se importaria se eu escapulisse antes da cerimônia lá em cima? Estou precisando de um pouco de sossego, depois disso. Tenho certeza que compreende.

— Claro. Precisa de transporte?

— Não. Meu motorista está esperando.

Ele afastou-se pela multidão. Logo depois, George Munsel aproximou-se, acompanhado de Danny Danziger e Carol. Munsel sorria, satisfeito. Danny estava tensa e apreensiva.

— Carol vai me levar para casa agora. Está sendo demais para mim... primeiro os quadros de Madi e depois os olhares e sussurros quando passo...

— Não quer ficar para os Rafaéis? Afinal, você teve uma grande participação nisso.

— Eu gostaria, Max, mas, sinceramente...

— Ela já teve o suficiente — interveio Carol, bruscamente. — Eu a levarei para casa agora. Parabéns pela festa. Está sensacional. Talvez possamos conversar algum dia sobre as minhas obras.

— Quando quiser — respondeu Anne-Marie. — Tomem cuidado.

Mather olhou para o relógio.

— Está na hora de subir. Vou dar o sinal.

Levou quase dez minutos para conduzir todos ao segundo andar, sem copos e sem comestíveis, sentá-los nas cadeiras viradas para os dois cavaletes, sob os olhares atentos dos seguranças. Berchmans e Palombini estavam de pé nos fundos, conversando cordialmente. Mather pegou Gisela e foi se juntar a eles. Palombini ficou feliz por tornar a vê-la e os olhos escuros de Berchmans brilharam em aprovação. A um aceno de cabeça de Mather, Harmon Seldes subiu na plataforma e relatou, em seu estilo um tanto pomposo, a história do primeiro

encontro com Mather e a decisão de publicar seu material na *Belvedere*. Fez um breve louvor ao poder da imprensa e à surpreendente penetração até mesmo de uma revista eclética como a *Belvedere*, a qual, ele tinha a satisfação de anunciar, patrocinaria os seminários. Depois, antes de mostrar os quadros, ele disse:

— Todos nós aqui presentes, senhoras e senhores, temos bons conhecimentos das belas-artes, alguns mais, outros menos; mas todos somos capazes de tomar uma decisão sobre a autenticidade e o valor básico de uma obra. Vou lhes mostrar dois retratos... retratos do mesmo tema, uma matrona florentina do século XVI. Um é o original autenticado de Raffaello Sanzio de Urbino, a que acabei de me referir, uma das peças perdidas da família Palombini. O outro é uma cópia, feita por um dos reconhecidos mestres modernos nesse ofício, Maestro Niccolò Tolentino, que se encontra aqui presente nesta noite. Pedirei a opinião de todos, por um levantar de mãos, sobre qual o original e qual a cópia. Podem subir e inspecionar os quadros, mas, por favor, abstenham-se de tocar nas superfícies. Estão prontos?... *Voilà*!

Ele removeu os panos e houve um murmúrio de espanto quando os dois painéis foram revelados. Foi uma reação em massa, uma reação teatral a um momento essencialmente teatral. Em seguida, controlada pelos guardas, a multidão passou em fila diante dos retratos, lentamente, estudando-os em silêncio. Depois que todos estavam sentados de novo, Seldes pediu que indicassem com acenos de mão o original. Os votos foram de seis a quatro em favor da cópia.

Niccolò Tolentino subiu à plataforma. Com um floreio tipicamente florentino, agradeceu a votação como um tributo à sua competência... mas, pesaroso, devia transferir todas as honras ao Maestro Raffaello de Urbino... Todos gostaram de seu estilo. Aplaudiram. Escutaram em silêncio absoluto enquanto ele explicava a história da encomenda, as exigências técnicas à sua competência como pintor, a busca de pigmentos tradicionais, a preparação dos painéis, a diferença entre uma madeira e outra... a diferença entre uma cópia e uma falsificação.

Como um *conférencier*, ele foi um sucesso imediato. A figura pequena e torta irradiava força e autoridade. O sotaque forte conferia charme ao discurso animado e exótico, mas foi a peroração final que fascinou a todos.

— ...Qual é a diferença entre mim e o mestre há muito morto que pintou este painel? Pincelada por pincelada, linha por linha... nenhuma! Sei tanto quanto ele sabia... na verdade, sei até mais. Tenho uma amplitude maior de elementos de apoio, pigmentos, instrumentos, solventes. Tenho nas pontas dos dedos uma disposição muito mais ampla de técnicas... Mesmo assim, quando me ponho ao lado do mestre sou um pigmeu em comparação com um gigante. Sou a argila

primeva antes que Deus lhe incutisse o sopro da vida... Observei-os esta noite, na galeria lá embaixo, lendo seus catálogos, falando de preços e leilões, quem vendeu o que e por quanto. Quem se importa? Que diferença isso faz? O importante é que ficaram comovidos, como aconteceu comigo, pelo espírito extraordinário de uma mulher morta cedo demais para alcançar o pleno desabrochar de seu gênio. Ou talvez não. Talvez ela tenha dito tudo o que precisava dizer... e quem será ousado o bastante para proclamar que a rosa plenamente desabrochada é mais bela do que o botão se abrindo? Estou sendo presunçoso, sei disso. Chego a esta grande cidade em seu novo mundo e assumo a presunção de lhes fazer sermões. Há um motivo. Coloco-me todos os dias diante de obras de grandes mestres, um homenzinho deformado que não pode se lembrar de quando não teve um pincel na mão. E, apesar de infiel, levanto um clamor a Deus: "Por que, Senhor?... Por que para eles e não para mim? Apenas uma vez, só uma vez antes de eu morrer, dê-me a luz!"

Depois disso, como George Munsel comentou à sua maneira seca, tudo o mais era um pós-escrito... e dispensável. Os convidados saíram devagar, fazendo outro circuito dos Bayards antes de se retirarem. Os seguranças voltaram ao caminhão blindado com os Rafaéis, o original e a cópia, as preciosas relíquias no centro da falange. Os garçons empacotaram pratos e copos. Os dois vigias noturnos entraram de serviço. A equipe de Anne-Marie Loredon e a pequena família temporária que se formara ao seu redor, com Hartog e Bechstein agregados num gesto de boa vontade, reuniram-se para um último drinque.

Depois de tanta emoção, parecia difícil acreditar que ainda eram nove e meia, mais difícil ainda acreditar que em três curtas horas haviam vendido vinte telas e deixado mais quatro de reserva para galerias públicas. O que era ainda mais extraordinário, mas não foi sequer mencionado, era o fato de que Berchmans e Palombini haviam fixado uma garantia de quarenta milhões pelo Donna Delfina, que um pequeno japonês na plateia, impressionado pela eloquência de Tolentino, já o comprara por cinquenta, porque sua companhia possuía uma quantidade embaraçosa de dólares desvalorizados que precisavam ser gastos às pressas.

Palombini, inebriado e livre em Nova York, feliz ao descobrir que Anne-Marie falava um italiano fluente, propôs um jantar de comemoração na Little Italy, onde um parente distante possuía um restaurante chamado La Cenerentola. Deixando o endereço com os vigias noturnos, para o evento improvável de alguém telefonar para reservar uma tela, eles saíram para a rua, onde as últimas limusines ainda esperavam para transportar a nova plutocracia ao restaurante.

*

Edmund Justin Bayard parou na sala de jantar de seu apartamento e olhou ao redor. Sem os quadros, o papel de parede era uma mistura de retângulos claros e escuros, criados pela exposição desigual à claridade e às partículas de poeira do sistema de ar-condicionado. Toda a sala parecia insuportavelmente andrajosa. Teria de ser redecorada. E depois o quê? Uma nova coleção? A encomenda de afrescos, como um príncipe da Renascença? Não era impossível. Uma agradável fantasia para um homem sozinho e rico. Só havia um problema: quem partilharia a fantasia, quem assumiria o tempo e a dificuldade para compreendê-la?

Uma coisa boa: nada restava de Madeleine agora. Era como se suas cinzas tivessem sido finalmente espalhadas aos ventos que a tudo limpavam. Não sem honra, diga-se de passagem! Não sem compaixão e respeito. Aquela noite fora uma ocasião digna, como as transferências de relíquias sagradas de lugares secretos para grandes basílicas, entregues à veneração pública. E, por Deus, tinha havido veneração e respeito. A multidão naquela noite fora como uma equipe de cirurgiões, ansiosos em declararem o corpo clinicamente morto, a fim de começarem a desmembrá-lo. Mas ali, no lugar em que ela morrera, Madeleine estava viva, dominando os espectadores, como outrora dominara a ele.

Esse era o problema, claro. Para dominar, você tinha de ser indiferente — à imposição da dor, à privação do prazer, à diminuição dos direitos. Ele se julgara tolerante. Em suas iras, Madeleine o classificava de tirano. Na verdade, não era uma coisa nem outra. Era um homem inteligente, mas feito de uma argila frágil demais para ser incendiada nos fornos da paixão. Por isso ele saíra rachado e defeituoso, enquanto Madeleine, com todas as impurezas removidas, era como um perfeito vaso Sung, *pai Ting* com lágrimas no vidrado.

A ele não restavam lágrimas para derramar. Estava consciente apenas da calmaria, da serenidade do grande deserto, frio e sem vento, sob uma lua branca. Todo o sentimento de culpa desaparecera. Nêmesis, a Filha da Noite, aceitara suas reparações, sabendo que a multa seria paga integralmente.

Quanto a Anne-Marie, era um *podia-ter-sido* por quem, mesmo na calmaria sem vento, ainda sentia um pequeno calafrio de pesar. Maio e setembro? Ora, poderia ter dado certo. A Bela e a Fera? Às vezes, embora raramente, isso também dava certo.

Max Mather? Eis aí um homem estranho! Um equilibrista na corda bamba, balançando lá no alto sem uma rede, tentando a última corrida para a segurança... Um homem a invejar, talvez, mas não para emular...

Assim, enquanto ele se despia e punha o melhor chambre de seda, as contas pareciam finalmente se ajustar. A Filha da Noite chamava. Era o momento para o tributo final. Ele foi ao banheiro e pegou um recipiente de plástico cheio de pílulas para dormir. Depois, foi ao seu escritório, serviu-se de um uísque, pôs para tocar a *Nona* de Mahler. Tirou da estante um livro que pertencera a seu pai, "*La très joyeuse, plaisante et récréative histoire du bon Chevalier de Bayard*". Enquanto começava a ler, decifrando a prosa arcaica, ia tomando goles de uísque e engolindo as pílulas.

As últimas palavras que registrou na consciência evanescente foram as de um provérbio antigo: "*Sempre que um homem morre, em algum lugar, outro fica agradecido...*" Era uma proposição que ele considerava perfeitamente aceitável.

*

— Sua cliente ainda está incriminada. — Bechstein resistia a cada palmo de terreno. — Ela tinha motivo... humilhação sexual por Madeleine e seus companheiros, ciúme, todo esse emaranhado de emoções. Teve a oportunidade. Ficou a sós com Madeleine na ocasião relevante, a respeito do que está mentindo, porque temos uma testemunha que situa sua chegada lá uma hora depois. Temos também o testemunho escrito do falecido Hugh Loredon. Ele diz o seguinte: Danny telefonou-lhe. Mandou-a sair de lá imediatamente. Mais tarde, foi ao estúdio e encontrou Madeleine morta, pegou a arma e recolheu seus papéis. Está com uma cópia da carta.

— Uma pergunta. — Era George Munsel falando. — Por que ele se daria ao trabalho de escrever essa carta? Sabia que ia morrer. Não foi uma confissão; foi uma acusação a Danny Danziger.

— Nossa opinião é de que ele agiu assim exatamente pelo motivo que manifestou para o Sr. Mather. Não queria que a filha pensasse que o pai era um assassino.

— Não é suficiente! — Mather começava a se irritar. — Não explica por que ele incriminaria Danny Danziger... Como o ato de um homem que está prestes a sair desta vida, não faz sentido. É também... é também cruel demais!

— Para mim — insistiu Bechstein —, é uma síndrome bem comum: amante rejeitado, estuprador rejeitado, macho insatisfeito por qualquer motivo que exige vingança pela humilhação ou destruição da fêmea.

— Loredon era um mentiroso nato. Eu o chamei assim na cara.

— E qual foi a resposta dele, Sr. Mather?

— Ele se limitou a dizer "Prove".

— É exatamente o que dizemos. — Sam Hartog voltou à conversa. — Não estamos querendo crucificar a garota, mas vocês devem nos dar mais do que temos. O suicídio de Bayard nos deixa numa confusão pior do que antes. Ele não deixou nada escrito... nenhuma despedida, explicação...

— Estamos prestes a apresentar a explicação — disse George Munsel. — E trata-se de evidência documentada.

— Então, por favor, podem começar — pediu Bechstein, cansado.

— É sua vez, Max.

Mather espalhou à sua frente os diários, cadernos de desenhos e anotações, os maços de cartas, identificando cada coisa no processo. Ao lado, pôs suas próprias anotações sobre as conversas de Amsterdam e a análise dos manuscritos. E depois, com cuidado acadêmico, começou a explicar.

— Fazemos primeiro uma distinção entre *evidências internas*... as que estão registradas ou insinuadas nos documentos... e *evidências externas*, que estão disponíveis em outras fontes. Quando as duas coincidem, estamos pisando em terreno firme. Concordam com essa proposição?

Hartog e Bechstein assentiram.

— Vamos começar pelo período pouco antes da morte de Madeleine. As evidências internas e externas coincidem nos seguintes pontos. O casamento Bayard é um desastre. Madeleine leva uma vida extremamente promíscua, com amantes de ambos os sexos. Hugh Loredon é um dos machos; Danny Danziger é uma das fêmeas. Por que os Bayards não se divorciam? Tudo aponta para uma dependência estranha e pervertida um do outro... Os vícios de um desculpam os fracassos do outro...

Ele leu uma série de trechos breves de suas conversas com Bayard e dos diários de Madeleine, depois indagou:

— Estamos de acordo, portanto, que temos aqui uma situação aparentemente estável, mas bastante explosiva, tanto no casamento como no mundo particular de Madeleine?

— Concordo — disse Hartog.

Bechstein limitou-se a balançar a cabeça.

— Muito bem — disse Max Mather. — Vamos fazer um exame cuidadoso das evidências internas. Primeiro, as conversas de Bayard. Ele é advogado. Está condicionado a ter muito cuidado com a forma do que diz. Ele me fala, por exemplo, que não guarda rancor de Loredon ou qualquer outro dos amantes da esposa por aceitar o que ela oferece. Sente uma admiração irrestrita pelo talento de Madi. Mas suas ações contradizem o que fala. Não deixa Madi expor. Na vida doméstica é lamurioso, amargo e destrutivo. Agora, passemos a Madi. Os diários, os cadernos de anotações e desenhos nos contam a mesma história, sob

ângulos diferentes. Dizem-nos a verdade. Não nos dão necessariamente uma interpretação verdadeira do ato.

— Um bom destaque — aprovou George Munsel.

— Estou perdido — confessou Sam Hartog.

— Meu tio é rabino — comentou Bechstein, enigmático.

Mather pegou a meada de sua argumentação.

— Madeleine era uma artista. Como os artistas, rearrumava as coisas... em sua própria mente, na tela. Mudava a luz, a ênfase, a composição, a ordem dos eventos e seu tom emocional.

Ele consultou suas anotações e leu a versão do diário e a versão de Danny sobre o episódio ofensivo com Peter. Depois, ele virou as páginas do caderno de desenhos e mostrou a versão pictórica do mesmo incidente... Toda a feiura desaparecera. Tudo o que restava era uma versão desenhada com perfeição, um pouco cômica, de frenesi priápico. Mather perguntou:

— Percebem meu argumento, senhores?

— Percebemos — respondeu Bechstein. — É bem fundamentado. Mas pense a respeito mais um pouco. Madeleine encenou seu pornodrama. Tem o seu quadro. Peter tem o pagamento de modelo e a diversão. Danny Danziger foi efetivamente estuprada... e adquiriu um bom motivo para homicídio.

— Que ela não cometeu — protestou George Munsel.

— Prove — disse Hartog.

Mather apontou para a figura masculina no desenho.

— Essa é a testemunha, não é mesmo? Esse é o sujeito que está disposto a jurar que viu Danny chegar uma hora depois do que aconteceu na realidade.

Bechstein e Hartog trocaram um olhar. Bechstein respondeu:

— É esse mesmo.

— Deixe-me ler o que Madi escreve a respeito dele. — Mather repetiu linha por linha a versão de Madeleine sobre o ataque que Peter lhe desfechara, depois passou para suas anotações de Amsterdam. — Pensando em tudo isso, quero que escutem com muita atenção a versão de Loredon sobre a morte de Madeleine, em que ele apresenta Danny como a assassina.

Ele leu as anotações. Os detetives escutaram atentamente, algumas vezes trocando olhares discretos. Mather passou a comentar a história.

— Hugh Loredon é muito esperto, porque Madi ainda está orquestrando o encontro, mas desta vez o parceiro é uma mulher. Ouçam a descrição da cena. É projetada com todo cuidado... dois copos manchados de batom, o resto de uma garrafa de champanhe. Encontraram essas coisas quando chegaram lá? Tenho certeza que não. As fotos da polícia provam que não estavam lá... Há também os detalhes das luvas de borracha, tirar a adaga do corpo e entregá-la a Danny para

dar um sumiço. Observo que tudo isso está na carta que ele enviou a vocês... Segundo a versão de Loredon, tudo isso ocorreu entre duas e meia e três da tarde. Certo?

— Certo — respondeu Bechstein.

— Que horas eram quando Bayard telefonou para comunicar o assassinato da esposa?

— Por volta de seis e meia.

— E quando chegaram lá?

— Quinze minutos depois, mais ou menos.

— Bayard não abraçava o corpo da esposa, coberto com sangue recente?

— Isso mesmo.

— Se Madeleine estivesse morta há quatro horas, o sangue não estaria bem coagulado para se tornar viscoso?

— O que está querendo dizer?

— O assassinato ocorreu depois das três horas... e foi encenado por Hugh Loredon. Ele despiu Madi, que ainda estava num sono drogado. Arrumou suas roupas com todo cuidado na cadeira e envolveu-a com a colcha, a fim de evitar qualquer esguicho de sangue. Vasculhou sua bolsa, revistou todo o estúdio para encontrar os diários e cadernos de desenhos, matou-a pouco antes de Bayard chegar e saiu pela porta dos fundos, levando a arma do crime.

— Pode provar isso?

A pergunta era de Hartog.

— Posso, sim. Quando o acusei de mentir e ele admitiu, Loredon disse-me que levara a arma pessoalmente e mais tarde se livrara dela, pondo-a à venda num leilão de armas antigas na Christie. Disse que rendeu dois mil dólares.

— Deve ser muito fácil confirmar isso — comentou Bechstein.

— Já verifiquei — anunciou Mather. — A peça foi comprada por um colecionador de armas antigas de Connecticut. Ele a porá à disposição para exame da polícia.

— Não vai provar coisa alguma... O importante é determinar se foi Loredon quem a pôs à venda.

— Foi ele mesmo. Está nos registros.

— Então há uma boa possibilidade para sua cliente. O que mais pode nos dar?

— Um motivo para Loredon matá-la.

— Qual foi?

— Dinheiro. Ele estava falido ou quase, como sempre esteve. Só que agora havia uma diferença. Ele recebera uma sentença de morte. Queria deixar alguma coisa para Anne-Marie. Envergonhava-o pensar que não poderia.

— Mas ele era amante de Madi.

— Àquela altura, muito amargurado. Tenho algumas anotações sobre isso também.

— Não se incomode. Basta falar sobre o dinheiro... quanto e quem pagou e quando.

— Duzentos mil dólares — respondeu George Munsel —, pagos por Ed Bayard sete dias depois da morte de Madeleine, num fundo de investimentos administrado por Lutz & Hengst, em benefício de Anne-Marie Loredon.

— Pode provar isso?

— Em prosa e verso — garantiu George Munsel. — E Bayard sabia que eu podia.

— Como ele podia saber?

Bechstein era persistente como um furão.

— Porque — explicou Munsel, paciente —, quando Lutz & Hengst me deram a informação, disseram que, por uma questão de protocolo, comunicariam minha indagação a Bayard.

— E Bayard, sendo um cavalheiro antiquado, decidiu que já era suficiente e saiu do jogo.

— Ele não era um cavalheiro. — Bechstein, ao que parecia, era o antiquado. — O filho da puta deixou outra pessoa para limpar sua sujeira.

— Já chega! — Mather sentia-se subitamente cansado da discussão. — Ele está morto. Deixem-no aos cuidados de Deus.

— Estou feliz por fazer isso — declarou George Munsel. — Mas, primeiro, preciso limpar a ficha de minha cliente.

*

No pátio da Tor Merla, onde outrora os lanceiros se exercitavam e os canhoneiros acendiam seus braseiros, os primeiros raios do sol esquentavam as pedras antigas e os passarinhos se agitavam no castanheiro. Nas colinas além os ciprestes sobressaíam pretos contra o amanhecer. Lá embaixo, no vale, os campanários projetavam-se pela neblina e o Ângelus ressoava, ora claro, ora abafado, num contraponto de carrilhões.

Max Mather postava-se na janela da torre, respirando o ar úmido do amanhecer e contemplando a paisagem, familiar em cada pico, dobra e construção. Era um momento impregnado de ternura e pesar, mas também luminoso e curador.

Claudio Palombini insistira para que ele viesse — Claudio, confiante,

restaurado na fortuna, mas também de certa forma mudado, nem pela metade tão arrogante quanto antes. No dia do acerto de contas, em Zurique, com cheques visados trocando de mãos e o representante do banco, solene como um agente funerário, presidindo a cerimônia, Mather sentira-se contrafeito, vagamente envergonhado. Claudio percebera seu constrangimento e dissera:

— Sem discussão, Max! Estamos quites. Os documentos dizem assim. Eu digo assim. O que você tem, você mereceu. Se não aceitar, vai para o fisco.

Mather dera de ombros e sorrira, ainda contrafeito.

— Nesse caso, pagarei o almoço.

Para Claudio, no entanto, isso não fora suficiente. De súbito, ele se tornara o obstinado, o gonfaloneiro pondo seus homens em formação.

— Eu me recuso a deixar assim, Max. Não se trata mais de dinheiro; é honra, família, *fratellanza*. Mas não pretendo ficar aqui e discutir com você. Deve voltar à Tor Merla. Deve levar sua noiva. Ambos precisarão disso.

— Vamos sobreviver, Claudio; mas não tenho certeza se poderia enfrentar uma viagem sentimental neste momento. O casamento por si só já é um projeto assustador.

— Não tem opção! Convidarei Gisela pessoalmente. Ela compreenderá como isso é importante. E agora chega de discussões! Pague-me o almoço...

Isso acontecera semanas antes em Zurique. Agora, Gisela estava acordada, parada descalça ao seu lado, esperando para ser beijada. Depois do beijo, ela perguntou:

— O que vê lá fora, meu amor?

— Uma porção de ontens. Não sei se foi sensato vir.

— Estou contente por termos vindo. Claudio estava certo. Era uma viagem que ambos precisávamos fazer.

— Ainda não tenho certeza...

— Por quê?

— Como posso explicar? — Era difícil encontrar as palavras, mais difícil ainda pronunciá-las. — O melhor de mim está neste lugar, sentado ali no pátio, com Pia, lendo para ela, escutando sua música, animando o pouco tempo que lhe restava... O pior de mim também está aqui, saindo por aquele portão e descendo a estrada com os Rafaéis na bagagem, um escroque... isso mesmo, um escroque... com medo de perder o que não possuía. Agora estou de volta, rico com um dinheiro a que não fiz jus, presenteado com uma mulher que não mereço...

— É orgulhoso demais para aceitar essas coisas, Max?

— Orgulhoso? Oh, Deus! Se ao menos você soubesse...

— Eu sei. Sei que se não perdoar e aceitar a si mesmo, continuará a odiar o

homem que vê no espelho. Quando isso se tornar tedioso, como é inevitável, passará a me odiar... e depois teremos Bayard e Madeleine outra vez!

— Deus nos livre!

— Tem razão, Max. Deus nos livre!

— Mas não se engane. Não é tão fácil quanto parece amar Max Mather.

— Quem já disse que amar é fácil? Espere só até estar casado comigo por seis meses!

E nesse ponto os passarinhos deixaram o castanheiro e voaram numa nuvem preta e irregular para as montanhas, enquanto as últimas nove badaladas do *Angelus* da manhã levantavam e desciam, desvaneciam-se no silêncio da manhã toscana.

FIM

Impresso no Brasil pelo Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668

Digitalização: The Flash